

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ROGÉRIO LOPES PINHEIRO DE CARVALHO

**Fisionomia da cidade: Sorocaba – cotidiano e desenvolvimento urbano – 1890-  
1943.**

São Paulo

2008

ROGÉRIO LOPES PINHEIRO DE CARVALHO

**Fisionomia da cidade: Sorocaba – cotidiano e desenvolvimento urbano – 1890-1943.**

Tese apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Área de Concentração: História Social

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Inez Machado Borges Pinto.

São Paulo

2008

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Rogério Lopes Pinheiro de Carvalho

Fisionomia da cidade: Sorocaba – cotidiano e desenvolvimento urbano – 1890-1943

Tese apresentada ao Departamento de  
História da Faculdade de Filosofia, Letras  
e Ciências Humanas da Universidade de  
São Paulo.

Aprovado em:

### Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

À professora Maria Inez Machado Borges Pinto, pelo apoio durante todo o período da pesquisa.

Aos professores Nicolau Sevcenko e José Geraldo Vinci de Moraes, que compuseram a banca de qualificação e deram sugestões altamente proveitosas para o prosseguimento da pesquisa.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo [FAPESP] pela concessão da bolsa de doutorado e pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

Aos funcionários do Gabinete de Leitura Sorocabano, Museu Histórico de Sorocaba, Fundação do Patrimônio Histórico da Energia de São Paulo, das bibliotecas da Universidade de São Paulo [especialmente FFLCH] e do setor de Pós-Graduação da FFLCH pelo pronto atendimento às solicitações deste pesquisador.

Aos amigos e pesquisadores Carlos Carvalho Cavalheiro e Janes Jorge pelas conversas, leituras do texto produzido e inúmeras dicas preciosas de livros e documentos que tanto ajudaram a enriquecer esta pesquisa.

Ao casal Paulo e Miriam Rangel pelo apoio e trabalho final de diagramação deste texto.

À Cheila Fernanda Rodrigues pela revisão do texto.

E, por último, mas não menos importante, aos meus pais Celso e Aurélia, pelo apoio, desde sempre.

“Escrever a história significa dar às datas a sua fisionomia.”

[Walter Benjamin. *Passagens*, 2006, p. 518]

“Um problema central do materialismo histórico a ser finalmente considerado: será que a compreensão marxista da história tem que ser necessariamente adquirida ao preço da visibilidade da história? Ou: de que maneira seria possível conciliar um incremento da visibilidade com a realização do método marxista? A primeira etapa desse caminho será aplicar à história o princípio da montagem. Isto é: erguer grandes construções a partir de elementos minúsculos, recortados com clareza e precisão. E, mesmo descobrir na análise do pequeno momento individual o cristal do acontecimento total. Portanto, romper com o naturalismo histórico vulgar. Aprender a construção da história como tal. Na estrutura do comentário. Resíduos da história.”

[Walter Benjamin. *Passagens*, 2006, p. 503.]

## RESUMO

CARVALHO, R. L. P de. **Fisionomia da cidade: Sorocaba – cotidiano e desenvolvimento urbano – 1890-1943**. 2008. [ ]f. Tese [Doutorado] – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, 2008.

Esta pesquisa procura elaborar uma história sociocultural da cidade de Sorocaba, no período compreendido entre a década de 1890, quando ocorre a intensificação da industrialização na cidade, e meados dos anos 1940. Assim, o objeto a ser estudado é a própria cidade de Sorocaba nesse período, o que significa pensar a inserção e especificidade da cidade nos fluxos da modernidade, processo histórico pautado pelas transformações e adensamento das relações capitalistas no país. A partir dessa questão, procuro investigar aspectos do desenvolvimento urbano ocorrido em Sorocaba, pensando a cidade como artefato, a partir do estudo de alguns melhoramentos urbanos fundamentais como a implantação do serviço de água e esgotos e a utilização da eletricidade; e as representações, impressões e percepções elaboradas nesse contexto e que interagem com essas transformações. O que significa procurar apreender a fisionomia da cidade. Tais modificações são implementadas pelas elites dirigentes locais e que, por conta disso, constroem uma representação da cidade que a tornaria conhecida como “Manchester Paulista”. Portanto, o objetivo é analisar e historicizar tal construção simbólica, interagindo-a com outras representações / percepções da urbe, engendradas por diversos grupos, segmentos e classes sociais no âmbito do cotidiano; procurando, desse modo, apreender as múltiplas práticas, formas de sociabilidade, que vão se tecendo entre os diferentes atores no espaço urbano em decorrência das modificações pelas quais passa a cidade durante o período em tela.

**Palavras-chave:** Sorocaba, História Urbana, Cotidiano, Representação, Modernidade.

## ABSTRACT

CARVALHO, R. L. P. de. **Physiognomy of the city: Sorocaba – daily routine and urban development – 1890-1943**. 2008. [ ] f. Thesis [Doctoral] - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, 2008.

The purpose of this research is to create a social-cultural history about the city of Sorocaba, in the corresponding period between the decade of 1890, when industrialization is intensified in the city, and the first years of the decade of 1940. Therefore the object to be studied is the city of Sorocaba itself during this period; the challenge is also to reflect about the entrance and specificity of the city in the modernity flow, a historical process regulated by the transformation and intensification of the capitalistic relations in the country. Concerning this issue, I intend to investigate aspects of the urban development that took place in Sorocaba, so in order to think of the city as an artifact, it is crucial to study a few fundamental urban improvements, like the introduction of the water and drain system and the use of electricity, and the representations, impressions and perceptions elaborated in this context that interact with these transformations. The idea is to search for and grasp the physiognomy of the city. Such modifications are implemented by the local governing elites, which consequently build an image of the city that would become known as the “Manchester of São Paulo”. Therefore, the aim is to analyze and historicize this symbolic construction, connecting it with other representations/ perceptions of the *urbe*, produced by several groups, segments and social classes in the daily routine, by this means the endeavor is to grasp the various practices, forms of sociability, that occur among different actors in the urban space as a consequence of the modifications that the city goes through during the observed period.

**Key-words:** Sorocaba, Urban History, Every day life, Representation, Modernity.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO: EM BUSCA DA FISIONOMIA DA URBE.....</b>	<b>08</b>
<b>CAPÍTULO I: REPRESENTAÇÕES DA CIDADE: URBANIZAÇÃO E INDUSTRIALIZAÇÃO.....</b>	<b>35</b>
<b>CAPÍTULO II: SERVIÇOS URBANOS: O PRECIOSO LÍQUIDO.....</b>	<b>97</b>
<b>CAPÍTULO III: SERVIÇOS URBANOS: A <i>SÃO PAULO ELECTRIC</i> EM SOROCABA.....</b>	<b>140</b>
<b>CAPÍTULO IV: NARRATIVAS DO URBANO: RITMOS, PERCEPÇÕES E TEMPORALIDADES NA SOROCABA DO INÍCIO DO SÉCULO XX.....</b>	<b>181</b>
<b>CAPÍTULO V: EXPANSÃO URBANA: ARTEFATO, DEAMBULAÇÕES E PERCEPÇÕES – 1930-1943.....</b>	<b>245</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>329</b>

## **Introdução: Em busca da fisionomia da urbe.**

A presente pesquisa tem como tema a história urbana da cidade de Sorocaba num período que compreende o último decênio do século XIX até o início da década de 1940. Investigação essa realizada dentro de uma abordagem de história sociocultural, enfocando a cidade como artefato – serviços urbanos - e a sua relação com as percepções, práticas e representações de seus diferentes habitantes e segmentos sociais.

No curso desse período, Sorocaba atinge o auge de seu primeiro ciclo de industrialização, pautado principalmente pela instalação de fábricas têxteis. Transformando a cidade no maior centro industrial de toda a hinterlândia paulista.<sup>1</sup> O que significa dizer que a relação dialética que se estabelece entre a cidade e sua atividade produtiva, neste caso a industrialização, vai se configurar no “pano de fundo” que perpassará todo o período aqui enfocado.<sup>2</sup> Trata-se de um processo histórico no qual ocorre a transformação de uma sociedade pautada, até então, por valores patriarcais e que passa a receber a influência e a interiorizar aspectos da mentalidade burguesa.

Portanto, em última instância, a presente investigação aborda o espriamento da relação social capitalista e a inserção do Brasil nos fluxos desse percurso histórico.

---

<sup>1</sup> Segundo dados do SEADE, ao final da década de 1920, “a indústria sorocabana abrigava a segunda maior concentração operária paulista. Com 164 estabelecimentos industriais, ocupava 17949 operários (13% do total estadual) e perfazia 10,4% do capital industrial, bem mais que a região de Campinas (8,5% dos trabalhadores e 9,2% do capital estadual).” ZIMMERMANN, Gustavo. *A região administrativa de Sorocaba*. In: *São Paulo no limiar do século XXI – Cenários da urbanização paulista – Regiões administrativas*. 1992, p. 148. Sobre o desenvolvimento industrial em Sorocaba ver também: SANTOS, Eline O. *A industrialização de Sorocaba – bases geográficas*. 1999; LEIS, Nilson. *A caracterização do processo de urbanização e industrialização: o caso de Sorocaba*. 1995; SILVA, Paulo Celso da. *De novelo de linha a Manchester Paulista – Fábrica têxtil e cotidiano no início do século em Sorocaba*. 1995 e BONADIO, Geraldo. *Sorocaba: a cidade industrial (espaço urbano e vida social sob o impacto da atividade fabril)*. 2004.

<sup>2</sup> MEYER, Regina Maria Proserpi. *Apresentação*. In: LIMA, Daniela Morelli. *Americana em um século: a evolução urbana de uma cidade industrial de porte médio*. 2002. A respeito dessa questão escreve Pedro Geiger: “Há evidentemente, uma relação entre os fatos da história urbana e os fatos da história econômica. As transformações que ocorrem na estrutura urbana brasileira acompanham a substituição do sistema econômico colonial por um sistema de economia nacional. Por sua vez o crescimento da população urbana é fator de expansão do mercado interno, causa de transformações na economia brasileira. (...) A influência da indústria no crescimento urbano não resulta apenas da concentração de populações obreiras, mas também se faz, de modo indireto, pela intensificação que se imprime a todas as atividades do setor terciário.” GEIGER, Pedro Pinchas. *Evolução da rede urbana brasileira*. 1963, p. 63.

Enfocando, precisamente, a especificidade de uma cidade industrial do interior.

A articulação entre a situação local e um panorama mais geral é fundamental para se compreender a época em questão. Como escreve o historiador Eric Hobsbawm, o fenômeno histórico mais importante do século XIX foi “a criação de uma economia global única, que atinge progressivamente as mais remotas paragens do mundo, uma rede cada vez mais densa de transformações econômicas, comunicações e movimentos de bens, dinheiro e pessoas ligando os países desenvolvidos entre si e ao mundo não desenvolvido.”<sup>3</sup>

A palavra *Modernidade* é geralmente utilizada para denominar esse amplo e complexo processo histórico. Como coloca Michel Löwy, “poucos conceitos são tão equívocos, ambíguos e polissêmicos”<sup>4</sup> Com efeito, autores diversos, partindo de diferentes enfoques, pensaram a modernidade sob vários sentidos e temporalidades. Isso se dá pelo fato do vocábulo *modernidade* abranger “uma série enorme de acontecimentos muito além da capacidade de observação de qualquer indivíduo [apreendendo] uma profusão de realidades cujas mútuas relações, para dizer ainda pouco, devem manter-se inacessíveis e impossíveis de verificação.”<sup>5</sup> Assim, a modernidade poderia ter se iniciado com a Reforma Protestante, com o pensamento de Descartes, com a conquista da América pelos europeus, com o advento do Iluminismo e da Revolução Francesa, com a Revolução Industrial e o desenvolvimento da ciência e da tecnologia. Diante disso, a dispersão é inevitável. Contudo, apesar dessas dificuldades, seguimos as asserções de Jameson quando este afirma que é impossível não periodizar; e mais ainda, não se pode abandonar um termo fundamental como esse, a despeito dele causar verdadeira ojeriza em muitas pessoas. Jameson sugere, como procedimento

<sup>3</sup> HOBBSAWM, Eric. *A era dos Impérios – 1875 – 1914*. 1998, p. 95. Também sobre esse contexto, escreve outro historiador inglês: “No final do século XIX, a maior parte do mundo estava mais estritamente interligada, econômica e financeiramente, do que qualquer outra época anterior. Em termos de história mundial – mesmo em termos de expansão européia, tal como se manifestou até os anos intermédios do século XIX – era uma situação inteiramente nova, produto não de um lento e contínuo progresso, mas de forças subitamente libertas e com efeito revolucionário, dentro do âmbito de vida de uma curta geração.” BARRACLOUGH, Geoffrey. *Introdução à história contemporânea*. 1975, p. 54.

<sup>4</sup> LÖWY, Michel. *A escola de Frankfurt e a modernidade*, 1992, p. 119.

<sup>5</sup> JAMESON, Fredric. *Modernidade singular – ensaio sobre a ontologia do presente*. 2005, p. 42.

experimental, a substituição da expressão modernidade pela palavra capitalismo, “em todos os contextos em que o termo aparece, trata-se de uma recomendação antes terapêutica do que dogmática, destinada a excluir velhos problemas (e produzir outros novos e mais interessantes).”<sup>6</sup>

Destarte, aqui, a modernidade é entendida como *expressão*<sup>7</sup> da civilização capitalista-industrial, quer dizer, ela remete ao processo histórico pautado pelo desenvolvimento tecnológico, industrialização e constituição da relação social capitalista em várias partes do planeta, especificamente ao longo da segunda metade do século XIX, atingindo seu ponto decisivo com a eclosão da chamada Segunda Revolução Científica e Tecnológica, por volta de 1870. Esses fatos vão gerar uma série de hábitos, estilos de vida, maneiras de perceber e entender esse mundo em transformação.<sup>8</sup>

Contudo, em que pese a sua relação como a sociedade burguesa / capitalista, o conceito de modernidade é contraditório e ambivalente, uma vez que apreende as críticas ao sistema capitalista e sua superação. É o que aponta Sérgio Paulo Rouanet ao contrapor a modernidade “real”, ou empírica, isto é, aquele que se realizou sob o contexto do capitalismo, com uma outra modernidade; uma modernidade alternativa, normativa, que também, e

<sup>6</sup> Idem., pp. 249-250. Evidentemente essas colocações retomam a análise de Marx, especificamente no *O capital* em seu sentido mais profundo, qual seja, a tentativa de explicar “a existência, a natureza, os mecanismos, os sucessos e os percalços históricos do modo de produção capitalista.” CHÂTELET. François. *O Capital e outros estudos*, 2004, p. 48.

<sup>7</sup> Então, as representações, as práticas culturais, o desenvolvimento urbano e outros aspectos da vida, se configuram como *expressão* desse processo histórico. O que é diferente de pensar esses termos como mero reflexo. Estamos destacando a palavra expressão e nos remetendo à famosa vinculação entre infra-estrutura e superestrutura do pensamento marxista e, particularmente, à análise que Walter Benjamin realiza sobre essa relação. Com efeito, “A questão é, de fato, a seguinte: se a infra-estrutura determina de certa forma a superestrutura no material do pensamento e da experiência, mas se essa determinação não se reduz a um simples reflexo, como ela deve então ser caracterizada, independentemente da questão da causa de seu surgimento? *Como sua expressão* [grifo nosso]. A superestrutura é a expressão da infra-estrutura. As condições econômicas, sob as quais a sociedade existe, encontram na superestrutura a sua expressão – exatamente como o estômago estufado de um homem que dorme, embora possa 'condicioná-lo' do ponto de vista causal, encontra no conteúdo do sonho não o seu reflexo, mas a sua expressão.” [k2,5] BENJAMIN, Walter. *Passagens*, 2006, p. 437.

<sup>8</sup> “Nesse contexto, a modernidade é um fenômeno do domínio da cultura, da expressão do pensamento, das sensações, das mentalidades e da ideologia. Sua *base nascedoura* [grifo nosso] é a transformação burguesa do mundo, que dá margem a um novo sentir e agir.” PESAVENTO, Sandra J. *Exposições universais – Espetáculos da modernidade do século XIX*. 1997, p. 41.

contraditoriamente, é um desdobramento do capitalismo, mas que ainda não se realizou e somente poderá realizar-se com a superação dessa relação social.<sup>9</sup>

Nesse sentido, Marshall Berman refere-se à aventura da modernidade, fundamentalmente, como uma “experiência vital”, “experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida.”<sup>10</sup> A cidade é o *locus* no qual todas essas transformações far-se-ão sentir de maneira mais intensa, tanto pelas modificações do espaço urbano, como também, pela perspectiva subjetiva e sensorial. Não é sem razão que a palavra modernidade tenha sido criada na década de 1840 por Charles Baudelaire, um atento e genial investigador da atmosfera urbana de Paris.

Isso nos leva a mais uma definição do termo modernidade, designada por Ben Singer, como uma *concepção neurológica da modernidade*, de certa forma um desdobramento das modificações socioeconômicas mencionadas acima, mas que procura apreender como essas mudanças transformam a estrutura da experiência. “A modernidade implicou um mundo fenomenal – especificamente urbano – que era marcadamente mais rápido, caótico, fragmentado e desorientador do que as fases anteriores da cultura humana. Em meio à turbulência sem precedentes do tráfego, barulho, painéis, sinais de trânsito, multidões que se acotovelam, vitrines e anúncios da cidade grande, o indivíduo defrontou-se com uma nova intensidade de estimulação sensorial. A metrópole sujeitou o indivíduo a um bombardeio de impressões, choque e sobressaltos. O ritmo de vida também se tornou mais frenético, acelerado pelas novas formas de transporte rápido, pelos horários prementes do capitalismo moderno e pela velocidade sempre acelerada da linha de montagem.”<sup>11</sup>

Singer elabora essa noção de modernidade a partir dos estudos realizados por Georg Simmel, pioneiro em pensar uma espécie de sociologia dos sentidos, para refletir sobre as

<sup>9</sup> ROUANET, Sérgio Paulo. *Por que o moderno envelhece tão rápido – concepção de modernidade em Walter Benjamin*, 1992, p. 115.

<sup>10</sup> BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. 1986, p. 15.

<sup>11</sup> SINGER, Ben. *Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular*. 2001, p. 116.

transformações que estavam ocorrendo nas grandes cidades. Assim, as preocupações de Simmel centram-se no modo como os habitantes das metrópoles se relacionam com as esmagadoras forças sociais a que são submetidos, levando a uma intensificação dos estímulos nervosos.<sup>12</sup> Outro autor fundamental para essa concepção neurológica é Walter Benjamin, que, aliás, nessa questão, foi influenciado por Simmel. Benjamin também tecerá considerações importantes a respeito de como a técnica subordina o sistema sensorial nas grandes cidades, algo que ele denomina como experiência do choque.<sup>13</sup>

Nessa abordagem, a cidade é mais do que um agrupamento de pessoas, instituições e conjunto de infra-estruturas, mas é pensada como “um fato cultural, um caldeirão de impressões, de sentimentos, de desejos e de frustrações.”<sup>14</sup>

A cidade moderna se configura, portanto, como uma complexa malha na qual são urdidadas uma série de relações e experiências, seja entre seus diferentes habitantes, como, também, entre estes e as instituições sociais e os artefatos tecnológicos.

Portanto, essa cidade que se problematiza ao longo do século XIX, gerando as chamadas questões urbanas, que podem ser analisadas a partir de diferentes perspectivas, ou portas de entrada, como coloca a historiadora Maria Stella Bresciani, numa alusão às sete portas de entrada existentes na antiga cidade de Tebas. Quais sejam: a relação entre cidade e técnica, ou o advento dos modernos serviços de infra-estrutura; a questão social, com a aglomeração e proletarização, especialmente das cidades industriais; o que nos leva a atentar para as identidades sociais; as novas sensibilidades decorrentes dessas transformações; a cultura popular; a especialização territorial.<sup>15</sup>

Diante dessas várias possibilidades de análise, procuramos realizar alguns recortes em nosso estudo sobre o desenvolvimento urbano em Sorocaba. Assim sendo, o propósito desta

---

<sup>12</sup> SIMMEL, Georg. *A metrópole e a vida mental*. 1967, p. 14.

<sup>13</sup> BENJAMIN, Walter. *Sobre alguns temas em Baudelaire*. 1994, pp. 124-126.

<sup>14</sup> RAMINELLI, Ronaldi. *História urbana*. 1997, p. 194.

<sup>15</sup> BRESCIANI, Maria Stella. *As sete portas das cidades*. 1991, pp. 10-15.

pesquisa é examinar a história urbana da cidade a partir da introdução de alguns serviços urbanos fundamentais e maquinismos tecnológicos, precisamente o serviço de água e esgotos, a eletricidade, o bonde elétrico, o automóvel. Nesse sentido, configura-se como imprescindível acompanhar o papel desempenhado pela empresa São Paulo Electric Company [subsidiária da Light & Power], uma vez que essa companhia foi responsável pela intensificação do serviço de energia elétrica, bondes elétricos, bem como esteve envolvida na questão da expansão do serviço de água e esgoto na cidade. Esses aspectos se relacionam e ajudam a fomentar as discussões acerca dos significados do que seria uma “cidade moderna”. Aqui, trata-se de apreender a particularidade de Sorocaba num contexto de intervenções urbanas que caracterizaram muitas cidades brasileiras durante as primeiras décadas da República. Esse processo histórico vai gerar algumas representações sobre a cidade, decorrentes das transformações urbanas, da industrialização, da história política; representações essas gestadas no âmbito das elites políticas e econômicas, bem como das camadas médias, em especial os jornalistas, cronistas e advogados, responsáveis em grande medida pela difusão dessas imagens da cidade. Pretendemos, dessa forma, historicizar essas representações sobre a cidade, que podem ser compreendidas como percepções e narrativas sobre o urbano. Mas, além disso, o desafio maior é tentar igualmente abarcar outras percepções, narrativas e práticas sociais presentes no espaço da urbe, particularmente das classes operárias e dos segmentos populares, estes últimos, em grande medida, marginalizados diante desse contexto de modernização.

Para este estudo, estamos utilizando como fonte principal, a produção da imprensa sorocabana da época, especificamente jornais e revistas. Grande parte desse material se encontra ainda preservado, embora precariamente, no Gabinete de Leitura Sorocabano, uma das instituições mais tradicionais da cidade, fundada em 1867.<sup>16</sup> Pretendemos também

---

<sup>16</sup> Para um estudo da difusão e significado dos Gabinetes de Leitura em São Paulo ver: MARTINS, Ana Luiza. *Gabinetes de Leitura de São Paulo: a pluralidade de um espaço esquecido – 1847-1890*. 1990.

empregar a documentação produzida pelos poderes públicos, especificamente os códigos de posturas municipais, relatórios da prefeitura e as atas da câmara municipal. Como também, os relatórios anuais produzidos pela empresa São Paulo Eletric. Finalmente, tencionamos cotejar essas fontes com a obra de alguns viajantes e memorialistas como Alfredo Moreira Pinto, Jacob Penteadó, Antônio Francisco Gaspar e Caputti Sobrinho.

Um aspecto importante a ser apontado é a relação íntima que existe entre as questões urbanas do período e o contexto político, é simplesmente impossível desvincular esses dois tópicos. Isso significa que um estudo minimamente percuciente sobre o desenvolvimento urbano de uma cidade como Sorocaba deve procurar analisar também o seu cenário político. Além do que, caso se ignore essa relação, corre-se o risco de se realizar uma leitura equivocada, para não dizer ingênua, do que foi publicado na imprensa local sobre os melhoramentos urbanos da cidade. Pois tudo o que foi escrito acerca deste tema, passa pelo filtro do posicionamento político de cada periódico.

Nélson Werneck Sodré em seu estudo sobre a imprensa no Brasil, aponta a passagem do século XIX para o XX como a transição da pequena à grande imprensa. “Os pequenos jornais, de estrutura simples, as folhas tipográficas, cedem lugar às empresas jornalísticas, com estrutura específica, dotadas de equipamento gráfico necessário ao exercício da função.” Assim, “o jornal como empreendimento individual, como aventura isolada, desaparece, nas grandes cidades. Será relegado ao interior, onde sobreviverá, como tal, até os nossos dias.”<sup>17</sup> No entanto, Rodolpho Telaarolli, em sua pesquisa sobre o poder local durante a Primeira República, indica que o sentido da existência tanto dos grandes órgãos das capitais, como das folhas mais modestas do interior, estava pautado mais por motivações político-partidárias do que mercantis e empresariais. Daí ser comum o surgimento de novos jornais em razão das cisões políticas da época, e esses órgãos apresentavam, como uma de suas características

---

<sup>17</sup> SODRÉ, Nélson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. 1966, p. 315.

principais, a fidelidade partidária absoluta para com os grupos que eram, justamente, os responsáveis pela sua criação. Esse fato faz com que essa imprensa produza um jornalismo pautado por um partidarismo exacerbado e sem peias, “não raro tocando as raias do passionalismo político.”<sup>18</sup>

Em Sorocaba, os principais órgãos das primeiras décadas republicanas vieram à luz, justamente em função das contendas políticas do período. Assim, o *Cruzeiro do Sul* aparece em 1903, no contexto da cisão de 1901, opondo os partidários de Campos Salles e sua política dos governadores aos setores que apoiavam Prudente de Moraes.<sup>19</sup> A ruptura local foi liderada pela família Camargo Pires e, não por coincidência, o fundador do *Cruzeiro* era Joaquim Fermiano Camargo Pires. A situação era comandada por Nogueira Martins, e contava com o apoio do *O 15 de Novembro*. Em 1906 ocorre o conagraçamento e, sintomaticamente, cerca de um ano depois *O 15 de Novembro* encerra suas atividades. Porém, no ano seguinte, ocorre nova dissidência, quando Francisco Loureiro, uma das figuras mais proeminentes da política sorocabana, rompe com o diretório do partido, levando consigo o Dr. Joaquim Marques Ferreira Braga [Dr. Braguinha] e o escritor Antonio de Oliveira. Esse novo agrupamento funda o jornal *A cidade de Sorocaba*, em 1908, que protagonizaria os anos conturbados da campanha civilista. Posteriormente, em 1924, surge *O Correio de Sorocaba*, dirigido por Diogo Moreira Salles, tendo como propósito maior fustigar Luís Pereira de Campos Vergueiro, chefe da política local desde 1911. Vergueiro, por sua vez, contava com todo o apoio do *Cruzeiro do Sul*.

<sup>18</sup> TELAROLLI, Rodolpho. *Poder local na República Velha*, 1977, pp. 141-148. Telarolli tece uma comparação pertinente entre a imprensa declaradamente partidária das primeiras décadas republicanas e a imprensa atual, esta agora com todas as características de uma empresa capitalista. Todavia, em ambos os casos, permanece a preocupação de não contrariar os interesses dos grupos ou segmentos que o jornal represente. “...a diferença mais importante está em que a empresa jornalística, evoluindo em moldes capitalistas, perdeu o caráter “amadorista”, cujo traço principal era o idealismo, o que veio impor limites, às vezes estreitos limites, à omissão – o que vale dizer, novas exigências criaram um facciosidade disciplinada, especialmente com a utilização das modernas e sofisticadas técnicas de comunicação, através das quais se processa a massificação do pensamento ou a condução da opinião pública.” Op. cit., p. 149.

<sup>19</sup> CASALECCHI, José Ênio. *O Partido Republicano Paulista – 1889-1926*. 1987, pp. 100-101.

Ficam claras as dificuldades com as quais se depara o pesquisador ao utilizar esse tipo de fonte, “fazendo com que as informações tenham sempre que ser cuidadosamente filtradas dos extremos antagônicos (...)”<sup>20</sup> Neste ponto, cabe mencionar as colocações sucintas, mas precisas, de José Honório Rodrigues sobre o jornal como fonte de informação histórica. Escreve o historiador: na verdade “o problema crucial não é mais saber quem escreveu, ou que escreve, mas a quem pertence o jornal. A questão decisiva para o historiador é “de quem é?”<sup>21</sup>

Portanto, para que essa produção revele toda a sua riqueza documental, é necessária uma análise sistemática e uma contextualização densa sobre suas condições de produção. Atentar, por exemplo, para o contexto institucional, econômico e social no qual se dá a difusão da imprensa.<sup>22</sup> É preciso ter em mente que a imprensa sempre traz uma leitura da realidade em conformidade com indivíduos, classes e grupos que são editores, donos ou financiadores desses periódicos.<sup>23</sup> Obviamente é preciso atentar para a especificidade das condições de produção da imprensa sorocabana durante as primeiras décadas do século XX.

O historiador Werneck Sodré traça um perfil pouco abonador para a imprensa brasileira do início do século XX. Citando o estudo de Luís Edmundo, Sodré descreve um jornalismo recheado de clichês, pálido e inexpressivo, com seus artigos de fundo vazios, escritos de maneira difícil e empolada, paginação sem graça, falta de criatividade na elaboração de títulos, além do infalível soneto na primeira página, indicando o gosto por um estilo literário embolorado e obsoleto.<sup>24</sup>

Todas essas características, de fato, podem ser constatadas por aqueles que tiverem o

<sup>20</sup> TELAROLLI, Rodolpho. Op. cit., p. 9.

<sup>21</sup> RODRIGUES, José Honório. *Teoria da história do Brasil – Introdução metodológica*. 1978. pp. 198, 416-417.

<sup>22</sup> Sobre essa questão, o estudo clássico de Nelson Werneck Sodré. *História da Imprensa no Brasil*. Ver também CRUZ, Heloísa de Faria. *Na cidade, sobre a cidade – Cultura letrada, periodismo e vida urbana, São Paulo – 1890/1915*. 1994.

<sup>23</sup> MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista – Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo – 1890-1922*. 2001, pp. 21-22.

<sup>24</sup> SODRÉ, Nelson Werneck., Op. Cit. p. 323.

trabalho de compulsar as páginas dos periódicos daquela época. No entanto, como escreve Rodolpho Telarolli, é importante também salientar as possibilidades e riquezas desse tipo de fonte para a reconstituição histórica do período aqui abordado. Assim, Telarolli aponta como algumas das características dessa imprensa a ampla liberdade de manifestação, o partidarismo [já mencionado aqui] e um certo dinamismo. Dessa forma, “o noticiário [dos jornais do início do século passado] se constituía num rico manancial de informações já que 'tudo se passa nas páginas dele’”.<sup>25</sup> Temos, então, através das páginas da imprensa da época, uma quantidade enorme de informações, que passa, evidentemente, pelo contexto político daquele momento, ou melhor dizendo, uma certa leitura daquele contexto como, também, um conteúdo de cunho oficial, pois na falta de uma imprensa específica que cumprisse esse papel, todos os relatórios da prefeitura, sessões da câmara municipal, atos e leis eram publicados nos jornais, pelo menos no caso de uma cidade como Sorocaba. Além disso, a partir desses periódicos, é possível apreender um pouco do impacto sentido pela população, ou pelo menos de alguns segmentos dela, em decorrência da modernização e das transformações urbanas que estavam ocorrendo na cidade. Uma análise mais fina talvez permita, inclusive, compreender os diferentes sentidos de cidade que estavam sendo elaborados de forma mais ou menos consciente pelos diferentes atores sociais; no caso, particularmente, percebendo a interação muitas vezes contraditória entre as práticas e representações ligadas à modernização com os ritmos, usos e costumes de uma temporalidade mais antiga.

A despeito da relevância do tema aqui abordado, ele não tem sido objeto de pesquisas mais sistemáticas pela historiografia local. Com efeito, seu mais tradicional historiador, Aluísio de Almeida<sup>26</sup>, autor da única síntese acerca da história de Sorocaba, editada pela primeira vez em 1969<sup>27</sup>, dedica, relativamente ao conjunto de seus escritos, poucas páginas ao

---

<sup>25</sup> TELAROLLI., Op. Cit., pp. 141-142.

<sup>26</sup> Na verdade um pseudônimo adotado pelo padre Luiz Castanho de Almeida.

<sup>27</sup> Esta obra ganhou recentemente, em 2002, uma nova edição, com alterações, e sob o título de *Sorocaba, 3 séculos de história*. 2002.

período republicano. Escritor respeitado por boa parte da intelectualidade brasileira, citado e festejado, dentre outros, por Sérgio Buarque de Holanda, Ernani Silva Bruno, Florestan Fernandes e Câmara Cascudo, tem como suas principais obras importantes estudos sobre a feira de muares em Sorocaba e o ciclo do tropeirismo, compilações a respeito das manifestações da cultura popular no Estado, particularmente na região do médio Tietê – da qual pode ser considerado até hoje um dos maiores especialistas - e um livro sobre a revolução liberal de 1842, além de ter publicado uma quantidade impressionante de artigos em jornais e revistas sobre os mais variados temas. Sua abordagem, especificamente sobre o tropeirismo, influenciou uma série de pesquisadores sorocabanos, dentre eles, Adolfo Frioli, Mário Mattos, Geraldo Bonadio e Rogich Vieira. Desta forma, apesar do debate historiográfico salutar e da revisão de pontos importantes de sua obra, os textos do padre historiador não podem ser desprezados, pois poucos como ele conheciam tanto das práticas e da cultura popular da região do médio Tietê, constituindo-se num manancial inesgotável e, por vezes, surpreendente de informação. Sua abordagem pode ser tomada como conservadora no sentido político, algo, aliás, que ele nunca escondeu, mas não merece certas caracterizações muitas vezes feitas de forma apressada, colocando-o como um historiador simplesmente tradicionalista ou positivista. Termo este infeliz, porém recorrente para denominar grande parte dos historiadores do século XIX.

O próprio Aluísio de Almeida tinha consciência de que muitos aspectos da história de Sorocaba estavam por merecer estudos mais acurados. Ele expressa essa idéia já no prefácio de sua obra de 1969, ao escrever que “a verdadeira história de Sorocaba somente se fará perto do ano 2000. Demanda uma equipe de especialistas e pesquisadores, consulta maior de arquivos daqui e de fora, muitos volumes e muito dinheiro.”<sup>28</sup>

Mas, felizmente nos últimos anos, embora de forma lenta, esse panorama tem se

---

<sup>28</sup> ALMEIDA, Aluisio de. *História de Sorocaba*. 1969.

modificado. Alguns estudos recentes, partindo de novas concepções historiográficas, têm procurado revisar as análises tradicionais feitas acerca do ciclo do tropeirismo em Sorocaba, bem como lançar o seu olhar sobre outros períodos e temas. É o caso da pesquisa da historiadora Cássia Baddini, na qual analisa a relação entre o comércio de animais e o desenvolvimento urbano de Sorocaba.<sup>29</sup> Já a dissertação de mestrado de Nanci Chiovitti procura focar o período de crise das feiras de muares e, ligada a essa questão, o advento de novas concepções sobre a urbanização da cidade.<sup>30</sup> Especificamente sobre o período republicano há que se destacar o estudo de Paulo Celso da Silva,<sup>31</sup> onde o autor analisa o processo de industrialização da cidade, relacionando-o com a sua urbanização, afora recuperar o cotidiano operário. Esse estudo aponta para muitos temas que podem ser mais bem trabalhados e adensados numa pesquisa mais sistemática. Por sua vez, a pesquisa de Adalberto Coutinho procura recuperar os primórdios da organização da classe operária em Sorocaba<sup>32</sup>. Uma investigação importante para esta pesquisa é a dissertação de mestrado de Arnaldo Pinto Júnior. Nesse trabalho, o autor busca examinar os embates culturais que ocorrem em Sorocaba nos primeiros anos da República, analisando para isso a produção dos almanaques ilustrados e revistas produzidas pela imprensa local.<sup>33</sup> Esse estudo, portanto, se aproxima em vários pontos do trabalho que pretendemos desenvolver, não apenas por tratar do mesmo período e utilizar fontes semelhantes, mas também por se situar numa mesma vertente historiográfica.

Assim, esta pesquisa coloca-se no âmbito de uma história sociocultural do urbano, onde o conceito de representação se configura como fundamental para a investigação de certos aspectos do desenvolvimento urbano em Sorocaba. Como coloca o historiador Roger

<sup>29</sup> BADDINI, Cássia Maria. *Sorocaba no Império – comércio de animais e desenvolvimento urbano*. 2002.

<sup>30</sup> CHIOVITTI, Nanci. *Discursos do progresso: Sorocaba e o fim da feira de muares*. 2003.

<sup>31</sup> Dissertação de mestrado apresentada no Departamento de Geografia Humana da USP, intitulada *De novelo de linha a Manchester paulista – fábrica têxtil e cotidiano no início do século XX em Sorocaba*. 1995.

<sup>32</sup> ARAÚJO NETO, Adalberto Coutinho de. *Sorocaba Operária – Ensaio sobre o início do movimento operário em Sorocaba: 1897- 1920*. 2005.

<sup>33</sup> PINTO JÚNIOR, Arnaldo Pinto. *A invenção da Manchester Paulista: embates culturais em Sorocaba (1903-1914)*. 2003.

Chartier, esse termo pode ser tomado como a “pedra angular” da chamada história cultural.<sup>34</sup> As representações se constituem como pontos de entrada para a compreensão das tramas de relações das sociedades passadas.<sup>35</sup>

Desse modo, estamos pensando como representações – “pontos de entrada” para a compreensão da história urbana da cidade, certas expressões simbólicas carregadas de significação que foram elaboradas para retratar a cidade ao longo do período aqui abordado. A começar pela expressão mais célebre de todas, aquela que denominava Sorocaba como a *Manchester Paulista*, mas também outras que foram esquecidas ou são de difícil recuperação, como *Tobiápolis* [referência a Rafael Tobias de Aguiar, um dos capitalistas e políticos mais importantes na história da cidade] e *Moscou Brasileira*, supostamente surgida como uma resposta ao cognome Manchester, no contexto da luta de classes que se estabelece na cidade.

Almejamos, portanto, efetuar uma historicização dessas expressões, entendendo-as como concepções e percepções acerca das transformações urbanas por que passa a cidade. Essas representações podem funcionar como guias ou palavras matrizes geradoras de todo um léxico urbano<sup>36</sup>, léxico esse que pode ser tomado como significantes relacionados à inserção da urbe nos fluxos da modernidade, revelando as especificidades e contradições desse processo histórico.<sup>37</sup>

Portanto, essas representações podem ser entendidas como “matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real”.<sup>38</sup> Nesse sentido, elas [as representações] possuem um caráter simbólico, não sendo um reflexo, uma cópia do real, mas, sim, uma construção a partir do real. O importante, então, não é apenas verificar o conteúdo de verdade dessas representações, como instrumentos de

<sup>34</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural – Entre práticas e representações*. 1988, pp. 23-25.

<sup>35</sup> CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. 1991, p. 3.

<sup>36</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. 2004, p. 78.

<sup>37</sup> Sobre o estabelecimento de diferentes conjuntos lexicais para representar os diversos aspectos da cidade ver: BRESCIANI, Maria Stelle (Org.) *As palavras da cidade*. 2001.

<sup>38</sup> Idem., p. 39.

construção social da realidade e, sim, pela possibilidade de projetar interesses, elaborar visões de mundo e modelar condutas. Por isso, é fundamental relacionar as representações com os grupos sociais, ou seja, pensar as representações coletivas. Uma vez que, “as representações coletivas incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e estruturam os esquemas de percepção e de apreciação a partir do qual estes classificam, julgam e agem.”<sup>39</sup>

Por conseguinte, diante do que foi exposto acima, ao historiador caberia uma dupla operação: “constituir como representações os vestígios, sejam de que tipo forem – discursivos, iconográficos, etc., - que indicam as práticas constitutivas de qualquer objetivação histórica. Estabelecer hipoteticamente uma relação entre séries de representações, construídas e trabalhadas enquanto tais, e as práticas que constituem o seu *referente externo*. (grifo nosso)”<sup>40</sup>.

Portanto, a análise do cruzamento entre as práticas sociais e suas representações pode revelar as múltiplas visões da cidade. Mas, para isso, o historiador não pode se limitar a apreender apenas as narrativas produzidas pelos produtores do espaço urbano, ou seja, os poderes públicos e seus representantes, mas também buscar a perspectiva do habitante da urbe, do cidadão.<sup>41</sup> O que significa estar atento para diferentes maneiras de ver e narrar a cidade<sup>42</sup>. Tal procedimento implica uma determinada postura teórica e metodológica que tenha como propósito trazer à tona esses outros olhares. É o caso de se pensar uma história social do cotidiano ou uma hermenêutica do cotidiano, como formula a historiadora Maria Odila Silva Dias, procurando perceber as relações que se estabelecem entre a concretude das experiências cotidianas e o discurso normativo institucional, assim como a multiplicidade de tempos e

<sup>39</sup> CHARTIER, Roger. *A história hoje: dúvidas, desafios, propostas*. 1994, p. 107. Ou, como escreve Bourdieu: “As diferentes classes e frações de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme os seus interesses, e imporem o campo das tomadas de posições ideológicas reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais.” BORDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 1989, p. 11.

<sup>40</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural - entre práticas e representações*, Op. cit., pp. 16-18, 87.

<sup>41</sup> RONCAYOLO, Marcel. *Cidade*. 1986, p. 428.

<sup>42</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade – visões literárias do urbano*, 2002, p. 18.

sujeitos que marcam a nossa realidade cingida pelo processo histórico da modernidade.<sup>43</sup> No que se refere à relação entre cidade e modernidade, o escritor Edgar Allan Poe foi um dos que, de maneira absolutamente original, nos levaram para a atmosfera densa de impressões e emoções que se dão nos *desvãos do cotidiano*, ultrapassando, assim, a superficialidade com que os olhares comumente percorrem a fisionomia das cidades modernas.<sup>44</sup> Daí, mais de um autor relaciona o trabalho do historiador ao do detetive, pois o conhecimento histórico é indireto, indiciário e conjectural.<sup>45</sup> O historiador, à maneira detetivesca, coleciona fragmentos do passado, e, muitas vezes, os indícios mais significativos são justamente aqueles considerados de “menor importância, marginais e residuais, [mas] que, contudo, permitirão a decifração do enigma.”<sup>46</sup>

Walter Benjamin também estabelecia essa junção entre o historiador e o detetive.<sup>47</sup> Da perspectiva teórico-metodológica, as asserções do pensador alemão se configuram como fundamentais para a confecção de uma história sociocultural do urbano.

Para a sua radiografia da metrópole moderna,<sup>48</sup> Benjamin lança mão das técnicas de montagem, executadas justamente através dos fragmentos da história da modernidade. Trata-se de um procedimento heurístico essencial na elaboração de sua teoria da história que possui, como princípio ético / político, a necessidade de “escovar a história a contrapelo.”<sup>49</sup>

Num dos excertos inseridos no âmbito de seu estudo sobre as passagens parisienses, Benjamin descreve qual a diretriz básica desse método construtivo:

<sup>43</sup> DIAS, Maria Odila Silva. *Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea*. 1998. Ver também da mesma autora, *Quotidiano e poder – em São Paulo no século XIX*. 1995.

<sup>44</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Perfis urbanos terríveis em Edgar Allan Poe*. 1985, pp. 73-74.

<sup>45</sup> GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais – morfologia e história*. 1989, p. 157.

<sup>46</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade*. Op. cit., p. 20.

<sup>47</sup> “Formulação de Ernst Bloch sobre o trabalho das Passagens: 'A história mostra seu distintivo da Scotland-Yard.'” [N3,4] BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Op. cit., p. 505.

<sup>48</sup> Estamos nos referindo a sua monumental e inacabada pesquisa sobre a cidade de Paris no século XIX. Um conjunto de escritos, notas e fichamentos realizados por Benjamin entre 1927 e 1940, ano de sua morte, foi editado em 1982 com o título *Das Passagen Werk* (A Obra das Passagens) ou simplesmente *Passagens*, na tradução brasileira, uma referência às elegantes galerias cobertas de vidro, com paredes de mármore, compostas por lojas requintadas, construídas em Paris na primeira metade do século XIX.

<sup>49</sup> BENJAMIN, Walter. *Mágica e técnica, arte e política*. 1986, p. 225.

*Um problema central do materialismo histórico a ser finalmente considerado: será que a compreensão marxista da história tem que ser necessariamente adquirida ao preço da visibilidade da história? Ou: de que maneira seria possível conciliar um incremento da visibilidade com a realização do método marxista? A primeira etapa desse caminho será aplicar à história o princípio da montagem. Isto é: erguer grandes construções a partir de elementos minúsculos, recortados com clareza e precisão. E, mesmo, descobrir na análise do pequeno momento individual o cristal do acontecimento total. Portanto, romper com o naturalismo histórico vulgar. Aprender a construção da história como tal.<sup>50</sup>*

Um aspecto importante a ser notado é a articulação proposta por Benjamin entre o geral e o particular. Assim, se por um lado, se propõe a investigar os pormenores sugestivos da vida urbana, os pequenos aspectos do dia-a-dia, por outro, se preocupa em realizar uma constante interação entre esses fragmentos como os aspectos mais abrangentes da sociedade capitalista.<sup>51</sup>

A articulação nos remete a algumas ponderações características ou talvez fosse melhor colocar, mais frutíferas da chamada história social. E que, por sua vez, poderia fazer lembrar àqueles que participam dos instigantes debates historiográficos atuais, defendendo a suposta primazia ou independência de um aspecto da sociedade sobre outro [por exemplo da cultura sobre a economia ou vice-versa], que um dos papéis mais importantes do historiador é

<sup>50</sup> BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Op. cit., p. 503.

<sup>51</sup> A questão da articulação do geral com o particular tem sido bastante debatida entre os historiadores. Especialmente nas últimas décadas, quando certas tendências ditas pós-modernas procuram negar qualquer possibilidade dessa articulação. Inclusive, de forma equivocada, alguns comentadores de Benjamin. (Cf. JENNINGS, Michael. *Dialectical images – Walter Benjamin's theory of literary criticism*, 1987.) Contudo, Terry Eagleton mostra como essa é mais uma entre tantas ilusões do pós modernismo, criticando de forma contundente tal postura: “Não buscar a totalidade representa apenas um código para não se considerar o capitalismo. Mas o ceticismo em relação às totalidades, de esquerda ou de direita, costuma ser um tanto espúrio. Ele em geral acaba significando uma desconfiança de certos tipos de totalidades e um endosso entusiasta de outros. Alguns tipos de totalidade – prisões, patriarcado, o corpo, ordens políticas absolutistas – se constituíram tópicos aceitáveis de discussão, enquanto outros – modos de produção, formações sociais, sistemas doutrinários – sofriram uma censura velada. Talvez se pense que todas as totalidades são “essencialistas”, redutíveis a algum princípio determinante único...Não há por que supor que as totalidades sejam sempre homogêneas: e se o globo está mesmo perdendo funestamente a identidade, isto tem mais a ver com as operações do capitalismo transnacional e com as formas culturais que vão nas suas águas, do que com a paranóia dos teóricos políticos de esquerda. A idéia de que a totalidade só existe na imaginação não passa de uma doutrina extraordinariamente idealista para um credo que se pretende materialista.

Captar a forma de uma totalidade exige um raciocínio rigoroso e cansativo, o que vem a ser uma das razões de por que aqueles que não tem necessidade de fazê-lo venham a se maravilhar com a ambigüidade e a indeterminação. Existem pessoas que precisam ter alguma idéia de como as coisas são para que elas possam libertar-se, e outras para quem frases do tipo “como as coisas são” cheiram a objetivismo, cientismo, falocentrismo, a sujeitos excessivamente desinteressados e a um monte de outros casos horripilantes.” EAGLETON, Terry. *A ilusões do pós-modernismo*. 1998, pp. 20, 21

procurar as conexões relevantes entre as partes. Nesse sentido, podemos citar os princípios metodológicos propostos por Georges Duby para a história social. O homem em sociedade como objeto final da pesquisa histórica. “Só a necessidade da análise nos leva a dissociar os fatores econômicos dos políticos, ou mentais.” Procurar no seio da globalidade as articulações verdadeiras e, finalmente, apreender os diferentes ritmos e temporalidades que afetam cada nível da vida social.<sup>52</sup>

Para Walter Benjamin, “escrever a história significa dar às datas a sua fisionomia.”<sup>53</sup> “Escrever a história significa, portanto, citar a história.”<sup>54</sup> Segundo a interpretação de Willi Bolle, a intenção de Benjamin, com sua escrita fisionômica, “era obter uma 'concretude máxima' para a época estudada, o que se daria através de uma forma que configurasse “o rosto da modernidade””.<sup>55</sup> Sua pesquisa era definida no âmbito do Instituto de Pesquisa Social, como estando relacionada à “questão das variáveis históricas da percepção humana.” Em particular, as percepções que são gestadas no espaço da urbe moderna. A fisionomia da cidade, busca imagens significativas sobre o processo histórico de transformações urbanas; imagens entendidas no seu sentido etimológico, ou seja, como representação, retrato, aspecto. “Por meio de imagens – no limiar entre o consciente e o inconsciente – é possível ler a mentalidade de uma época. É essa leitura que se propõe Benjamin enquanto historiógrafo. Partindo da superfície, da epiderme de sua época, ele atribui à fisionomia das cidades, à cultura do cotidiano, às imagens do desejo e fantasmagorias, aos resíduos e materiais aparentemente insignificantes a mesma importância das 'grandes idéias' e às obras de arte consagradas. Decifrar todas aquelas imagens e expressá-las em imagens 'dialéticas' coincide, para ele, com a produção do conhecimento da história.”<sup>56</sup>

<sup>52</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion e BRIGNOLI, Héctor Pérez. *Os métodos da história*. 2002, pp. 351-352.

<sup>53</sup> BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Op. cit., p. 518.

<sup>54</sup> Idem., p. 518.

<sup>55</sup> BOLLE, Willi. *Fisiognomonía da metrópole moderna – representação da história em Walter Benjamin*. 1994.

<sup>56</sup> Idem., p. 42.

Essa narrativa histórica é levada a efeito, como já indicado acima, através de um método construtivo, quer dizer, o método do trabalho se constitui no emprego da montagem literária, confeccionando o material a partir de “elementos minúsculos”, os farrapos, os resíduos.<sup>57</sup>

Tal teoria da história estabelece, como uma de suas propostas mais radicais, a montagem como desmontagem, o que implica a confecção de outras constelações em contrapartida ou a contrapelo daquela formulada pelas elites políticas e econômicas.

Dentre os procedimentos de montagem empregados pela historiografia benjaminiana, podemos salientar “a montagem em forma de choque”; ela permite a confrontação frente a frente de representações opostas acerca da cidade. A cidade moderna é permeada por visões ambivalentes, sinônimo do progresso burguês e centro de perdição e desigualdades sociais; lugar por excelência do alienante fetiche da mercadoria e espaço de rebeldias, resistências. A montagem pelo choque e contraste confronta as perspectivas exclusivamente enaltecidas da cidade, produzidas pelos protagonistas da modernização urbana, ao fazê-lo, propicia o “despertar” para os aspectos mais inquietantes e contraditórios do ambiente citadino.<sup>58</sup> Já a “montagem como superposição” é, especialmente, empregada para se efetuar a “radiografia” do imaginário coletivo, são formas de contextualização do espaço urbano. “Assim é que, na cidade, compareceriam, com fragmentos da história ou atores a serem justapostos uns aos outros, a multidão e o *flâneur*, o dândi ou janota, o trapeiro, o povo e o destacado personagem, negros, mulheres, marginais, políticos, becos e avenidas, festas, rituais, cotidianidade e eventos excepcionais.”<sup>59</sup>

O cenário urbano é caracterizado pela superposição de imagens, palavras, gêneros literários e perspectivas, assim sendo, os memorialistas, higienistas, escritores e cronistas –

<sup>57</sup> BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Op. cit., p. 502.

<sup>58</sup> BOLLE, Willi. Op. Cit., p. 91. PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade*. Op. cit., pp. 19-20.

<sup>59</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade*. Op. cit., pp. 19-20. Para uma análise acurada das técnicas benjaminianas de montagem ver: BOLLE, Willi. Op. cit., especialmente pp. 88-99.

alguns deles escrevendo para a pequena imprensa, como jornais operários e gazetilhas sobre os mais variados temas - se constituem, certamente, nas fontes historiográficas mais ricas para a compreensão desses aspectos da cidade.

Certamente, o desafio maior é a busca de outras perspectivas e representações que não relacionadas às “imagens do desejo” de modernização urbana protagonizadas, grosso modo, pelas elites políticas e econômicas, amplificadas pelos segmentos médios – jornalistas e advogados, por exemplo - seguindo determinados preceitos de urbanização elaborados em grande medida, nos centros de difusão do sistema capitalista. Esse “outro” está relacionado à diversidade de temporalidades, etnias e práticas sociais que marcam a sociedade brasileira, em especial, no período que abrange o último quartel do século XIX e as primeiras décadas do século XX; diversidade que sofreu uma tentativa de marginalização e estigmatização justamente em favor de uma modernização que, como a historiografia já tem apontado, configurou-se, nesse sentido, como conservadora e excludente.

Michael Löwy, comentador da obra de Benjamin, enfatiza como parte da crítica de uma modernidade empírica, ou seja, que se efetivou sob os auspícios de uma lógica burguesa etnocêntrica, a preocupação, por parte de um marxismo heterodoxo [como o praticado por Benjamin], em recuperar historicamente elementos da cultura popular. Tendência que Löwy denomina como “marxismo gótico”. Apresentando uma atração e uma fascinação quase amorosa “pelo encantamento e pelo maravilhoso, assim como pelos aspectos 'enfeitiçados' das sociedades e das culturas pré-modernas.”<sup>60</sup>

Esse enfoque nos leva a uma preocupação em tentar averiguar como se deu a relação e imbricação, no espaço urbano, das práticas populares, ou seja, suas maneiras de pensar, sentir e agir com o processo modernizador ocorrido em boa parte das cidades brasileiras no período enfocado. Algo que implica uma preocupação com o fato folclórico. Mas, como mostrou

---

<sup>60</sup> LÖWY, Michael. *A estrela da manhã – surrealismo e marxismo*. 2002, pp. 40-41.

Florestan Fernandes, invertendo a lógica presente na abordagem dos primeiros folcloristas, que tentaram compreender os elementos das culturas populares para justificar a sua incompatibilidade com os preceitos do progresso burguês, a questão é apreender as peculiaridades e as relações sociais que envolvem essas justaposições temporais. De qualquer maneira, foi com tal propósito, ou seja, o de pensar em termos de obsolescência, que se começou a estudar, por exemplo, as práticas da medicina popular e a utilização de artefatos incompatíveis com uma nova civilização tecnológica, como por exemplo, o emprego dos carros de bois nas áreas urbanas.<sup>61</sup>

Pensar a relação entre o moderno e o tradicional nos processos de urbanização pode ajudar a revelar e compreender a especificidade de tal contexto histórico, seu caráter excludente ou as formas de resistência em relação a essas transformações. Mostrando também até que ponto as políticas da modernização urbana levaram a um distanciamento do homem com o cosmo, com a ciência e a tecnologia entrando na lógica do lucro ou da valorização do capital, em detrimento de uma relação harmônica entre a humanidade e a natureza.<sup>62</sup> E isso, é bom que se diga, não significa, necessariamente, uma nostalgia até reacionária pelo passado, mas, sim, “um desvio pelo passado em direção a um futuro novo, integrando todas as conquistas da modernidade desde 1789.”<sup>63</sup>

É importante relevar a especificidade desse processo histórico numa cidade do interior do Estado de São Paulo, como Sorocaba.

E, justamente, um dos aspectos instigantes em se estudar esse período se deve ao fato

<sup>61</sup> FERNANDES, Florestan. *O folclore em questão*. 1989, p. 39.

<sup>62</sup> “Essa grande corte feita ao cosmos [referência aos terríveis acontecimentos da Primeira Guerra Mundial] cumpriu-se pela primeira vez em escala planetária, ou seja, no espírito da técnica. Mas, porque a avidez de lucro da classe dominante pensava resgatar nela sua vontade, a técnica traiu a humanidade e transformou o leito de núpcias em um mar de sangue. Dominação da Natureza, assim ensinaram os imperialistas, é o sentido de toda a técnica. Quem, porém, confiaria em um mestre-escola que declarasse a dominação das crianças pelos adultos como o sentido da educação? Não é a educação, antes de tudo, a indispensável ordenação da relação entre as gerações e, portanto, se se quer falar de dominação, a dominação das relações entre gerações, e não das crianças? E assim também a técnica não é dominação da Natureza: é dominação da relação entre Natureza e humanidade.” BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. 1995, pp. 68-69.

<sup>63</sup> LÖWY, Michael. *A estrela da manhã*. Op. Cit., p. 46.

dele nos permitir apreender, como que “em primeira mão”, o impacto de uma série de profundas transformações que estavam ocorrendo em escala mundial, com as quais o Brasil se verá engolfado. Flora Sussekind afirma que “esses decênios da virada do século aos anos 20, são de fato um momento privilegiado para se analisar um estreitamento de contatos entre literatura e *media*”<sup>64</sup> A autora se refere ao escopo de sua pesquisa, a relação entre as inovações técnicas e a produção literária. Mas essa colocação pode ser ampliada, pensando, por exemplo, a introdução e o impacto de vários artefatos tecnológicos em muitas cidades brasileiras. Dessa forma, assiste-se, nesse momento, a estruturação de vários aspectos que moldariam nossa sociedade desde então.

Esse período caracteriza-se por uma forte confluência de ritmos e temporalidades, uma vez que a irradiação de uma mentalidade burguesa e cosmopolita, característica da *Belle Époque*, enreda-se e se molda com outras temporalidades e visões de mundo.

Quer dizer, no caso brasileiro, essas novas temporalidades vão interagir com relações, práticas e representações do universo patriarcal – escravista em dissolução.<sup>65</sup> Ou, colocando de outra forma, “o fenômeno em si [o processo de modernização conservadora por qual passa o país] deve ser apreciado como o “viés nacional” de entrada do país na modernidade, com os decorrentes condicionamentos de uma realidade agroexportadora colonial e escravista.”<sup>66</sup>

Essa imbricação entre temporalidades e ritmos é uma característica a qual deve estar atento todo aquele que se dedica ao estudo da cidade, pois, como escreve o historiador Bernard Lepetit, “a cidade nunca é absolutamente sincrônica, ela é permeada por cronologias

<sup>64</sup> SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras – literatura, técnica e modernização no Brasil*. 1987, p.26.

<sup>65</sup> FREHSE, Fraya. *Entre o passado e o presente, entre a casa e a rua: Tempos e espaços na cidade de São Paulo de fins do Império*. 1999, p. 167. Gilberto Freyre em seu estudo sobre o processo de transição do trabalho escravo para o livre, abarcando, portanto, os anos finais do Império e iniciais da República, escreve: “Em época alguma o Brasil parece ter vivido, neste e em outros particulares, tantos tempos sociais contraditórios e antagônicos, como na evocada neste ensaio: o período mais agudo de transição do trabalho escravo para o livre.” FREYRE, Gilberto. *Ordem e Progresso*. 1959, p. 567.

<sup>66</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Exposições universais – Exposições universais – Espetáculos da modernidade do século XIX*. 1997, p. 59.

diferentes que se constroem no âmbito do tecido urbano.”<sup>67</sup> Esse sentido é apreendido também pelo pensador Henri Lefebvre, definindo a cidade como “uma mediação entre mediações”, “projeção da sociedade sobre um local”, mas “aquilo que se inscreve e se projeta não é apenas uma ordem distante, uma globalidade social, um modo de produção, um código geral, é também um tempo, ou vários tempos e ritmos.”<sup>68</sup>

No que concerne à história urbana brasileira, a já mencionada problematização da cidade, fruto desse processo modernizador, começa a ganhar relevância, particularmente a partir do último quartel do século XIX, o que significa, principalmente, adequar o espaço urbano e suas populações a expansão e reprodução do capital. Assim, de maneira geral, as reformas urbanas propostas pelas elites dirigentes envolviam o saneamento e embelezamento das áreas centrais das cidades e, em consequência, a segmentação espacial e os problemas de infra-estrutura daí decorrentes.<sup>69</sup>

Gilberto Freyre em seu já mencionado ensaio sobre a desintegração da sociedade patriarcal e o advento da República no país, aborda com a argúcia que lhe é peculiar essa interpolação de tempos sociais. O tempo brasileiro patriarcal e agrário, aproximando-se do tempo da aceleração capitalista, da intensificação dos estímulos nervosos, do *time is money* europeu e norte-americano, fazendo com que muitas regiões do país passassem a viver num terceiro tempo social, psicológico e cultural diferente daqueles dois. Esse terceiro tempo é algo que Freyre acalenta, “um terceiro tempo social que não sendo nem o agrário,

<sup>67</sup> LEPETIT, Bernard. *É possível uma hermenêutica urbana?* 2001, p. 145.

<sup>68</sup> LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. 1969, pp. 47 e 56.

<sup>69</sup> PINTO, Maria Inez Machado Borges. *Cotidiano e sobrevivência – a vida do trabalhador pobre na cidade de São Paulo (1890-1914)*. 1994; SEVCENKO, Nicolau. *A Revolta da Vacina – mentes insanas em corpos rebeldes*. 1984 e *Orfeu extático na metrópole – São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. 1998; SALIBA, Elias Thomé. *A dimensão cômica da vida privada na República*. 1998; p. 329; KOGURUMA, Paulo. *Conflitos do imaginário – a reelaboração das práticas e crenças afro-brasileiras na “metrópole do café”*. 2001; TERCI, Eliana Tadeu. *A cidade na Primeira República: imprensa, política e poder em Piracicaba*. 1997; ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. 1998; REIS FILHO, Nestor Goulart. *Cultura e estratégias de desenvolvimento*. 1998; MARINS, Paulo César Garcez. *Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras*. 1998; SOUSA, Fabio Gutemberg Ramos Bezerra. *Campina Grande: cartografias de uma reforma urbana no Nordeste do Brasil (1930- 1945)*. 2003; FOLLIS, Fransérgio. *Modernização urbana na Belle Époque paulista*. 2004; JORGE, Janes. *Tietê, o rio que a cidade perdeu: São Paulo, 1890-1940*. 2006.

escravocrático, quase medieval – mantido nos seus relógios, sempre atrasados, pelos senhores de terras e de escravos – nem o “europeu” ou o “americano”, desejado pelos progressistas desordenados – gente utópica que pretendia situar o Brasil fora de todas as sugestões de espaço – o tropical – e de passado – o lusitano ou hispânico – que o condicionavam – fosse um justo meio tempo, em que a doçura de viver do brasileiro em clima quente, se juntasse a capacidade de realizar esse mesmo brasileiro, num clima diverso do europeu, um progresso equivalente – mas não igual – do europeu, como conquista de conforto material e, sobretudo, de cultura do espírito; de aperfeiçoamento da pessoa humana e do seu bem-estar; de refinamento das graças ou dos encantos da vida; e essa conquista, sem pressa; sem exagero de rapidez; com bastante vagar para escolher-se dos modelos europeus e anglo-americanos de progresso apenas as convenientes aos trópicos e ao Brasil, as possíveis de serem adaptadas a um ritmo de vida própria do Brasil.”<sup>70</sup>

No entanto, ao indagar se a República teria conseguido alcançar esse equilíbrio, o escritor pernambucano responde negativamente. É claro que nessa resposta vai muito do apego declaradamente conservador de Freyre por esse passado patriarcal-aristocrático. Sem entrar nessa questão, podemos colocar que tais asserções inspiram uma hipótese para esta pesquisa, como seja, se se procurar olhar a partir de uma outra perspectiva, quer dizer, no âmbito do cotidiano, das práticas e representações que se elaboram no espaço da urbe, talvez possamos perceber que esse terceiro tempo (essa miscigenação temporal) não vai de alguma forma sendo construído, certamente permeado por uma série de tensões e, em grande medida, à revelia das elites que estiveram de alguma maneira envolvidos com o advento da República e com a administração das cidades brasileiras.<sup>71</sup>

A proposição principal desta pesquisa é demonstrar a efetiva ocorrência de uma certa

<sup>70</sup> FREYRE, Gilberto. *Ordem e Progresso*. Op. cit., pp. 471-473.

<sup>71</sup> Sobre a concepção do cotidiano como um espaço de ambivalência, tensões e movimentos e formas peculiares de resistência, luta, integração, permanências e transformações, além dos trabalhos já mencionados, podemos destacar também: CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano – artes do fazer*. 2007; SEABRA, Odette Carvalho de Lima. *A insurreição do uso*. 1996.

modernidade urbana na cidade de Sorocaba ao longo do recorte temporal colocado, com relevantes implicações e desdobramentos para se compreender a sua história posterior. A partir dessa constatação, propõe-se a elaboração de uma reconstituição histórica, de uma narrativa que tenha como propósito deslindar os principais aspectos, especificidades e peculiaridades desse processo histórico, buscando, dessa forma, a originalidade dessa modernização / modernidade urbana. E essas particularidades se estabelecem justamente da relação entre um processo histórico global – a modernidade – com as características, os ritmos, as tramas sociais de um local específico, uma cidade, um país. Com esse propósito, procurou-se articular a história urbana de Sorocaba a partir de duas perspectivas, como sejam, pensar a cidade como artefato<sup>72</sup>, examinando a introdução de alguns importantes serviços urbanos ou melhoramentos urbanos na cidade; relacionando a isso, a série de práticas e percepções que marcam esse contexto histórico, expressas pelos diferentes segmentos da cidade. Para essa articulação partiu-se, num sentido heurístico, do conceito de representação como “pontos de entrada” para a apreensão das perspectivas de análise propostas. Daí a preocupação em inquirir e historicizar certas representações que surgem no bojo desse contexto como Manchester Paulista, Moscou Brasileira e Tobiápolis, pois elas podem ser compreendidas como certas imagens-síntese, significantes que se remetem aos traços peculiares da modernidade sorocabana, expressando, assim, dentre outros aspectos, a industrialização, a interiorização dos valores burgueses, o antagonismo de classes, as políticas urbanas, a “cidade do desejo” com a implantação de alguns importantes serviços urbanos, a tradição liberal dos políticos da cidade, ao mesmo tempo as práticas de mandonismo político e o provincianismo da cidade. Todos esses aspectos, de alguma forma, permeando e sendo permeados pelas relações cotidianas e urbanas. Assim, para a elaboração da fisionomia peculiar da urbe, procuramos apreender, mesmo que a partir de vestígios e fragmentos, em

---

<sup>72</sup> REIS FILHO, Nestor Goulart. *Sobre a história da urbanização – história urbana*. 1991, p. 16.

grande medida de maneira indireta, as práticas, usos e costumes de outros segmentos da população e não apenas a urbe esquadrinhada pelos “produtores de um espaço urbano institucional”, indicando, assim, a existência de outras cidades, cabocla, negra e mestiça.

Trata-se de realizar uma espécie de arqueologia dessa modernização, uma vez que, as transformações que ocorreram nesse período, podem ser compreendidas como fenômenos primevos<sup>73</sup>, uma proto-história no que diz respeito às muitas características que a cidade teria ao longo do século XX.<sup>74</sup> Em Sorocaba, o ciclo industrial que se consolidou na segunda década do século XX, esgotou-se, mas deixou profundas marcas no cenário urbano e em sua mentalidade, como os prédios das grandes fábricas que ganharam outra utilização ou foram abandonados, e mesmo, criminosamente, destruídos; as oficinas e instalações da Estrada de Ferro Sorocabana que jazem subutilizadas e estagnadas, os bairros fabris e seus personagens. Hoje os segmentos dirigentes almejam uma outra lógica, já não mais ditada pelo ritmo das “chaminés fumegantes”. Como apontou, em 2003, o editorial do jornal *Cruzeiro do Sul*, a propósito dos debates acerca do novo Plano Diretor para a cidade: “Depois de ter, durante mais de século e meio, o seu ritmo ditado pelas necessidades da indústria, Sorocaba busca um estilo menos maquinal e mais humano – e o Plano Diretor pode e deve refletir tais aspirações.”<sup>75</sup> Mas para isso é preciso entender como se deu a constituição dessa moderna cidade industrial do interior do Estado. Antes, como coloca em outro editorial, o mesmo periódico, que os traços deixados pelos antigos trabalhadores têxteis, e poderíamos acrescentar seus demais moradores ligados aos segmentos populares, desapareçam

<sup>73</sup> BOLLE, Willi. *Um painel com milhares de lâmpadas – metrópole e mega-cidade*. In: *Passagens*. Op. cit., p. 1143.

<sup>74</sup> A recuperação e compreensão desse processo é tanto mais importante pois, na verdade, suas conseqüências ainda se fazem sentir no momento atual de nova reconfiguração da relação social capitalista, uma vez que, como escreve o historiador Nicolau Sevcenko, grande parte das transformações anunciadas por aquela primeira modernidade não se efetivou e/ou foi abortada, “e suas mazelas se tornaram entraves ao ingresso do país numa segunda etapa dessa modernidade, representada agora pela mudança tecnológica centrada na micro-eletrônica e nos impasse da globalização.” SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão – edição revista e ampliada*. 2003, p. 22.

<sup>75</sup> *Cruzeiro do Sul*, Plano Diretor em debate, 08/08/2003.

gradativamente, como se esse passado não tivesse mais relevância alguma na história da cidade.<sup>76</sup>

Outra hipótese está relacionada à própria periodização proposta pela presente pesquisa. Assim, o recorte temporal parte de 1890, quando se verifica a ampliação do parque fabril têxtil da cidade, com a instalação de duas grandes fábricas: a Santa Rosália e a Votorantim. Esse momento é marcado também pela implantação da República e uma intensificação nas propostas de modernização dos espaços urbanos, gerando, dessa forma, uma série de representações para retratar esse contexto histórico. Não que as políticas urbanas visando a transformação de uma realidade que remontava, em grande parte, à Colônia, começasse apenas com o advento da República. Como alguns trabalhos têm mostrado, essa preocupação já se fazia sentir, pelos menos desde o último quartel do século XIX.<sup>77</sup> Contudo, essas propostas urbanas se espraiam de maneira significativa com o novo regime, alicerçadas basicamente no tripé: racionalização do espaço urbano, higiene e embelezamento. Salientando mais uma vez, a presente pesquisa pretende verificar a especificidade de Sorocaba nesse processo, e, em decorrência, procurar o momento em que tais propostas de modernização urbana, ligada à chamada primeira modernidade brasileira, alcança o seu esgotamento. Algo que, geralmente, não fica muito explícito nos trabalhos sobre o tema. A hipótese vem então com o fechamento da periodização aqui sugerida: o ano de 1943, que no contexto político local significa o término do segundo mandato de Nascimento Filho à frente da prefeitura da cidade. Um fechamento que pode apresentar um caráter móvel, pois, do ponto de vista institucional, essa modernidade urbana da *Belle Époque*, pensada como paradigma, se encerra com a publicação do Código de Obras em 1950, pondo termo às Codificações Municipais vigentes desde 1915. Assim, pretendemos demonstrar que, ao longo da década de 1930, numa

---

<sup>76</sup> *Cruzeiro do Sul*, Cidade sem Memória, 24/10/2005.

<sup>77</sup> ARIAS NETO, José Miguel. *Primeira República: economia cafeeira, urbanização e industrialização*. 2003; FREHSE, Fraya. *Entre o passado e o presente, entre a rua e a casa*. Op. cit. 1999.

cidade do interior do Estado, como Sorocaba, o aumento da complexidade urbana leva à necessidade de superação das políticas urbanas, aplicadas ou pensadas, no decorrer de todo o primeiro período republicano, em favor de outras abordagens de caráter mais orgânico e sistemático.

## Capítulo I: Representações da cidade: urbanização e industrialização.

“A lucta é a luz. Do suor do operario formam-se as cidades  
– das lagrimas do mendigo ergue-se o poema.

Benditos os que choram! Benditos os que soffrem! A vida  
encerra-se nesse eterno *miserere* e a dor é um tributo dos  
heroes! Sim! Porque o soffrimento é a história do coração  
e a dor a expressão dos ideaes supremos!

Ai dos que não choram! A chama do sentimento já não  
lhes illumina o espirito, são os depauperados da  
consciência! E tristes dos que não soffrem! Cadaveres  
ambulantes, caminham ao acaso, ou são levados pelo carro  
de Moloch...” Phocion

[O 15 de Novembro, 19/03/1899]

Primeiro de janeiro de 1890, o jornal *Diário de Sorocaba* pública seu editorial saudando o ano que se inicia, já sob os auspícios da República recém proclamada:

*Salve, 1890!*

*Como um caminheiro do futuro assenta elle a sua funda sobre um campo vasto onde há muita vida e muita cousa a fazer!*

*A vida industrial passando por todas as suas phases boas ou más, não dispensa o seu concurso activo para a realização de importantes commetimentos que não dependem de dias, mas de annos e até de séculos para a perfectibilidade completa da existência humana.*

*Venha pois com a continuidade da obra do passado tomar parte commoções elétricas do progresso, que se agita como revolvendo os elementos de uma vida nova que se inicia.*

*Não façamos o elogio fúnebre do anno que se despede, cercado de opprobrios de uns e bençams de todos: guardemos apenas uma veneração intima pelo grande centenário político da França e pelo raiar brilhante de uma nova era para o Brazil, nem formulemos previsões pelas esperanças que se aninham em nossos corações.*

*Não demos tempo ao tempo.*

*Seja a vida ativa e laboriosa do povo a melhor garantia do seu domínio, e façamos do trabalho honrado, exclusivamente do trabalho, as bases sobre que assente todo o edificio do futuro.*

*(...) Assim: ao saudar os nossos leitores pela feliz entrada de 1890, não podemos esquecer aquelle que nos deu o 15 de novembro, como 1831 o 7 de abril e 1888 o 13 de maio, datas gloriosas que sybthetisam a soberania popular; a energia de um povo, que começou a agir contra o servilismo aviltante que o degradava.*

*Animados, pois, pelas esperanças do futuro nos é grato exclamar como um cantigo que consagramos ao progresso:*

*Salve, 1890! Successor do glorioso 1889!<sup>1</sup>*

Esse editorial saiu da pena de Manuel Januário de Vasconcellos, um dos mais importantes jornalistas da história da imprensa sorocabana. Maneco Januário, como era conhecido na cidade, foi um republicano histórico, tendo aderido já em 1870 ao célebre manifesto de 1870. A atividade jornalística foi o meio que escolheu para exprimir seu ativismo político. Dessa forma, podemos compreender o tom otimista daquele editorial, lançando mão de expressões, tais como: “commoções elétricas do progresso”, “não dar tempo ao tempo”, além de referências ao primeiro centenário da Revolução Francesa. Trata-se de um cântico ao progresso, que a República prometia efetivar no país.

Uma das questões mais importantes nos primeiros meses do novo regime envolveu a

<sup>1</sup> *Diário de Sorocaba*, 01/01/1890.

reforma financeira concebida por Rui Barbosa, na qual, dentre outras medidas, procurou substituir “o lastro-ouro pelos títulos da dívida federal como lastro de emissões bancárias.”<sup>2</sup>

Essa reforma ficou conhecida como Encilhamento e foi documentada pelos escritores contemporâneos. Dentre eles, o monarquista Visconde de Taunay, cujo livro se tornou um importante registro histórico sobre a febre especulativa que tomou conta da capital federal bem como de todo o país. Ele apresenta o Encilhamento como

*uma espécie de redemoinho fatal, de Maelstrom oceânico, abismo insondável, vórtice de indômita possança e invencível empuxo a que iam convergir, em desapoderada carreira, presas, avassaladas, inconscientes no repentino arroubo, as fôrças vivas do Brasil, representadas por economias quase seculares e de todo o tempo cautelosas, hesitantes, de encontro a cujos vidros enquebráveis, convexos, se atiram, nas sombras da noite e nos vaivens da tempestade, grandes e misteriosas aves do oceano, para logo caírem malferidas, moribundas, ou sem vida e fulminadas sobre ásperos rochedos, na base das Tórres agigantadas.*<sup>3</sup>

Machado de Assis também deixou suas impressões sobre esses acontecimentos, descrevendo o suposto eldorado que tinha se transformado o Rio de Janeiro, onde se negociavam diariamente muitos milhares de contos de réis. “*Eram estradas de ferro, bancos, fábricas, minas, estaleiros, navegação, edificação, exportação, importação, ensaques, empréstimos, todas as uniões, todas as regiões, tudo o que esses nomes comportam e mais o que esqueceram. (...) Cada ação trazia a vida intensa e liberal, alguma vez imortal, que se multiplicava daquela outra vida com que a alma acolhe as religiões novas. Nasciam as ações a preço alto, mais numerosas que as antigas crias da escravidão, e com dividendos infinitos.*”<sup>4</sup>

Essas narrativas, apesar do forte teor crítico por parte de Taunay, parecem confirmar aquela “comoção elétrica” mencionada por Maneco Januário. E, provavelmente, esse frenesi não era algo percebido apenas na capital, uma vez que Sorocaba também se viu engolfada pelo Encilhamento.

Como escreve Aluísio de Almeida, o fenômeno foi registrado em Sorocaba,

<sup>2</sup> CRUZ COSTA, João. *Pequena história da República*. 1989, pp. 52-53.

<sup>3</sup> TAUNAY, Visconde de. *O Encilhamento*. [s.n.], pp. 17-18.

<sup>4</sup> ASSIS, Machado de. *Esau e Jacó*. 2002, p. 139.

especialmente através de Pierre Labourdenne, um estrangeiro que chegou à cidade por volta de 1888, e que poderia se encaixar perfeitamente no enredo elaborado por Taunay.

Labourdenne, ao longo de 1890, escreve artigos no *Diário de Sorocaba* defendendo a pujança da cidade. Por exemplo, em julho de 1890, publica um texto no jornal de Maneco Januário criticando aqueles que duvidam do progresso da cidade em função da falta de lavoura de café na região.

*Muitos espíritos inconscientes e em tanto retrógrados tem avançado que Sorocaba, devida á falta de lavoura de café, tinha sido pouco aquinhoada pela natureza, e que, difinitivamente, era uma pobre e decadente; como amigos e admiradores da elegante e faceira princeza do Sul, cumpre-nos dar immediatamente um desmentido formal a tam errôneas e infundadas asserções.*<sup>5</sup>

Labourdenne, neste mesmo ano, obtém junto à Intendência local diversos privilégios como a concessão para a construção de linha de bondes, telefones e até encanamento. Todas essas atividades são noticiadas com grande destaque pela imprensa local:

*A Intendência Municipal, em sessão de 14 do corrente, lavrou contrato com o dr. Pierre Labourdenne Saint Julia um contracto para a realização de um dos mais importantes melhoramentos a que poderíamos aspirar – a construção de linhas de bondes dentro do perímetro da cidade pelos subúrbios, e estabelecimento de linhas telephonicas. / Não é necessário ter grande penetração para comprehender á primeira vista o grande incremento que com isso vae tomar a nossa cidade e o valor que terão os terrenos até hoje desprovetados e que se prestam pela sua excellente posição ás mais commodas e hygienicas habitação.*<sup>6</sup>

Porém, todos esses projetos acabaram não se realizando e a cidade ainda teria que esperar alguns anos por esses melhoramentos. O fiasco teve até um episódio pitoresco protagonizado, é claro, por Labourdenne, quando este para não perder a concessão da construção das linhas de bondes, monta uma verdadeira *mise-en-scène*, simulando o início das obras e a colocação dos primeiros trilhos para os bondes. Apesar de não ficar claro, certamente tratava-se de um linha de bondes a tração animal. A imprensa local, sem suspeitar

<sup>5</sup> *Diário de Sorocaba*, 17/07/1890.

<sup>6</sup> *Diário de Sorocaba*, 17/10/1890.

de nada, registrava o episódio:

*Ante hontem, as 9 horas da manhã, o dr. Pierre Labourdenne de Saint Julian, concessionário das linhas de bondes, neste município, procedeu á inauguração das mesmas começando pelo fim da rua do Hospital [atual Álvaro Soares], em frente á oficina da Sorocabana, o assentamento de trilhos, cujo primeiro cravo, foi batido pelo sr. Tenente João Batista Fontoura, vice presidente em exercício da presidência da Intendência Municipal, colocando-se também nessa ocasião o primeiro poste da linha telefônica.*

*Achavam-se presentes muitos cavalheiros e o trabalho foi dirigido pelo hábil engenheiro dr. Ernesto Rodrigues Chaves, Presidente da Cooperativa de Industria e Comercio.*

*A bitola adaptada para os bondes é de um metro entre trilhos, o que trará, já para a condução de cargas, já para a de passageiros, grandes vantagens e comodidades.*

*Disse-nos, o sr. Dr. Labourdenne que já estão dadas as providencias para que continuem as obras no maior curto praso.*

*Finda a cerimônia, o sr, dr. Labourdenne fez servir aos seus convidados um laito e bem servido almoço no conhecido Hotel Brasileiro, manifestando-se então mais uma vez a sincera e franca jovialidade de caracter daquele amável cavalheiro.*

*Ao champanhe ergueram-se diversos brindes, entre os quais do diretor desta folha ao sr. Labourdenne pelo progresso desta cidade.*

*(...) Concluindo, felicitamos ao ilustre concessionário, fazendo votos pela prosperidade da empreza, que será também a de Sorocaba.<sup>7</sup>*

Como se pode depreender, Labourdenne engabelou não apenas o redator do *Diário* como também autoridades gradas da cidade. Não é sem razão que o historiador Aluísio de Almeida arremate todo o ocorrido de maneira irônica: “e houve gente para tomar um regabofe com ele.”<sup>8</sup>

Interessante notar a defesa que o jornal de Maneco Januário faz em favor de toda essa movimentação de capitais e construção de novas empresas que marcaram o período do Encilhamento. Em julho de 1890, num artigo de fundo intitulado “Emprego de capitais”, um colaborador do jornal pondera a opinião daqueles que criticam a “febre de emprezas” e pedem mais prudência, mas coloca:

*Até quando nos está reservada a posição de expectativa que, por demorada, torna-se ridícula? O Brazil já não é um paiz de hontem; depois o conjuncto*

<sup>7</sup> *Diário de Sorocaba*, 12/07/1891. Apud: GASPAR, Antonio Francisco. *Sorocaba de ontem: crônicas da cidade*. 1954. pp. 225-226.

<sup>8</sup> ALMEIDA, Aluísio. *História de Sorocaba. Folha Popular*, 01/04/1954.

*de acontecimentos dos últimos tempos, e sobre tudo o golpe decisivo mudou os destinos da pátria, mostram claramente que já não vivemos nos tempos em que as responsabilidades contrahidas por partes interessados, não passavam de meras ficções para caçar o comprometimento de uns em proveito de outros.” Sem exagerar no excesso de otimismo, o articulista, salienta que se tratava de uma nova era que se abria a todas as atividades, mas especificamente das indústrias. Assim, “Derivada, pois, de um acontecimento ainda maior, a evolução da indústria, do trabalho e da iniciativa, que actualmente se nota, não é mais que a reacção contra a inactividade em que sempre sepultou-se uma nação tam rica de elementos de vida e prosperidade.”<sup>9</sup>*

A historiografia sobre o tema tem, geralmente, seguido o retrato elaborado por Taunay: um momento pautado exclusivamente pela febre especulativa e crédito fácil que não poderia durar e não durou; tendo a sua *débâcle* provocado a ruína financeira da nação.<sup>10</sup>

No entanto, algumas pesquisas, sem negar esses aspectos deletérios acarretados pelo Encilhamento, procuram destacar também os aspectos efetivamente positivos trazidos pela política financeira de Rui Barbosa. Talvez o primeiro trabalho a apresentar uma perspectiva mais nuançada do período foi o de Stanley Stein, sobre o desenvolvimento da indústria têxtil no Brasil. Para esse historiador, apesar dos excessos especulativos, o *boom* provocado por essa política financeira desencadeou uma situação que não pôde mais ser contida, representando, dessa forma, “uma tentativa de romper com o lento, conservador e rotineiro passado agrícola, simbolizado pelo Império, para dar vazão à “verdadeira energia americana”. A indústria democrática apontava o caminho da modernização e revitalização do país.”<sup>11</sup>

Segundo Stein, os contemporâneos apontaram a década de 1890 como um período de grande expansão da indústria têxtil algodoeira.<sup>12</sup> Portanto, esse período não se resumiu apenas

<sup>9</sup> *Diário de Sorocaba*, 19/07/1890;

<sup>10</sup> PRADO JUNIOR, Caio. *História econômica do Brasil*. 1977, pp. 219-220.

<sup>11</sup> STEIN, Stanley J. *Origens e evolução da indústria têxtil no Brasil – 1850-/1950*. 1979, p. 97.

<sup>12</sup> Wilson Suzigan em seu estudo sobre a indústria brasileira, aponta o período do Encilhamento como um dos mais controvertidos no âmbito da historiografia econômica brasileira, ao lado do período da Primeira Guerra Mundial e dos anos da crise do café e da Grande Depressão da década de 1930. Suas pesquisas a respeito do Encilhamento e da gênese do capital industrial convergem com as análises originais de Stein. “De fato, há evidência segura de que o investimento industrial aumentou substancialmente durante o Encilhamento (...) Algumas das maiores empresas industriais brasileiras de todos os tempos foram fundadas durante o Encilhamento.” SUZIGAN, Wilson. *Indústria brasileira – origem e desenvolvimento*. 2000, pp. 50-51.

a empresas fictícias que não saíram do papel e personagens como Pierre Labourdenne. No contexto sorocabano, essa política acabou configurando-se como fundamental para o impulso industrial da cidade. Com efeito, grandes fábricas foram fundadas na cidade, justamente no ano de 1890. A fábrica de tecidos Votorantim, a fábrica Santa Rosália e a fábrica Santa Maria, esta começando a operar em fins de 1896. Um ano após a sua fundação, a Votorantim foi ampliada com a estamperia.<sup>13</sup>

Diante disso, podemos compreender melhor a defesa daquela política financeira por parte de um jornal como o *Diário de Sorocaba* que, por sua vez, expressava os anseios de boa parte da burguesia local que buscava há muito tempo, como veremos adiante, uma diversificação das atividades econômicas da cidade.

Por conseguinte, durante o último decênio do século XIX, já estava clara a preeminência da atividade industrial em Sorocaba. E não por coincidência começam a aparecer as primeiras referências da cidade como uma espécie de Manchester brasileira ou paulista.<sup>14</sup>

Provavelmente, a primeira menção nesse sentido aparece na imprensa local em março de 1895, através de uma série de textos intitulados “Viagem a Sorocaba”, escritos por Napoleão Baldy. Trata-se do relato das impressões colhidas por Baldy em sua visita a Sorocaba. Já na introdução do seu trabalho ele escreve: “*Embora, não seja uma obra o que escrevo, contudo, no meu trabalho, trata-se de um município importante, de uma florescente cidade,*

---

<sup>13</sup> SILVA, Paulo Celso da. *De novelo de linha a Manchester Paulista – Fábrica têxtil e cotidiano no início do século em Sorocaba*. 1995, p. 72.

<sup>14</sup> É importante salientar que o título de Manchester brasileira não foi exclusivo de Sorocaba. A comparação com a famosa cidade industrial da Inglaterra, ao que parece, estava presente no imaginário de toda a cidade brasileira que passava por um processo de industrialização, particularmente pela instalação de fábricas têxteis. É o caso de Salto, quando inaugurou a sua primeira fábrica de tecidos, em 1875. Nessa época a localidade era um bairro pertencente à cidade de Itu, interior de São Paulo. Desde a instalação dessa fábrica “tanto os jornais ituanos como os de São Paulo previam sua transformação numa pequena “Manchester Paulista”. ZEUINI, Anicleide. *O quintal da fábrica: a industrialização pioneira do interior paulista Salto – SP, séculos XIX e XX*. 2004, p. 89. Outra cidade a ganhar tal cognome foi Juiz de Fora, graças à instalação de uma grande fábrica têxtil, em 1898. HARDMAN, Francisco e LEONARDI, Victor. *História da indústria e do trabalho no Brasil (das origens aos anos vinte)*. 1991, pp. 127-128.

*a Manchester do Estado de São Paulo, não sendo de admirar que tenha uma introdução.*<sup>15</sup>

Baldy descreve as fábricas e o comércio de Sorocaba relacionando-os com o crescimento da cidade: “*Que de evoluções para o futuro, que de movimento, que de acumulação de indústrias, que de materia prima, de que resultará excessivo augmento á cidade.*”<sup>16</sup>

No ano seguinte, o jornal *O 15 de Novembro* intitula com a expressão *Sorocaba Manchester*, uma nota sobre a instalação de uma fábrica de calçados movida a vapor, na cidade. O texto termina da seguinte maneira: “*De nossa parte, damos parabéns ao nosso amigo Grandino [Francisco Grandino, capitalista, dono da fábrica], e a Sorocaba, por vermos que a nossa cidade há de, com razão, ser Manchester do Estado de São Paulo.*”<sup>17</sup>

Essa relação, como se nota, já “estava no ar” fervilhando a imaginação da burguesia local, camadas médias e dirigentes políticos da cidade, durante toda a década de 1890. No entanto, como estamos pensando essa expressão a partir do conceito de representação, ou seja, procurando apreender e historicizar o termo a partir das significações simbólicas que ele encerra, o batismo da cidade como Manchester brasileira e/ou paulista possui data definida. Ele surgiu com toda a pompa e circunstância através do discurso de Alfredo Maia, à época superintendente da Estrada de Ferro Sorocabana.

Na sua edição do dia 5 de janeiro de 1905, o jornal *O 15 de Novembro* anunciava a inauguração dos trabalhos para a construção de uma grande usina hidroelétrica, junto à cachoeira do salto de Itupararanga. Tal obra seria executada pela Empresa Elétrica de Sorocaba, tendo à sua frente Bernardo Lichtenfels Júnior, um dos grandes capitalistas da cidade.<sup>18</sup>

Mas o realce maior é dado à visita de Alfredo Maia, superintendente de Estrada de Ferro Sorocabana. A burguesia sorocabana tecia os mais rasgados elogios ao superintendente

<sup>15</sup> *O 15 de Novembro*, 07/03/1895.

<sup>16</sup> *O 15 de Novembro*, 28/03/1895.

<sup>17</sup> *O 15 de Novembro*, 09/07/1896.

<sup>18</sup> *O 15 de Novembro*, 05/01/1905.

em função de sua administração ter recuperado financeiramente a Sorocabana. A própria nota do jornal ratifica mais uma vez esse fato. *“Quem de viso presenciou a febre de destruição e de ruína, de loucura e de vandalismo que assolou a futura empresa de viação sul paulista; quem contemplou de perto o estrago e desbarato, o desmantelamento a que chegaram suas linhas devido á insânia casada á inépcia de uma diretoria tresloucada; quem, finalmente, se viu em pouco tempo reerguer-se do seu abatimento de morte, revigorar-se, sob o influxo fecundo de uma administração sabia, sensata, inteligente, não póde com justiça deixar de prestar ao nosso illustre hospede o tributo de suas homenagens.”*<sup>19</sup>

Alguns dias depois, o jornal *O 15 de Novembro* noticia com grande destaque os festejos.

*Apesar da impertinente chuva que cahiu até as três horas da tarde, tiveram grande brilhantismo, escedendo mesmo a expectativa geral, as festas realizadas nesta cidade, na ultima quinta feira, pela Empresa Electrica Sorocaba, solemnisando a inauguração dos seus trabalhos e em homenagem ao benemérito superintendente da Sorocabana dr. Alfredo Maia.*

A cidade engalanou-se toda para receber o superintendente da Sorocabana. Às seis horas da tarde, vindo do Itupararanga, chega o trem à estação. Maia e sua comitiva *“foram recebidos entre vivas entusiasticos, sob as notas vibrantes do hymno nacional executado pelas bandas musicais além do espoucar de innumeros foguetes e uma bateria de 21 tiros.”* Após os cumprimentos a comitiva dirigiu-se ao *“grande Hotel do Vicente.”*

*Chegando ao Hotel o préstito, usou da palavra, em eloqüente improviso, em nome do povo, o nosso ilustrado collaborado major França Junior que saudou no sr. Dr. Alfredo Maia, o cidadão distincto, brasileiro illustre, o administrador justo e esforçado que tomando a Sorocabana em estado de ruína, conseguiu fazer della verdadeiro instrumento do progresso. O discurso do festejado, abundante de felizes expressões, agradou muito, sendo suas ultimas palavras cobertas de estrepitosos applausos.*

<sup>19</sup> Idem. Para se ter uma idéia da irritação dos sorocabanos com relação ao antecessor de Alfredo Maia, quando da sua demissão organizou-se uma festa na cidade. É o que indica o seguinte panfleto: *“Convida-se a população sorocabana para reunir-se hoje ás 7 horas da noite no largo da Matriz, em frente ao Club Aymorés, onde será organizado um prestito que percorrerá as principais ruas da cidade, manifestando, o seu regosijo pela demissão do presidente da Companhia Sorocaba, Casemiro da Costa, que tanto mal fez a esta terra e a zona Sul-Paulista. / Para commemorar este feliz acontecimento, pede-se ao povo illuminar a frente das casas, e ao commercio fechar suas casas de negócios. Viva o governo de S. Paulo! Viva o Dr. Bernardino de Campos! Sorocaba, 22-VIII-902. A comissão de festejos.”* Acervo Gabinete de Leitura Sorocabano.

Em seguida toma a palavra o próprio Alfredo Maia, agradecido e comovido pela “significativa manifestação que fazia o povo desta terra que é o berço da Estrada de Ferro Sorocabana. E passando a referir-se ao desenvolvimento da futura via férrea, afirmou o illustre orador que dentro de não muitos annos, ligada a Matto Grosso, ao Prata, ao Paraguay, será ella a primeira do Brasil. E quando tiver attingido a esse desenvolvimento, quando tudo isso se realizar, disse o orador, Sorocaba será a **Manchester brasileira** (grifo nosso). E não é isso exagero: a um povo intelligente emprehendedor e generoso como o sorocabano, disse o sr. dr. Maia, pode-se augurar um brilhante futuro. Terminou o illustre manifestado seu discurso entre entusiasticos applausos, saudando a grandeza, o futuro, a gloria de Sorocaba.”<sup>20</sup>

O jornal *Cruzeiro do Sul*, que na época fazia oposição ao poder executivo da cidade, relatou o evento sem os mesmos arroubos do *O 15 de Novembro*, situacionista. Assim, segundo o *Cruzeiro*, para que a cidade pudesse de fato considerar-se a “Manchester Brasileira”, seria necessário “*um sublime esforço, uma lucta insana.*”<sup>21</sup>

Eis o famoso discurso, ou melhor, a célebre relação com a cidade industrial inglesa, que agradou tanto a burguesia e os dirigentes políticos da cidade. Uma vez que o conteúdo da fala do superintendente, destacando a perspectiva da expansão das linhas da Sorocabana até o Mato Grosso, o Prata e o Paraguai, sofre um rápido deslocamento de sentido. Se o foco da comparação com a famosa cidade industrial inglesa era a o progresso da estrada de ferro, já num primeiro momento, a expressão passa a ser utilizada em menção ao parque industrial têxtil da cidade. Assim, escreve o articulista do *Cruzeiro*: “*Fizemos a Sorocabana, agora transformemos nossa cidade em centro industrial de maior importância do Estado. / Às outras cidades servidas pela Sorocabana deixemos a lavoura. À Sorocaba reservemos a indústria.*”<sup>22</sup>

Desse modo, o discurso proferido, além de ter sido prontamente encampado pela burguesia local, foi em sua apropriação gradativamente perdendo sua relação com a Estrada

<sup>20</sup> *O 15 de Novembro*, 10/01/1905.

<sup>21</sup> *Cruzeiro do Sul*, 11/01/1905.

<sup>22</sup> Idem.

de Ferro, apesar da sua importância para a efetivação desse processo, passando a expressão a relacionar-se quase que exclusivamente com o desenvolvimento da indústria têxtil na cidade. Além disso, a expressão Manchester brasileira é definitivamente trocada pela mais modesta Manchester Paulista. A partir de então, tal imagem simbólica será reproduzida e reelaborada ao longo de todo o século XX, tendo sempre o episódio de 1905 como seu marco fundador.

Sem dúvida aqueles anos iniciais do século XX foram auspiciosos para o crescimento econômico da cidade. O adensamento industrial do início da década de 1890, sofreu um certo refluxo durante os anos de 1897 e 1904, por conta de instabilidades no cenário internacional, bem como pela crise de superprodução do complexo exportador cafeeiro (significando a baixa nos preços do café), e da difícil situação financeira do Estado brasileiro. Contudo, a partir de 1905, o ritmo de crescimento é retomado.<sup>23</sup>

Somado a isso, a cidade também sofreu com a eclosão de duas epidemias de febre amarela, em 1897 e 1900, que, além das mortes, praticamente paralisou suas atividades comerciais e industriais. Mas, segundo matéria publicada na imprensa sorocabana no início de 1903, já no ano anterior o panorama começava a modificar-se favoravelmente para a indústria nacional. Assim, em Sorocaba, reabriu-se uma antiga e tradicional fábrica de chapéus, sob nova direção, uma nova fábrica de bebidas é inaugurada, a fábrica de tecidos Santa Maria retoma suas atividades, tendo, inclusive, encomendado novos equipamentos que já se encontravam no porto de Santos. Além disso, o Banco União, proprietário da indústria de estampanaria e chitas Votorantim, firma contrato para a construção de um grande edifício, onde seriam instaladas máquinas de fiação e tecelagem, o que a tornaria o maior estabelecimento do gênero na América Latina. Por tudo isso escreve o autor da reportagem: *“As nossas indústrias aparecem, pois, novamente prosperas, novamente recompensadas; e o bom êxito que os productos da industria sorocabana encontram nos principais mercados, nos faz suppor, com justa*

---

<sup>23</sup> ARIAS NETO, José Miguel. *Primeira República: economia cafeeira, urbanização e industrialização*. 2003, pp. 216-217. MELO, João Manuel Cardoso de. *O capitalismo tardio*. 1984, pp. 133 e 140.

*razão, que, brevemente a nossa cidade saberá attrair sobre si a atenção de homens de iniciativa e de negócios que desejem empregar capitaes avultados em outras industrias rendosas, mas que entre nós, ainda não estão exploradas.*”<sup>24</sup>

Em 1904, a revista *São Paulo Illustrado*, numa edição especial sobre a cidade de Sorocaba, salienta o clima de otimismo, escrevendo na apresentação do número: “*Sorocaba merece hoje nossa homenagem. É uma cidade histórica, progressista, industrial, é a terra essencialmente trabalhadora, uma colméia em atividade constante.*”<sup>25</sup> A reportagem visita as principais fábricas da cidade, constatando *in situ* seu desenvolvimento econômico.

No primeiro dia de 1905, o jornal *O 15 de Novembro* publica um texto revelador, intitulado: “*Uma nova era:*

*Não foi vasio dos acontecimentos que influem poderosamente para fazer a história da humanidade, o anno que hontem findou.*

*Ao lado da demonstração do que fizeram em um decennio as sciencias, as artes, a agricultura e a industria e o commercio – verdadeiros factores do progresso e da civilização, a desdobrarem-se além, no outro hemispheiro, os campos de batalha cheios de sangue e de cadáveres, feriram-se as batalhas mais espantosas de que se tem notícia na história contemporânea, e escreveram-se mais algumas páginas negras em que a humanidade do futuro há de ler envergonhada os crimes que commetteu contra si mesma.*

*A Exposição Universal de S. Luiz, a que ocorreu o Brasil, congregou na capital da Luisiana muitos dos homens que trabalham afincadamente para o desenvolvimento da civilização e foi de alguma sorte o ponto de encontro do mundo todo.*

*Alli appareceu o Brasil aos olhos sorprendidos dos visitantes da exposição como o paiz grandioso, capaz de um futuro brilhante; alli revelamos aos olhos cupidos dos que buscam riquezas, os minerais que o solo de nossa pátria guarda para os homens, emprehendedores que os souberem tirar; alli expuzemos o producto de nossas industrias e a matéria prima de que dispomos para que ellas a elaborem.*

*Aquella exposição, que foi para os espíritos levianos apenas uma diversão e um espectáculo foi de facto o balanço da civilização moderna.*

*Para o Brasil, ella há de ter conseqüências de extraordinária importancia. Vão com certeza encaminhar se para cá os capitais, e os braços e a intelligencia dos que se encarregaram de reclamar á natureza tudo o que a humanidade necessita, e assumiram a grave responsabilidade de prover ás necessidades de todo o globo.*

*Com elles, novas idéias, novos methodos, hão de aqui implantar se para fructificarem abundantemente na proverbial versatilidade de que é dotada a intelligencia dos brasileiros.*

*O jacobinsimo e a especulação dos que perturbam as boas relações entre os*

<sup>24</sup> *O 15 de Novembro*, 08/01/1903.

<sup>25</sup> *S Paulo Illustrado*, Anno II, abril de 1904, nº24.

*povos, não hão de porcerto conseguir afugentar daqui essa nova era de prosperidade que já se anuncia no início de novas estradas de ferro e na febril ansiedade com que se procura aproveitar as nossas riquezas naturais. (...)*<sup>26</sup>

Essa matéria, publicada às vésperas do famoso episódio em Itupararanga, dá uma dimensão do estado de ânimo que, certamente, acometia boa parte dos dirigentes políticos e econômicos da cidade. O texto é carregado de imagens e expressões que podem ser relacionadas à modernidade: “progresso”, “civilização”, “desenvolvimento”, “domínio da natureza”, “ansiedade febril”. Amaral Lapa, em sua pesquisa sobre a cidade de Campinas, na segunda metade do século XIX, ao analisar esse processo de transformações, mostra que o vocábulo modernidade ainda não é utilizado “na fala e no discurso dos agentes locais”, e não poderia se esperar outra coisa, uma vez que é naquele período que o termo está em gestação na Europa. Porém, são empregados outros termos, cujo significado “guarda aproximações e identidades com que possamos reconhecer como moderno na época.” “Nesse sentido, são as palavras civilização e progresso e os seus conceitos que contêm o universo mágico que se avizinha.”<sup>27</sup> Podemos pensar também o termo – representação “Manchester Paulista”, como uma imagem síntese, especialmente na perspectiva da inteligência local que, de certa forma, amalgama todos esses significantes relacionados à modernidade.

Interessante notar que o texto, não permeado apenas por um cenário otimista, mencionando as guerras sangrentas que estavam ocorrendo, no entanto, mesmo essa referência pode ser tomada como sendo parte constituinte das ambivalências e contradições daquele momento histórico. A menção à Exposição Universal ocorrida em 1904, em Saint Louis, é significativa, pois, certamente, nada representava melhor a ideologia da civilização burguesa, elaborando desde 1851, quando da primeira exibição, em Londres, “santuários destinados ao fetiche-mercadoria”. Sobre as Exposições escreve Foot Hardman: “Os catálogos

<sup>26</sup> O 15 de Novembro, 01/01/1905.

<sup>27</sup> LAPA, José Roberto do Amaral. *A cidade – os cantos e os antros – Campinas: 1850-1950*. 1996, pp. 18-19.

e relatórios desses eventos iluminavam de forma ímpar vários aspectos do otimismo progressista que impregnava a atmosfera da sociedade burguesa em formação. Encontram-se ali expostos o ideal obsessivo do saber enciclopédico e o não menos conhecido europocentrismo, garbosamente fantasiado de cosmopolitismo liberal e altruísta.”<sup>28</sup> Esse otimismo exultante está relacionado à expansão planetária do capitalismo e à sua defesa do livre-cambismo. Acreditava-se na paz entre as nações e no fascínio pelas inovações tecnológicas e pela industrialização. As exposições eram o momento fulgurante de exibição desse estado de coisas. Além disso, alguns contemporâneos à era de ouro desse eventos, os consideravam “as únicas festas genuinamente modernas.” Walter Benjamin ainda coloca: “As exposições foram a escola superior na qual as massas excluídas do consumo aprenderam a empatia pelo valor de troca.” Nesse sentido, continua o pensador alemão, “A indústria do entretenimento refina e multiplica as variedades do comportamento reativo das massas. Ela as prepara, assim, para serem adestradas pelo reclame.”<sup>29</sup>

O Brasil republicano não poderia ficar à margem desse espetáculo internacional e, particularmente, uma cidade como Sorocaba, que procurava há algumas décadas assentar seu desenvolvimento econômico na indústria têxtil. Era preciso trazer para o país os capitais e os braços que se “*encarregariam de reclamar á natureza tudo o que a humanidade necessita.*”

E de fato, desde 1903 a imprensa local noticiava os preparativos do país para a “Exposição Universal de S. Luiz”. Primeiramente a diretoria da *Sociedade Paulista de Agricultura, Commercio e Industria* comunica os esforços do governo do Estado de São Paulo na preparação de uma exposição preparatória.<sup>30</sup> Em seguida, forma-se uma comissão na cidade visando a realização de uma exposição municipal dos produtos que deveriam ser enviados para São Paulo e dali para S. Louis. A comissão reúne-se no Gabinete de Leitura

<sup>28</sup> HARDMAN, Francisco Foot. *Trem Fantasma – a modernidade na selva*. 1988, p. 50.

<sup>29</sup> BENJAMIN, Walter. *Passagens*. 2006, p. 236.

<sup>30</sup> *O 15 de Novembro*, 14/10/1903.

Sorocabano e era formada por políticos e industriais da cidade. Nomes, diga-se de passagem, de alta relevância na cidade, tais como, Arthur Gomes, Manoel José da Fonseca, Nogueira Martins, Ferreira Braga [Braguinha] e José de Barros.<sup>31</sup>

Diante desse contexto, o historiador Arnaldo Pinto Jr. aponta o período entre 1903 e 1914 como “uma fase de aceleração das transformações nos meios urbano e social”<sup>32</sup>, em virtude da superação das epidemias e das perspectivas de crescimento econômico da cidade. Tem-se, assim, a constituição de um cenário tanto externo como interno favorável para a cidade.

Portanto, podemos compreender a empolgação trazida pela perspectiva da construção de uma usina hidroelétrica, uma vez que essa supriria a crescente demanda de força motriz por parte das indústrias em expansão, além de se constituir numa forma de energia “muito mais barata e segura que o uso direto da água e as dispendiosas máquinas a vapor utilizando carvão.”<sup>33</sup>

É importante salientar que melhoramentos como força e luz, abastecimento de água e canalização de esgotos, representavam uma nova concepção do espaço urbano que não se inicia com a República, remontando, mais precisamente, às últimas décadas do Império.

Numa perspectiva mais ampla, essas novas idéias podem ser relacionadas às transformações que passam a ocorrer no país ao longo da segunda metade do século XIX; fatos como o fim do tráfico de escravos, a nova política tarifária, a lei de terras, a expansão da lavoura cafeeira, gerando capitais para o país, bem como a introdução de novas técnicas e serviços como o telégrafo, a navegação a vapor, a ferrovia e as primeiras tentativas mais sistemáticas de instalação de manufaturas, representam uma maior inserção do país nos fluxos da modernidade do século XIX, ou seja, da expansão do capitalismo internacional. Esses

---

<sup>31</sup> *O 15 de Novembro, 29/10/1903.*

<sup>32</sup> PINTO JUNIOR, Arnaldo. *A invenção da Manchester Paulista: embates culturais em Sorocaba (1903-1914)*. 2003, p. 4.

<sup>33</sup> STEIN, Stanley J. *Origens e evolução da indústria têxtil no Brasil*. Op. cit., p. 108.

fatores proporcionam um aumento, ainda que incipiente, do mercado interno que, por sua vez, repercutirá positivamente no desenvolvimento urbano das cidades.<sup>34</sup>

Com isso, as novas concepções sobre como deveria ser o ordenamento urbano começam a vicejar de forma mais significativa, inclusive em algumas cidades do interior. Especialmente, a partir da década de 1870, os segmentos dirigentes e as camadas médias (advogados, médicos e jornalistas) do país passam a se pautar por um discurso modernizador que significa, grosso modo, ser republicano, abolicionista, defender a imigração européia, apoiar as inovações tecnológicas, a maior laicização da sociedade e um uso mais racional e higiênico da cidade.

Em suma, a cidade moderna deveria se pautar pelos preceitos de circulação / racionalização, higiene e estética (aformoseamento), esse modelo tomava como referência, fundamentalmente, as reformas urbanas realizadas na Europa durante o século XIX, em particular aquelas implantadas no período de Napoleão III em Paris, especificamente entre 1853 e 1869, reformas essas comandadas pelo prefeito Barão de Haussmann, a quem foi concedido plenos poderes para transformar radicalmente o cenário urbano. Os propósitos explícitos e / ou implícitos dessas reformas levadas a efeito pelos segmentos dominantes do país, quer dizer, a burguesia, estavam relacionados com o estabelecimento de uma malha urbana que propiciasse formas mais eficientes de controle social e, ligado a isso, segregação espacial, expulsando as classes populares do centro nobre da cidade, além da ampliação dos espaços de circulação de pessoas e mercadorias.

Estabelecia-se, dessa forma, um modelo de remodelação urbana, no qual a cidade se configurava como um *locus*, por excelência, da civilização e da modernidade.<sup>35</sup> Tal paradigma

<sup>34</sup> Sobre esse contexto escreve Caio Prado Jr.: “a antiga colônia segregada e vegetando na mediocridade do isolamento, se moderniza e se esforça por sincronizar sua atividade com a do mundo capitalista contemporâneo.” *História econômica do Brasil*. Op. cit., p. 195. Ver também: GRAHAM, Richard. *Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil*. 1973; COSTA, Emilia Viotti. *Urbanização no Brasil no século XIX*. In: *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. 1977, pp. 193-194; SODRÉ, Nelson Werneck. *História da burguesia brasileira*. 1976, pp. 108-117.

<sup>35</sup> LEFEBVRE, Henri. *O pensamento marxista e a cidade*. 1972, p. 33.

se espraia pelo mundo Ocidental e chega ao Brasil, influenciando, por exemplo, as reformas ocorridas no Rio de Janeiro e em São Paulo. Não sendo demais dizer que os futuros prefeitos dessas duas cidades, quando de suas remodelações, respectivamente Pereira Passos e Antônio Prado, presenciaram *in loco*, as obras realizadas na capital francesa. A partir daí uma questão pertinente que se coloca é pensar “de que maneira as concepções européias de reforma urbana vão ser apropriadas e relidas (...)”<sup>36</sup> no contexto do desenvolvimento urbano das cidades brasileiras. E daí a pertinência de estudos particulares sobre esse tema para as cidades do interior, nas diferentes perspectivas que ele comporta. A pesquisa empírica pode mostrar que as generalizações efetuadas para as grandes cidades, por vezes não dá conta do processo de transformações urbanas ocorridas nessas cidades, com todas as suas especificidades.<sup>37</sup> Inclusive, pode-se apreender um roteiro interessante de influências e apropriações. Por exemplo, quando os jornais sorocabanos comparam a urbanização da cidade com outras do Estado, como Botucatu e Campinas, usando a situação desses municípios como modelos para uma série de “melhoramentos” que poderiam e deveriam ocorrer em Sorocaba.<sup>38</sup>

No caso de Sorocaba, as mais recentes pesquisas têm indicado que esse discurso modernizante é encampado por setores influentes e representativos da cidade. Estes, portanto, começam a encarar o tradicional comércio de muares como um empecilho aos melhoramentos de que a cidade necessita.<sup>39</sup> Tal fato não se dá sem tensões uma vez que a maior parte da

<sup>36</sup> MENDONÇA, Robson Pereira. *Washington Luis e a modernização de Batatais*. 2005, p. 27.

<sup>37</sup> Sobre essa questão ver: FOLLIS, Fransérgio. *Modernização urbana na Belle Époque paulista*. Op. cit., pp. 16-17.

<sup>38</sup> *Cruzeiro do Sul*, 13/12/1912 e *Diário de Sorocaba*, 21/01/1914. Ainda sobre essas influências e reapropriações, pode-se mencionar a comparação com Buenos Aires, uma perturbação constante na imaginação das elites republicanas, e por isso mesmo, nos diz muito dos propósitos das reformas que ocorrem no período. Aqui, nada melhor que dar a palavra para um dos críticos mais ferozes do novo regime que se instalou em 1889 no país, Lima Barreto, que sempre fez questão de colocar o dedo na ferida: “A obsessão de Buenos Aires sempre nos perturbou o julgamento das coisas. / A grande cidade do Prata tem um milhão de habitantes; a capital argentina tem longas ruas retas; a capital argentina não tem pretos; portanto, meus senhores, o Rio de Janeiro, cortado de montanhas, deve ter largas ruas retas; o Rio de Janeiro, num país de três ou quatro grandes cidades, precisa ter um milhão; o Rio de Janeiro, capital de um país que recebeu durante quase três séculos milhões de pretos, não deve ter pretos.” BARRETO, Lima. *Vida urbana*, 26/01/1915. *Crônicas Escolhidas*. 1995, pp. 95-97.

<sup>39</sup> Esses setores especificamente ligados a um projeto liberal, que se tornou ainda mais ativo com a formação do núcleo republicano em 1873, não se cansavam de apontar para os entraves causados pela feira no que dizia respeito aos melhoramentos urbanos na cidade, como calçamento, iluminação e abastecimento de água.

arrecadação de impostos e da movimentação comercial da cidade ainda se dava em função do comércio de animais. Há um desejo de diversificação econômica, dada a fragilidade de uma economia exclusivamente dependente do comércio de animais. Na década de 1860 ocorre a expansão da cultura do algodão, incentivada pela paralisação do mercado norte-americano em decorrência da Guerra da Secessão. Em 1875 é inaugurada a Estrada de Ferro Sorocabana, visando estimular ainda mais a produção e exportação do algodão. Entretanto, já em meados da década, os Estados Unidos retomam sua produção e a lavoura entra em crise; nesse momento o comércio de muares já não era satisfatório tanto do ponto de vista econômico quanto das novas orientações urbanas, pautadas pelos preceitos estéticos e de salubridade. A ferrovia é inaugurada num momento de incertezas, uma das saídas encontradas passa a ser o desenvolvimento da indústria têxtil.<sup>40</sup>

Um editorial redigido pelo escritor Júlio Ribeiro, poucos dias antes da inauguração da Sorocabana, deixa patente tal preocupação.<sup>41</sup> Ribeiro reclama dos pesados encargos que se abatem sobre a lavoura algodoeira. Uma alternativa seria justamente o estabelecimento de manufaturas, o que daria real valor à matéria prima e desenvolveria a produção. E, nesse sentido, escreve: “*Sorocaba acha-se nas mais lisonjeiras circunstancias de possuir uma manufatura de tecidos de primeira ordem, que possa rivalisar com qualquer império, e talvez até com as boas da Europa ou dos Estados Unidos.*”<sup>42</sup>

As condições eram realmente favoráveis, como escreve o autor de *Padre Belchior de*

---

Portanto, “o trânsito de animais, além de desgastar as ruas do centro da cidade, era uma ameaça à salubridade pública, dentre outros motivos, pelo uso que os tropeiros tinham de fazer do rio Sorocaba. O comércio de animais também foi colocado como um entrave ao desenvolvimento da cultura de algodão e visto como fonte de desordens, gerando o aumento dos jogos com apostas e prostituição e dos roubos, assaltos e crimes.” CHIOVITTI, Nanci. *Discursos do progresso: Sorocaba e o fim da feira de muares*. 2003, pp. 120-121.

<sup>40</sup> BADDINI, Cássia. *Sorocaba no império – comércio de animais e desenvolvimento urbano*. Op. cit.; CHIOVITTI, Nanci. Op. cit.; CANABRAVA, Alice. *O algodão em São Paulo – 1861-1875*. 1990, p. 274.

<sup>41</sup> O jornal se chamava *Gazeta Commercial* e seu dono era exatamente Matheus Maylasky, um dos grandes capitalistas da cidade, envolvido com os negócios do algodão e também comércio de muares, tendo sido o presidente da Companhia Sorocabana. Assim, Maylasky funda o jornal para defender a sua liderança frente à Companhia. Para isso não poupa esforços e muito menos dinheiro, adquirindo no Rio de Janeiro um moderno prelo Alouzet e chamando para a redação do jornal o escritor Júlio Ribeiro. ALMEIDA, Aluísio de. *Sorocaba...* Op. cit., pp. 297-298.

<sup>42</sup> *Gazeta Commercial*, 04/07/1875.

*Pontes*, a cidade era uma das grandes produtoras de algodão, havia considerável disponibilidade de recursos hídricos e quedas d'água – as potencialidades do salto de Itupararanga em Votorantim, a poucos quilômetros da cidade, já eram sobejamente conhecidas, e, além disso, com a Estrada de Ferro se solucionariam as dificuldades de transporte, sem contar que a cidade já se encontrava localizada próxima às grandes praças comerciais, como São Paulo.

No entanto, a trajetória para o advento de uma grande manufatura têxtil na cidade foi um tanto quanto tortuosa, ocorreram várias tentativas fracassadas ao longo da década de 1870, isso a despeito de se ter organizado, pelos mesmos dirigentes da Companhia Sorocabana, uma sociedade anônima denominada “Indústria Sorocabana”, visando à criação de uma fábrica de tecidos.<sup>43</sup>

Finalmente, em 1882, é fundada a fábrica têxtil Nossa Senhora da Ponte, por iniciativa de Manoel José da Fonseca, um iminente comerciante de tecidos da cidade. Tal fato se configura como um marco no processo de industrialização local, uma vez que propicia o incentivo para a instalação de novas fábricas.

Evidentemente não se pode traçar uma relação mecânica entre urbanização e industrialização no contexto brasileiro. Muitas cidades, como São Paulo, por exemplo, tiveram seu crescimento, num primeiro momento, pautado pelo capital comercial. Por outro lado, a cidade parece ser o espaço privilegiado para o desenvolvimento industrial, pelas suas condições estruturais e pela concentração de mão de obra, bem como por se constituir num mercado de consumo privilegiado. Portanto, como escrevem Foot Hardman e Victor Leonardi, “se historicamente, as cidades preexistiam às indústrias, ocorreria que, a partir do momento em que o capital financeiro chegou a dominar todas as demais atividades econômicas, ele passou também a determinar toda expansão urbana, desde os aspectos

---

<sup>43</sup> BADDINI, Cássia. Op. cit., p. 269.

econômicos até sócio-políticos e culturais.”<sup>44</sup>

Como já mencionado, o debate sobre a questão urbana não é exclusividade da República. Tal preocupação começa a ganhar uma visibilidade maior desde meados da década de 1870, pelos menos em algumas cidades do Império. É o caso, por exemplo, de Sorocaba, como atesta o texto publicado no jornal local *O Americano*, em 1872, intitulado *Alguns melhoramentos para esta cidade*. Dentre eles a edificação do mercado municipal, a construção de um chafariz na praça da Matriz, arborização das praças e uma nova localização para o matadouro municipal.<sup>45</sup> Nesses tópicos já se faz presente a questão da higiene pública. Contudo, o advento da República, parece significar um aprofundamento do desejo de modernização do país e, conseqüentemente, do espaço urbano. Como indica Foot Hardman, a retórica dominante é pautada pela ânsia do progresso.<sup>46</sup>

A imprensa continua a reivindicar a necessidade de melhoramentos urbanos e medidas embelezadoras, como, por exemplo, a construção de parques e a arborização dos logradouros. Porém, sob o novo regime, essas questões são tratadas de modo mais intenso. É o caso de um artigo publicado no início de 1893, intitulado “*Sorocaba e seu futuro*”, escrito pelo engenheiro Joseph Bryan. Nesse texto, o autor não tem nenhuma condescendência com os arcaicos meios de transportes que ainda dominam as ruas da cidade, como os carros de bois, veículo “primitivo e bárbaro”, “*que puxado por cinco ou seis juntas de bois, conduzem um peso insignificante; gastam um dia para caminhar três léguas, martyrizando os ouvidos e irritando os nervos dos pobres mortaes que habitam ou se encontram nos caminhos e ruas por onde estes trambolhos tem de circular.*” Refere-se ainda às tropas de muares como um meio de transporte atrasado e ineficiente, algo já sem sentido diante das comodidades do progresso. Dessa forma,

<sup>44</sup> HARDMAN, Foot e LEONARDI, Victor. Op. cit., pp.121-122. Há ainda a especificidade de cidades que nasceram em função do estabelecimento de uma unidade fabril, ou seja, nestes casos, a fábrica antecedeu a cidade. É o caso da cidade de Salto, estudado por Anicleide Zequini em seu livro: *O quintal da fábrica – a industrialização pioneira do interior paulista*: Salto. Op. cit. Também apresentam um contexto semelhante as cidades de Americana e Votorantim. Esta última surgiu em torno da fábrica Votorantim, instalada em 1890, e da vila operária, tornado-se um distrito de Sorocaba.

<sup>45</sup> *O Americano*, 13/10/1872.

<sup>46</sup> HARDMAN, Francisco Foot. *Trem Fantasma*. Op. cit., p. 91.

Sorocaba deveria se livrar dessas “decrépitadas antiguidades” e, para isso, conclama as lideranças locais a investirem seus capitais no transporte ferroviário. Afinal, “*Sorocaba deve lembrar-se de que não é mais a Sorocaba dos tempos passados; deve bem considerar que, só no seu perímetro, agazalha actualmente talvez mais de dez mil almas, e que, além das muitas industrias que progridem e florescem no seu seio, o sibilar da locomotiva que a visita diariamente, há dezoito annos, lhe grita várias vezes ao dia: Avante!*” O jornal *O Americano*, supracitado, já reivindicava melhoramentos, mas não ousava questionar o comércio de animais, duas décadas depois essa atividade econômica é desancada de maneira contundente, num indicativo da sua decadência e da transição por qual passava a cidade. É sintomática a comparação entre a locomotiva, o maior ícone do progresso tecnológico do século XIX, e os equipamentos considerados obsoletos como os carros de bois e o sistema de transporte por muares. Com a expansão das áreas de cultivo do café rumo ao oeste de São Paulo, ficava cada vez mais patente a inadequação do transporte por mulas. Mesmo que ao longo do século XIX o comércio de animais e o tropeirismo, juntamente com a economia açucareira, tenham sido responsáveis pelo acúmulo de capitais que iriam possibilitar o desenvolvimento da cultura do café e, posteriormente, da industrialização em várias localidades, dentre elas, a cidade de Sorocaba.<sup>47</sup>

A historiadora Silvia Lins, em seu estudo sobre as tropas de muares nos arredores paulistanos, mostra uma elite tropeira extremamente rica, chegando a se equiparar e mesmo superar os ricos proprietários agro-exportadores da Província. Assim, os empresários ligados ao mercado das tropas, invariavelmente, passavam “a integrar o circuito da elite dominante.” Pode-se mencionar os exemplos do barão de Antonina, Antonio Queiroz Telles, barão de Iguape e Rafael Tobias de Aguiar.<sup>48</sup>

No nosso caso, estamos interessados especificamente na figura de Tobias de Aguiar,

---

<sup>47</sup> SAES, Flávio Azevedo Marques de. *A grande empresa de serviços na economia cafeeira*. 1979, pp. 21 e 56. BONADIO, Geraldo. Op. cit., pp. 76-77.

<sup>48</sup> LINS, Silvia Queiroz Ferreira Barreto. *De tropas, trilhos e tatus: arredores paulistanos do auge das tropas de muares à instalação das estradas de ferro (1855-85)*. 2003, pp. 26 e 93.

em função de ter sido o político e capitalista sorocabano de maior projeção na época do Império. O seu nome será sempre lembrado pela burguesia da cidade, não só ao longo do século XIX, mas também já no ciclo industrial da cidade. Esse fato se deve certamente por Tobias de Aguiar representar a figura não apenas de um empreendedor, mas de um empreendedor com idéias liberais. Filho de família tradicional na cidade, seu pai era o coronel Francisco Antônio de Aguiar, administrador do Registro das Tropas. Segundo Aluísio de Almeida, Tobias aprendeu as primeiras letras em Sorocaba; depois, para os cursos de filosofia e retórica, transfere-se para São Paulo. A influência do liberalismo veio por intermédio de Martim Francisco<sup>49</sup> que lhe ensinou “francês, geometria, filosofia de Kant e liberalismo.”<sup>50</sup>

No âmbito político, foi deputado provincial e geral em várias legislaturas e presidente da Província por duas vezes, em 1831-1834 e em 1840-1841. Tobias de Aguiar foi um dos líderes da Revolução Liberal de 1842. Um dos pretextos para essa rebelião de uma facção dos liberais foi a crítica às enormes regalias alfandegárias de que gozava a Inglaterra, desde os célebres tratados a respeito da abertura dos portos às nações amigas, promulgado pelo então príncipe regente Dom João. “Amigas”, leia-se, a Inglaterra. Porém, tratava-se de uma alegação insignificante para a eclosão do movimento. Mesmo as supostas razões principais, envolvendo a lei de reforma do Código Criminal e a do Conselho de Estado, podem ser consideradas como subterfúgios utilizados pelos liberais para justificar a revolta. Pois o verdadeiro motivo seria o ostracismo político inesperado, em favor dos conservadores.<sup>51</sup> Aluísio de Almeida mostra magistralmente toda a hesitação do político sorocabano, persuadido pelos mais exaltados, como o padre Feijó, a assumir a presidência da Província revoltosa. Porém, se o movimento do ponto de vista militar configurou-se como um retumbante fracasso, culminando com a fuga de Tobias rumo ao sul do país, por outro lado,

---

<sup>49</sup> Martim Francisco Ribeiro Andrada, irmão de José Bonifácio, foi estadista e político brasileiro.

<sup>50</sup> ALMEIDA, Aluísio de. *Biografias Sorocabanas*. 1952, pp. 19-20.

<sup>51</sup> ALMEIDA, Aluísio de. *A Revolução Liberal de 1842*. 1944, pp. 41-44.

ele foi, de certa forma, apropriado por um novo liberalismo que, em Sorocaba, logo se atrelaria com o movimento republicano e a chamada “geração de 1870.” Na leitura histórica realizada por esses segmentos, fazia-se uma correlação entre a Revolução de 1842, com o 7 de abril de 1831, significando a defesa do federalismo. Federalismo que, finalmente, triunfaria com o advento da República.

Nesse sentido, Aluísio de Almeida denomina Sorocaba como a “Meca do liberalismo”, especialmente em 1877, quando todos os vereadores e juizes de paz eleitos na cidade são liberais, a despeito da vitória dos conservadores na província. Para Almeida, essas eleições “evidenciam a mentalidade republicana e, até, a organização camuflada dos liberais de Sorocaba [uma menção sutil às lojas maçônicas?]. Sim, a República de brinquedo do Reizinho Tobias ressurgiu de fato em 15 de agosto de 1877.”<sup>52</sup>

Do ponto de vista simbólico, a menção a Sorocaba como “terra de Tobias”, sempre num sentido enaltecendor, parece ganhar força na República. É o que se pode deduzir em função de sua recorrência nas páginas da imprensa local. Com efeito, são frequentes expressões como “berço do brigadeiro Tobias”<sup>53</sup> ou “berço do inolvidável Tobias.”<sup>54</sup>

Tobias era também chamado de reizinho, talvez por ser muito dado com todos, mas também por ser o moço mais rico de Sorocaba e um dos mais abastados da Província. Isso pode indicar uma faceta importante dos liberais e republicanos que faziam questão de exaltar a memória do brigadeiro, quer dizer, de como no Brasil mesmo o discurso supostamente liberal, democrático ou republicano se enlaça com aspectos oligárquicos, patriarcais e escravocratas das elites políticas e econômicas do país. Muitos campeões do liberalismo em Sorocaba possuíam escravos e, certamente, o maior plantel pertencia à família Tobias de Aguiar.

<sup>52</sup> ALMEIDA, Aluisio de. *Sorocaba, Meca do liberalismo – (1877-1878)*. *Cruzeiro do Sul*, 14/01/1951.

<sup>53</sup> *O 15 de Novembro*, 23/02/1899.

<sup>54</sup> *Cruzeiro do Sul*, 24/04/1907.

Mas talvez a relação “terra de Tobias” precisasse de uma atualização, mais condizente com uma cidade que tinha o desejo de se modernizar já nos primeiros decênios republicanos. Assim, provavelmente na década de 1910, surge a expressão Tobiápolis. Ela aparece nas crônicas do jornalista Francisco Camargo César, o Cecê, falando sempre dos assuntos da “bella Tobiápolis”<sup>55</sup>. Ou mesmo no grande número de pequenos jornais e gazetilhas que aparecem na cidade na década de 1910; quase sempre para ressaltar o progresso de Sorocaba ou Tobiápolis:

*Sorocaba, ou antes, Tobiapolis, dizem que tem foros de cidade civilizada; não contestamos tal conceito, aceitamos de boa mente.*

*E ao considerar que a civilização de um povo é atestada pelo que elle lê, alimentamos uma esperança em prol da imprensa local (...). É por isso que essa esperança nos aconselha a lançar no redemoinho da publicidade um jornal que, apesar de pequeno, traz consigo mais seiva que muitos diários prodigamente impressos em papel 'germania'.*

*(...) Temos notado que Sorocaba, nestes últimos tempos vae caminhando pari-passu com o progresso vertiginoso. Uma das provas mais flagrantes do seu desenvolvimento é a encomenda feita pelo sympathico Leão de mais um automóvel.*

*(...) Justifica-se, portanto, o apparecimento de mais um jornal, pois este facto, como o do apparecimento de mais um automóvel, representa a vertigem do progresso...*

*O Janota é crítico. Antes porém, disso, é uma parcella, ou melhor, uma parcella saliente da nossa prosperidade...<sup>56</sup>*

A representação de Sorocaba como Tobiápolis teve seu auge na década de 1910, quando era até mais utilizada que o termo “Manchester Paulista” para expressar o progresso da cidade. As menções posteriores ao vocábulo indicam esse fato. Por exemplo, numa nota publicada em 1927, no jornal *Cruzeiro do Sul*, o articulista defende o verdadeiro merecimento de Sorocaba como Manchester Paulista, manifestando a inveja de outras cidades que sem direito à comparação também se denominavam como Manchester: “nova Manchester”, “pequena Manchester”, “Manchester do Oeste”, tal procedimento estava sendo entendido como puro bairrismo, “*tendo em mira prejudicar a justa fama da terra de Tobias – a*

<sup>55</sup> *Cruzeiro do Sul*, 09/07/1912.

<sup>56</sup> *O Janota*, 01/06/1913.

*Tobiápolis como já foi dicto.*<sup>57</sup> Em 1937, encontramos o termo novamente, mas a sua utilização se faz num sentido de evocação do passado: “*a velha Tobiápolis*”.<sup>58</sup>

No entanto, se a palavra Tobiápolis teve uma utilização temporal relativamente circunscrita, o mesmo não se deu com o simbolismo da figura de Tobias, sempre evocado no imaginário da burguesia sorocabana. Com efeito, em 1970, o historiador Aluísio de Almeida, em artigo para a imprensa local, escreve que “o Brigadeiro Tobias nunca desapareceu da tradição sorocabana.” E essa tradição não ficou apenas circunscrita ao imaginário político, como vimos, sempre reapropriado pelas classes dirigentes visando ressaltar a imagem de Sorocaba como cidade de orientação liberal. Assim, Almeida menciona uma quadrinha de violeiros, relatando o famoso episódio da fuga de Tobias rumo ao sul do país:

*O nosso coronel Tobias  
Querendo se escapá  
Passou por Campo Largo  
De chilena e xiripá.*<sup>59</sup>

Outro exemplo emblemático dessa permanência foi o lançamento, em 1995, de um número especial da *Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba*, por ocasião do bicentenário de nascimento de Tobias de Aguiar. Uma solenidade especial marcou o evento, envolvendo os famosos canhões fabricados na Fábrica de Ferro Ipanema, que seriam utilizados pelos revoltosos de 1842. Os canhões foram colocados estrategicamente na colina que se eleva da ponte do rio Sorocaba [atual praça Arthur Fajardo, onde se encontram até hoje<sup>60</sup> juntamente com um monumento ao Brigadeiro], antigo caminho de

<sup>57</sup> *Cruzeiro do Sul*, 24/04/1927.

<sup>58</sup> *Cruzeiro do Sul*, 29/01/1937.

<sup>59</sup> ALMEIDA, Aluísio de. *Tobias na tradição*. *Cruzeiro do Sul*, 04/03/1970.

<sup>60</sup> Devido ao seu alto valor simbólico, de vez em quando, alguém fazia menção aos canhões da Revolução Liberal de 1842. Ao que consta, Caxias teria mandado enterrar os canhões junto à ponte do rio Sorocaba. Posteriormente, em 1913, eles foram levados e novamente enterrados numa das esquinas do Jardim Público da cidade, a Praça Frei Baraúna. Tal situação motivou, em 1917, o jornal *A Cidade de Sorocaba* a publicar um artigo protestando contra o abandono de tão valiosas peças históricas. O texto sugeria que as relíquias deviam ser recuperadas e expostas em algum museu ou mesmo distribuídas pelos dois Grupos Escolares da cidade. Ajudando os professores a ensinar para seus alunos sobre um “dos factos mais notáveis de Sorocaba.” E reitera: “*Os canhões históricos enterrados de bocca para baixo na praça Frei Barúna, são um symbolo altiloquente do espirito nacional: amordaçado pela ignorancia e pelo desprezo das tradições patrias.*” *A*

entrada na cidade para quem vinha de São Paulo, mas que nunca foram usados em virtude da fuga dos revoltosos. Assim, quando o Barão de Caxias chega à cidade, para debelar o movimento revoltoso, encontra somente os canhões, os quais mandou lacrar imediatamente. Pois bem, a intenção do evento concebido por Adilson Cezar, presidente do Instituto Histórico, era o de fazer com que os canhões finalmente funcionassem, para homenagear a memória de Tobias Aguiar e reabilitar a cidade de Sorocaba, ou talvez fosse melhor dizer, dos liberais da cidade que com a derrota, na visão de uma certa historiografia, passaram a sofrer uma série de deturpações, inclusive sendo motivo de toda a sorte de escárnios.<sup>61</sup> Porventura não precisasse de tanto, além do fato de tal acontecimento possuir também um enorme potencial para troças. De qualquer forma, já vimos que a memória do Brigadeiro passava por um processo de reabilitação, pelo menos por parte da burguesia sorocabana, desde meados do século XIX.

Essa representação, portanto, procurava indicar, no início do século XX, não apenas o progresso e a modernização da cidade, mas que tal processo ocorria muito em função do espírito liberal de seus dirigentes, algo que estava constituído como uma tradição. Esse é o sentido de um artigo publicado no jornal *O Correio Paulistano*, orgulhosamente transcrito pelo *Cruzeiro do Sul*, em 1913. O texto abordava o futuro e o presente da cidade. O presente se configurava como auspicioso, aliás, o que motivava o texto era a notícia de que em breve Sorocaba teria os serviços de bondes elétricos, ícone incontestável de progresso. E as perspectivas de futuro não poderiam ser melhores, pois, ao contrário de muitas localidades de São Paulo, “*cujo progresso se baseia e se estimula na riqueza instável da lavoura cafeeira, Sorocaba vive e progride com a sua indústria, com o seu capital fixo e seguro; dahi a aparente inércia do nosso progresso, o qual, entretanto, é o mais rápido e de melhor proveito que conhecemos em todos os*

---

*Cidade de Sorocaba*, 25/02/1917. Em 1930, o jornal *Cruzeiro do Sul* noticia que os famosos canhões seriam colocados na praça Dr. Fajardo. Não sem antes mencionar uma série de boatos a respeito do destino das peças, até de que seriam vendidos como ferro velho, a 500 réis o quilo. *Cruzeiro do Sul*, 23/09/1930.

<sup>61</sup> *Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba*. 1995.

*departamentos municipais do Estado.*”<sup>62</sup>

O autor do texto passa a descrever as principais fábricas têxteis da cidade e as perspectivas de investimento e conclui com uma imagem de forte teor simbólico: *“E assim, sem estardalhaço, o nosso município vive para o futuro, anunciando, pela crescente fumarada das suas chaminés, a actividade fabril de milhares de braços, que elevam, com o seu curso, o nome de Sorocaba, de S. Paulo e do Brasil industrial.*”<sup>63</sup>

A fumarada das chaminés se constituía, então, como um indicativo da pujança econômica da cidade industrial. Tal imagem seria uma constante nessa construção apologética da Manchester Paulista. Com efeito, um ano depois, em 1914, outro texto fazia menção a recuperação da cidade depois do término da feira de animais, mas que só ocorreu “pelo espírito progressista de seus filhos”. Desse modo, *“dahi há pouco tempo o resfolegar dos chaminés de suas grandes fábricas attestava seu progresso e a reivindicção de sua primitiva grandeza (...) Assim como a industria pastoral e o commercio elevaram Sorocaba ao apogeu da grandeza, a industria fabril não lhe foi menos reconhecida, edificando-lhe um throno e dando-lhe magestade: -Sorocaba é hoje, a orgulhosa Manchester Paulista.*”<sup>64</sup>

Todas essas imagens são condensadas no *Almanach Illustrado de Sorocaba*, publicado em 1914. Aliás, a própria publicação do Almanaque, por si só, se constituía como um signo da prosperidade local. Algo que fica patente no anúncio de seu lançamento pela imprensa: *“O esplendido annuario que vem de apparecer é o revelador mais seguro da importância e da prosperidade desta terra tão falada, cuja fama não é unicamente nacional; em tempos que já se foram, Sorocaba teve o seu nome popularizado fora das fronteiras do Paiz e essa popularidade ainda existe, si bem que enfraquecida.*”<sup>65</sup>

A cidade não era mais tão famosa como nos tempos da feira, mas o esforço das autoridades locais, capitalistas e também da imprensa era mostrar que a Sorocaba industrial

<sup>62</sup> *Cruzeiro do Sul*, 28/01/1913.

<sup>63</sup> Idem.

<sup>64</sup> *Cruzeiro do Sul*, 20/02/1914.

<sup>65</sup> *Cruzeiro do Sul*, 21/02/1914.

poderia ser tão ou mais famosa e exuberante.

Nesse contexto, o Almanaque de 1914 trazia um momento significativo na construção de uma urbe industrial e pretensamente moderna, trata-se do texto de Francisco Camargo César, um dos mais importantes jornalistas da história da cidade. No artigo intitulado “Sorocaba Industrial”, Camargo César desafia os que duvidam do merecimento do título conferido há quase dez anos, o de Manchester Paulista. Assevera o progresso local e a liderança da cidade no setor industrial, fato que poderia ser verificado por qualquer viajante que por lá chegasse:

*E ante todo esse esforço bairrista, ante toda essa rivalidade progressista no seio da industria do nosso Estado, Sorocaba indiscutivelmente cresce com a realidade, ocupando o primeiro lugar; já não se exceptuando cidade alguma do interior; já attendendo-se á relação entre a própria capital. A prova dessa verdade tem o viajante que, mesmo de passagem, nota a nossa actividade industrial, actividade essa synthetizada magnificamente na evolução continua de densas espirais de fumo, lançadas pelos respiradouros gigantescos dos estabelecimentos fabris.*

Continua o jornalista:

*(...) Sorocaba progride com a sua industria, de modo a não permittir que se lhe tirem as vantagens. Não são essas palavras meras interpretações do nosso entusiasmo; ellas trazem consigo o cunho da verdade, demonstrável sem preâmbulos em toda a occasião que se queira. Como que desfazendo antecipadamente qualquer formula de excesso, temos a nosso favor o reconhecido retrahimento do sorocabano, que, causando admiração a todos pela sua iniciativa, pela sua febre de progresso industrial; que acolhendo com simplicidade os fundadores de uma empresa fortíssima como é a São Paulo Eletric Company<sup>66</sup>, que contemplando satisfeito, mas sem alardes, a transformação radical do Itupararanga, onde o yankee audaz está installando as mais importantes uzinas electricas do Brasil; que acompanhando, emfim, a evolução da moderna industria, com a atenção concentrada na linha em que forma, não se utiliza do seu mérito para procurar attingir a pináculos phantasticos e continua trabalhando devotadamente pelo engrandecimento do seu recanto privilegiado, participando com considerável contingência, na formatura das grandes forças que levantam, cada vez mais, o nosso paíz, pela imposição do lemma – pax et labor.<sup>67</sup>*

<sup>66</sup> Sobre a presença da *São Paulo Electric* em Sorocaba ver capítulos III, IV e VI desta tese.

<sup>67</sup> *Almanach Illustrado de Sorocaba – Repositório histórico, literário e recreativo com illustrações – 1914* Organizado por Bráulio Werneck. Edição Fac-Similar, 2006. pp. 38-43.

Outro texto publicado no Almanaque, escrito por João de Cunto, continua na mesma toada:

*Sorocaba, sendo hoje uma cidade perfeitamente saneada, com admirável rede de água e exgottos, optima illuminação electrica, possuindo magnífica linha de telephones e de telegrapho nacional, com linha de automóveis, fasendos-e approximar deste modo aos municípios que lhe são adjacentes, gozando de um clima magnífico, distando apenas três e meia horas da Capital, e muito chegada ao Ipanema, - onde se encontra talvez a mais rica minha de ferro do mundo, Sorocaba offerece por tudo isso, aos srs. Capitalistas que desejam bem empregar os seus capitais os seus recursos monetários em novas e desconhecidas industrias, campo vasto de exploração, pela facilidade que há em obter-se força motriz e ainda mais que aqui se encontram operários habilitados para qualquer ramo de industria.<sup>68</sup>*

Como se nota, o tom de propaganda perpassa toda a obra. No caso do último texto mencionado, até mesmo propaganda grosseira, pois como veremos nesta pesquisa, em 1914, a cidade estava muito longe de estar saneada e a rede de água e esgotos, assim como a iluminação elétrica atendia, e mesmo assim de forma precária, uma parte do núcleo urbano da cidade. Mas, afinal, era para esse restrito segmento da população que o projeto do Almanaque foi concebido, como também para os capitalistas que quisessem inverter os seus capitais na cidade. Uma cidade progressista, liberal, enfim, um cenário idílico onde todas as contradições sociais pareciam escoimadas; dentre elas, já que se fala de uma cidade industrial, a contradição entre capital e trabalho.

De qualquer maneira, essa construção de Sorocaba como a Manchester Paulista pode ser compreendida como uma expressão da modernidade que se manifestava no espaço urbano, mesmo que num primeiro momento essa questão estivesse restrita a um número relativamente pequeno de habitantes. Se retomarmos um sentido neurológico<sup>69</sup> ou mesmo antropológico do conceito de modernidade, implicando, como escreve Renato Ortiz, um modo de ser, uma sensibilidade, “uma cultura, uma visão do mundo com suas próprias categorias cognitivas.”<sup>70</sup>

<sup>68</sup> Idem, pp. 236-238.

<sup>69</sup> SINGER, Ben. *Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular*. 2001.

<sup>70</sup> ORTIZ, Renato. *Cultura e modernidade*. 1991, p. 263.

Então, veremos esse processo se desdobrar numa série de novas práticas na cidade; e como se dava a recepção dessas práticas numa localidade interiorana como Sorocaba, com todas as suas particularidades.

Um pouco desses aspectos podem ser apreendidos através das crônicas produzidas por Francisco Camargo César, o Cecê. No início da década de 1910, o jovem jornalista parecia nutrir um interesse especial pela moda. Ora, a moda sempre esteve presente na constituição dos elementos que ajudam a definir a modernidade, especialmente se pensarmos em Charles Baudelaire como um de seus primeiros teóricos.<sup>71</sup>

Assim, em 1912, Camargo César tenta iniciar no jornal *Cruzeiro do Sul* uma coluna intitulada *Cromorama*, um termo por si só moderno. Na sua primeira aparição, o jornalista explica a que veio a nova seção: “*Desnecessaria se torna uma apresentação explicativa, porque o seu programma está reduzido no sub-título – ver, ouvir e divulgar. O seu fim principal é, porém, acariciar a moda e atender com sympathia o nosso movimento social.*”<sup>72</sup> A moda, portanto, se constitui no tema principal da coluna, com o autor mencionando a polêmica saia calção, condenada impiedosamente por Cecê: “*A ridícula ‘jupe culotte’, que tanto barulho fez quando por estas brasilicas plagas aportou*<sup>73</sup>, *condemnou-se por si própria e desapareceu do cantinho que, por*

<sup>71</sup> BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade*. 1996. Benjamin estudando as proposições de Baudelaire, assim como de outros autores do século XIX, coloca a questão da moda como o eterno retorno do novo. Uma noção que ajuda a compreender a temporalidade do inferno da modernidade. BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Op. cit., pp. 104-105. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 1994, p. 169.

<sup>72</sup> *Cruzeiro do Sul*, 21/07/1912.

<sup>73</sup> Talvez o jornalista mencionasse o episódio ocorrido em 1911 em plena Avenida Central no Rio de Janeiro, quando uma mulher resolveu vestir a última moda de Paris, justamente uma saia-calção. A saia tinha como característica se ajustar ao corpo, realçando as formas femininas, daí, certamente, o fato de “desopilar o fígado de muita gente.” E o episódio da Avenida Central, o local supostamente mais cosmopolita do país, termina em confusão e escândalo. “De repente, em frações de segundo, a avenida virou um pandemônio. [A mulher] foi vaiada, agarrada brutalmente, quase despida em público. Teve que se refugiar na Camisaria Americana para não ser linchada.” *Nosso Século – 1910-1930. anos de crise e criação*, 1ª parte. 1980, p. 128. Em 1916, mais um indicativo do estranhamento local com o jup-culote, é expresso na publicação de um poema, assinado por Vera Cruz, intitulado justamente Jup-Culote e dedicado à musa sertaneja: “*As moças usam a moda/ é mesmo p'ra admirar/ palitolo de manga curta.../ os braços querem mostrar // Sapato de salto alto / vestido sem costurar; / vistuario muito apertado / que nem ellas pode andar. // Vestido jupe culote.../ bate o vento e faz voar.../quando sae passeá na rua / todo o povo toca a olhar... // Andar ligeira não pode.../ tem medo de trucidar.../ Si acaso cairem no chão / não podem mais levantar. // Uma moda desse jeito / é bem mió não usar.../ as mossas que me adesculpe.../ porque é perciso falar: // ellas que inventaram a moda / são brigadas de escultar. / Quando fizeram esse uso, / foi só por querê casar...*” *Cruzeiro do Sul*, 03/02/1916.

*caridade, a Moda lhe cedeu (...) Sei que em Sorocaba foram vistas duas daquellas roupas. Sei também que a corajosa exhibição desopilou o fígado a muita gente....”* Dá dicas sobre a correta utilização do pó de arroz: *“As senhoras que usam o pó de arroz devem ser escrupulosas na escolha desse indispensável á ‘toilette’, porque sabe-se perfeitamente ser oitenta por cento dos pós vendidos grosseiras falsificações...”* Fala dos chapéus femininos com expectativa: *Espero ver hoje alguns chapéus novos, ornando delicadas cabecitas. Já repeti duas vezes a importância dos chapéus femininos na cultura dum povo. As estréas notadas sahirão ao próximo chromorama.”*<sup>74</sup> É o que pensava o esperançoso Cecê.

Porém, a seção não continuaria e o próximo *Cromorama* seria apenas para informar o seu encerramento precoce. Os motivos para tal são sugeridos por Cecê:

*Creio que não supreendera a ninguém esta noticia porque na bella Tobiapolis a amor extremado ao carrancismo domina as vontades e abate as tentativas innovadoras. A nova secção que se interrompe foi o producto de um optimismo e como tal, teve má sorte. Não importa. Tenho esperança em que breve virá o dia da reabilitação, dia esse que, primeiramente para mim, será de alegrias.*<sup>75</sup>

Mesmo um sorocabano declaradamente bairrista como Cecê, reconhece o carranquismo, ou, talvez de maneira mais precisa, provincianismo da acanhada Sorocaba do início da década de 1910. Com efeito, a coluna nunca voltaria a ser publicada, contudo, o nosso autor, já abordava questões relativas à moda antes do *Cromorama* e continuaria abordando o tema depois disso, especialmente em seus *Brevetes*, que eram como se intitulavam as crônicas que escrevia para o jornal *Cruzeiro do Sul*. Nesse sentido, o jornalista se vê às voltas com uma polêmica envolvendo a utilização dos chapéus femininos. Como já se pôde observar, Cecê era um ardoroso defensor da utilização dos chapéus pelas senhoritas e senhoras sorocabanas.

Nosso articulista aborda essa questão numa crônica de julho de 1912:

<sup>74</sup> *Cruzeiro do Sul*, 21/07/1912.

<sup>75</sup> *Cruzeiro do Sul*, 25/07/1912.

*...Sabbado corria pela cidade a noticia de que teríamos domingo uma prova de que somos civilizados. Uma questão de amor próprio, ou então de amor ao torrão querido...os leitores lembram-se, ou por velhos, ou porque ouviram fallar, dos tempos passados que obrigavam o bello da moda ser estimado aqui. Sorocaba teve graça, conheceu, muito antes do gallicismo invadir o nosso mundo elegante, o tal 'smartismo', que é a preocupação dos nossos elegantes atuais.*

*(...) Não foi pequeno o numero de chapéus femininos visto ante-hontem. No jardim público foram apreciados alguns de bom gosto, em franca camaradagem com alguns que vieram da capital; nos cinemas appareceram dezenas delles, sendo digno de nota, (já que o assumpto é de actualidade e interesse...) um simples mais esplendidamente escolhido 'caisse de pain' preto, que dava graça exuberante á gentil conterrânea residente na capital e que nos visitou.*

*Foi de rara coragem a decisão das nossas senhoritas, isso foi, porque bem sabemos que para este bom povo, para a população contemporânea, nova e simples, é demasiada ousadia implantar modas quase que ignoradas. Mas tudo vae ao costume. Com mais alguns domingos o publico habituar-se-á com o chic de Paris e estranhará muito que a senhorita tal não use o chapéu.*

*Sejam persistentes, é o que pedimos às moças bellas das Tobiápolis. Mostrem, sem cessar, que aqui, como na capital, como no Rio, como em toda a parte. A civilização não se divorcia da elegância e que, só pela vontade o nosso meio social pode elevar-se á altura digna de admiração.<sup>76</sup>*

Essas eram as esperanças de Cecê, mas ao mencionar o galicismo e o smartismo de “alguns de nossos elegantes” atuais parece prever algum estranhamento na recepção à moda dos chapéus femininos. O que poderia soar como incoerência, pois precisamente os “smarts” deveriam estar atentos e em convergência com as últimas tendências da moda. De fato, em Sorocaba, o estranhamento foi inevitável; e foi manifestado, dentre outros, pelo Dr. Strychinina, redator-chefe de um pequeno jornal chamado *O Veneno – periódico art-nouveau*. O redator d' *Veneno*, certamente se encontrava entre aqueles moços elegantes e smarts da cidade e numa crônica muito divertida responde aos anseios do colunista do *Cruzeiro*:

*Há opiniões que valem por um decreto do céu. O modista do Cruzeiro, isto é, o crítico da moda proclamou há dias que Sorocaba não era ainda uma cidade civilizada porque as moças não andavam de chapéu.*

*(...) Debalde os pais que pagam as despesas objectaram e argumentaram contra. Nada. Era preciso salvar a civilização de Sorocaba. E havia, pois, de entrar em uso o chapéu feminino.*

*Então, uma das nossas casas comerciais telegrafou para S. Paulo: “Mande um milhão de chapéus femininos”. E a casa de S. Paulo respondeu: “Seguem-se quatro bilhões de chapéus femininos”. E imediatamente correu*

<sup>76</sup> *Cruzeiro do Sul*, 09/07/1912.

*pela cidade o seguinte boletim:*

**Ao Povo!**

*“Convida-se ao povo de Sorocaba para reunir-se hoje, às 7 da noite na Praça Cel. Prestes, afim de, precedido de uma banda de música e ao som da Valsa do Jesuíno, ir até á gare da Sorocabana afim de aguardar a chegada dos chapéus.”*

*Á noite foi um sucesso; nunca se viu manifestação igual. O povo inteiro mexeu-se. Girândolas, foguetes, batarias, flores, folhas e frutos, houve de tudo.*

*(...) O povo fremia, vibrava, tangia de entusiasmo.*

*(...) Foi um sucesso,*

*Foi um escarcéu!*

*Viva o progresso!*

*Viva o chapéu!*

*E, no dia seguinte, Sorocaba renacia alta, majestosa, estupendamente progressista! Bondes eléctricos cruzavam pelas ruas, fazendo tinir aquele tem-tem característico; automoveis circulavam, atroando os ares com o seu fon-fon; palacetes majestosos enchiam largas avenidas, emgrinaldadas de focos reluzentes; tínhamos escolas normais a dar com pau; academias, universidades, teatros, casinos, café-concertos, cascatinhas, Rua Libero, etc, etc. Sorocaba era a capital do mundo!*

*Porque?*

*Porque doze senhoritas foram á Igreja de chapéu!<sup>77</sup>*

“O modista do *Cruzeiro*” volta ao tema que, segundo ele, tanto impressionou um certo número de rapazes bonitos da nossa sociedade. Reafirma o gesto de bom gosto e elegância das senhoritas que corajosamente adotaram o uso do chapéu. Provavelmente, as reações contrárias de alguns rapazes bonitos como o dr. Strychinina, tenha levado Cecê, contrariado, a abortar a sua seção intitulada Cromorama. Porém, o articulista não via contradição entre esse fato e continuar a se bater pelo emprego do chapéu feminino, talvez fosse mais um motivo para tanto. E escrevia: *Vejo que ellas continuam firmes no propósito innovador e que de dia para dia ganham terreno em prejuízo dos caipiras engravatados... E porque sou admirador da moda e sei apreciar os seus efeitos civilizadores é que estou ao lado das senhoritas. Pode ser que o meu auxílio seja inútil; entretanto, não o nego visto ter a plena convicção de que mais vale ser palhaço da moda, como dizem, do que alistar-se nas fileiras dos caturros pernósticos.*

Eis uma parte da resposta de Cecê, e nesse sentido, o colunista estava em maior consonância com a modernização e tudo o que ela podia representar, ou seja, o progresso, a

<sup>77</sup> *O Veneno*, 28/07/1912.

civilização e, relacionado a isso, o requinte e o bom gosto. Mas Cecê não se encontrava sozinho nessa batalha, alguns anos depois, em 1916, Amâncio, um outro cronista da cidade também defendia a moda dos chapéus femininos. Amâncio elogia a iniciativa de um grupo de “gentilíssimas senhoritas” por essa feliz iniciativa. Louvável iniciativa porque tem a ver com a civilização e o progresso, ainda mais, *“Nestes tempos ditosos em que a cidade se rejuvenesce, se transforma, apresentando-nos uma physionomia alegre e agradável, mais compatível com a civilização e com o progresso, uma idéia tão boa deve ser acolhida com ardor pelos propugnadores do nosso adiantamento moral e material, com benevolência por aquelles que têm o vezo criminoso de combater todo o empreendimento que tenha por fim o beneficio da collectividade...”*<sup>78</sup>

Esses, segundo o cronista, nasceram numa cidade industrial, mas, ao que parece, desejam-na transformada numa “tapera sertaneja”, com *“um amontoado de casas inesthéticas e sem hygiene, com suas ruas atravancadas de tropas e carros de bois...”*<sup>79</sup> Ou melhor, desejavam que o perímetro urbano continuasse a apresentar o mesmo aspecto da cidade do comércio de animais, no século XIX. Certamente, o cronista concordaria com Cecê, tratava-se de um grupo de caturros, caipiras, por vezes disfarçados de modernos. Para Amâncio e Cecê, o chapéu feminino era um elemento de progresso, tanto quanto as casas esteticamente bonitas, leia-se não construídas em taipa de pilão, os automóveis, os bondes elétricos, a cidade higienizada. Assim, o cronista conclui, *“O progresso já faz, portanto, parte integrante da nossa existência, já nos faz sonhar com a vida activa e elegante das grandes cidades. Sejamos, pois, progressistas, amemos e applaudamos as idéias felizes.”*<sup>80</sup>

O chapéu feminino representava portando um ícone da modernização, do progresso; simbolicamente poderia dar a impressão de que a cidade estava superando o seu passado tropeiro, tão marcado pelos carros de bois, pelos animais de toda a espécie no perímetro urbano, pelas construções antigas, pelos hábitos de antanho. Dessa forma, ver algumas

<sup>78</sup> *A Cidade de Sorocaba*, 11/03/1916.

<sup>79</sup> Idem.

<sup>80</sup> Idem.

senhoras e senhoritas ostentando belos e modernos chapéus, poderia dar a sensação, mesmo que fugaz, de que Sorocaba estava ficando parecida com São Paulo, ou mesmo com a capital federal. E, sem dúvida, tal sensação era fugaz, pois nas primeiras décadas do século a cidade ainda estava, em grande medida, permeada por sua fisionomia vetusta e, naquele momento, considerada totalmente indesejável por uma parte de seus habitantes.

De qualquer forma, essas imagens do desejo, essas projeções começavam a se fazer presentes na cidade. Com efeito, a imprensa local publicava artigos de como deveria se portar o homem moderno nas grandes cidades, algo que Sorocaba, com aspiração de cidade com foros de civilizada, deveria almejar. Nesse sentido, esses textos possuíam um caráter até educativo.

Assim, em 1915, uma nota publicada no *Cruzeiro do Sul*, se indagava sobre o homem moderno:

*Que é o homem moderno?*

*Um arremesso, uma disparada, um flecha, em direcção do dinheiro, da fama ou do luxo. O próprio prazer, mesmo na sua accepção inferior; mas real, deixou de ser um grande estímulo á vida. O que caracteriza o mundo moderno é a máxima preponderância da vida exterior. O homem vive fora de si mesmo. O homem é o salão, é o jornal, é a usina, é o teatro, é a rua, só não é elle próprio; só não é a sua própria alma.*

*A vida moderna consiste em precipitar-se no mundo, não como os rios que vão levando as imagens do céu e as paisagens do caminho, mas como o raio cego que nada vê, nada escuta, nada reflete.*

*Há homens que desperdiçam uma existência afanosa e chegam ao fim della sem ter realizado um ceutil de sua alma. Na sua pressa delirante, estiveram parados.<sup>81</sup>*

Essa rápida e interessante reflexão sobre a vida moderna nos remete, quase que inevitavelmente, a Simmel e seu célebre ensaio sobre a metrópole e a vida mental. Onde, dentre outros *insights*, menciona a necessidade do ajustamento da personalidade individual “em face das esmagadoras forças sociais que o cercam.”<sup>82</sup> Viver em meio ao lufa-lufa das cidades implica uma “experiência do choque”, no qual o habitante se torna “um caleidoscópio

<sup>81</sup> *Cruzeiro do Sul*, 05/11/1915.

<sup>82</sup> SIMMEL, Georg. *A metrópole e a vida mental*. 1967, pp. 13-14.

dotado de consciência.”<sup>83</sup>

Dez anos depois, é publicado o Decálogo do homem moderno, eis alguns deles:

*-Toda vez que empreenderes, qualquer coisa pensa se o bom êxito dependerá só da tua energia ou se pode ser diminuído por esse falt inimigo que sempre te segue: o perigo.*

*-Se contribues com a tua intelligencia para o progresso da vida moderna, concorres também para aumentar os perigos de suas vertiginosa actividade.*

*-Perigos existem aos mil, agravados pela insidia e pela surpresa. Tu és vulnerável e a elles vives exposto. Portanto, nessa luta desigual, são tuas as probabilidades de succumbir. Trata ao menos de attenuar a tua inferioridade com a previdência.*

*-Há duas categorias de homens: uma dos que fogem de pensar no perigo e, por pusillanimidade , evitam encaral-o; outra dos que o affrontam, precavendo-se. A primeira faz como o avestruz, que escondendo a cabeça debaixo da asa, se julga em segurança; a segunda faz por ser razoável e forte. Sê um destes!.”<sup>84</sup>*

O parque fabril têxtil de Sorocaba se consolida na segunda década do século XX, e, nessa mesma década, a malha urbana da cidade começa a se estender para além do núcleo inicial, fundado no século XVII. A despeito disso, é importante ressaltar mais uma vez que, ainda em meados da década de 1920, a cidade guardava muito daquele ambiente tranqüilo de uma localidade interiorana. Nesse sentido, a reprodução desses textos na imprensa local pode ser compreendida pelo seu caráter projetivo; ou seja, indicando as características que teria a cidade se continuasse firme na sua senda para o progresso. E, nesse percurso, não se deveria esquecer mesmo seus aspectos ambivalentes. Pois o progresso da vida moderna traz consigo os perigos de seu ritmo vertiginoso.

No entanto, nem sempre as recepções das novas práticas modernas ocorriam de forma tranqüila na cidade, mesmo por aqueles que supostamente eram partidários de tais transformações. Já vimos um exemplo disso através do redator do *O Veneno*, e sua posição irônica no que se refere à relação entre chapéus e o progresso da cidade. Outros novos costumes também causavam estranhamento:

<sup>83</sup> BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 1995, pp. 124-125.

<sup>84</sup> *Cruzeiro do Sul*, 16/03/1926.

*Sorocaba sempre fez juz aos epítetos de cidade pacata e ordeira, conservadora da rígida moral das gerações passadas e os merece ainda, graças aos céos, apesar de que nos últimos tempos, o acordar das energias progressivas lhe tenha aberto as portas a relações mais intensas, por via das quaes alguns maus precedentes característicos das civilizações de brilhante materialismo têm sobrepticiamente e paulatinamente vindo aninhar-se em seu seio quase virgem.*

*É o tributo natural que a pureza roceira tem de pagar á onda electrizante do progresso, iconoclasta nervoso das tradições amollentadas pela decripitude, que vivem de anachornismos intoleráveis pouco a pouco, por completo, na ebulição luminosa do modernismo; os desvios irregulares da moralidade e da sizudez, as atoardas estranhas de escândalos sensacionaes, os grandes crimes recambolescos, são signaes claríssimos da evolução das sociedades.<sup>85</sup>*

O estranhamento para com a “ebulição luminosa do modernismo” torna-se patente, nesse interessante artigo. Meados da década de 1910, um momento no qual a cidade começa a mudar a sua fisionomia, segundo o autor, pacata, ordeira e conservadora, para outras mais intensas e não condizente com a moral e os bons costumes. Nessa situação, seria possível adequar a civilização com os hábitos conservadores?

*Está claro que sim.*

*Aos poderes repressivos da cidade, cumpre o não sermos arrastados pela onda como barca sem timoneiro, o podermo-nos guiar por entre baixos e espraçados, fugindo ao perigo rodopiante dos vórtices, em manobras destras de leme; d’olhos fixados serenamente num futuro de felicidade e paz; a elles cabe levantar diques ás quedas desordenadas, rebalsando os impetos intempestivos das corredeiras.*

*Ceifar o mal pela raiz é um optimo processo de intervenção, porque é da incipiencia quebradiça ou malleavel da acclimação d’um habito qualquer, que se deve tirar partido, propulsor ou aniquilador; seja a policia não somente força repressiva mas de affectividade preventiva.<sup>86</sup>*

Ceifar o mal pela raiz, a repressão e a prevenção dos maus hábitos como resposta. Tal programa parece configurar a visão de uma boa parcela da população para com as novas práticas que estavam imiscuindo-se de maneira perigosa na urbe. Ou melhor, aquela parcela ligada aos segmentos abonados da população; pais e mães de família, seja industrial ou profissional liberal. Estes, ao que parece, queriam selecionar apenas uma parte dos

<sup>85</sup> *A Cidade de Sorocaba*, 05/07/1916.

<sup>86</sup> *Idem*.

desdobramentos da modernização.

A despeito disso, os novos hábitos começam a marcar presença ou a serem noticiados pela imprensa local. É o caso das novas formas de namoro, ou de relações ocasionais, leves e sem maiores conseqüências: o flirt. E o que era o flirt?

*O flirt, minha cara senhora, é a forma mais moderna do desejo. É o resultado de duas causas: -a vida vertiginosa e a nevrose da alma moderna. Os dias agoras têm a celeridade dos aeroplanos e toda a vida moderna corre numa sucessão imediata dos episódios da Fox Film.*

*Antigamente, a vida era mais serena e repousada; havia tempo de sobra para o madrigal; o homem era infinitamente mais simples, namorava e fazia odes. O homem moderno não tem mais tempo para o madrigal e para o namoro. O simples crê, porisso ama, o complicado é sceptico por isso apenas deseja.*

*(...) Depois, a vida moderna, assim febril, fez o esgotamento rápido das emoções. Nós todos modernos vivemos de um grande cansaço emocional, de uma verdadeira inapetência sentimental. Era necessário um estimulante para isso, um aperitivo para toda essa 'dispepsia' das emoções. O flirt é o 'fernet' do amor.<sup>87</sup>*

Por essa época, e para desespero daqueles que lutavam contra a “invasão dos maus costumes”, começa-se a notar a presença de duas figuras constantemente execradas pela imprensa local: o almofadinha e a melindrosa. O almofadinha possui um corpo infantil, mas vestido de acordo com os requintes da moda; a melindrosa, sua versão feminina, tem tudo de menina e tudo de mulher: “*fininha, pintadinha, engraçadinha, bonequinha.*” Trata-se, segundo o autor de um desses artigos, de um caso de patologia. O almofadinha seria uma associação de duas degenerações: o “feminilismo” e o “infantilismo”; a melindrosa também é acometida pelo “infantilismo”, uma das conseqüências dessa degradação seria a tuberculose. O caso é de patologia porque essas figuras representam um claro perigo de degradação da raça, pois significam a deformidade, a degeneração, a doença. Enfim, “*o almofadinha e a melindrosa são typos inferiores que não convêm ver perpetuados na nossa raça.*”<sup>88</sup>

Um outro texto também procura abordar o fenômeno do almofadinha, tratando, mais

<sup>87</sup> *Cruzeiro do Sul*, 11/12/1921.

<sup>88</sup> *Correio de Sorocaba*, 11/01/19125.

especificamente, de sua presença em Sorocaba:

*O silêncio dos nossos moralistas concorreu para que de uns tempos para cá se reproduzisse um animal elegante, de espartilho, paletó cintado e calças curtas para que se lhe vejam as meias de seda transparentes, animal que, vamos e venhamos, tem o seu tanto de perigoso.*

*Afeminado, cheio de pó de arroz, cabelo lustroso e falar melífluo, esse nosso herói a quem chamamos almofadinha vai se muito maneiro e muito oleoso chegando ao lado das melindrosas, que, todas derriços lhes vão ouvindo as graças sensaboronas, sem perceber – ou percebendo – os movimentos dos olhos pontudos que viram e reviram nas órbitas, procurando um jeito de se lhes introduzirem pelo decote a baixo, com o fim especial de admirar a carne e regalar a vista.<sup>89</sup>*

O almofadinha torna-se um perfeito bolinador, cheio de técnicas astutas de abordagem. Portanto, coloca o articulista, o almofadinha configura-se um problema que exige solução imediata. Os conselhos a seguir, sem qualquer sutileza, são voltados especialmente aos pais de família que devem ficar atentos a esse tipo. Assim,

*quando virem que lá ao longe vem gingando o corpo de um desses animaes de paletó apertado, andar mudo e calças curtas, olho nelle. / Si se aproxima, olho nelle. / Si aborda, e começa a revirar os olhos, á procura de uma fresta para os enfiar, ou então, si no cinema movimenta os pés a modo de músico a bater compasso, é a deixa. Entra o pai em scena com um bom cacete na mão, e faça valler a sua dureza. / É o único remédio... / Moda ou não, chegou a ocasião do argumentum bacalinum. É a hora do cacete. / E garanto que si todos os interessados o souberem movimentar com músculos e a tempo, dentro de muito em breve o almofadinha estará fora de moda.<sup>90</sup>*

No entanto, a “ebulição luminosa do modernismo” continuava a fascinar e a preocupar. As opiniões sobre os novos hábitos, a moda, sucedem-se ao longo da década de 1920. Alguns, apesar de se considerarem pasmados pelas constantes oscilações da moda, não prescrevem atitudes tão virulentas e ríspidas como a indicada no texto acima. “*Ouçó cá dentro de alguma coisa afirmativamente, máxime, em uma época de inovações tantas, de surpresas, de loucuras extremas e de uma fascinação perturbadora ao mais inexorável de todos os déspotas – a moda...*”<sup>91</sup>

João de Carvalho, autor desse texto, refere-se aos vestidos cada vez mais curtos e mais

<sup>89</sup> *A Palavra*, 19/02/1920.

<sup>90</sup> *Idem*.

<sup>91</sup> *Cruzeiro do Sul*, 13/02/1926.

decotados das mulheres, além de trazerem a transparência primitiva de um novo Éden. Não bastasse isso, a moda agora exige os cabelos femininos cortados “á inglesa”, “á la garçonne”, “á bebê.” Parece falar justamente das melindrosas. Elas ao lado de seu par, os almofadinhas peralvilhos, apesar de todas as imprecações, continuam a marcar presença. Um deles até passa assinar uma coluna num dos jornais da cidade. Em uma de suas crônicas, comenta sobre a perspectiva de um baile à moda antiga que seria realizado na cidade. Para o cronista, não haveria problema algum, gostaria até de participar, e até de bailar, mesmo que outros almofadinhas como ele se recusassem para “*não fazer figura feia.*” Argumentando não podê-lo por estar em pleno 1926, “*em plena modernidade.*”<sup>92</sup>

Essa crônica tem a sua importância, pois é a primeira vez, ao que tudo indica, que a imprensa local registra o vocábulo “modernidade”. Outras variantes como moderno [mencionado acima] e modernismo<sup>93</sup> já tinham feito a sua aparição. Mas o mesmo termo utilizado por Baudelaire, no século XIX, é mencionado em Sorocaba em meados da década de 1920.

Não obstante, o nosso cronista tão enfronhado na modernidade não recusa as tradições

<sup>92</sup> *Cruzeiro do Sul*, 29/01/1926.

<sup>93</sup> Com efeito, em 1916, a imprensa local faz publicar um artigo sobre o modernismo latino-americano. Esse artigo, assinado por Justo Seabra, fala do decadentismo, periodizado entre 1880 e 1890, tendo surgido na França, “*com Verlaine, inspirado em Baudelaire, e foi revelado na América hespanhola por Gutierrez Nájera e Ruben Dario, entre outros, tendo elevado até ao paroxismo o entusiasmo de uma geração.*” O autor, brasileiro, termina lamentando uma não aproximação maior do país com essa literatura, a despeito da proximidade geográfica e da semelhança da língua, “*e, sobretudo, pelos destinos quando sobre nossas cabeças pende, como uma avalanche, o colosso que de fauces abertas nos ameaça constantemente a existência, fazendo nosso coração sentir: - Ou nos unimos no progresso realizando a Confederação Latino-Americana, ou teremos a sorte do México, passando pouco a pouco para o estomago insaciável do Monstro, tão estranho a nossa origem, á nossa raça, ao nosso espírito brilhante e irmão de latinos que somos, e que nos vemos, como em um espelho lá no fundo glorioso da História.*” *Cruzeiro do Sul*, 18/04/1916. Parece evidente que o tal colosso a que se refere o autor seja os Estados Unidos. Mas o que poderia ser destacado aqui é a questão da periodização. Ou seja, notar como a palavra modernismo era empregada para se referir a movimentos literários do início do século XX, antes que o movimento de 1922 tomasse para si a exclusividade do vocábulo. Evidentemente o autor faz referência à literatura hispânica, mas menciona influências que também já se faziam sentir no Brasil, no mesmo período. Essa questão nos remete às colocações de Foot Hardman, no sentido de apontar a periodização anacrônica, consagrada por muito tempo pela historiografia da literatura nacional, pois feita pelas lentes de 1922, ocultando “processos culturais relevantes que se gestaram na sociedade brasileira, a rigor desde a primeira metade do século XIX.” Ou pelo menos, mais precisamente, que se faziam sentir desde 1870, abrangendo positivismo, darwinismo, evolucionismo, Escola de Recife, final da Guerra do Paraguai, a crônicas de Machado de Assis apontando a percepção de aceleração do tempo. HARDMAN, Francisco Foot. *Antigos modernistas*. 1996, p. 290.

do passado:

*O que é antigo sempre tem para nós modernos um 'quê' especial que o torna admirável e digno de ser reconstituído.*

*Sou defensor do modernismo, não o nego, porque nasci neste rutilante século do aeroplano, sou dos que procura achar a justificativa para muitos modernismos que são quase sempre fulminados pelas imprecações dos passadistas, mas, sou franco, não sei olhar para a antiguidade, mesmo para essa antiguidade mais recente, seja-me lícito assim dizer, sem que me depare cada vez mais soberba, cada vez mais, uma arca toda cheia de deslumbramentos.<sup>94</sup>*

Os bailes considerados modernos eram marcados pelas sonoridades das jazz-bands. Fazendo com que os não adeptos das modernices do jazz lembrassem com saudades das orquestras antigas e sua sonoridade suave. Um sorocabano, também cronista de imprensa local, em visita a capital e depois da audição de um jazz-band “*ainda com os tympanos doloridos pela barulhada do jazz*”, relembresse com saudades da harmonia e delicadeza da orquestra, na qual até os nomes dos músicos se remetessem a algo mais sorocabano. Lembrava com saudades das valsas, dos dobrados, as composições do popular e estimado Nhonhô Pica-Pau, o maestro Fernando Luiz Grohmann, “*o antigo director da Lyra, que uns 16 annos atraz ainda deliciava o povo desta cidade.*”<sup>95</sup>

O autor dessas lembranças faz referência à célebre orquestra *Lyra Sorocabana* que, no início do século, executava, no Jardim Público da cidade, programas como este:

*Primeira parte – 23 de abril, dobrado; Gran Duchesse, valsa; Alzira, polka; Offembach, galope.*

*Segunda Parte – Cavalleria Rusticana, pout-porri; Gran-Via, coro dos marinheiros. Arrependimento e Perdão, mazurka. O Incêndio, dobrado.<sup>96</sup>*

Com certeza, um programa bem mais condizente com as preferências do cronista. Contudo, interessante notar que, mesmo os adeptos da modernidade, os almofadinhas da cidade, encontravam seus limites no que se refere a algumas das manifestações ditas

<sup>94</sup> *Cruzeiro do Sul*, 29/01/1926.

<sup>95</sup> *Cruzeiro do Sul*, 14/08/1926.

<sup>96</sup> *O 15 de Novembro*, 12/01/1903.

modernas. É o caso da recepção do Charleston na cidade. E justamente o cronista João de Sorocaba, autor da mencionada *Uma chronica, de vez em quando*, defensor da modernidade, escreve um texto aplaudindo a proibição, por parte de um clube de Curitiba, da prática do Charleston em seus salões. E pensa dessa forma porque:

*Embora admirador e respeitador das coisas do passado, tenho sido sempre defensor do modernismo. Como tal, acho que a sociedade paranaense andou muito bem proibindo que o charleston encontrasse culto nos seus salões, porque esta dança moderna é um attentado á musica, é um attentado á moral, pe um attentado ao próprio modernismo!*

*O charleston, como dança, é sobremaneira excitante; o charleston como música, é sobremaneira material; o charleston como modernismo, é sobremaneira enxovalhador. Enxovalhador sobremaneira, porque o que não tem base moral, na sciencia ou na arte, nem é digno de ser encarado como um modernismo a menos que se queira, com o nosso tácito consentimento, destruir o valor daquillo que com orgulho vimos construir na nossa epocha e que com tanto ardor defendemos. Ao menos na esthetica se apoiasse o charleston, e então, quem sabe, não nos envergonharíamos tanto de considera-lo um dos elementos constitutivos do patrimônio do modernismo. Mas, nem isso.*

*(...) Na música popular moderna, mesmo no gênero jazz band encontramos, não raro, musicas riquíssimas de melodia. Por ventura não são lindos e não enchem de emoção a alma um fox trot como o Lady of the evening, um tango argentino como El Amanhecer, um tango canção como Chúa-chúa? E no emtanto, na hierarchia musical, são plebéas, estas músicas...; não deixam porém de ser músicas. E o charleston? Na musica, o charleston é um paria; nem classe tem!...<sup>97</sup>*

João de Sorocaba podia repudiar o charleston como música e como expressão do modernismo, mas o fato é que a nova dança vinha conquistando cada vez mais adeptos na cidade. Ao que parecia, segundo a imprensa local, tal manifestação vinha de uma tribo de selvagens africanos e seu aparecimento nos Estados Unidos, ou no “meio civilizado”, se dera porque fora trazido por uma moça que estivera na África. A nota, evidentemente, traz uma série de distorções e mal esconde o seu preconceito, a respeito da dança surgida nos Estados Unidos de influência afro-americana. A moça, que aliás nunca esteve na África naquele período, era Josephine Baker, talvez a primeira “pop-star” que se tem notícia, num momento em que a indústria cultural ainda se estruturava. De qualquer forma, a nota dá uma dimensão

<sup>97</sup> *Cruzeiro do Sul*, 22/08/1926.

do sucesso estrondoso alcançado por Baker na França e na Europa.<sup>98</sup>

O charleston era, enfim, uma típica expressão do mundo moderno, porque manifestava o moderno nervosismo coletivo, com suas apreensões, inquietações e novas sensações. Encarnação do “século nevrótico”. *“Não resta duvida que as recentes execuções de charleston irritam fortemente a fibratura nervosa dos homens, detidos á espreita do epílogo doloroso de um facto que os trazia em progressiva ansiedade. O desfecho, antes de aplacar os nervos, pôl-os em mais accentuada excitação que só o tempo podia refrear não fora outros acontecimentos que attrahem a atenção nervosa dos homens.”*<sup>99</sup>

Esses acontecimentos provocam a estimulação dos nervos para além do suportável, daí o charleston, daí o jazz band, daí a necessidade de estimulantes e estupifacientes dos mais variados tipos. Em meio a todas essas farfalhadas, o café expresso surge como uma necessidade da vida moderna, “última criação no domínio da impaciência e do utilitarismo.”<sup>100</sup> *“Foram-se os tempos em que a gente ia á casa de um amigo, para saborear uma palestra, ou fugir por alguns minutos ao rumor das ruas. / O dynamismo avassalante da época invadiu e dominou esse antigo reducto de tranqüilidade. Repara como os homens entram ali, naquella sala onde engolem rapidamente, um pouco de café, silenciosos, graves e apressados como si*

<sup>98</sup> *Cruzeiro do Sul*, 31/08/1926. O sucesso estrondoso e irresistível de Josephine Baker na Europa não deixou de ser noticiado e comentado pela imprensa sorocabana. Em 1929, o periódico *Correio de Sorocaba*, fazia menção ao que considerava sorte de Baker, pois enquanto era festejada na Europa, os afro-americanos eram vítimas de todos os suplícios em seu país. Uma menção aos bárbaros linchamentos de negros ocorridos, especialmente, é claro, no sul dos Estados Unidos. Enquanto isso empresários argentinos contratavam a estrela por 1400.000 francos e, para dois espetáculo no Rio, Baker teria pedido 100 contos de réis.” *Correio de Sorocaba*, 04/06/1929.

<sup>99</sup> *Cruzeiro do Sul*, 02/09/1927.

<sup>100</sup> A história da rubiácea é, por si só, fascinante, originária da Abissínia, atual Etiópia, cujas propriedades contra o sono e a fadiga eram sobejamente conhecidas pelos pastores locais, foi descoberta pelos árabes e chega à Europa. Posteriormente é introduzida na América através da Guiana Francesa, onde era guardada como segredo comercial pelo governador local. No entanto, a mulher do dito governador, madame d’Orvilliers, acaba por presentear o sargento –mor português Francisco de Melo Palheta, provavelmente seu amante, com algumas mudas da rubiácea, em 1727. A partir daí o café foi plantado inicialmente na região amazônica e, posteriormente, por volta de 1770 na Baixada Fluminense.

Ainda na primeira metade do século XIX tratava-se de uma planta pouco conhecida e apreciada, porém, a sua valorização começa a ocorrer a partir da segunda metade do século, quando o processo de industrialização que ocorre na Europa e nos Estados Unidos provoca drásticas transformações no modo de vida das populações urbanas que passam a necessitar de estimulantes, em sua maioria de origem tropical, para se adaptarem aos novos ritmos e intensidade do ambiente urbano. ZWEIG, Stefan. *Brasil: país do futuro*. [s.d.], pp. 257-260.

*corressem da morte...Não sorriem, não se olham mesmo. Dir-se-ia que estão a beber um veneno, que estão a consumir-se...*”<sup>101</sup> Outros, preferem vícios mais elegantes, talvez algo conhecido como o grande jó, “*deliciosa bebida, oriunda lá das terras banhadas pelo Minho e Douro*”, lenitivo gostoso das horas de amargura e que faz esquecer dos azares da vida.<sup>102</sup>

Um texto publicado em 1931, assinado por Márquez de Montilbello, faz uma análise retrospectiva daqueles anos posteriores ao término da Primeira Guerra Mundial, quando “*uma onda de modernismo cobriu o mundo inteiro. Parece que a humanidade, suffocados pelos acontecimentos desenrolados nos quatro annos fatídicos, procurou expandir a sua alegria e a liberdade, tolhidos pelos horrores da guerra. Desde então o cérebro humano começou a idealisar as maneiras varias, em que devia exteriorizar a avalanche reformadora, que lhe trazia novos prazeres, novas alegrias, novas invenções; e a esse movimento reformador deu-se o nome de modernismo. Paris entoou o brado, chamando ás fileiras o seu immenso exercito mundial feminino.*” Porém o impacto daquele período não ocorreu somente na moda, especificamente feminina, mas também na arquitetura, nas façanhas da aviação, eletricidade. “*O modernismo trouxe tudo isso...e outras cousas mais.*” Mas, conclui o autor, o espírito humano procura refazer-se da catástrofe que foi a Conflagração Européia através da ciência e da paz, mas não encontrará aí, uma vez que a verdadeira paz só seria encontrada na religião.<sup>103</sup>

Em 1927, visita a cidade o escritor e jornalista Octavio Rangel, este deixa algumas impressões sobre a sua visita. Descrevendo a paisagem pitoresca e concentrando o seu olhar no movimento dos operários ao longo do dia.

*Cidade tradicional! A Manchester do sul com sua alma de operários. Alma boníssima. Pela manhã, álacres, bandos e bandos, homens e mulheres buscam teares, forjas, tornos, engrenagens, machinismos e desaparecem mysteriosamente nos claustros da Industria. Ninguém mais os vê. Adivinha-se-os, apenas.*

*(...)Chega a tarde... tom lilás. Uma poalha de ouro cae subtilmente sobre os telhados. Apitam as fabricas. Sons fatigados correm céleres. Vêm de longe, de perto, do Valle, da collina, da borda do rio...É a tregoa do braço. O*

<sup>101</sup> *Cruzeiro do Sul*, 15/10/1927.

<sup>102</sup> *Cruzeiro do Sul*, 27/11/1925.

<sup>103</sup> *O Repórter*, 29/05/1931.

*delíquio da cidade. Os mesmos bandos, densos, risonhos, serenos nos rostos, traquilos nas consciências, surgem de novo, como por encanto. (...) Por tudo isso, bemdita sejam, Sorocaba! MetrÓpole da paz! Fadada para o trabalho e para o amor.<sup>104</sup>*

Essa visão idílica se aproxima muito daquela elaborada por Camargo César para o Almanaque de 1914, citada acima. Por essas impressões, a Manchester Paulista se configuraria como um local de paz e trabalho, ritmada pelo barulho das chaminés. Evidentemente, essa é a perspectiva desejada pelos capitalistas locais. A imprensa da cidade, invariavelmente, reproduz e amplifica tal perspectiva. Desse modo, temos matérias eloqüentes sobre a inauguração de estabelecimentos fabris, ou descrições sobre o funcionamento das grandes indústrias têxteis. As contradições sociais parecem desaparecer, ou mesmo não existir, e quando se faz menção ao operário é, geralmente, para exaltar as magníficas condições de trabalho das indústrias, inclusive o trabalho infantil: *“Vimol-as alli [as crianças] entretidas, diligentes, numa faina suave, que de maneira alguma lhes pode prejudicar as organizações débeis, em vista do diminuto dispêndio de forças que demanda.”<sup>105</sup>*

No início do século XX, o operário é retratado como um fator fundamental na propulsão do progresso da cidade:

*Sorocaba, queiram ou não queiram, digam, embora, os pessimistas o contrário, - Sorocaba vae avante, ganha terreno dia a dia na senda luminosa do progresso.” (...) Ao operário, pois, - a esse que é pequenino ante as convenções da sociedade e ante os preconceitos absurdos do convencionalismo injusto, mas que reunido representa a machina não só de uma nação como também de todas as nações – ao operário, como nós íamos dizendo, cabe grande parte da gloria da alevantamento de Sorocaba.<sup>106</sup>*

Ou ainda noticiando as manifestações de solidariedade entre operários e patrões em prol da indústria nacional.<sup>107</sup>

Em contraposição a essas imagens, outras perspectivas podem e devem ser buscadas, a

<sup>104</sup> *Correio de Sorocaba*, 15/09/1927.

<sup>105</sup> *O 15 de Novembro*, 03/09/1899.

<sup>106</sup> *Cruzeiro do Sul*, 09/01/1918.

<sup>107</sup> *O 15 de Novembro*, 16/08/1905.

partir de vários fragmentos, como a produção dos memorialistas. Nesse sentido, as breves, porém pungentes, notas que Jacob Penteadado dedica a Sorocaba são fundamentais. O escritor nasce na cidade, em 1900, e ali, mais precisamente no bairro industrial de Santa Rosália, tem as suas primeiras impressões sobre a dura rotina de seus pais operários.

*Na encosta da colina, havia várias ruelas de casas rústicas, com telhas vãs, onde, à noite, o vento executava sua lúgubre sinfonia. Nada de instalações sanitárias ou iluminação. Esta era à base de velas ou de lampiões a querosene. Água, só de poço ou do rio próximo. Os moradores, para suas necessidades, recorriam aos urinóis ou, então inam defecar no mato que cercava as casinholas.*

*O horário de trabalho era bem amargo. Os operários entravam às cinco horas da manhã, com as estrelas ainda bem visíveis. Tinham quarenta e cinco minutos para o almoço, às onze horas. Depois, continuavam sua faina, que ia até às oito horas da noite, voltando para seus tugúrios ainda sob a luz das estrelas.*

O pai de Penteadado não resiste a esse ritmo insano de trabalho e falece em 1903, deixando-o com três anos de idade, sua mãe e um irmão recém nascido. A partir de então a situação se torna ainda mais penosa para eles. E calou fundo nas lembranças de Penteadado a imagem de sua mãe acordando em plena madrugada com o apito da fábrica, “cujo som ecoava, no silêncio da colina, como um doloroso chamado. Meio insone, pois passava as noites cuidando do pequeno Antoninho, levantava-se, preparava às pressas seu magro café, vestia-se, beijava-nos e seguia para seu calvário. Aos domingos, dia de folga para todos, esfalfava-se em lavar a roupa da semana, a beira do rio Sorocaba, que corria aos pés do morro.”<sup>108</sup>

O jornal *O Operário*, publicado na cidade entre os anos de 1909 e 1913, também se configura como um rico e, provavelmente, o único no início do século passado, repositório de contra imagens a respeito da luta de classes e, conseqüentemente, das diferentes representações e percepções que são elaboradas no contexto da modernização da urbe.

Num editorial denominado *A situação operária*, o jornal expressa as agruras do operariado sorocabano, convergindo nesse sentido com as reminiscências de Jacob Penteadado:

<sup>108</sup> PENTEADO, Jacob. *Belenzinho, 1910 (retrato de uma época)*. 2003, pp. 13-20.

jornadas de trabalho de 13 a 14 horas, péssimas condições de trabalho e os constantes assédios a que eram submetidas as operárias por parte de contra-mestres e auxiliares prepotentes e bajuladores, tudo isso com a conivência dos gerentes e patrões. Por tudo isso, o texto termina com a seguinte frase: *“Infelizmente é tristíssima a situação operária nesta cidade.”*<sup>109</sup>

Impresso na tipografia do *Clarim da Luz*, a qual editava um jornal com esse mesmo nome e de orientação espírita, *O Operário*, vem à luz como um órgão de defesa da classe operária, franqueando as suas colunas a todos os oprimidos. Com tal postura, o jornal não demorou a chamar a atenção e a melindrar a imprensa da cidade, particularmente aquela ligada ao diretório do partido republicano. Assim, prontamente o *Cruzeiro do Sul*, órgão do PRP, publica um texto em que levanta uma série de questões a respeito do *O Operário*. *“O Operário será mesmo um jornal, na significação precisa, exacta dessa palavra?”* Mais adiante, o articulista do *Cruzeiro* pergunta: *“Tem [O Operário] uma orientação social, política ou philosophica? Segue algum rumo determinado para atingir a um ideal util e proveitoso, porque só é util e proveitoso todo o acto do qual deriva um proveito real para o homem isolado ou em sociedade (...) Todo o seu trabalho é por alguma theoria? Visa alguma reforma? Como elle a pretende executar? Quaes os processos de que lança mão?”* Em meio a essas indagações, o autor do texto coloca o perigo que poderia representar um órgão como aquele na cidade, enganando honestos trabalhadores e levando-os para caminhos perigosos. *“Porque esse desejo evidentemente perverso de desnaturar a realidade das cousas, de accender no espirito de um classe digna e honesta, valiosa e elevada, o espirito da discórdia, tentando pela insídia e pela felonía, plantar o descontentamento no seu coração? Não é esse um crime gravíssimo, porque é premeditado e realizado com segurança, com calculo e com terrível crueldade?”* Diante disso, o autor responde, ao menos, a primeira indagação lançada: *“Os factos se provam e as theorias se demonstram, e no entanto O Operario falseia os factos e não possui doutrina... Mas então não é jornal. Mas então não*

<sup>109</sup> *O Operário*, 31/10/1909. Edição fac-similar. 2007, p. 28.

*merece respeito. As suas palavras são deshonestas e traiçoeiras.*"<sup>110</sup>

Por sua vez, *O Operário* não se mostra surpreso com as palavras de um jornal que vivia às custas dos cofres municipais – o *Cruzeiro*, ao longo de boa parte da Primeira República, tinha contrato com a Câmara Municipal para editar as notícias do poder municipal. Portanto, segundo *O Operário*, o *Cruzeiro*, além de sobreviver em função do suor dos trabalhadores da cidade, não passava de um bajulador dos poderosos da terra. E continuava:

*Para a gente do <Cruzeiro> só são honestos, só são laboriosos, só têm character os que vivem de rastos, beijando as plantas dos pés de seus superiores, e, indignos e corrompidos os que pensam livremente e possuem altivez necessaria para repudiarem o que vai de encontro à nobreza de seus sentimentos.*

*(...) Haverá maior pensamento de humanitarismo e, conseqüentemente, maior noção de liberdade do que a defeza dos fracos contra os poderosos? Haverá maior nobreza de sentimentos do que a do jornal que foi criado para a defeza dos oprimidos? Haverá acto mais generoso do que os sacrificios dos desherdados da fortuna?*

*O <Cruzeiro> que, por hypocresia, se diz orgam popular, não passa de um explorador político, às ordens das aves de arribação, que aqui aportam.*

*Perguntou-nos essa folha, orgam de um partido: -<tem O Operario uma orientação social politica ou philosophica?>*

*Por esta pergunta, vêm os leitores que o ORGAM DAS MENTIRAS ignora nosso programa, publicado no primeiro numero deste jornal, no qual declaramos fugir de tudo quanto nos pudesse envolver nas lides políticas, tratando tão somente, da defeza e dos interesses da classe operaria, procurando pela discussão séria e arrazoada, fazer triumphar a causa dos fracos contra a prepotencia dos fortes.*<sup>111</sup>

*O Operário* menciona a sua recusa em se envolver nas contendas políticas. Porém, efetivamente, os redatores do jornal não vão conseguir cumprir essa norma. Talvez fosse quase impossível para a imprensa da época ficar alheia ao contexto político daquele momento, pautado pela sucessão do presidente Afonso Pena e, conseqüentemente, pela disputa entre Hermes da Fonseca e Rui Barbosa. A política sorocabana refletirá de maneira intensa esse agitado momento político do país. Assim, o *Cruzeiro do Sul*, como órgão da situação na cidade, apoiará a candidatura de Rui Barbosa; por sua vez as idéias da dissidência local serão veiculadas através da *A Cidade de Sorocaba*, estes sufragando Hermes da Fonseca. Pois bem,

<sup>110</sup> *Cruzeiro do Sul*, 12/09/1909.

<sup>111</sup> *O Operário*, 10/10/1909. Edição fac-similar. 2007, p. 17.

contrariando o seu programa, *O Operário*, apoiará desde o primeiro momento, não apenas a candidatura Hermes, como também os seus representantes na cidade. Não escondendo as suas simpatias, por exemplo, pela figura de Ferreira Braga, um dos líderes da oposição ao PRP e chefe do Partido Republicano Conservador [PRC].<sup>112</sup> Certamente em decorrência dessas relações, o *Cruzeiro*, em sua áspera contenda com *O Operário*, acuse o jornal de ser manejado por “mão oculta”<sup>113</sup>; podemos inferir que essas mãos fossem aquelas ligadas, justamente, à oposição, tais como Porfírio Loureiro, Ferreira Braga e Antônio de Oliveira.

O periódico da classe operária vai negar essas ligações, assumindo a total responsabilidade por seus atos<sup>114</sup>, porém fica patente a simpatia, assim como as relações amistosas entre o jornal e os segmentos oposicionistas ao PRP na cidade. Esse fato ajuda a compreender as filiações ideológicas da publicação, uma vez que não negavam totalmente o sistema político vigente, afastando-se, dessa forma, de posições que pudessem ser consideradas de cunho anarquista.<sup>115</sup> Tais aspectos podem ser percebidos na resposta ao artigo do *Cruzeiro*. Dessa forma, ao responder sobre como pretendia executar as reformas que desejava, visando ao bem estar da classe trabalhadora, o jornal colocava:

*A reforma que pretendemos executar, já o dissemos e repetimos, é o melhoramento das condições moraes e materiaes do operariado: moraes, não se lhe negando a liberdade de consciencia sob as mais vis ameaças, obrigando-se o operariado a sujeitar-se ás imposições, sob a perspectiva da fome; materiaes obtendo a diminuição das horas de trabalho, incompativeis com a capacidade physica do operario, especialmente dos menores, que se exgottam debaixo dos mais penosos trabalhos, obtendo ainda melhoria dos salários de accordo com as habilitações de cada um e não por protecção, como sempre acontece (...).*

*Quanto aos processos para atingirmos a este 'desideratum', continuaremos a empregar os mesmos até aqui usados, dentro das normas do justo, do honesto e da ordem [grifo nosso], isto é, denunciarmos ao publico as irregularidades que se derem nos estabelecimentos fabris, procurando collocar os irmãos do trabalho à coberto das injustiças que se queiram praticar contra os mesmos, pugnando, enfim, o quanto possível por estas*

<sup>112</sup> CARVALHO, Rogério Lopes P. de. e CAVALHEIRO, Carlos Carvalho. *O Operário: um jornal em defesa da classe*. 2007, pp. vii-xiii.

<sup>113</sup> *Cruzeiro do Sul*, 12/10/1909.

<sup>114</sup> *O Operário*, 17/10/1909. Edição fac-similar. 2007, p. 22.

<sup>115</sup> CARVALHO, Rogério Lopes P. de. e CAVALHEIRO, Carlos Carvalho. Op. cit.

*columns pelo bem estar da classe, digna de todo o respeito.*<sup>116</sup>

Mas, em suas colunas, o periódico não tratava apenas das questões específicas acerca da situação da classe operária. É possível também apreender, a partir de uma perspectiva peculiar, aspectos relativos às transformações urbanas que estavam ocorrendo na cidade. Esse foi o tópico de uma coluna, publicada em algumas edições, denominada *Sorocaba Progride*. O interessante é o tom irônico que perpassa os textos, a começar pelo próprio título que supostamente faria menção ao progresso fulgurante de Sorocaba. Num deles, o articulista menciona a crise que acomete o país, porém Sorocaba parece configurar como uma exceção à regra. O município encontra-se em “estado próspero” indo inexorável na “senda do progresso”. O texto refere-se a um vultoso empréstimo realizado pela prefeitura que, certamente, traria dali a pouco tempo consideráveis melhoramentos materiais para a cidade, como o melhoramento do calçamento das ruas e do abastecimento de água.<sup>117</sup> A questão do abastecimento de água é um tema recorrente. Assim, apesar de não haver dúvida sobre o progresso da cidade, o autor não entende por que ao abrir a torneira de sua casa pela manhã a encontra completamente vazia, sem uma gota sequer do precioso líquido.<sup>118</sup> O que está a indicar, de maneira irônica, a absoluta insuficiência do abastecimento de água e, poderíamos incluir, esgotos na cidade, mesmo na região supostamente atendida por esses serviços. No texto publicado em junho de 1910, o articulista sintetiza os assuntos abordados e destila todo o seu sarcasmo:

*O progresso de Sorocaba offusca tudo o que há de mais moderno e de mais chic. É enfim, a ultima palavra em materia de bom gosto. De trez anos a está parte, nós não temos caminhado temos voador! Finanças, melhoramentos materiaes e tudo quanto diz respeito ao seu alto e bom nome, na dianteira do progresso e da civilização, são curados com o maior interesse.*

*Há mesmo pessoas que já perderam os cabelo [sic] só de pensar, fazer calculos, consultar algarismos, fazer contractos, etc, em bem desta*

<sup>116</sup> *O Operário*, 10/10/1909. Edição fac-similar. 2007, pp. 17-18.

<sup>117</sup> *O Operário*, 24/04/1910. Edição fac-similar. 2007, p. 99.

<sup>118</sup> *O Operário*, 08/05/1910. Edição fac-similar. 2007, pp. 106-107.

*abençoada terra.*

*Temos iluminação supimpa, com material de prima qualità, abastecimento de agua e serviço de esgotos, extra, ruas macadamizadas a terregulho [quando faz sol] e lamagulho, quando chove. Ultima palavra do progresso, conforme o tempo muda se altera a substancia com que calçam as ruas.*

*(...) E nós, à vista disto, como se fossemos políticos, garantimos que vamos fazer uma grande cabala nas próximas eleições municipaes: poremos um terregulho, o mais gordo para prefeito e o compadre que nos o terregulho para elle mesmo. De sorte que accomodaremos a coisa da melhor forma. As pessoas serão as mesmas, os homens também*

*Trocam-se unicamente os papeis. É preciso cada um experimentar de tudo, para ver qual o pratinho mais gostoso...<sup>119</sup>*

Para compreender a passagem é preciso, mais uma vez, fazer menção ao contexto político. Todos os artigos criticam a administração de João Clímaco Camargo Pires, prefeito municipal entre 1908 e 1911, o “compadre” mencionado no texto. Sendo que “o mais gordo” é justamente o irmão do prefeito, Joaquim Fermiano de Camargo Pires, ninguém menos do que o diretor-chefe do *Cruzeiro do Sul*. Dessa forma, o artigo procura ao mesmo tempo atacar a administração municipal, mencionando os não-melhoramentos da cidade, além de mostrar a ligação até familiar do *Cruzeiro* com essa administração.

Desponta aqui uma visão mais claudicante acerca dos melhoramentos urbanos e modernização da cidade que, certamente, possuíam um caráter mais postiço e contraditório do que fazia crer as imagens laudatórias publicadas pelos órgãos oficiais, como também veiculadas nos Almanques Ilustrados e revistas luxuosas das primeiras décadas do século XX, em Sorocaba.

A consolidação da indústria têxtil na cidade traz, conseqüentemente, consigo o desenvolvimento do movimento operário, que passa a reivindicar melhores condições de trabalho e a realizar greves. Nesses momentos a imagem imaculada do operariado é modificada no sentido de mostrá-lo como um analfabeto político, incapaz de discernir o que é certo e errado. Tornando-se, portanto, uma presa fácil para baderneiros, propagadores de idéias estrangeiras e “bizarras” ao nosso meio social, ou seja, anarquistas, socialistas e outras

<sup>119</sup> *O Operário*, 19/06/1910. Edição fac-similar. 2007, p. 131.

tendências do movimento operário. Diante de tal situação, o papel da “imprensa oficial” seria o de alertar os operários dos riscos de se envolver em greves e manifestações outras.

O ano de 1911 registra uma importante vitória para os trabalhadores das fábricas têxteis da cidade. Os colaboradores do jornal *O Operário* colocam a necessidade da formação de um sindicato em proveito dos trabalhadores, uma União Operária. “*Por conseguinte, operarios, unamo-nos e sejamos unidos! Trabalhemos em pról dos nossos colegas! / Sejamos fortes, para que possamos fazer ruir, desmoronar por terra os muros da nossa <Bastilha>!*”<sup>120</sup>

De fato, alguns setores da classe operária da cidade começam a se mobilizar. Tal movimentação, obviamente, não ficou alheia e passou a preocupar as classes dirigentes de Sorocaba. Nesse sentido, o *Cruzeiro* faz publicar um texto direcionado à classe operária da cidade e, sintomaticamente, assinado por “um amigo da ordem”. O texto acusa alguns “mal intencionados” que estariam semeando a discórdia no então “ordeiro” e “pacato” operariado sorocabano. Menciona uma suposta legislação que protegeria o trabalhador honesto. Nesse ponto, diante de uma afirmação tão irreal como essa, ficamos com a clássica dúvida sobre se o autor é ingênuo ou simplesmente um cínico. Enfim, em função dessas leis imaginárias, pergunta-se o que os operários teriam a ganhar com a realização de uma greve, mesmo que pacífica. E responde: “*Os factos se encarregam de responder essa interrogação: Onde há greve sempre se verificam perturbações da ordem attrictos pessoaes, que se reflectem na sociedade em geral, causando não pequenos prejuizos, de que o commercio é o primeiro a soffrer as consequencias.*” E conclui rogando aos operários que desistam da greve, porém alertando que no terreno das ameaças nada conseguiriam.<sup>121</sup> Esta última referência certamente decorria dos artigos um tanto quanto inflamados que estavam sendo publicados no *O Operário*, artigos que expressavam um momento de tensionamento às vésperas de eclosão da greve:

*Os sugadores do sangue humano  
Sorocaba, terra industrial como é, não temos uma <Liga Operaria> que*

<sup>120</sup> *O Operário*, 05/02/1911. Edição fac-similar. 2007, p. 255.

<sup>121</sup> *Cruzeiro do Sul*, 27/07/1911.

*tanto precisamos para lutar pelos nossos direitos. Mas, perto esta o dia de desmornar-se a Bastilha dos prepotente; esses que querem sugar a ultima gota de sangue dos operarios.*

*Companheiros... vedes essas grandes e monstruosas fabricas como a de Santa Maria, Fonceca, e Santa Rosalia?... tudo isso é obra dos operarios.*

*Nessas mesmas fabricas trabalham das 5 horas da madrugada ate as 7 da noite... Pobres collegas, presos nesses matadouros o dia inteiro como as rezes que vão ser imoladas. Companheiros... A União faz a força nos faremos com que esses homens ingratos respeitem os direitos do operario.”*  
*A. Fogaça.<sup>122</sup>*

Essa mesma edição se refere à mobilização dos pedreiros da cidade irritados com a atitude de alguns capitalistas, como Scarpa e Kenworthy, de trazerem operários pedreiros de São Paulo, relegando os trabalhadores locais. Em nota, esse segmento, espelhando-se na união dos trabalhadores das grandes indústrias, não vai mais implorar, mas, sim, exigir a conquista de seus direitos.

A greve efetivamente eclode no início de agosto e termina com a vitória de uma das mais caras reivindicações do operariado da cidade, a redução da jornada de trabalho que passa a ser de 10 horas. O fato, nem poderia ser diferente, é fartamente noticiado nas páginas do *O Operário*. “O desmornar da bastilha” e “Vitória sacrosanta” são algumas das manchetes. Porém Pedro de Oliveira Mesquita, um dos colaboradores do periódico, alertava aos operários que, apesar da vitória triunfante, é fundamental não dormir sobre os louros. Pois havia muito ainda por conquistar: aumento de salários, instrução para a infância proletária e a formação de uma Liga pela defesa dos direitos e do bem estar dos trabalhadores.<sup>123</sup>

Nesse sentido, Sorocaba se verá inserida na conjuntura de greves dos anos 1917 e 1920. Um momento, segundo Boris Fausto, em que o fortalecimento da classe operária ocasiona uma alteração nas relações entre classes e grupos sociais. Quer dizer, a chamada questão social não pode mais ser ignorada pelos dirigentes republicanos.<sup>124</sup>

A greve de 1919, que se origina na capital, chega a Sorocaba, ocasionando a

<sup>122</sup> *O Operário*, 18/07/1911. Edição fac-similar. 2007, p. 323.

<sup>123</sup> *O Operário*, 20/08/1911. Edição fac-similar. 2007, p. 338.

<sup>124</sup> FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social*. 2000, p. 159.

paralisação quase que total das principais fábricas da cidade.<sup>125</sup> Mais uma vez se manifesta a preocupação dos segmentos dirigentes e de seus estafetas em alertar os trabalhadores locais para que não sejam manipulados “por um grupo de perigosos anarquistas vulgares e de profissão.”<sup>126</sup>

O movimento operário, particularmente aquele de ascendência anarquista, entra em refluxo ao longo da década de 1920,<sup>127</sup> em todo o caso não se pode deixar de reconhecer que as lutas desse período fizessem o Estado ao menos levar em consideração a conflituosa relação entre capital e trabalho. Nesse sentido é que surgem as primeiras leis trabalhistas, como a lei de férias, o código de menores, em que pese nunca terem sido cumpridas e respeitadas ao longo da década de vinte. Mais um indicativo, quase que evidente, a respeito de que lado pendia a República oligárquica brasileira. Não bastasse isso, o lado do capital, em decorrência das lutas trabalhistas, procura se organizar. No caso específico da indústria têxtil, é criado o Centro de Indústrias de Fiação e Tecelagem de São Paulo [CIFT], organização cujo interesse em porfiar por esse segmento implica elaborar estratégias de repressão ao movimento operário. Uma dessas estratégias foi o sistema de identificação dos operários. Uma ficha elaborada pelo CIFT, em completa colaboração com os órgãos policiais, contendo o nome, a idade, a nacionalidade, gênero de ocupação, sinais característicos, o retrato do operário e suas impressões digitais. Com o seu estabelecimento, nenhum operário poderia trabalhar sem apresentar a ficha expedida pelo CIFT. O objetivo era criar uma “lista de indesejáveis”, os “grupos perigosos”, “agitadores” e “grevistas profissionais”, impedindo-os de trabalhar.<sup>128</sup>

Esse sistema foi aprovado em agosto de 1921. Mas cabe a Sorocaba e a sua burguesia têxtil a primazia na aplicação desse método de identificação operária. Porém, na cidade, a

---

<sup>125</sup> *Cruzeiro do Sul*, 07/05/1919.

<sup>126</sup> *Cruzeiro do Sul*, 07/09/1919.

<sup>127</sup> FAUSTO, Boris. Op. Cit., p. 248.

<sup>128</sup> RIBEIRO, Maria Alice Rosa. *Condições de trabalho na indústria têxtil paulista (1870-1930)*. 1988. p. 87.

identificação era realizada pela polícia; assim, “na fábricas sorocabanas todos operários antes de se apresentar ao emprego passavam pela Delegacia Regional de Polícia para elaboração da sua ficha.”<sup>129</sup> Em 1919, o jornal *A Plebe*, publicado em São Paulo, recebe um telegrama de operários sorocabanos denunciando o sistema de identificação: “*Até o final do mês, estarão concluídas 6 mil fichas que serão encaminhadas ao Gabinete de Investigações da Capital, que, por sua vez, dirá se há alguma coisa que desabone o identificado. / Até agora a polícia identificava apenas os criminosos de crimes de certa gravidade, e os anarquistas que são a eles equiparados. Agora para a polícia ser operário é ser suspeito, é ser quase criminoso.*”<sup>130</sup>

A luta de classes que acontece na cidade parece gerar também uma luta de representações. Desse modo, ao lado da imagem de Sorocaba como Manchester Paulista, representação da burguesia, a cidade passa a ser conhecida por outro cognome, o de Moscou Brasileira.<sup>131</sup> Contudo, pelas próprias características fragmentárias e dispersas das fontes referentes ao movimento operário, a recuperação da história dessa representação se torna mais difícil. Inclusive não se sabe ao certo se o termo foi criado pelos próprios operários ou surgiu de modo pejorativo, significando uma cidade turbulenta, em função da luta social. A única menção encontrada por esta pesquisa emprega o termo nesse último sentido, publicada em maio de 1959, no jornal *Diário de Sorocaba*, intitulada “Moscou Paulista”, na qual se aborda a crise vivida pelo Partido Comunista em todo mundo, certamente em função das dissidências que ocorreram ao longo da década de 1950. O texto não esconde o seu regozijo pela crise e coloca: “*Sorocaba, como um dos principais centros operários do país, que já foi chamada a Moscou paulista, hoje assiste ao desaparecimento da força da corrente comunista e, em conseqüência, liberta-se do apodo [grifo nosso] que muito deu o que falar. (...) Ai está: Sorocaba libertou-se do último tabu. Agora é tocar para a frente, reorganizando-se para a paz e o progresso.*”<sup>132</sup>

<sup>129</sup> Idem., p. 88.

<sup>130</sup> *A Plebe*, 31/10/1919. Apud: RIBEIRO, Maria Alice Rosa. Op. cit., p. 88.

<sup>131</sup> BONADIO, Geraldo. *Sorocaba Industrial*. 2004, pp 251-264.; SILVA, Paulo Celso da. Op. cit., p. 66.

<sup>132</sup> *Diário de Sorocaba*, 27/05/1959.

Cida Amaral Lopes, antiga moradora da cidade, trabalhadora de suas fábricas têxteis, em depoimento para esta pesquisa, parece corroborar o sentido pejorativo da expressão. Quer dizer, era utilizada por pessoas que eram contra os movimentos operários, em grande medida, jornalistas ligados à imprensa áulica e políticos.<sup>133</sup>

No entanto, é interessante perceber que mesmo uma publicação como o *O Operário*, supostamente portadora de um viés mais crítico a respeito de certos aspectos da modernização da urbe, no âmbito das representações, não recusa as expressões imagéticas elaboradas ou apropriadas pela burguesia da cidade. Mesmo aquela que pode ser entendida portadora de um caráter mais conservador, como *Tobiápolis*. Uma vez que esta expressão procurava associar o processo de urbanização com uma tradição liberal da qual a elite local seria portadora por excelência. Tal aspecto pode ser verificado mesmo naquele momento de acirramento de ânimos provocado pela greve de 1911, visto que, ao anunciar a vitória do movimento paredista, coloca: “*Quem, haveria de pensar, companheiros, que um dia – dia 1 de agosto, haveria de rebentar em Sorocaba, nesta pacífica terra de Tobias, uma calma revolução operária, mas uma revolução justa, que de há muito vinhamos necessitando, quem?*”<sup>134</sup>

O mesmo ocorre com o termo expressão Manchester Paulista. É o que transparece no trecho de uma reportagem na qual critica a extensão da jornada de trabalho e o turno de trabalho noturno na fábrica Nossa Senhora da Ponte. O texto faz a crítica, mas aponta sugestões, pois:

*Todos sabem perfeitamente que a vida de Sorocaba, tem seus alicerces na indústria manufatureira de que muito se orgulham os seus filhos aliás com razão, porque nem uma outra cidade do sul, do norte e mesmo do oeste do Estado tem atingido a um desenvolvimento industrial tão considerável como seja a nossa terra, por isso, teremos imenso prazer que as fábricas existentes vão aumentando dia a dia e que muitas outras ainda se construam aqui, para que o nosso progresso material seja cada vez mais acentuado e para que o título de Manchester Paulista de que goza então, nunca, nem por sonho venha um dia a perder.*<sup>135</sup>

<sup>133</sup> Entrevista concedida por Cida Amaral Pires em 22/09/2005.

<sup>134</sup> *O Operário*, 13/08/1911. Edição fac-similar. 2007, p. 335.

<sup>135</sup> *O Operário*, 19/02/1911. Edição fac-similar. 2007, pp. 262-263.

O ciclo industrial em Sorocaba atinge o seu auge em meados da década de 1920. A sua fama se espalha pelo país e não deixou de ser percebida, por exemplo, por Lima Barreto. O grande escritor coloca em uma de suas crônicas: *“De resto, o urbanismo foi criado pelo próprio governo da República, dando nascimento, por meio de tarifas proibitivas, a um grande surto industrial, de modo a fazer da longínqua Sorocaba, antigamente célebre pela sua feira de mares, uma pequena Manchester, como a chamam os paulistas.”*<sup>136</sup>

O escritor carioca faz esse comentário a propósito do livro de Mário Sete – *Senhora de Engenho*, em que discute a questão do urbanismo e advoga o abandono da cidade pela roça. Uma indicação, já no princípio da década de vinte do século passado, de um processo que viria a se adensar nos decênios posteriores de êxodo rural rumo às cidades. Sintomaticamente, em 1921, o *Cruzeiro do Sul* publica um texto assinado por Francisca Queiroz, intitulado O urbanismo, no qual defende a mesma posição do escritor Mário Sete. Para a autora, *“O urbanismo se accentuou desvantajosamente, cheio de consequencias más. As fabricas se tornaram insufficientes para conter a avalanche enorme de condidatos, a vida na cidade encareceu sensivelmente, subiu assustadoramente o aluguel das casas, que não chegam a comportar a população, crescente dia a dia, e os porões, e os cubiculos insalubres, infectos, se enchem, regorgitam.”* O Corolário disso, segundo a escritora, seria a vagabundagem, o vício e a saúde depauperada.<sup>137</sup>

Lima Barreto, em que pese ser um crítico contundente dos rumos da República brasileira, diverge dessa posição e defende a cidade. Assim, segundo o insigne escritor, os rotos e pobres-diabos, apesar dos pesares, encontrariam mais garantias na cidade, longe dos “mandões tirânicos e caprichosos”. E coloca: *“A cidade é uma necessidade; e uma grande cidade, necessidade maior ainda é. / O campo, a roça é um depósito de preconceitos e superstições sociais.*

*Na cidade dá-se o oposto: há sempre um ebulição de idéias, de sentimentos – coisa muito favorável*

<sup>136</sup> BARRETO, Lima. *Urbanismo e roceirismo*. In *Marginália*. 1953, p. 153.

<sup>137</sup> *Cruzeiro do Sul*, 02/03/1921.

*ao desenvolvimento humano. O campo é a estagnação; a cidade é a evolução.*”<sup>138</sup>

O autor mostra, nessa passagem, não ser contrário à modernização-urbanização *per se*, mas, sim, certamente, contrário a certos aspectos desse processo, como a “megalomania dos melhoramentos apressados” que estavam atraindo para a cidade milhares de trabalhadores rurais. Talvez, pudéssemos indagar se Barreto concordaria com a fúria iconoclasta que marcou muitas das administrações das cidades brasileiras, em relação aos aspectos que se remetessem ao seu passado colonial e imperial. Em Sorocaba, particularmente nos dois primeiros decênios do século passado, havia a preocupação de apagar os vestígios da cidade dos tempos das feiras de muares:

*Sorocaba perderá dentro de poucos annos o aspecto de cidade colonial. A porcentagem de predios modernos augmenta dia a dia. Grande numero de proprietarios resolveu pôr abaixo os feios casarões de paredes de terra, grossas e deselegantes, mandando levantar construcções de lindos estylos modernos. Muitos proprietarios, cujas posses não permitem fazerem uma reforma radical nos seus predios, modificam as fachadas destes, dando-lhes uma apparencia apresentavel. Aliás já era tempo de se operar essa remodelação. Cidades mais novas do que Sorocaba, há dois ou tres lustros com um tristonho ar antigo, são hoje um brinco de architectura, graças a medidas adoptadas pelas respectivas camaras municipaes e serviço sanitario. Agora chegou a vez de Sorocaba.*<sup>139</sup>

É importante perceber que o termo Manchester Paulista aparece na crônica de Lima Barreto como um indicativo de industrialização e urbanismo, enfim, como um signo de modernidade.

No decorrer do século XX, a imagem Sorocaba – Manchester Paulista continua a ser reelaborada, com vários momentos significativos. Por exemplo, em 1937, um grupo de vereadores da cidade se propõe a pensar maneiras de divulgar o nome de Sorocaba, devido à percepção de que a cidade era mais ou menos desconhecida, a despeito de sua importância no Estado. Tal preocupação se explica pelo fato de Sorocaba, nesse período, começar a se afastar, em termos de relevância econômica, de cidades como Campinas, Ribeirão Preto, e mesmo

<sup>138</sup> BARRETO, Lima. Op. cit., p. 153.

<sup>139</sup> *Cruzeiro do Sul*, 16/03/1916.

Santo André, perdendo, assim, a sua primazia de primeiro centro industrial do interior. A imprensa local, evidentemente, assume essa campanha, elaborando imagens apologéticas da cidade.<sup>140</sup> E, nesse sentido, alguns textos procuram se remeter à agitação da urbe, típica de uma cidade moderna:

*Isto è Sorocaba!*

*Quem, ali pelas 11 hs., percorrer as nossas arterias principaes, ve á, com orgulho, que a nossa terre cresce vertiginosamente, se enche de população.*

*Há um corre-corre em tudo. Homens e mulheres passam, às pressas, como si o tempo não permitisse dar tempo a um passeiozinho. E assim, o sorocabano do presente, vai dando aos que nos visitam, uma impressão de dynamismo só comparavel aos dos habitantes das grandes capitaes. Si continuaremos nesse progresso, o que por certo se dará, por ser Sorocaba uma das cidades de vida commoda, em pouco tempo esteremos sobrepujando outras cidades do hinterland paulista.<sup>141</sup>*

Mas o objetivo do texto era informar a mobilização de alguns capitalistas locais para a construção de um moderno cinema em Sorocaba. O autor saúda esses empreendedores como sendo “os novos bandeirantes do progresso desta cidade.” Algo que denota a recuperação de uma certa representação do passado sorocabano e paulista.

Trata-se de uma retomada, no sentido justamente de uma recuperação, do passado tropeiro, e que, ao lado de seu antecessor, o bandeirante, ajudaria a explicar e justificar a tradição liberal da cidade, desembocando, enfim, na Manchester Paulista do século XX. Dessa forma, uma vez superado o tropeirismo, pelo menos do ponto de vista de atividade econômica relevante, ocorre um resgate de uma parte desse passado. Reavendo, assim, ou melhor, fazendo jus à relação dialética existente entre o capital tropeiro, o ligado ao comércio e, finalmente, à indústria. Não haveria mais oposição, mas, sim, convergência entre os empreendedores dessas diferentes atividades. O legado da época das feiras ajudaria a explicar o advento da cidade das chaminés fumegantes, a Manchester de São Paulo. Essa imagem, é claro, não levava em consideração os segmentos populares com suas práticas e visões de

<sup>140</sup> *Cruzeiro do Sul*, 27/01/1937.

<sup>141</sup> *Cruzeiro do Sul*, 06/02/1937.

mundo que foram marginalizados no processo de transformações urbanas; como também, o tensionamento existente entre uma visão que se queria moderna acerca das políticas urbanas e uma cidade ainda profundamente marcada por esse passado.

Essa abordagem finalista já aparece na célebre conferência proferida pelo historiador Affonso de Freitas Júnior, em 1925, no Gabinete de Leitura Sorocabano. Tal conferência, reproduzida pela imprensa local, procurava sintetizar a história da cidade e abordava a legenda sorocabana. O que seria ela, o historiador define no encerramento de sua fala:

*Assim viveu a gente sorocabana. Assim passaram as gerações de sorocabanos. Passaram...Passaram, como passa tudo pela vida. Mas não passaram, a memória de seus feitos, a lembrança de seus nomes, os exemplos de suas virtudes e de sua fortaleza.*

*Desde as campinas do sul até às florestas mattogrossenses, que tudo foi São Paulo, ainda se descobrem os vestígios mal apagados dos seus passos.*

*Sorocaba! Propulsora da unidade do sul do Brasil. Os seus dias de gloria não morecem! São como o teu sol que transmonta no espinhaço de São Francisco, mas renasce nas chapadas de Campo Largo!*

*Ninho de Bandeirantes, berço de patriotas, terra de liberalismo! Eis a tua legenda.<sup>142</sup>*

Isaltino Costa, em texto escrito alguns anos depois, igualmente recorre a esse telos, para falar sobre as indústrias da cidade e de sua preeminência no Estado:

*A cidade de hoje, com as suas altas chaminés a expellirem fumo, com o apito estridente de suas fábricas, com o trepidar de suas machinas, e com o rodar de seus fusos e com o bater dos seus teares, é mais que um índice de trabalho; é um symbolo na geographia da pátria e é um padrão de energias da raça. As mesmas ruas que hoje passam os pacíficos e laboriosos operários da industria, plamilharam outrora os bandeirantes, arregimentando homens para as entradas do sertão em busca de ouro, da prata e das gemas, depois os tropeiros do pastoreio, com as suas boiadas e tropas de muares, mais tarde os plantadores de algodão, depois os commerciantes...<sup>143</sup>*

Em 1942, por ocasião das comemorações pelo centenário da elevação de Sorocaba de vila à cidade, em meio às incertezas proporcionadas pela Gerra Mundial, retoma-se a figura de Baltazar Fernandes, o fundador da cidade e seu primeiro empreendedor liberal, lançando

<sup>142</sup> *Cruzeiro do Sul*, 06/11/1925.

<sup>143</sup> *Cruzeiro do Sul*, 26/09/1936.

em seu solo “a semente vertiginosa do progresso”, numa explicação histórica que liga a fundação da vila em 1654 até a cidade industrial daquele momento:

*Abrem-se de par em par as portas da grande Exposição comemorativa do Centenário de Sorocaba, ávida por mostrar a todos o que sabem fazer e o que em realidade fazem os seus filhos, no concerto fenomenal da Pátria. (...) E nesse concerto empolgante, todas as forças vivas da nação sincronizam-se num só desejo, e todos os desejos concertam-se rapidamente em realidades esplendorosas. Sorocaba, é um desses sonhos. Baltazar Fernandes o teve, plantando aqui a semente vertiginosa do progresso, da ancia de crescer, de ser útil, do cooperar com a Pátria...E desde os dias distantes que hoje festejam-se com clarinadas de alegria, ele estará contemplando a sua obra, o seu sonho, feito realidade. E não temos descuidado um instante da cultivação da semente bemdita regando-a com a generosidade do suor da nossa gente, forçando o seu desenvolvimento com o nosso esforço e com a nossa dedicação.<sup>144</sup>*

---

<sup>144</sup> *O Comércio*, 05/04/1942.

## Capítulo II: Serviços urbanos: O precioso líquido.

“De nada serve partir das coisas boas de sempre mas sim das coisas novas e ruins.”

[Bertolt Brecht]

Desde o final do século XIX, o termo melhoramento urbano era utilizado para designar as concepções planejadas e a sua efetiva prática no que diz respeito às intervenções de diferentes tipos realizadas na cidade. Ele precede a palavra urbanismo que começaria a ser empregada nas primeiras décadas do século XX.<sup>1</sup>

Como aponta a historiadora Stella Bresciani, a expressão melhoramento urbano pode funcionar como uma metáfora, “ou seja, algo que articula um sentido a uma representação, ou a uma realização mental sob a forma de imagem.”<sup>2</sup> Os melhoramentos remetem a objetos concretos, quer dizer, intervenções realizadas no cenário urbano, mas tais obras carregam um forte poder simbólico, no sentido de expressarem uma concepção de cidade e, mais precisamente, de cidade moderna. Nesse sentido, a palavra se relaciona a outros termos como progresso, civilização, conforto, embelezamento; compondo, assim, um léxico básico das transformações urbanas [pensando aqui o mundo Ocidental] em um século de história urbana, de 1850 a 1950.

Entre os últimos decênios do século XIX e as primeiras décadas do século XX, os melhoramentos urbanos implicavam intervenções específicas e pontuais na urbe. Intervenções que procuravam focar basicamente três aspectos: higiene, embelezamento – estética – aformoseamento e a racionalização do espaço urbano.<sup>3</sup>

Em Sorocaba, durante o período focado pela presente pesquisa, a questão urbana mais importante esteve ligada ao problema da água, ou seja, a implantação da rede de água e esgoto.

A preocupação em historicizar a implantação desse serviço decorre da sua importância para a compreensão da história do desenvolvimento urbano da cidade, inclusive em suas diferentes relações com o simbólico, as representações, as práticas urdidas pelos múltiplos

<sup>1</sup> LEME, Maria Cristina da Silva. *Urbanismo: a formação de um conhecimento e de uma atuação profissional*. In: *Palavras da cidade*. 2001, p. 81.

<sup>2</sup> BRESCIANI, Stella. *Melhoramentos entre intervenções e projetos estéticos*. In: *Palavras da cidade*. 2001, p. 342.

<sup>3</sup> FOLLIS, Fransérgio. *Modernização urbana na Belle Époque paulista*. 2004, p. 24.

segmentos da população urbana. Há, portanto, uma relação que se estabelece entre o espraiamento dos diferentes serviços urbanos e as diversas representações e práticas que se sucedem na urbe. Além do contexto político, cujo entendimento é imprescindível para o estudo de tais questões.

Daí a pertinência em se tratar desses aspectos numa abordagem de história social e cultural, visando à apreensão da fisionomia da cidade de Sorocaba. Desse modo, configura-se a preocupação em estabelecer concatenações entre os aspectos simbólicos, as percepções e impressões possíveis de serem abarcados no processo de transformações urbanas por qual passa a cidade com um espaço urbano pensando como artefato, ou seja, o lado concreto das modificações que são implementadas; pois esses fatores vão interagir, influenciando-se reciprocamente.

Nesse sentido, pensando a pesquisa dessa cadeia de relações no estudo da história urbana, Nestor Goulart Reis Filho tece as seguintes considerações: “Nós pesquisamos com instrumentos semelhantes aos da arqueologia, usando iconografia, documentação antiga e vestígios materiais. Nós trabalhamos com esse material para a reconstrução da história social. Esse é o nosso método e essa é a nossa prática. Mas não estudamos questões isoladas. Há sempre um percurso do geral para o particular e do detalhe para o conjunto, como em qualquer ciência. Conhecer melhor a cidade nos ajuda a compreender melhor o edifício. Compreender melhor a iluminação do edifício, o apoio tecnológico dentro do edifício, nos ajuda a compreender as cidades (...) Quem não entende o problema dos equipamentos de água nos edifícios em São Paulo não pode entender a história do desenvolvimento desta cidade, porque este acompanhou a água.”<sup>4</sup>

Concordamos com essas asserções, mas o que a pesquisa empírica acaba mostrando é o tensionamento entre a expansão da cidade, a formação de novos bairros e a carência dos

---

<sup>4</sup> REIS FILHO, Nestor Goulart. *Sobre a história da urbanização – história urbana*. 1991, p. 16.

serviços urbanos; por várias razões, crescimento desordenado, segmentação urbana com o deslocamento das classes populares para as fimbrias da urbe e as práticas especulativas.<sup>5</sup>

A historiografia sobre a cidade já dedicou algumas páginas a respeito do assunto, particularmente os resumos históricos realizados por Alúcio de Almeida<sup>6</sup>, ou, ainda, Francisco Gaspar, memorialista e estudioso do passado da cidade.<sup>7</sup> No entanto, tais apontamentos não se configuram como sistemáticos, aliás, especificamente no caso de Alúcio de Almeida, tal enfoque, declaradamente não era a sua intenção. Por isso, algumas incorreções, até mesmo factuais, reproduzem-se nos trabalhos posteriores sobre a cidade que abordam essa questão.<sup>8</sup>

A instalação da rede de água e esgoto configurava-se, nos últimos decênios do século XIX, como uma necessidade premente para toda a cidade que se queria moderna, progressista, saneada e civilizada. Como já mencionado, a questão da higiene se constituía num dos pilares dos modernos preceitos de urbanização.

Em Sorocaba esse processo foi marcado por uma série de dificuldades. A população desde sempre fez uso das águas dos rios Sorocaba e Supiriri, além de recorrer a córregos e bicas d'água. Com a instalação da fábrica têxtil Nossa Senhora de Ponte, em 1881, rapidamente as águas do Supiriri tornaram-se poluídas. Como registra o Almanaque de Sorocaba, de 1903: *“Este facto não pode ser esquecido [a utilização das águas do Supiriri pela fábrica Nossa Senhora da Ponte], porquanto sabemos que em tempos idos a população d’ esta cidade abastecia-se também com as águas desse manancial que perdeu suas condições de potabilidade desde 1881, epocha em que foi construída aquella importante Fabrica. / Não teremos pois o prazer de vermos o Supiriry mudar o collorido de suas águas durante o dia e nos lembrarmos do que nos diziam*

---

<sup>5</sup> Cf. ROLNIK, Raquel. *A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. 1999.

<sup>6</sup> Cf. *História de Sorocaba e Sorocaba 3 séculos de história*. 2002.

<sup>7</sup> Cf. *Minhas memórias*. 1967 e *Sorocaba de Ontem*. 1954.

<sup>8</sup> Cf. FRIOLI, Adolfo. BONADIO, Geraldo. *Sorocaba 350 anos: Uma história ilustrada*. 2004.

os antepassados que ‘quem bebe água do Supiriry fica aqui’”.<sup>9</sup>

Porém, já na década de 1870, o problema do abastecimento de água na cidade se configurava como uma questão premente. É o que registra um editorial escrito pelo jornalista e advogado Ubaldino do Amaral no *O Sorocabano*:

*A primeira necessidade dos centros populosos é boa e abundante água. Por fatalidade não há povoação nossa que não morra á sede, tanto á beira das fontes copiosas, mananceaes á farta. Com rios magníficos, graciosos arrojos, vivemos como os povos do oriente a cavar poços, ou a caminhar boas distâncias para provêr o cântaro.*

*Somos um exemplo d’isso.*

*O rio Sorocaba, cujo volume d’agua vae minguando a olhos vistos, em conseqüência da devastação das mattas, a nosso ver, distante do centro da cidade, de todo entregue ás lavadeiras, pouco se presta ás necessidades domesticas.*

*O Supiriry, cujas águas lodosas e escassas são antes um mal do que um bem, nos tempos de secca é apenas uma lagrima.*

*A bica de S. Bento dá excellente água potável, e abastece a população; mas acha-se em um arrabalde, e não é um veio abundante, como sua mesma denominação indica.*

*A municipalidade, amesquinhada como está por leis compressoras, sem liberdade e sem rendas, pouco póde fazer em bem de tam urgentes necessidade, mas não devia descural-a inteiramente. Costa-nos que há posturas approvadas provisoriamente pelo presidente da província, auctorisando um imposto para a construcção de chafarizes. A câmara não que fazer effectivas essas posturas, por motivos que ignoramos. Parece-nos que os sorocabanos dispensariam de mente o mac-adam de duas ou três ruas para terem um ou dous chafarizes.<sup>10</sup>*

Em 1872, *O Americano*, editado por Francisco de Paula Oliveira e Abreu, também aponta como um dos melhoramentos necessários para a cidade a construção de um chafariz no pátio da Matriz, isso em decorrência da cidade apresentar-se bastante extensa, tendo os habitantes, mais distantes dos rios e aguadas, dificuldade para servir-se dessas fontes.<sup>11</sup>

Em seu editorial, Ubaldino do Amaral fazia menção sobre a utilização das águas do rio Sorocaba, particularmente ao longo do perímetro urbano, centrando o seu comentário na questão da diminuição do volume de água do rio. Todavia, alguns anos depois, Alfredo Moreira Pinto quando de sua visita à cidade, em 1898, menciona o fato de Sorocaba ainda não

<sup>9</sup> *Almanach de Sorocaba para 1903*, Ed. Fac-similar. 2003, p. 92.

<sup>10</sup> *O Sorocabano*, 05/06/1870.

<sup>11</sup> *O Americano*, 13/10/1872.

possuir esgotos, nem água encanada, obrigando a população a servir-se “*da péssima água do rio Sorocaba ou da que é vendida nas ruas em carrocinhas, que a vão buscar á chácara do finado Francisco Ferreira Leão.*”<sup>12</sup> Mais precisamente, a população começou a comprar água das carrocinhas e pipas por volta de 1875. Em 1886, reivindicação de alguns anos, são inaugurados os primeiros chafarizes na cidade: um de quatro torneiras no largo da Matriz [atual Praça Cel. Fernando Prestes], e outro de duas torneiras, no largo do Rosário [atual praça Ferreira Braga], no ano seguinte inaugurou-se outro chafariz no largo Santo Antônio [atual praça Nicolau Scarpa]. Contudo, já no início da década de 1890, os chafarizes secaram.

Esse era o contexto da questão de água na cidade no início da década de 1890. Assim, ficava patente para as autoridades públicas que a solução para esse problema envolveria a captação de água nos mananciais localizados na Serra de São Francisco e no Itupararanga. Ao longo da década, ocorreram uma sucessão de planos, memoriais e concessões objetivando a implementação do abastecimento de água e instalação de esgotos na cidade. A primeira delas, nem poderia ser diferente, envolvia o nosso já conhecido Pierre Labourdenne. Ele juntamente com Alfredo Lopes Baptista dos Anjos e Arthur Pio Deschamps de Montmorancy obtiveram, junto à Intendência, os privilégios para a implementação dos serviços de água e esgotos na cidade. O jornal *Diário de Sorocaba*, de Manuel Januário Vasconcelos, dá a notícia em primeira mão. “*Sabemos que ao conselho de Intendência Municipal foi dirigida por três cavalheiros da Capital uma proposta para o abastecimento de água potável e exgottos n’esta cidade. Os proponentes, cujos nomes não estamos por enquanto autorizados a declinar, são cavalheiros que por si só garantem o bom êxito e exeqüibilidade da empresa. / Resta que a Intendência, examinando a proposta, com isenção de animo, empregue todo o esforço e boa vontade para dotar o município com tam notável melhoramento que será sufficiente para tornar indelével a memória da sua administração.*”<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> PINTO, Alfredo Moreira. *A cidade de São Paulo em 1900*. 1979, p. 5.

<sup>13</sup> *Diário de Sorocaba*, 25/02/1890.

Os nomes eram aqueles mencionados, porém, ao contrário das expectativas e a despeito das supostas qualidades dos cavalheiros, a empreitada malogrou. Maneco Januário parecia nutrir uma grande admiração por Labourdenne, talvez em seu afã de ver a cidade dotada de melhoramentos imprescindíveis, não conseguisse discernir muito bem o caráter das pessoas.

Alguns meses mais tarde, em setembro, o jornal de Maneco Januário publica o memorial visando também dotar a cidade de tão almejado serviço. Olivério Pilar, presidente da Intendência naquele momento, destacava a importância do empreendimento: *“O que me leva a interessar-me pela realização do serviço de águas e exgottos é unicamente o grande desejo que tenho de ver a cidade de Sorocaba gozando das vantagens de melhoramentos materiaes, hoje considerados imprescindíveis em qualquer centro populoso que chega até certo ponto de desenvolvimento moral e material, melhoramentos estes exigidos não só pela própria commodidade dos habitantes como pelos mais elementares princípios de hygiene.”*<sup>14</sup>

Em seguida se apresentava o memorial formulado pelo “distinto engenheiro”, Oscar Trompowsky, representante da Empresa de Obras Públicas de São Paulo. Porém esse projeto também não saiu do papel.

Em 1893, mais uma notícia de proposta para a execução dos melhoramentos é ventilada. Desta vez, os trabalhos seriam efetuados pelos senhores Asiari e Raveggi, da capital. Esta era a nota divulgada pelo *Diário de Sorocaba*. Novamente, nada ocorreu de efetivo. Entretanto, na reportagem, Maneco Januário revela o desconforto dos segmentos mais abonados da cidade com a nova situação que o país estava vivendo, pós- abolição. Nova porque já não podiam contar com os escravos para os serviços domésticos, agora teriam que pagar por esses serviços, considerados caros. Além disso, numa passagem reveladora, o jornalista critica a vadiagem, relacionando-a diretamente com uma escolha dos ex-cativos.

*Essas notícias, [da realização do melhoramento] como era de se prever,*

<sup>14</sup> *Diário de Sorocaba*, 20/09/1890.

*encheram da mais viva satisfação a maior parte da população, para cujas necessidades o actual serviço das águas é imprestável, visto que quase sempre há casas, onde o morador vive na dura contingência de, pagando, mendigar, que lhe valha com um pouco d'água. Ora, todos sabem que hoje, desde que faltam verdadeiras repressões á vadiagem e regulamentos que uniformisem as condições do patrão e do famulo, o serviço doméstico entre nós, após o 13 de maio, é um dos mais intrincados problemas a resolver-se para o bem estar das famílias, expostas ás exigências inconfessadas daquellas que se propõem a esses serviços.*

*Entram, pedindo grossa maquia no ordenado, de modo a garantir-lhe uma vida mais fácil e cômoda e sem trabalho algum. Salvam o direito de não dar água e outros affazeres, que lhes podem comprometter os foros de sua dignidade nova, que começam de gozar por um favor da lei que os solta, sem a necessária orientação do que se chama verdadeira liberdade.*

*(...) Nestas duras emergências, o serviço de água e exgottos vinha minorar, si não in totum, pelo menos em boa parte as condições da família com as pennas d'água que serão fornecidas ás casas particulares e que valem pelo serviço de um ou mais creados bons.<sup>15</sup>*

Eis um dos motivos, nem sempre confessados, para a implantação do melhoramento; pois supostamente faria com que os setores mais abonados da população dispensassem os serviços dos criados. Estes, em sua maioria, ex-escravos ou descendentes de escravos e que nessa nova condição, ao menos, supostamente, poderiam dispor da sua liberdade como bem entendessem. Mas esse não era o pensamento dos seus antigos senhores, algo que é expresso de maneira cristalina pela pena de Maneco Januário. Inclusive fazendo questão de salientar que a liberdade de que começavam a gozar era um “favor da lei”, portanto, quase um ato exclusivo de benemerência das classe dirigentes nacionais em favor dos, agora, ex-cativos. Não levando em consideração a luta dos escravos e dos abolicionistas para a derrocada do regime servil. Justamente o editor do *Diário de Sorocaba*, tido pela historiografia sorocabana como um abolicionista ardoroso, um dos que mais lutou pela emancipação dos escravos. Como mostra o historiador Carlos Cavalheiro, esse discurso era permeado de contradições e trazia, em seu bojo, muitos dos preconceitos e estigmatizações das quais seriam vítimas os descendentes de escravos na República recém-proclamada.<sup>16</sup>

<sup>15</sup> *Diário de Sorocaba*, 11/04/1893

<sup>16</sup> CAVALHEIRO, Carlos Carvalho. *Scenas da escravidão – breve ensaio sobre a escravidão negra em Sorocaba*. 2006. pp. 50-51.

De qualquer forma, a situação parecia encontrar-se num impasse, pois como informava o editor do *Diário*, os primeiros concessionários, dentre eles Labourdenne, transferiram o privilégio para a Empresa de Obras Públicas, sob a responsabilidade do engenheiro Trompowsky, estes realizaram estudos preliminares e confeccionaram plantas, mas mostraram-se incapazes de levar a cabo o projeto, porém não desistiram do privilégio, solicitando uma prorrogação nos prazos.

No ano seguinte, a Câmara Municipal nomeia uma comissão especial para estudar o modo mais prático de levar a efeito “*o melhoramento inadiável de abastecimento desta cidade de água potável.*”<sup>17</sup> Faziam parte da comissão capitalistas, engenheiros e lideranças políticas, como George Oetterer, Calixto de Paula Souza e Manuel Nogueira Padilha. Foi estipulado o capital necessário para a realização das obras em torno de trezentos contos de réis, sendo que a Câmara Municipal lançaria um empréstimo, em cautelas de 100\$ cada uma, com o juro de 8 por cento ao ano, amortizáveis dentro de vinte anos.<sup>18</sup>

Nesse mesmo ano, a Câmara Municipal publica uma série de atos legislativos com as primeiras posturas do período republicano. Nestas posturas, todo um capítulo é dedicado à higiene e salubridade pública. Alguns artigos se referem à comercialização da água na cidade. O artigo 79 define um ponto específico para se tirar água do rio Sorocaba, visando a sua comercialização:

*Todos que venderem água potável, tomada do rio Sorocaba, só poderão tomar no porto de Santa Cruz, no local já determinado pela Câmara, ou em outro qualquer manancial de água potável, cujas condições de limpeza sejam conhecidas pelos fiscaes.” Além disso, no mesmo artigo: “As pipas que conduzirem água potável deverão ser muito limpas; serão examinadas amiudadamente pelos fiscaes e será multado em 10\$ o dono daquella que não estiver nas condições exigidas.”<sup>19</sup> Já o artigo 80 prescrevia o seguinte: “Nos lugares destinados para a população abastecer-se de água potável, fica expressamente prohibido lavar e dar de beber á animaes, lavar roupas ou qualquer outro objecto, ou deitar qualquer substancia que possa alterar*

<sup>17</sup> O 15 de Novembro, 16/09/1894.

<sup>18</sup> O 15 de Novembro, 26/08/1894.

<sup>19</sup> *Actos Legislativos da Câmara Municipal da cidade de Sorocaba – 1894*, pp.42-43.

*a pureza d'agua.*<sup>20</sup>

Essas disposições indicam a preocupação das autoridades públicas com a questão da higiene na cidade, o que, dentre outras disposições, envolvia a questão da água. Tal idéia também era manifestada no Relatório, apresentado pelo intendente em 1896, especialmente no capítulo referente à higiene pública:

*Base suprema para a felicidade de um povo, a higiene, tendo a seu encargo attribuições cujo alcance é difficil de bem precisar-se, deve ella, mais do que qualquer outro ramo administrativo municipal, ser seriamente zelada, empregando-se todos os esforços para que seu objetivo seja sagradamente observado em todos os seus mais pequeninos detalhes.*

*E, estando affecta ao governo municipal a conservação da saúde pública, a elle compete proceder de modo que, apesar dos grandes e custosos trabalhos que particulares não poderiam comprehender ou emprehender, sejam taes beneficios gosados pelos seus munícipes.*

*Sorocaba, a hygienopolis paulista, não precisa de muito para que seja garantida a conservação do estado sanitário que graças á Deus temos tido a felicidade de gosar.*

*Basta para isso, que os seus habitantes formando um só corpo, animado de uma mesma idéia, proponham-se fazer convergir as suas forças, para a realização desse desideratum.*<sup>21</sup>

Dentre as recomendações estava o problema da remoção do lixo, as águas servidas, já abordadas nas posturas de 1894, além do saneamento do ribeirão do Supiriri, a desinfecção das latrinas com cal virgem. Tudo isso para manter a conservação do estado sanitário na cidade e, com isso, a sua fama de Higienópolis paulista, parecendo, até aquele momento, imune às epidemias, como a febre amarela, enquanto outras cidades do Estado sofriam com esses flagelos.

No que diz respeito ao problema do abastecimento de água na cidade, o intendente, Augusto da Silveira Franco, menciona o pedido de ajuda ao governo estadual para a realização do tão urgente melhoramento. Afinal, como apontou no relatório, tal obra estava além da capacidade de empresas particulares. Uma percepção interessante da questão, numa

<sup>20</sup> Idem, p. 43.

<sup>21</sup> O 15 de Novembro, 12/04/1896.

recém-proclamada República que se dizia seguidora dos preceitos do liberalismo.

Segundo o relatório: “*O governo [Estadual] demonstrou o desejo de acceder a solicitação da Câmara, mandando logo proceder aos estudos precisos e mais tarde pediu informações sobre os recursos com que a Câmara deveria concorrer, nesta ocasião resalvastes [os vereadores] no intuito de obter o favor de que trata a lei a este respeito promulgada, concorrer com a quantia de cem contos de réis. Não tendo a Câmara esta quantia e sendo urgente fazer a entrada della para o tesouro do Estado, decretastes um empréstimo pelo praso de dez annos e juros annuaes de 8%.*”<sup>22</sup>

Tratava-se de empréstimo decidido pela comissão criada pela Câmara Municipal, efetivamente realizado no início de 1895. Entre os subscritores, a “fina da flor” da elite sorocabana. Ali estavam nomes como de Nogueira Padilha, Francisco de Souza Pereira, Manoel José da Fonseca, George Oetterer, Elias Lopes de Oliveira, dentre outros.<sup>23</sup>

O relatório informava que a quantia levantada já tinha sido recolhida ao tesouro do Estado, afirmando, assim, que muito em breve Sorocaba estaria gozando do melhoramento reclamado. Mas tal não ocorreu de maneira tão célere quanto o necessário. Seria, na verdade, como escreveu Aluísio de Almeida, somente o início da Via Crúcis.<sup>24</sup>

Em 1897, os serviços nem tinham começado e ocorre a irrupção da primeira epidemia de febre amarela na cidade, abalando a sua imagem de Higienópolis do Estado. Em 1899, uma nota do jornal *O 15 de Novembro* denotava uma clara irritação com as postergações por parte do governo Estadual; aventava, inclusive, que a Câmara deveria arcar sozinha com as obras, entendendo que a população aceitaria de bom grado ver-se onerada com impostos especiais por algum tempo se, em contrapartida, o melhoramento fosse realizado. Segundo o texto, teria de ser assim, pois era tolice esperar qualquer ajuda do Estado.<sup>25</sup>

Corria o ano de 1899 e o temor de uma nova epidemia pairava no ar. Medo que

---

<sup>22</sup> Idem.

<sup>23</sup> *O 15 de Novembro*, 28/02/1895.

<sup>24</sup> ALMEIDA, Aluísio. *História de Sorocaba*. 1969, p. 204.

<sup>25</sup> *O 15 de Novembro*, 19/01/1899.

ganhava dimensão ainda maior na época da “estação calmosa”. Por isso, o intendente, José Dias Arruda, manda espalhar uma grande porção de cal virgem pelas áreas das casas e latrinas, além de inspecionar casas e quintais.<sup>26</sup> Outra preocupação era com o córrego e várzea do Supiriri, à época, uma zona fronteira do perímetro urbano. Nesse sentido, o saneamento da várzea mostrava-se como uma medida de grande necessidade para a população. O jornal *O 15 de Novembro* relatava que a maioria dos casos de febre amarela, que acometeram a cidade em 1897, tiveram sua origem na rua Álvaro Soares, nas vizinhanças da “perigosa várzea.”<sup>27</sup>

Mas tudo foi em vão porque, no final daquele ano e início de 1900, a cidade se vê atingida por outra epidemia de febre amarela, de maneira ainda mais virulenta que a anterior. Naquele momento, autoridades, jornalistas e a opinião pública seguiam ainda a teoria miasmática para o combate da febre amarela; ainda não se conhecia a teoria que mostrava ser a transmissão da febre amarela feita através do mosquito *Aedes Aegypti*. Teorias, aliás, que estavam sendo reveladas naquele momento, resultado das experiências realizadas em Cuba.<sup>28</sup>

O Almanaque de Sorocaba, publicado em 1903, coloca que as duas epidemias de febre amarela foram a nota dissolvente da prosperidade da cidade, “*Sorocaba cobriu-se de lucto e viu paralisadas as diferentes manifestações de sua notória actividade e ruir por terra a fama de sua salubridade.*”<sup>29</sup> O Relatório de Intendência de 1900 documenta esse período de calamidade. O auge da epidemia ocorreu nos meses de janeiro a maio de 1900. “*Exactamente nessa epocha grandes foram os estragos e prejuizos soffridos, não só na propriedade particular como nas ruas e proprios pertencentes á municipalidade. Exaggeradas foram as chuvas dessa epocha, que sulcaram todas as ruas, derrubando muros e diversas casas desta cidade.*”<sup>30</sup>

No seu relatório, o intendente menciona o fato da cidade carecer de uma série de melhoramentos, dentre eles, especialmente, é claro, a implantação do serviço de águas e

<sup>26</sup> *O 15 de Novembro*, 16/03/1899.

<sup>27</sup> *O 15 de Novembro*, 24/09/1899.

<sup>28</sup> BENCHIMOL, Jaime. *Reforma urbana e Revolta da vacina na cidade do Rio de Janeiro*. 2003, pp. 266-269.

<sup>29</sup> *Almanaque de Sorocaba – 1903*. Op. cit., p. 89.

<sup>30</sup> *Relatório do Intendente, 1900*.

esgotos. A ocorrência das epidemias parece ter sensibilizado o governo do Estado, a iniciar, finalmente, as obras. Especialmente durante a gestão de Fernando Prestes de Albuquerque. Tornando-se “benemérito para todo o sempre” de Sorocaba<sup>31</sup>, levando, posteriormente, o seu nome à praça principal da cidade, antigo Largo da Matriz. Os trabalhos iniciaram-se em 25 de março de 1901, levados a efeito pela Repartição de Água e Esgoto de São Paulo, a partir de projeto apresentado por Pedro Nolasco Pereira da Cunha, além da participação do engenheiro Joaquim Nunes de Oliveira. Para o abastecimento, a Câmara dos Vereadores encarregou-se da aquisição do ribeirão de Cubatão. Construiu-se uma caixa d’ água na região do Cerrado, obra também fiscalizada pelo engenheiro Pedro Nolasco; este solicita ao Governo do Estado um aumento da capacidade da caixa de 300.000 para 1.000.000 de litros. Em 1 de maio de 1902, jorrou água do Cubatão, segundo Aluísio de Almeida, “muito gostosa, pura e abundante, no velho chafariz da praça da Matriz.”<sup>32</sup> Água considerada pelo Laboratório de Análises do Estado “como de superior qualidade.”<sup>33</sup>

De acordo com as informações contidas no Almanaque de 1903, a rede de água e esgoto estava quase terminada, faltando apenas a sua expansão até a margem direita do rio Sorocaba. As instalações particulares já tinham sido feitas em 400 casas e havia solicitações para a instalação em mais de 500 residências.<sup>34</sup> Porém, como veremos adiante, para a população que residia no lado oriental da cidade, além do rio Sorocaba, e nos outros arrabaldes que começariam a se expandir nas primeiras décadas do século XX, a questão da água seria um problema premente e não resolvido ao longo de boa parte do século passado.

Mas mesmo a região central da cidade, atendida pelo novo melhoramento, sentiria desde logo, ou seja, em 1903, a insuficiência no abastecimento, em decorrência da escassez de água no reservatório do Cubatão. Com efeito, em junho de 1903, o engenheiro Teodoro

---

<sup>31</sup> ALMEIDA, Aluísio de. *História de Sorocaba*. Op. cit., p. 204.

<sup>32</sup> Idem., p. 205.

<sup>33</sup> *Almanaque de Sorocaba – 1903*. Op. cit., pp. 85-89.

<sup>34</sup> Idem.

Sampaio visita, juntamente com o engenheiro Joaquim Nunes de Oliveira, os saltos de Itupararanga, constatando que o manancial, somado ao de Cubatão, poderia suprir com folga o abastecimento da cidade. *O 15 de Novembro* felicitava a população da cidade pela expectativa da realização das obras, o que traria grande melhoramento para o serviço de água.<sup>35</sup> Em outra nota o jornal informava:

*O zeloso intendente municipal sr. Tenente José de Barros, além de já ter mandado proceder ao estudo de uma linha subsidiária para o abastecimento de água, dirigiu-se a S. Paulo, há alguns dias, providenciando para que não falleçam á Municipalidade os materiais precisos para aquelle serviço e para o que se entendeu com o illustre dr. Secretario da Agricultura. (...) A água do Itupararanga, da qual se servirá a população por meio da linha subsidiária, foi classificada, na analyse feita ao mesmo tempo que a do Cubatão, como de muito boa qualidade.*<sup>36</sup>

Essas notícias mostravam um otimismo prematuro, uma vez que as obras em questão, tal como projetadas naquele momento, nunca foram ao menos iniciadas. Um aspecto, contudo, ficava claro para todos, a insuficiência do reservatório do Cubatão em atender as necessidade de abastecimento da cidade e a solução para o problema que passava pela captação das águas do Itupararanga. Tal percepção se manifestava no relatório apresentado em janeiro de 1905 pelo intendente José de Barros. Este, ao tratar do serviço de águas, afirmava que o abastecimento da cidade somente iria atender as necessidades da população depois do estabelecimento de uma linha subsidiária do Itupararanga.<sup>37</sup> Obra que se tornava ainda mais necessária em função dos períodos de seca que, praticamente, exauriam o ribeirão do Cubatão. É o que informava o relatório publicado em 1907, pelo intendente José de Barros, ao mencionar a seca por qual passou a cidade em 1906. Por isso tudo, a questão do abastecimento de água local tornava-se a principal preocupação da Intendência. Nesse sentido, o intendente ressaltava “a necessidade inadiável de ser efficazmente melhorado o actual serviço de água. Esse melhoramento, segundo penso, pode consistir como já lembrei em meu relatório

<sup>35</sup> *O 15 de Novembro*, 27/06/1903.

<sup>36</sup> *O 15 de Novembro*, 01/10/1903.

<sup>37</sup> *O 15 de Novembro*, 15/01/1905.

*de 1904, na construção de uma linha suplementar (em tubos grossos), partindo do Itupararanga a entroncar-se no ponto mais conveniente da actual linha do Cubatão, que poderia ser supprimida em sua parte superior, serviço que entretando não poderá ser feito sinão com grande, mas indispensável despeza.”*

Daí, certamente, uma das dificuldades para a realização das obras. Além disso, o intendente apontava para um outro aspecto que dificultava a distribuição regular de água na cidade:

*Outro meio para pôr a população a salvo da falta notada poderia consistir na modificação do systema de distribuição a domicilio. Não há duvida que o systema de torneira livre, actualmente adoptado, é o de maior vantagem hygienica; entretanto, o desperdicio de água é tal, que o abastecimento, mesmo que duplicado, talvez não bastasse. E assim, ainda na hypothese de ser feito o serviço a que acima alludi, da linha suplementar do Itupararanga, seria de toda a conveniência a adopção do systema de distribuição com pennas ou com hydrometros, que há tempos já produz á Câmara.<sup>38</sup>*

A conclusão é que, mesmo que se canalizasse todo o rio Sorocaba, o abastecimento continuaria insuficiente pelo fato da distribuição ser feita pelo sistema de torneira livre. José de Barros talvez tenha sido o primeiro a colocar o problema com a contundência devida. Mas tal mudança ainda demoraria a ocorrer.

As posturas municipais publicadas em 1906 traziam toda uma seção dedicada à rede de águas e esgotos. A instalação da rede configurava-se como o artefato mais significativo da cidade no início do século, trazendo uma perspectiva de conforto atribuída às cidades modernas e higienizadas, acarretando, além disso, uma maior complexidade na gestão da cidade. Dessa forma, a instalação do “gabinete para a latrina”, e demais aparelhos sanitários no lugar das arcaicas fossas, certamente era visto como um índice significativo de modernização e progresso urbano. O código de 1906 procurava normatizar os procedimentos de instalação das latrinas e demais equipamentos. No capítulo referente ao serviço externo, o

---

<sup>38</sup> O 15 de Novembro, 13/01/1907.

artigo 11, prescrevia que: “*O serviço externo de exgottos das habitações compreende a ligação á rêde geral, a installação das latrinas de typo ordinário, fora do corpo das habitações e a drenagem superficial dos tanques de lavagem.*”<sup>39</sup> O artigo 13 estipulava a obrigatoriedade de ligação à rede geral de água e esgotos para todos os prédios situados na zona servida pelo melhoramento. A latrina deveria ser situada fora do corpo das habitações, depois de assentada era obrigatória a construção, no prazo de trinta dias, “*da respectiva casinha, que terá altura mínima de dois metros e cencoenta centímetros e a superfície nunca inferior a dois metros quadrados, cujo chão será revestido de uma camada impermeável.*”<sup>40</sup>

A Câmara Municipal, de acordo com a lei nº 53, editada em 1903, fornecia material para a instalação de água e esgoto a proprietários pobres<sup>41</sup>. Resta saber acerca da efetividade dessa medida, ou se se tratava apenas de um paliativo que não impedia o deslocamento desses proprietários para os arrabaldes da cidade, regiões que ainda não eram servidas pela rede. O próprio código de 1906, no capítulo referente às edificações, proibia a construção de cortiços, sob pena de demolição e multa.<sup>42</sup> A própria Câmara Municipal publicava no jornal *O 15 de Novembro*, em 1904, que estavam sujeitos a interdição “*os prédios em que não estiverem funcionando os aparelhos de água e exgottos.*”<sup>43</sup>

Notícias como essa nos remete a um outro sentido para a palavra melhoramento, ou seja, um sentido relacionado com especulação urbana, devido à imediata valorização das áreas servidas pela rede de água e esgoto. Um entendimento que já estava claro para o engenheiro inglês Joseph Bryan, quando em artigo escrito para o *Diário de Sorocaba*, em 1893, afirmava que uma cidade totalmente modernizada não significava apenas civilização e conforto para a população:

*No dia em que Sorocaba tiver o estabelecimento que indicamos [uma*

<sup>39</sup> *Codificação das Leis da Câmara Municipal de Sorocaba - 1906*, p. 84.

<sup>40</sup> *Idem*, p. 85.

<sup>41</sup> Relatório 1907. *O 15 de Novembro*, 13/01/1907.

<sup>42</sup> *Codificação das Leis da Câmara Municipal de Sorocaba - 1906*, p. 70.

<sup>43</sup> *O 15 de Novembro*, 21/11/1904.

referência à falta de uma escola pública, um fórum, uma cadeia e um hospital] *que suas ruas sejam bem calçadas e arborizadas e que ella fôr devidamente servida com bons encanamentos de água e exgottos, a propriedade terá adquirido mais do quádruplo do valor que tem actualmente.*

*Juntando a todos estes melhoramentos as linhas de bonds que breve hão de sahir para todos os pontos do município com o fim de abstece-la e de exportar o sobejo de sua lavoura e das suas riquezas, Sorocaba será daqui a poucos annos a cidade mais linda e uma das mais povoadas e das mais ricas dos Estado de São Paulo.*<sup>44</sup>

Esse sentido se manifesta no relatório apresentado pelo prefeito Nogueira Martins, no qual informava aos vereadores as atividades do executivo durante o triênio 1905-1908. Assim, no capítulo referente às finanças municipais, Martins atesta a boa condição financeira do município, algo que se devia também aos grandes serviços exigidos pela salubridade pública que *“além do inestimável préstimo de seu objectivo hygienico, começam a produzir ao fisco, o compensador resultado que sempre a Camara nelles lobrigou. E assim que a taxa de água no anno passado produziu 81 contos de réis, renda que caminha em marcha ascencional, visto não se ter ainda completado o serviço de installações domiciliares na cidade e existir toda uma parte sem a rede de exgottos. / Quer isto dizer que só as rendas do serviço de saneamento podem supportar o serviço de juros e amortização de todo o débito municipal, não falando do valor instrinseco de todas essas obras, que deram ao Município um opulento patrimônio.”*<sup>45</sup>

Não apenas um belo patrimônio como também a valorização imediata dos terrenos atingidos pelos melhoramentos. E, uma vez instalada a rede de água e esgoto, mesmo que apenas na região central da cidade, começaram a fechar fontes, bicas, além das solicitações para a retirada dos antigos chafarizes. Com efeito, em 1905, Francisco de Souza Pereira apresentava requerimento à Câmara solicitando fechamento da passagem que do beco de Santa Cruz da Penha ia até uma nascente existente em seus terrenos. A alegação era de que não havia mais necessidade daquela fonte em vista do abastecimento geral da cidade.<sup>46</sup> Mas

<sup>44</sup> *Diário de Sorocaba*, 01/02/1893.

<sup>45</sup> *O 15 de Novembro*, 16/01/1908.

<sup>46</sup> *O 15 de Novembro*, 16/07/1905.

certamente uma boa parte da população não tinha acesso a tais melhoramentos. Os chafarizes da cidade logo foram abandonados pelos poderes públicos, pois considerados arcaicos não condiziam mais com o desejo de modernização da cidade. Uma nota publicada no jornal *Cruzeiro do Sul* solicitava a retirada de um chafariz localizado no largo Santo Antonio, pois tal era visto como um espantalho, “*despertando riso e mofo de muitos que nos visitam*”. E completava: “*Com um pequeno servicinho a nossa camara, solicita em attender as reclamações do público, fazendo desaparecer esses espantalhos, que ainda nos fazem encher gar, sem querer, a dois passos no passado, o atrazo em que vivíamos.*”<sup>47</sup>

Porém uma boa parte da cidade continuava a viver no atraso, pois não era atendida por esse serviço urbano. Em 1908, a prefeitura anuncia a abertura de concorrência pública visando à conclusão ou expansão da rede de água e esgotos na parte da cidade além do rio Sorocaba. Quer dizer, menos de dez anos após a inauguração dos serviços, eles se mostravam totalmente insuficientes para o abastecimento da cidade. Algo que o próprio prefeito da cidade, Camargo Pires, reconhecia.<sup>48</sup> Mencionando as dificuldades no fornecimento de água na cidade, segundo o chefe do executivo, devido ao aumento do consumo, a devastação das matas no entorno do reservatório do Cubatão, o sistema de torneiras livres adotado, o que causava desperdício, fazendo com que a água não fosse distribuída nas partes altas da cidade. O Código de Posturas de 1906, prescrevia multa de 20\$ para quem deixasse as torneiras abertas desperdiçando água. Porém, como estamos vendo, tal resolução era freqüentemente desrespeitada, talvez porque a fiscalização não ocorria e a lei tornava-se letra morta. O prefeito também não era favorável à utilização de hidrômetros, considerados não seguros e econômicos.<sup>49</sup>

Os anos de 1908 e 1909 foram marcados por um acirramento dos ânimos políticos na cidade, reproduzindo os tensionamentos que iriam ocorrer em todo o país em função da crise

---

<sup>47</sup> *Cruzeiro do Sul*, 11/04/1907.

<sup>48</sup> Relatório da Prefeitura, *Cruzeiro do Sul*, 04/03/1909.

<sup>49</sup> *Idem*.

aberta pela sucessão do presidente Afonso Pena. Tal acirramento dos ânimos tinha a ver também com o conagraçamento do Partido Republicano ocorrido em 1906. Alguns não aceitaram tal acordo político e foram para a oposição ao PRP. Em Sorocaba, ficaram na oposição lideranças políticas como Porfírio Loureiro, Joaquim Ferreira Braga, além do jornalista Antônio de Oliveira. Na situação, encontravam-se o prefeito, à época João Clímaco de Camargo Pires, Nogueira Martins e Luís Pereira de Campos Vergueiro. Os opositoristas fundaram, em 1908, o jornal *A Cidade de Sorocaba*; por sua vez, os perrepistas contavam com o *Cruzeiro do Sul*, praticamente o órgão oficial do partido na cidade, dirigido por Fermiano Camargo Pires, irmão do prefeito.

Em 1909, a prefeitura consegue realizar um reforço na captação de água para a cidade, no entanto, a expansão da rede de esgotos para toda a cidade, especialmente para a região do chamado além ponte [além do rio Sorocaba] ficou para as calendas gregas. Nas eleições municipais de 1910, os opositoristas, apoiadores do marechal Hermes da Fonseca, conseguiram derrotar os civilistas, elegendo prefeito o médico Álvaro Soares.

Em meio ao clima político turbulento, é constituída pelo decreto nº 8791, de 21 de junho de 1911, a empresa *São Paulo Electric Company Limited*, uma subsidiária do grupo Light. A empresa foi constituída com o objetivo de construir uma enorme represa em Votorantim, aproveitando o potencial hidroelétrico do salto de Itupararanga. Tal obra se fazia premente devido à Usina de Parnaíba ter atingido o seu potencial máximo, colocando em risco o fornecimento de energia para a cidade de São Paulo. Dessa forma, a hidroelétrica do Itupararanga viria a desafogar todo o sistema da Light, além, é claro, de fornecer energia elétrica para Sorocaba e demais cidades da região.

A partir daí, a *São Paulo Electric* passaria a ter um papel decisivo na história urbana de Sorocaba. Uma questão, que é logo colocada diante da perspectiva de construção da represa, era a do aproveitamento das águas do Itupararanga e, conseqüentemente, os direitos

da cidade sobre o rio Sorocaba que poderiam estar comprometidos com a realização da obra. Parecia estar claro para o prefeito Álvaro Soares, e neste ponto não só a ele, a necessidade de captação das águas da futura represa objetivando solucionar o já crítico abastecimento de água na cidade; diante disso, a indagação seguinte dizia respeito à potabilidade da água.

Ao longo de 1912, o jornal *A Cidade de Sorocaba* publica uma série de artigos que procuravam chamar a atenção para os perigos que envolviam a construção da represa. Um dos receios era de que ocorresse o mesmo que na cidade de São João Marcos, no Rio de Janeiro, local em que também tinha sido construída uma represa pela *Light and Power*. O periódico sorocabano reproduz a mensagem apresentada à Assembléia do Estado do Rio pelo doutor Oliveira Botelho. Segundo Botelho, as águas da represa tinham invadido, sem o menor critério de qualquer ordem, muito menos os de salubridade, pastos, lavouras, matas, casas, currais, chiqueiros e até um cemitério. Depois disso as populações locais tinham sido acometidas por uma série de doenças, fato que praticamente transformou aquelas localidades em cidades desertas, e a represa ter ficado conhecida pelo apelido macabro de Represa da Morte.<sup>50</sup>

Em outro artigo, o jornal manifestava a sua preocupação com relação à servidão do rio Sorocaba.

*Ora, realizando taes obras de reprezamento, colossaes, a São Paulo Electric Company tem de, necessariamente, abolir e substituir por outro direito que possuimos sobre uma servidão estabelecida há annos no rio Sorocaba, autorizada por uma escriptura, em virtude do qual direito captamos a água do actual abastecimento no próprio rio Sorocaba, e podemos augmentar o volume captado á proporção das nossas necessidades, de accordo com as exigências do progressivo desenvolvimento de Sorocaba; sim, ou desvie o leito do rio, ou lhe repreze as águas, impurificando-as com grande carga de materiaes e detritos orgânicos, resultante das mattas marginaes, tornando-as impotáveis, venenosas á alimentação, o certo é que vamos ter o nosso direito perturbado, direito incontestável, pelo qual devemos exigir compensações, equivalentes á servidão de que até aqui gozamos.<sup>51</sup>*

<sup>50</sup> *A Cidade de Sorocaba*, 23/06/1912.

<sup>51</sup> *A Cidade de Sorocaba*, 17/08/1912.

O texto fazia menção ao episódio de São João Marcos, chamando-o de um exemplo de “progresso autoritário e irrefletido”, apontava a escassez dos córregos e ribeirões para o abastecimento da cidade, o caso do ribeirão de Cubatão era exemplar, e concluía:

*Conservada a actual servidão, poderia Sorocaba crescer e progredir, duplicar ou decuplicar a sua população e perimetro urbano, e o rio Sorocaba estaria ahi sempre prompto a fornecer-lhe, mediante pequenos dispendios, a água de que ella necessitasse, para manter activa e animada a sua vida e o seu progresso.*

*Então, perguntar-se-nos a, si não podemos nem devemos aceitar a água suspeita e perigosa da represa, nem dos ribeirões e córregos que secam, mingnam, enganam, qual o alvitre melhor para resolver-se a momentosa questão?*<sup>52</sup>

Diante da polêmica, o prefeito Álvaro Soares resolve criar uma comissão de vereadores para estudar o contrato a ser estabelecido entre a prefeitura e a *São Paulo Electric*. Interessante notar que a série de artigos, indagando sobre a qualidade das águas da represa, tinham sido produzidos pelo *A cidade de Sorocaba*, jornal que apoiava o prefeito. Esse fato deve ter melindrado o, além de prefeito, médico Álvaro Soares. Este era favorável à utilização das águas da represa, porém, diante da celeuma causada, resolve pedir demissão do cargo em março de 1913.

Inevitavelmente, a construção da represa em Itupararanga mexeu com o espírito da população sorocabana. Até o jornalzinho *O Veneno* entra na discussão:

*Em todo caso, há um outro assumpto mais triste. É o caso da represa da Light, no Itupararanga. Dizem que vamos beber água podre, estagnada e cheia de micróbios, taes como sapos, rãs e lagatixas. E dizem que a represa vae inundar dois cemitérios antigos. Cruz, credo, caramujo! Tudo pode ser, menos isso. Antes morrer de desgostos, por ver a namorada noiva de outro, que beber infusão de defuntos...*<sup>53</sup>

Outra história, ou melhor, caso envolvendo a construção da represa, era de que, se a barragem se rompesse, as águas chegariam até a torre da Igreja Matriz, localizada na praça Fernando Prestes. Esse receio surge na época da construção da represa. Em 1916, o jornal *A*

<sup>52</sup> Idem.

<sup>53</sup> *O Veneno*, 08/02/1913.

*Cidade de Sorocaba* publica um poeminha em tom satírico, atribuindo ao taumaturgo da cidade, João de Camargo, a previsão da inundação de Sorocaba pelas águas da represa:

*Eis agosto, o gran diluvio.  
Que afogar-nos vae em breve,  
Não pode ser outra coisa  
do que um raciocinio em 'greve'" [AKD Mico]<sup>54</sup>*

Em que pese o tom preconceituoso para com a figura de João de Camargo, descendente de escravos que, com suas práticas religiosas afro-brasileiras e espíritas, estava chamando a atenção e irritando profundamente alguns segmentos da cidade, essa nota registra, mesmo que de forma irônica, o temor acerca do perigo de inundação da cidade pelas águas da represa em Itupararanga.

Em 1914, em relatório sobre as atividades da prefeitura realizadas no ano anterior, o prefeito Joaquim Eugenio Monteiro de Barros relata a solução encontrada para o abastecimento de água na cidade:

*A solução dada ao caso, amplamente divulgada, parece ter sido por todos recebida como consultando perfeitamente os interesses do publico. Realizado o accordo com a São Paulo Electric Company Limited, que se obrigou a captar as águas do ribeirão do Pinhal, conduzindo-as ao ponto actual de captação em Itupararanga, compromettendo-se mais a, no prazo de cinco annos, fornecer ao abastecimento da cidade quantidade de água igual ao consumo actual, ficou resolvido da melhor maneira possível o problema que há tantos annos vinha preocupando a administração publica.<sup>55</sup>*

Tudo parecia estar resolvido. Além disso, no final do ano anterior, em novembro, era anunciado que uma das prioridades para a nova Câmara que assumia a instalação dos esgotos na parte da cidade além da ponte do rio Sorocaba. O serviço estava calculado em torno de 20 a 25 contos de réis<sup>56</sup>. Como veremos, as promessas nesse sentido iam se sucedendo ao longo dos anos.

<sup>54</sup> *A cidade de Sorocaba*, 12/08/1916.

<sup>55</sup> *Cruzeiro do Sul*, 21/01/1914.

<sup>56</sup> *Cruzeiro do Sul*, 11/11/1913.

Em 1914, Nascimento Filho inicia a sua longa gestão à frente da prefeitura municipal; sua administração se estenderia até 1921. O novo prefeito assume o cargo num momento de paz política após as refregas de 1908 a 1911; em Sorocaba, a oposição perde poder a partir de 1911, após o assassinato de Ferreira Braga, a sua maior liderança.<sup>57</sup> A paz política sempre foi destacada pelo prefeito em seus relatórios como sendo algo salutar para o bom andamento da sua administração. Um indicativo dessa “paz política” são os vários textos elogiosos à sua administração publicados no jornal *A cidade de Sorocaba*, surgido em 1908, para fazer oposição às lideranças do Partido Republicano local. Num desses textos, o periódico, ao comentar mais uma reeleição do prefeito e elogiar a sua administração, chega a denominá-lo como o “Pereira Passos de Sorocaba”.<sup>58</sup>

Tal comparação se devia ao fato do prefeito ter tomado uma série de medidas no sentido de aumentar a eficiência da máquina pública, dentre elas realizar a recuperação financeira do município e reorganizar a administração pública, além de realizar uma série de obras objetivando a remodelação urbana da cidade. Nesse sentido, os Relatórios da Prefeitura, produzidos durante a sua administração, constituem-se como um documento fundamental para a análise da história urbana de Sorocaba. No relatório de 1915, Nascimento Filho coloca algumas palavras-chave para a sua administração: “*ordem, método e justiça.*”<sup>59</sup> Já em 1917, anunciava “o “*grande desenvolvimento da cidade, onde tudo se transforma rapidamente, obedecendo a esthetica, hygiene e conforto, com actividade sempre crescente do seu commercio, industria e agricultura*”. Mais adiante, colocava:

*Sorocaba passando, como atesta o seu invejável progresso, por uma transição gradativa, do estado apático em que se achava, para o actual em que os seus recursos próprios, pelas forças vivas de todos os ramos de actividade humana, podem collocar-a em posição de destaque no agregado de municípios, que formam o nosso excepcional Estado, terá como consequência desse facto, indubitavelmente, a satisfação de reconquistar o*

<sup>57</sup> Cf. Capítulo IV.

<sup>58</sup> *A Cidade de Sorocaba*, 18/01/1917.

<sup>59</sup> Relatório de 1915. *Cruzeiro do Sul*, 19/01/1915.

*seu nome, outrora tão conhecido e citado [...].*<sup>60</sup>

O documento menciona as obras realizadas e as que precisavam ser efetuadas, sendo a mais importante delas a expansão das redes de água e de esgoto para além do núcleo central da cidade. Avaliação que indica, a partir de meados da década de 1910, uma maior expansão da malha urbana da cidade.

Ainda no Relatório apresentado em 1917, Nascimento Filho faz menção à rede de água e esgoto da cidade, apontando-a como o mais valioso patrimônio pertencente à prefeitura. Essa menção se devia ao fato da prefeitura ter recebido cartas consultivas indagando sobre a possibilidade de arrendamento daquele serviço urbano. Apesar de se considerar um liberal convicto, Nascimento Filho se posicionava contra tal arrendamento, pois entendia ser tal operação

*inopportuna, prejudicial, perigosa e contraproducente, salvo em caso, que aliás está em nós evitar, de uma situação financeira desastrosa. Inoportuno porque não vejo razão para cedermos a uma empresa particular a exploração desse serviço, pois estamos desafogados, com os nossos compromissos em dia, além de que mesmo para a ampliação desse serviço em todo o perímetro urbano, uma empresa arrendataria exigiria um prazo nunca inferior a um anno, e nesse caso, aparelhados como estamos para fazer a maior parte dele no próximo exercício e em menor prazo não há vantagem no arrendamento, mesmo porque esse arrendamento não seria a prazo inferior a vinte annos, quando a municipalidade, por contracto de 18 de junho de 1913, receberá da São Paulo Electric Co. a 18 de junho de 1918, isto é, daqui a um anno e meio a linha aductora de 12 kilometros, com a capacidade de 45 litros de água por segundo sem o menor ônus, serviço esse que vae enriquecer muitissimo o nosso patrimônio e que, no caso de arrendamento, irá beneficiar dentro de um prazo longo unicamente os proponentes do arrendamento, sem que o município possa auferir maiores vantagens. Prejudicial, porque a base para o arrendamento será do serviço existente, e, nesse caso, após a ampliação do serviço a renda será muito maior com prejuízo da arrecadação orçamentária talvez pelo prazo já citado, sem contarmos com o desenvolvimento futuro da cidade, dado o que desde já estamos observando com satisfação e interesse. Perigoso, porque uma empresa arrendataria, alguns annos antes de vencer-se o contracto, já cogitará da reforma do mesmo, e enraigada como naturalmente se achara aqui, difficilmente restituirá essa parte do nosso patrimônio, para o que lançara mão de todos os recursos e depois não poderemos responder pelos actos municipais futuros e tampouco pela estabilidade e boa interpretação*

<sup>60</sup> Relatório apresentado à Câmara Municipal de Sorocaba pelo Prefeito Augusto César do Nascimento Filho. *Cruzeiro do Sul*. 15/01/1917.

*das nossas leis. Acho-o contraproducente, porque dado o caso de uma restituição, findo o prazo de arrendamento, está de facto augmentada a rede de águas e esgotos, mas uma empresa que com segurança conte não conseguir a reforma do contracto, fará uma ampliação com materiaes inferiores, serviço atravancado e calculado para uma renda grande com capital pequeno, obra de carregação, para uma durabilidade restricta ao prazo de um contracto (...)*<sup>61</sup>

Nascimento Filho, indicava, com lucidez, os perigos que o arrendamento poderia acarretar aos interesses públicos. Em janeiro de 1920, é publicado o que seria o seu último relatório à frente do executivo municipal. Nesse trabalho, o prefeito tece uma série de considerações sobre a administração municipal e volta a tratar da questão das concessões. O prefeito considera natural que serviços como os do matadouro, mercado, calçamento, água e esgotos e limpeza pública sejam municipalizados. Porém, quando o município não tiver condições de realizar tais serviços, uma solução seria arrendá-los a particulares. E coloca, *“por que entravar elementos de progresso, de hygiene, de embelezamento e de conforto que nos offerecem particulares com o emprego de seus capitaes? Só porque esses elementos devem ser, como pensam alguns, genuinamente municipaes? Mas se o municipio não tem e provavelmente nunca terá, também nunca devemos delles gozar?”*<sup>62</sup> Nesse sentido, elogia a presença da *São Paulo Electric* na cidade, considerando excelentes os serviços de luz e de bondes elétricos prestados pela Companhia. Dentro dessa perspectiva, o município só teria a ganhar se capitais estrangeiros e nacionais passassem a controlar, sob o regime de concessão, os serviços do matadouro, mercado e limpeza pública.

No entanto, como nos relatórios anteriores, Nascimento Filho salienta o caso particular dos serviços de água e esgoto, defendendo a sua manutenção pelos poderes municipais. Nesse caso, inclusive, não consegue deixar de expressar uma sutil irritação com o não cumprimento do contrato de construção de uma linha adutora pela empresa canadense.<sup>63</sup>

---

<sup>61</sup> Idem.

<sup>62</sup> *Relatório do exercício de 1919. Cruzeiro do Sul*, 15/01/1920.

<sup>63</sup> Idem.

Pelo contrato estabelecido entre a *São Paulo Electric* e a prefeitura, em 1913, a realização desse serviço de captação de água, a partir da represa de Itupararanga, tinha como prazo limite o ano de 1918. Contudo, o prazo tinha expirado sem que os trabalhos sequer tivessem começado. E não seriam também nos anos seguintes. Em 1920, a tão propalada paz política em Sorocaba se encerra, com a ruptura de Nascimento Filho com o líder absoluto do Partido Republicano local, Luiz Pereira Campos Vergueiro. Em vista dessa ruptura, ocorre o ressurgimento de forças oposicionistas na cidade. Num primeiro momento, a oposição cria o jornal *A Palavra* para expressar o seu descontentamento com os rumos da condução política em Sorocaba.

Nesse contexto, uma das pautas mais importantes do jornal envolvia o *problema da água*. Numa série de reportagens, o periódico mencionava o choque de interesses entre a *São Paulo Electric* e a população da cidade. Aquela mais interessada em fornecer energia elétrica para a cidade de São Paulo do que propiciar o reforço no abastecimento de água para a população. Num artigo escrito em março de 1920, ainda se acreditava na municipalidade sorocabana, quando Nascimento Filho permanecia à frente do executivo.<sup>64</sup>

Porém, em matéria publicada em setembro daquele ano, o periódico tecia críticas acérrimas à municipalidade. O texto indagava sobre os porquês da não realização das obras. Acusava a companhia de lançar mão de subterfúgios para postergação dos trabalhos, dentre eles a questão da potabilidade das águas da represa, novamente aventadas. O prefeito Nascimento Filho seria totalmente favorável à sua atualização, e a análise da água feita por especialistas recomendava o seu uso, desde que submetida a processos de tratamento<sup>65</sup>. A despeito disso, o imbróglio persistia. Então qual era o motivo? O jornal respondia:

*E o motivo é claro. O sr. Campos Vergueiro, pondo em prática o seu velho e*

<sup>64</sup> *A Palavra*, 04/03/1920.

<sup>65</sup> Em decorrência dos argumentos da *São Paulo Electric* sobre a potabilidade da água da represa, o prefeito Nascimento Filho, ao longo do ano de 1920, manda realizar análises químicas e bacteriológicas sobre a condição da água em Itupararanga. Para a efetivação dessas análises a Prefeitura chega a gastar um conto e setecentos mil réis. *Anais da Camara – 1920. Livro de Actas – n° 27*. p. 114.

*ronceiro systema político, prendeu em sua pasta os papéis relativos ao assumpto. Só elle como Presidente da municipalidade pôde dar andamento á solução do magno problema. Furtando esses documentos á apreciação da Câmara, presta ostensiva, abusiva e criminosamente o termo da questão, ansiosamente desejado por quantos soffrem os horrores da falta de água.*

*A sua attitudem paralyzando a discussão e o prosseguimento do projecto que chama a S. P. E. C. ao cumprimento dos deveres, sobre ser antiphatica e impatriótica, é de feroz deshumanidade.*

*S. Ex. entende que a saúde de uma população de 20 mil almas nada representa em relação aos interesses particulares de advogado da S. P. E. C. Pouco se lhe dá que o povo grite pela água a que tem direitos insophismaveis, com tanto que fique intacto o thesouro corruptor da poderosa canadense.*

*E assim, collocando systematicamente o interesse pessoal acima do da collectividade, o sr. Campos Vergueiro condemna a cidade a uma precária situação hygienica, e conduz ás suas portas o fantasma de uma inevitável epidemia.<sup>66</sup>*

Certamente, açodados pela oposição, Vergueiro e a *São Paulo Electric* começam a tratar da referida obra. Dessa forma, em janeiro de 1921, Luiz Campos Vergueiro assinava, juntamente com outros vereadores, uma indicação autorizando a prefeitura a requisitar a *São Paulo Electric* o cumprimento da sexta cláusula do contrato de 1913, que, como já mencionado, obrigava a companhia a fornecer ao consumo público 45 litros por segundo de água da sua represa.<sup>67</sup> O relatório municipal apresentado à Câmara sobre as atividades do executivo no ano de 1920, já tornava explícita a ruptura política com críticas à administração Nascimento Filho. Também reforçava a indicação anterior no sentido de promover junto da *São Paulo Electric* o cumprimento da referida cláusula do contrato de 1913.<sup>68</sup> Essa determinação ainda poderia ser percebida em meados de 1921, quando a Câmara Municipal chega até ao ponto de ameaçar a companhia canadense de processo judicial em caso de não execução do contrato.<sup>69</sup>

Porém, durante as negociações, a *São Paulo Electric* usa de sua força e influência, conseguindo, por fim, alterar a célebre cláusula sexta do contrato de 1913, o que era,

<sup>66</sup> *A Palavra*, 25/09/1920.

<sup>67</sup> *Anais da Camara - 1921 – Livro de Actas n° 27*. p. 188.

<sup>68</sup> *Anais da Camara - 1921 – Livro de Actas n° 27*. p. 200.

<sup>69</sup> *Anais da Camara - 1921 – Livro de Actas n° 27*. p. 272.

evidentemente, de fundamental interesse para a Câmara Municipal e, conseqüentemente, para a população da cidade. Assim, pelo novo acordo, a empresa se obrigava a construir uma linha adutora saindo da sua represa no Itupararanga, no entanto, a Câmara teria que contribuir para esse serviço com a quantia de cento e noventa e nove contos de réis e, ainda, solicitar ao governo federal o pedido de isenção dos direitos aduaneiros para o material que fosse preciso importar para as obras.<sup>70</sup>

Os relatórios produzidos pela *São Paulo Electric* informam a respeito do início das obras de construção da linha adutora em 1923 e sua conclusão em 1925.<sup>71</sup>

Sobre essa realização comenta o jornal *Cruzeiro do Sul*, em tom laudatório: “*O acerto daquela solução [a revisão do contrato com a São Paulo Electric], entretanto, aparece actualmente de modo insophismavel, pois graças ao melhoramento levado a termo, Sorocaba está livre da falta de água, apesar da seca prolongada e do desaparecimento quase por completo, dos mananciais do Cubatão e do Pinhal, únicos que alimentavam o reservatório do Cerrado. Não fosse a providencia tomada no devido tempo pelo governo da cidade e hoje Sorocaba estaria lutando com a falta absoluta do preciso liquido.*”<sup>72</sup>

Contudo, a oposição que vinha se reorganizando, como referimos, desde o início da década de 1920, sempre criticou tal acordo, acusando os próceres da administração municipal

<sup>70</sup> *Cruzeiro do Sul*, 11/10/1923. O famoso artigo sexto do contrato de 1913 determinava o seguinte: “*A taxa de canalização de água a que se refere a cláusula antecedente, da actual caixa receptora em Itupararanga até o reservatório existente no Cerrado, a Companhia [São Paulo Electric] fará construir a sua custa e sem despesa de qualquer especie para a Camara, depois de decorridos cinco annos da data deste contracto, quando a Camara julgar opportuno e precedendo um aviso desta, com seis meses de antecedencia, uma linha adductora de doze kilometros unicamente, de extensão, a partir da caixa receptora rederida, paralela a linha já existente, e passando por terrenos que deverão ser cedidos pela Camara, com canos semelhantes, quando possível aos existentes na linha adductora acima referida, e que presentemente é utilizada pela Camara, sendo a resistência e diametro dos canos, a ser construida pela Companhia, eguaes aos dos canos da linha actualmente utilizada.*” Havia inclusive uma cláusula que estipulava multa de cinquenta contos de réis, caso não fossem obedecidas as cláusulas do contrato. *Cruzeiro do Sul*, 24/06/1913. É claro, essa multa nunca foi aplicada, fato que mostra a força e influência da São Paulo Electric, particularmente entre os dirigentes políticos situacionistas de Sorocaba e comprovam as estreitas ligações de Campos Vergueiro com a Companhia.

<sup>71</sup> “*The installation of new pipe line for Sorocaba city drinking water supply was completed early in the year, thus fulfilling one of the requeriments of our contract with the city.*” *São Paulo Electric – Annual Report year 1926.*

<sup>72</sup> *Cruzeiro do Sul*, 11/09/1925.

de agirem em conluio com a *São Paulo Electric*, afinal a municipalidade teve que despende uma quantia que não constava no contrato original de 1913. Além disso, em meados da década, a cidade passava por um acelerado processo de expansão urbana, fato que tornava patente de imediato a insuficiência da obra, sem mencionar que a rede de esgotos não tinha sido ampliada.

Em 1924, a oposição municipal cerra fileiras em torno do jornal *Correio de Sorocaba*, dirigido por Diogo Moreira Salles. Este, no editorial de apresentação, procura historiar as oposições passadas, especificamente em relação à liderança de Campos Vergueiro. “*Os partidos oposicionistas de Sorocaba foram, é certo, mortos pelo situacionismo: uns a tiros de carabina, outros a fraudes eleitorais que mettem nojo. Não os mataria, porém se todos elles não tivessem commettido o grande erro de cerrarem fileiras ao lado ephemeras oposições estaduaes, irregulares e injustas nos seus fundamentos, quanto inexplicáveis nos seus desígnios.*”<sup>73</sup>

Eis a especificidade dessa oposição, indicando uma mudança de estratégia. De forma bem clara, Moreira Salles frisava que a oposição tinha um âmbito exclusivamente local, não se estendendo ao governo estadual e muito menos ao PRP. Trata-se, portanto, de uma contenda na esfera das frações de classe<sup>74</sup>. Não se tratava de uma oposição ideológica, como, aliás, nenhuma das anteriores o fora.

No entanto, a partir daí o *Correio de Sorocaba* abre uma campanha implacável contra a administração municipal. E, lógico, um dos temas mais relevantes era a questão da rede de água e esgoto. O articulista, assinando com o pseudônimo de Colbert, indagava-se sobre um empréstimo realizado em 1924, no valor de 1.600 contos, destinado à realização de uma série de melhoramentos, dentre eles, a construção da rede de esgotos na parte da cidade, além da ponte do rio Sorocaba. Mas que ficou para as “kalendas gregas” e, não bastasse isso, o prefeito ainda tinha o desplante de se justificar a respeito da não realização da obra com o

<sup>73</sup> *Correio de Sorocaba*, 24/04/1924.

<sup>74</sup> Cf. PERISSINOTO. Renato M. *Classes dominantes e hegemonia na República Velha*. 1994.

argumento de que nesses bairros havia ainda muito lugar para fossas sanitárias. A situação, portanto, era a seguinte:

*“O povo paga de água e exgottos a bella somma de...180:000\$000 por anno. Água nós temos em doses homeopáticas e exgottos só uma pequena parte da cidade os tem, e essa pequena parte é a mesma existente na Sorocaba de 1900 e feita por conta do Governo do Estado, quando na sua presidência o eminente e patriótico chefe da zona sul de São Paulo, sr. Cel. Fernando Prestes. / Daquella epocha, a esta parte, nem uma manilha a mais de exgottos se collocou na cidade, não tendo, até hoje, ainda, explicado a Câmara, onde foram parar os materiaes de exgottos, depositados numa capella da rua Aurora.”<sup>75</sup>*

Os esgotos não chegavam para a região do chamado além ponte, mas a malha urbana também estava expandindo-se em direção ao norte da cidade, ultrapassando as linhas da Estrada de Ferro Sorocabana, formando um novo bairro, a vila Sant’ Anna. *“A villa Sant’Anna é um novo bairro da cidade e muito populoso. Reclama, desde há muito, da Câmara um pouco dagua, mas como sempre acontece com as cousas necessárias que ‘devem ser feitas’, a água para a villa Sant’ Anna tornou-se já um desses problemas insolúveis. É preciso fazer? Então não se faz, diz a administração. Diz ou pensa. Olhem o caso dos exgottos de alem-ponte...”<sup>76</sup>*

Em 1927, finalmente, a prefeitura abre concorrência para a realização das obras no além ponte, vencida pelos senhores Bernardes & Comp.<sup>77</sup> Nesse ínterim, em 1928, finalmente, o grupo liderado por Campos Vergueiro e desalojado do poder, e o *Correio de Sorocaba*, em nota publicada em abril de 1929, denunciavam o fato da administração anterior ter deixado a obra inconclusa. Algo que o recém-empossado prefeito prometia concluir rapidamente. Além disso, João Machado de Araújo, o novo prefeito, editava a Lei nº 227 autorizando a prefeitura a instalar hidrômetros em todos os prédios da cidade<sup>78</sup>. Como vimos, uma antiga proposta que perpassou as administrações anteriores. Em nota, o *Correio*, agora situacionista, elogia tal medida: *“Bem orientada andou a Municipalidade votando a lei que auctorisa a Prefeitura Municipal*

<sup>75</sup> *Correio de Sorocaba*, 15/10/1925.

<sup>76</sup> *Correio de Sorocaba*, 23/05/1926.

<sup>77</sup> *Cruzeiro do Sul*, 05/10/1927.

<sup>78</sup> *Correio de Sorocaba*, 27/08/1930.

*a collocar medidores de água nos prédios da cidade, regulando, assim, o consumo do precioso liquido. / Sorocaba, há longos annos, vem sendo prejudicada pela falta dagua, por vezes conseqüente das estiadas longas, porém tendo sua causa principal na insufficiencia do abastecimento, feito há trinta annos, jamais tendo passado pelas ampliações que o crescimento da população está a exigir. (...) Com a collocação dos hydrometros, o consumidor pagará conforme o gasto. Assim sendo, a população terá mais cuidado, evitando gastos supérfluos e entrando, definitivamente num regimen de economia da agua que será economia de dinheiro.”*<sup>79</sup>

Entretanto, talvez até em função da eclosão da chamada Revolução de 1930, que pôs termo ao sistema político implantado em 1889 e consolidado no governo de Campos Sales, a colocação dos hidrômetros não saiu do papel. A administração municipal foi interrompida, com a destituição do prefeito João Machado de Araújo. Até porque este, assim como o seu grupo político, tinha apoiado de forma intensa a candidatura à presidência de Júlio Prestes. O conturbado cenário político que se estabeleceu após a Revolução, particularmente entre 1930 e 1934, acabou por influir nos negócios municipais, podemos inferir, de todas as cidades brasileiras e, particularmente, o contexto político e administrativo em Sorocaba tornou-se praticamente caótico.

A cidade não parava de se expandir, tornando-se, assim, mais complexa a sua administração, apesar disso, imperava uma absoluta confusão institucional e falta de continuidade administrativa. A imprensa não cansava de apontar os problemas da cidade, e, dentre eles, com todo o destaque, a questão da água, que começava a tomar ares de dramaticidade. Com efeito, mencionava-se a péssima distribuição da água na cidade, a falta de pressão da mesma e o desperdício, muito em função, justamente, pela ausência de hidrômetros.<sup>80</sup>

No início de 1933, a prefeitura cogitava novamente a colocação de hidrômetros,

<sup>79</sup> *Correio de Sorocaba*, 30/08/1930.

<sup>80</sup> *A Vida de Sorocaba*, 22/01/1933.

medida considerada louvável, em decorrência da falta do precioso líquido em vários pontos do perímetro urbano e, especialmente, nos já, naquela época, populosos arrabaldes da cidade. Um dos pontos mais prejudicados seria o do chamado além ponte, região na qual os moradores, apesar de pagarem a taxa de água, só recebiam o líquido à noite e mesmo assim por pouco tempo.<sup>81</sup>

A agitação política atingiu o auge na cidade com o assassinato do prefeito Davi Ataíde, em janeiro de 1933, em plena praça central da cidade. Para sucedê-lo, foi escolhido, como novo interventor, João da Costa Marques. Porém a administração municipal continuou acéfala, uma vez que o referido interventor chegava a ficar meses fora da cidade. Tal fato levou “a classe conservadora de Sorocaba”, representada pela sua Associação Comercial e Industrial, a redigir uma representação ao interventor estadual, solicitando a regularização da situação prefetural em Sorocaba. O texto salientava que uma cidade como Sorocaba, com uma população próxima a 35000 habitantes e com múltiplos problemas a serem resolvidos, não poderia ficar naquela condição, sem a presença do chefe do executivo. Afinal,

*“Era necessário ressaltar a gravidade da situação de Sorocaba, porque não é concebível que a Manchester de S. Paulo e quiçá do Brasil continue sem que tenha à frente dos seus destinos quem, radicado em nosso meio, conhecedor mais de perto das necessidades urbanas, dote a sua população dos melhoramentos que a cidade necessita, imprimindo-lhe desenvolvimento, resolvendo problemas fundamentalmente indispensáveis e inadiáveis para o seu povo.”<sup>82</sup>*

Efetivamente, essa conjuntura só iria modificar-se com a promulgação da Constituição de 1934 e da nova Constituição Paulista. Com as primeiras eleições realizadas desde o fim da Primeira República para a Câmara Municipal, é escolhido pela casa legislativa, em meados de 1936, Alcino de Oliveira Rosa, como novo prefeito de Sorocaba.<sup>83</sup>

É de fundamental relevância destacar o novo contexto que vinha se configurando

---

<sup>81</sup> *Cruzeiro do Sul*, 28/01/1933.

<sup>82</sup> *Cruzeiro do Sul*, 30/06/1933.

<sup>83</sup> FRIOLI, Adolfo e BONADIO, Geraldo. *Sorocaba 350 anos*. Op. cit., p. 296.

desde a Revolução de 1930, a respeito da questão da utilização das quedas d' água e da relação do Estado com as empresas privadas nesse setor, especificamente aquelas de capital estrangeiro, como a *Light and Power* e sua subsidiária a *São Paulo Electric*. Com efeito, ainda na época do Governo Provisório, publicava-se o decreto nº 20395, de 19 de setembro de 1931, suspendendo todos os atos de alienação, oneração ou transferência de qualquer curso ou queda d' água. Em 1934, outro decreto, de nº 24336, fazia aumentar a ingerência do Governo Federal nas concessões para energia elétrica e quedas d' água; e esse aspecto é de suma importância, pois tirava dos municípios o controle sobre essas concessões. Dessa forma, “novos contratos para o fornecimento de energia, ampliações sob contratos já existentes e aumentos de preços exigiam agora prévia e expressa autorização do Governo Federal que também passava a fiscalizar, técnica e financeiramente, esse serviço.”<sup>84</sup>

Os referidos decretos vão, finalmente, resultar no Código de Águas de 1934 que, por sua vez, sistematizava e regulamentava uma série de projetos elaborados ao longo da Primeira República, especialmente do deputado Homero Batista e do jurista Alfredo Valadão. Evidentemente, dadas as relações de cumplicidade entre as elites políticas em todos os níveis e as empresas de energia elétrica estrangeiras, tais codificações nunca foram aprovadas. O Código de Águas, além de incorporar as quedas d'água e fontes de energia hidráulica para o patrimônio nacional, prometia fiscalizar as empresas do setor em sua contabilidade. Evidentemente, tal legislação provocou a ira das empresas estrangeiras e de seus acólitos brasileiros; provavelmente por essa razão, segundo Catullo Branco, o Código nunca foi totalmente aplicado.<sup>85</sup> Contudo, ao que parece, o novo contexto de um governo nacionalista deve ter provocado um recuo, ao menos estratégico, nas costumeiras práticas de ingerência política absoluta e arrogância para com os interesses públicos por parte de empresas como a

---

<sup>84</sup> SAES, Flávio Azevedo Marques de. *A grande empresa de serviços públicos na economia cafeeira – 1850-1930*. 1979, p. 410.

<sup>85</sup> BRANCO, Catullo. *Energia elétrica e capital estrangeiro no Brasil*. 1975, pp. 65-71.

*São Paulo Electric*. De fato, como veremos daqui para a frente, a Companhia canadense não pareceu opor-se aos novos planos da prefeitura para a captação de água em sua represa em Itupararanga.

Um outro aspecto dessa equação nas relações de poder é o papel dos municípios na nova ordem institucional. Como a historiografia tem apontado, a implementação da República Federativa não significou autonomia para os municípios, uma vez que os Estados passavam a controlar a organização municipal, inclusive, e fundamentalmente, os assuntos financeiros. A conseqüência dessa situação foi a formação da célebre rede de influências e troca de favores entre as lideranças políticas locais, estaduais e federais que pautaria a engenharia política ao longo de toda a Primeira República.<sup>86</sup> Nesse sentido, como coloca Rodolpho Telarolli, toda a obra urbana, como o serviço de abastecimento de água e rede de esgotos, dependia dos recursos e da boa vontade do governo Estadual, dada a ausência de autonomia política e capacidade financeira dos municípios para a realização de obras de vulto.<sup>87</sup>

No novo contexto institucional, ainda no Governo Provisório, seria criado o Departamento de Administração Municipal, cujo caráter centralizador não deixou de ser alvo de críticas, porém, o mínimo que se pode dizer, é que se colocava às claras a farsa e a ambigüidade federalista em relação aos municípios do regime anterior.

Assim, em janeiro de 1936, no primeiro Relatório publicado pela prefeitura desde 1930, o interventor Francisco de Paula Camargo anuncia que solicitou, ao Departamento de Administração Municipal, o serviço de um de seus melhores técnicos a fim de realizar um estudo sobre o problema de água em Sorocaba. Tal estudo se fazia absolutamente necessário por ser “alarmante” a falta de água na cidade e a solução do problema muito complexa.<sup>88</sup>

O relatório produzido por Fábio Nogueira Lima seria publicado na imprensa local em

---

<sup>86</sup> TERCI, Eliana Tadeu. *A cidade na Primeira República: imprensa, política e poder em Piracicaba*. 1997, pp. 6-7.

<sup>87</sup> TELAROLLI, Rodolpho. *Poder local na República Velha*. 1977, p. 25.

<sup>88</sup> *Prefeitura Municipal de Sorocaba. Cruzeiro do Sul*, 13/01/1936.

janeiro de 1936. Trata-se de um documento importante por se configurar como, provavelmente, o primeiro estudo de caráter mais sistemático acerca da questão da água em Sorocaba. Suas conclusões balizariam os procedimentos a serem adotados dali para a frente, além de dar uma dimensão dos custos para a solução do problema.

No referido relatório, o engenheiro traçava um panorama geral das condições da infraestrutura de abastecimento de água da cidade.

Existiam, à época, três adutoras: a de Cubatão, a mais antiga, construída em 1900, a de Votorantim e a da Light. Quanto a esta última, construída, como vimos, em meados da década de 1920, é interessante notar que o texto descreve a tomada de água dessa linha como sendo “*em um canal velho e abandonado da antiga usina de força*”. Referência à usina da antiga empresa de energia elétrica que existia antes da constituição da *São Paulo Electric*. Essa menção pode nos dar uma idéia do descaso com que a empresa canadense executou as obras, e, nesse caso, contando com a absoluta conivência dos políticos situacionistas do período. O estudo mostrava a total obsolescência do principal reservatório da cidade, construído na região conhecida como Cerrado. O reservatório tinha capacidade para 600000 litros de água e tinha sido construído para uma população de 10000 habitantes; em 1936, Sorocaba já possuía uma população de quase 40000 habitantes, não considerando os moradores da chamada zona rural. Além disso, a água chegava ao reservatório depois de inúmeras sangrias ao longo do percurso. Outra razão apontada para o abastecimento ineficiente era a topografia acidentada da cidade, fazendo com que a água não alcançasse os pontos mais altos da urbe, especialmente, nos horários de maior consumo. Além disso, o relatório colocava que os mananciais de abastecimento não gozavam de nenhuma proteção, e as águas dos reservatórios de Votorantim e da Light não eram submetidas a qualquer tipo de tratamento, antes de serem distribuídas para o consumo público. Cabe lembrar, como mencionado acima, a prescrição de todos os estudos realizados a respeito da potabilidade das águas da represa da *São Paulo Electric* no

sentido de sua utilização, desde que passasse por processos de tratamento. Vale ainda ressaltar que esse era o estado das coisas, válido para uma pequena parte da área urbana, ou seja, a parte antiga da cidade, o núcleo urbano colonial, uma parte do bairro do chamado Além Ponte e a parte baixa da região da cidade, conhecida como Além Linha<sup>89</sup>. Isso significava que os arrabaldes mais distantes, cada vez mais populosos, nem sequer eram atendidos por esse precaríssimo serviço de abastecimento de água e rede de esgoto.

O relatório do engenheiro Fábio Nogueira de Lima recomendava, visando à solução do problema, a construção de uma terceira linha adutora saindo da represa da *São Paulo Electric*, em Itupararanga, além da construção de outros reservatórios, pois, *“como pela extensão de accidentes naturaes da cidade não parece conveniente que o reservatório seja um único, no estudo a se proceder deverá ser encarada a solução de localização de um ou mais em outros pontos convenientes, quer partindo a rede daquelle em distribuição em marcha e reservatórios de compensação nas extremidades, quer isolados para o abastecimento de zonas distintas, com as intercommunicações indispensáveis de socorro.”*<sup>90</sup> Aventada ainda a utilização, como um novo manancial, do córrego Piragibú, distante, naquela época, cerca de 7 a 8 quilômetros da cidade. Como efetivamente seria feito em anos posteriores, descartava-se o uso das águas do rio Sorocaba, que passava pela cidade, pois recebia os despejos do então distrito de Votorantim, a rede de esgotos da vila operária de Santa Rosália, além de resíduos industriais da fábrica têxtil, quer dizer, o rio naquele momento encontrava-se totalmente poluído.

O estudo apontava para a necessidade de um levantamento planimétrico e altimétrico da cidade, dessa forma seria, então, possível efetuar um projeto completo, envolvendo um conjunto de captação, adução, tratamento, reservatórios, rede de distribuição e rede de esgotos. Para a confecção de tal projeto, era estipulado um custo em torno de 134 contos de réis. E o engenheiro salientava algumas dificuldades para a execução do estudo e,

---

<sup>89</sup> *Cruzeiro do Sul*, 16/01/1936.

<sup>90</sup> *Idem*.

conseqüentemente, a sua oneração: *Cumpre actuar que foi levado em consideração no orçamento acima, o terreno acidentado e coberto de matta e travessia de chácaras com arvoredos fructíferos, assim como as ruas irregularíssimas da cidade, principalmente no ponto central, onde além disso o transito é intenso para ruas estreitas.*<sup>91</sup>

Não se tem notícia de um projeto dessa magnitude na época da chamada Primeira República, pelo menos no caso particular de uma cidade do interior como Sorocaba. O prefeito Nascimento Filho, via de regra, gostava de colocar em seus elaborados relatórios que sua administração era pautada pela ordem e racionalidade, em consonância com os preceitos urbanísticos da chamada *Belle Époque*. Porém faltava uma abordagem mais integrativa e orgânica da cidade. Ou seja, ao longo de meados da década de 1920 e, principalmente, da década de 1930, a cidade expandia-se, tornando a sua administração mais complexa; nesse sentido, não era mais possível pensar de maneira incólume, até por razões sociais, melhoramentos vitais em apenas uma parte da cidade. Além disso, o relatório trazia uma abordagem, até então, inexistente nos projetos de serviços urbanos anteriores, a previsão de crescimento posterior da cidade e, em conseqüência, a necessidade da distribuição de água e rede de esgoto atender, no futuro, a demanda da população por esse serviço.

Por outro lado, não se pode esquecer os interesses ligados à especulação urbana, uma vez que os terrenos que fossem servidos pela rede de água e esgotos, é claro, sofreriam uma significativa valorização. Desde meados da década de 1920, a cidade passa por um rápido processo de expansão, alargando os antigos limites da urbe. Essa questão não aparece de maneira tão clara como no início do século XX, quando o prefeito Nogueira Martins, como vimos, deixava explícito que um dos propósitos do recém-inaugurado serviço de água era a valorização imediata dos terrenos alcançados por tal serviço. Mas, certamente, essa era a preocupação, por exemplo, dos construtores da chamada Vila Barão, em fins da década de 1930, pois a formação de uma bairro residencial, destinado às camadas mais abastadas da

<sup>91</sup> Idem.

população, seria inconcebível sem tal melhoramento.

De qualquer forma, mesmo levando-se em conta um complexo de razões, o que estamos querendo salientar é que, pelo menos na concepção dos projetos, mesmo para uma cidade do interior, deveria se conceber os melhoramentos de modo mais orgânico e planejado. Porém isso não quer dizer, evidentemente, que as disparidades e contradições sociais entre os diferentes bairros tenham desaparecido.

O articulista do *Cruzeiro do Sul*, em sua coluna intitulada *Commentando...*, fazia referência à retomada dos trabalhos legislativos e, é claro, salientava que o debate principal entre os vereadores era a questão da água. O que suscitava elogios, pois esse era indubitavelmente o principal problema a ser resolvido na cidade; nesse sentido, enquanto a questão não fosse deslindada, tudo o mais deveria ser deixado em segundo plano, “*taes como o da instrução publica, o da energia electrica, o do serviço de bondes e calçamento, o de reforma das estradas e embellesamento da cidade.*”<sup>92</sup>

Em dezembro de 1936, o prefeito Alcino Oliveira Rosa promulga uma lei, “com máxima urgência”, autorizando concorrência pública para o levantamento de um projeto visando à ampliação da rede de água e esgoto da cidade. Criando, para tal, uma verba no valor de cento e quarenta contos de réis.<sup>93</sup> A concorrência foi ganha pelo engenheiro civil Plínio de Queiroz, ficando o prefeito autorizado a despender a quantia de cem contos de réis para o pagamento do estudo.<sup>94</sup>

A imprensa local, é claro, anuncia o fato com regozijo, pois tudo indicava que, em pouco tempo, seria solucionado aquele que era o “problema número um da Manchester Paulista”<sup>95</sup>

Novamente, o colunista do *Cruzeiro* expressava, com contundência, o clima de

<sup>92</sup> *Cruzeiro do Sul*, 14/11/1936.

<sup>93</sup> *Cruzeiro do Sul*, 07/12/1936.

<sup>94</sup> *Cruzeiro do Sul*, 17/06/1937.

<sup>95</sup> *Cruzeiro do Sul*, 22/05/1937.

expectativa e ansiedade que tomava conta de muitos na cidade, acerca da resolução do que era considerado o problema urbano número um de Sorocaba. O autor lembrava que essa questão vinha atravessando várias administrações ao longo do tempo. Entretanto, naquele momento, a situação se tornava muito mais grave, pois,

*Tudo cresceu, em Sorocaba, de modo espantoso. A expansão da cidade tem um cunho nitidamente vertiginoso. É, entretanto, quasi o mesmo de muitos annos atraz, o mecanismo distribuidor de água, com deficiencias do líquido, de tal sorte que há zonas populosas que não são alcançadas pela rede e portanto mais expostas aos perigos disso decorrentes.<sup>96</sup>*

O autor mencionava obras que a prefeitura já vinha realizando, dentro das suas possibilidades orçamentárias, especificamente a instalação de uma nova adutora. Fato que deixava o articulista animado. Era necessário liquidar de vez a questão. E a sua solução teria uma dimensão histórica semelhante à passagem de Sorocaba de vila a cidade, em 1842; ou da superação do quadro epidêmico que atingiu a cidade entre 1897-1900. Para tanto, enfim, “*era preciso, mesmo, acabar com o superficialismo e com os recursos protelatorios e ensaios que mais a mais nos compromettiam. Era preciso ferir, a sangue frio, a questão tão envelhecida e tantas vezes agitada pela imprensa e pela opinião publica.*”<sup>97</sup>

No relatório publicado em agosto de 1937, o prefeito dá destaque especial para a construção da terceira linha adutora da Light, porém as obras encontravam-se paralisadas por falta de verba. Nesse sentido, o prefeito colocava como perspectiva a cidade beneficiar-se do decreto nº 6377 que possibilitava o financiamento de obras dessa natureza por parte do Estado.<sup>98</sup>

Porém, em 1938, a situação era a mesma, o relatório sobre as atividades de 1937, informava a respeito do término do estudo realizado pelo engenheiro Plínio de Queiroz, aguardando a sua aprovação pelo Departamento de Administração Municipal para que

<sup>96</sup> *Cruzeiro do Sul*, 23/02/1937.

<sup>97</sup> Idem.

<sup>98</sup> *Cruzeiro do Sul*, 12/08/1937.

Sorocaba obtivesse a verba necessária para a realização das obras projetadas.<sup>99</sup>

Nesse ínterim, o regime constitucional é encerrado com o advento do Estado Novo. Alcino Oliveira Rosa permanece à frente da prefeitura, agora como interventor. Em meados de 1938, Nascimento Filho volta ao comando do executivo local. Tal fato foi intensamente festejado pela imprensa e por amplos setores das elites dirigentes, principalmente dos políticos veteranos, da época anterior à Revolução de 1930. Assim, na cerimônia de posse, Nascimento Filho chega à sede da Prefeitura no mesmo carro que Luiz Campos Vergueiro e João Clímaco Camargo Pires, justamente as lideranças com quem tinha se indisposto em 1921. Esse *aggiornamento* entre os velhos segmentos da política republicana local já vinha se formalizando, na verdade, desde o contexto da chamada Revolução Constitucionalista de 1932. Momento no qual todos os ataques mútuos, muitas vezes realizados com contundência, as diferenças, as rusgas são esquecidas e superadas. O que indica mais uma vez o caráter não ideológico das oposições à época da Primeira República, devendo ser compreendidas na perspectiva de frações de classe na disputa pelo poder.<sup>100</sup> Porém, do ponto de vista da recuperação histórica, é sempre interessante verificar esses momentos de tensionamento entre as diferentes frações, pois é justamente nesse embate que podem surgir visões menos apologéticas acerca das realizações dos diferentes segmentos políticos e econômicos. Em Sorocaba, as pazes entre as antigas lideranças políticas ficam patentes na tentativa de reorganização do velho Partido Republicano na cidade, no final de 1933. Nessa empreitada, já se encontravam novamente juntas as lideranças do primeiro período republicano, como Campos Vergueiro, Camargo Pires, Nascimento Filho e Jorge Betti.<sup>101</sup>

A administração de Nascimento Filho é pautada pela imprensa com rasgados elogios. As homenagens ao prefeito se sucedem. Como, por exemplo, a promovida pela Associação de

---

<sup>99</sup> *Cruzeiro do Sul*, 13/05/1938.

<sup>100</sup> TELAROLLI, Rodolpho. Op. cit., p. 17.

<sup>101</sup> *Cruzeiro do Sul*, 07/12/1933;

Imprensa local, organizando um banquete em função do aniversário do primeiro ano de seu governo. Em artigo intitulado “Honrado Administrador”, o jornal *Cruzeiro do Sul* destacava a experiência administrativa do prefeito e o fato de ter sido o codificador das leis municipais, uma referência às leis municipais editadas em 1915 e válidas até aquele momento. Mencionava ainda o golpe político sofrido por Nascimento Filho em 1921, que o obrigou a deixar o comando da prefeitura.<sup>102</sup> Uma interpretação diferente da que o jornal tivera em 1921, algo compreensível, pois, em 1939, o *Cruzeiro do Sul* não era mais dirigido por Firmiano Camargo Pires que deixara o jornal em 1925. O cargo de diretor seria ocupado por Antonio Castronovo e, posteriormente, por Carlos Correia. Este tinha sido o editor do *Correio de Sorocaba*, em meados da década de 1920. Correia dividia o comando do jornal com Diogo Moreira Salles, ambos travando uma renhida briga com o *Cruzeiro*, representante do governo situacionista, liderado por Luís Campos Vergueiro e Camargo Pires. O contexto político, como mencionado acima, agora era outro, porém Correia dava guarida a um texto que procurava relembrar fatos passados a partir de uma outra perspectiva.

Evidentemente a principal preocupação do prefeito era a questão da água. Nesse sentido, em janeiro de 1939, era anunciada a notícia da aprovação pelo Departamento das Municipalidades do plano de execução do serviço de abastecimento de água na cidade. O contrato seria assinado dali a vinte dias, assim como as operações de empréstimo para a execução da obras. Assim, o *Cruzeiro do Sul* colocava com enorme otimismo:

*quasi podemos anunciar para dentro de um mez o início dos grandes serviços que proporcionarão o precioso líquido á nossa população e no qual foi previsto um aumento desta para 50 annos.” E continuava: “A notícia, estamos certos, repercutirá agradavelmente em todos os recantos da cidade, da Villa Sant’Anna á Villa Carvalho, do Cerrado ao bairro oriental. O vertiginoso progresso da cidade estava em desacordo com a actual e defeituosa distribuição de agua (...)”<sup>103</sup>*

Em fevereiro, era acertado entre o interventor do Estado, Adhemar de Barros, o diretor

<sup>102</sup> *Cruzeiro do Sul*, 22/06/1939.

<sup>103</sup> *Cruzeiro do Sul*, 14/01/1939.

do Departamento das Municipalidades, Isidro Gonçalves, e o prefeito Nascimento Filho, os detalhes para o empréstimo. O valor estava orçado em nove mil contos de réis e seria concedido pela Caixa Econômica Federal.<sup>104</sup>

No entanto, em agosto, os papéis para a concessão do empréstimo ainda estavam tramitando pelos meandros burocráticos do governo federal e dependiam da assinatura do presidente Getúlio Vargas. A demora angustiava muitos na cidade.

Em 1940, a imprensa continuava a tratar da questão da água, informando que a concessão do empréstimo era uma questão de formalidades burocráticas. A vinda de Getúlio Vargas a Sorocaba, e sua garantia de que o empréstimo seria efetivamente concedido, tranqüilizava os segmentos dirigentes.<sup>105</sup>

Finalmente, em abril, sai a notícia de que o presidente da República aprovara o projeto de decreto-lei concedendo o empréstimo para a execução da obras.<sup>106</sup> No início de dezembro era anunciado o início dos trabalhos, com a presença de Adhemar de Barros.<sup>107</sup>

As obras efetivamente começam, porém, com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, tudo o mais entra num estado de limbo e, em 1943, Nascimento Filho deixa a prefeitura sem ver o término das obras pelas quais tanto lutou.<sup>108</sup> Após deixar a prefeitura, Nascimento Filho passa a ser um observador político, escrevendo artigos para a imprensa local acerca dos problemas da cidade. Pode-se dizer, em seu favor, que foi, pelo menos, um político honesto, pois morreu pobre, em 15 de novembro de 1952.<sup>109</sup>

A questão da água continuaria a ser um problema premente para vários governos

<sup>104</sup> *Cruzeiro do Sul*, 25/02/1939.

<sup>105</sup> *Cruzeiro do Sul*, 10/01/1940.

<sup>106</sup> *Cruzeiro do Sul*, 24/04/1940.

<sup>107</sup> *Cruzeiro do Sul*, 08/12/1940.

<sup>108</sup> Por dificuldade de acesso à documentação, especialmente aos periódicos da época, não nos foi possível precisar a data efetiva do término daquelas obras. A se fiar pelos dados explanados por Aluísio de Almeida, a nova adutora já estava terminada antes de 1947, quando foram solicitados novos empréstimos para a sua reforma. Contudo, esses dados devem ser vistos com uma certa cautela, dada a imprecisão factual apresentada em muitos momentos pelos textos do padre historiador, particularmente no que diz respeito à história da água encanada em Sorocaba. ALMEIDA, Aluísio. *Dicionário Sorocabano*. [s.d.]

<sup>109</sup> *O 3 de Março*, 22/06/1958.

municipais ao longo do século XX. Com efeito, em 1958, o jornal *Diário de Sorocaba* mencionava as preocupações do prefeito Gualberto Moreira em estender a rede de água para os novos limites da cidade, pois, devido à constante expansão da malha urbana, via-se na contingência de decretar o racionamento do precioso líquido. Para superar tal situação, aventava-se a construção de uma nova adutora a partir da represa em Itupararanga, bem como a construção de novos reservatórios para a distribuição da água.<sup>110</sup> Uma medida relevante no sentido de uma gestão mais racional do problema da água em Sorocaba foi a criação, na década de 1960, do Serviço Autônomo de Água e Esgoto (SAAE). Mas aqui, nós já estamos muito longe do período tratado por esta pesquisa.

---

<sup>110</sup> *Diário de Sorocaba*, 18/11/1958.

### Capítulo III: Serviços urbanos: a *São Paulo Electric* em Sorocaba.

“A sociedade que modela tudo o que a cerca construiu uma técnica especial para agir sobre o que dá sustentação a essas tarefas: o próprio território. O urbanismo é a tomada de posse do ambiente natural e humano pelo capitalismo que, ao desenvolver a sua lógica de dominação absoluta, pode e deve agora refazer a totalidade do espaço como seu próprio cenário.”

[Guy Debord. *A sociedade do espetáculo*. 1997, p. 112]

Em meados do século XVII, quem partisse da vila de Piratininga rumo a oeste em direção aos sertões da província de São Paulo, “atravessaria terrenos acidentados e recobertos de matas do Planalto Atlântico, até alcançar a área de topografia suave e vegetação menos densa da Depressão Periférica.”<sup>1</sup> Essas duas regiões eram unidas pela larga várzea do rio Sorocaba, configurando-se, dessa forma, como um caminho natural que ligava São Paulo de Piratininga a Assunção do Paraguai.<sup>2</sup> Os primeiros povoadores europeus foram atraídos para essa região pela atividade de apresamento de índios, bem como à mineração de ferro no morro de Araçoiaba. Em função de tais atividades, no primeiro quartel do século XVII, formaram-se alguns povoados na região. Porém, o que vingaria, seria aquele estabelecido por Baltazar Fernandes, morador do sertão de Parnaíba, que obtivera sesmaria nessas paragens. Embora soubesse da existência desses outros povoados, Fernandes decidiu escolher um novo sítio, “na margem esquerda do rio Sorocaba, sobre um espigão arenítico, onde ergueu uma capelinha, dedicando-a a Nossa Senhora”[da Ponte]<sup>3</sup>. Daí a inferência de que a fundação desse novo vilarejo tenha se dado em 15 de agosto de 1654, pois o dia e o mês se referem à padroeira da cidade.

Essa colina principal tinha, então, como limites geográficos o rio Sorocaba e seu afluente, ao norte, o rio Supiriri.<sup>4</sup> Ainda no século XIX, grosso modo, o núcleo urbano estava contido dentro desses limites. Em 1839, atravessando o rio Sorocaba, havia apenas a rua São Paulo, que levava esse nome porque era justamente o caminho de quem vinha de São Paulo. Em 1856, essa rua foi ligada à rua-estrada dos morros [posteriormente denominada Nogueira Padilha] pela rua da Boa Morte. Além da várzea do Supiriri, erguia-se outra colina, no topo da qual foi erigido o Cemitério Municipal.<sup>5</sup>

Aluísio de Almeida, em seu estudo sobre a Revolução Liberal de 1842, ao descrever o

<sup>1</sup> SANTOS, Elina O. *A industrialização de Sorocaba – Bases geográficas*. 1999, p. 71.

<sup>2</sup> Idem.

<sup>3</sup> Idem., p. 72.

<sup>4</sup> Cf. mapas em anexo. pp. 329-336

<sup>5</sup> ALMEIDA, Aluísio. *História de Sorocaba*. 1969, pp. 192-193.

cenário urbano, mostrava que o viajante que chegasse à cidade de Itu ou São Paulo, pela estrada de rodagem ou de ferro, avistava “diante de si no bloco central das edificações o mesmo panorama que comoveu a Caxias descendo a Boa Vista, como se fora uma presa conquistada e a Feijó, como se fora a Meca do liberalismo. Entrando de carro na Avenida Siqueira Campos, que o povo ainda denomina rua de S. Paulo [felizmente o nome não foi mantido e a rua, posteriormente avenida, voltou a se chamar São Paulo], larga e aberta poderá o peregrino observar o típico feitio colonial das casas baixas, até a ponte.” Em outro trecho escreve: “Quem quiser formar uma idéia de como era Sorocaba em 1842 basta percorrer-lhe as ruas centrais de hoje [década de 1940]. Onde se lhe deparar uma casa baixa de taipa ou um sobrado antigo, creia que está ali uma testemunha muda de um século.”<sup>6</sup>

A fundação da Estrada de Ferro Sorocabana, em 1875, se constituiu como um marco na história da cidade, não apenas de uma perspectiva econômica e social, mas também geográfica, pois a existência da linha férrea no cenário urbano iria marcar profundamente o seu desenvolvimento posterior. Assim, o rio e a estrada de ferro acabaram por dar nomes muito peculiares às regiões da cidade. Com efeito, a partir do núcleo primitivo, a parte da cidade do outro lado do rio, que começava depois de se atravessar a ponte sobre o rio Sorocaba, com o tempo ficaria conhecida como Além-Ponte. Por sua vez, a região que cresceu do outro lado dos trilhos da Estrada de Ferro Sorocabana, ou seja, para além da várzea do Supiriri, já que os trilhos da ferrovia corriam paralelos ao rio, ficaria conhecida como Além-Linha. Como pretendemos mostrar nesta pesquisa, o espraiamento da malha urbana em direção ao norte da cidade, quer dizer, à região do Além-Linha, traria uma série de dificuldades no que se refere às comunicações urbanas.

O Código de Posturas, editado em 1906, no seu artigo primeiro, indicava o perímetro da cidade:

---

<sup>6</sup> ALMEIDA, Aluisio. *A Revolução Liberal de 1842*. 1944, pp. 72-73.

*Na estrada de S. Paulo, a casa que fica na esquina desta estrada e a estrada que vai ao bairro do Caputera; na estrada dos Morros, até o portão que divide com terrenos de José Ferreira Prestes; na estrada do Rio-acima, até o portão da Fábrica Santa Maria; na estrada de Piedade, até a ponte da Água Vermelha; na estrada do Vossoroca [caminho para a atual cidade de Votorantim], até o portão da chácara do finado padre Antonio, na estrada do bairro de Itinga, até o pontilhão da estrada de ferro; na estrada de Porto Feliz, até o fim da rua do Ipanema.<sup>7</sup>*

Esse mesmo artigo se repetiria nas codificações seguintes de 1915, indicando que até a metade da década de 1910, o perímetro urbano da cidade não era muito diferente da Sorocaba da época das célebres feiras de animais, no século XIX.

Em 1870, ainda no período das feiras, o jornal *O Sorocabano* reclamava da precariedade da iluminação pública na cidade:

*Há tempos a esta parte supprimiram a iluminação publica d'esta cidade. É uma falta sobre modo sensível, e contra a qual não podemos deixar de reclamar.*

*A iluminação de uma cidade não é somente objecto de luxo e commodidade, mas também, e principalmente, medida preventiva contra o vicio, e o crime, que buscam o favor das trevas, para a salvo conseguirem seus fins.*

*Uma boa iluminação vale meia policia..., mais, porque protege o cidadão e não tem o poder de perseguir o innocente.*

*São verdades comesinhas, essas.*

*Não sabemos a que é devida a falta, que lamentamos.*

*Parece-nos que há, para esse serviço, verba não escassa.*

*Existem os lampeões, e respectivos aparelhos.*

*A Câmara Municipal, que se tem desvelado em dotar esta cidade de notáveis melhoramentos, pedimos providenciais afim de que se restabeleça o que já tivemos. Si não é possível progredir, é preciso, ao menos, não retrogradar.*

*Temos certeza de que a Câmara não deixará de envidar esforços para o conseguimento de serviço tam necessário, ou seja por empreitada, ou por administração.<sup>8</sup>*

De acordo com o texto, a iluminação na cidade, que era feita por meio de lampiões a querosene, já tinha sido, inclusive, melhor em tempos passados. Dois anos depois, o jornal *O Americano* tratava da mesma questão da iluminação pública, abordando um ponto semelhante ao artigo anterior, ou seja, a boa iluminação como uma forma eficiente de combate à

<sup>7</sup> Codificação das Leis da Câmara Municipal de Sorocaba, 1906, p. 19.

<sup>8</sup> *O Sorocabano*, 06/03/1870.

criminalidade, além de ser um signo de cultura e inteligência humana.<sup>9</sup>

Sorocaba, ao contrário de outras cidades, como Campinas, nunca teve iluminação a gás. Antes dos lampiões de querosene, no início do século XIX, a iluminação era feita através de azeite de peixe, “nome popular da gordura da baleia, que ainda se caçava na Bahia. Vinha em lombo de burro desde Santos.”<sup>10</sup> O azeite era acondicionado nos lampiões colocados em alguns postes de madeira na cidade. Os lampiões a querosene apareceram em 1863 e persistiram até a chegada da eletricidade.

Portanto, na década de 1890, a questão da iluminação pública se tornava algo premente diante do reconhecido estado de obsolescência em que se encontrava o sistema de iluminação da cidade. Em dezembro de 1890, a Câmara Municipal celebrava um acordo com Francisco José Speers para a iluminação pública e particular, à base de luz elétrica “pelo sistema Westing House pelo tempo de privilégio de 50 anos.”<sup>11</sup> No entanto, havia quem argumentasse sobre as vantagens e desvantagens da utilização da eletricidade em relação à iluminação a gás. Era o caso de um artigo publicado no *Diário de Sorocaba*, em dezembro de 1890:

*Levado pelos mais patrióticos sentimentos, consta-nos, a Intendência Municipal, ao empossar-se, pretende dotar a nossa população com importantes melhoramentos. Entra no n.º deles, um sistema mais aperfeiçoado de iluminação pública, isto é, a luz elétrica.*

*Não duvidamos probidade e dedicação, que envidarão todos os esforços possíveis para bem compensar a confiança do governo, escolhendo-os para os primeiros a manterem a autonomia do Município. Entretanto, convém pensar antes de fazer; estudar antes de obrar.*

*A luz elétrica, por exemplo, levada por uma errônea apreciação á altura de um grande cometimento, tem provado que são falsos os seus argumentos.*

*Não discutimos. Chamamos para testemunhar as judiciosas considerações insertas num dos últimos números do estimado Diário Popular. Leiam, meditem e depois façam.*

*Segundo o noticiaram as folhas públicas, está pendente da aprovação do governo do Estado de São Paulo, uma proposta da Cia de Luz Elétrica para iluminar esta Capital por meio de eletricidade, em substituição aos gás carbônico.*

*Não tenho a mínima dúvida a suficiência e o zelo com que o digno*

<sup>9</sup> *O Americano*, 21/11/1872.

<sup>10</sup> ALMEIDA, Aluisio de. *Memória histórica sobre Sorocaba* (VIII). Revista de História. 1968,p. 359.

<sup>11</sup> SILVA, Paulo Celso. *De novelo de linha a Manchester paulista*. 1995, p. 59.

*superintendente das obras públicas , Sr. Eng<sup>o</sup> Paula Souza, examinará este negócio, que lhe será sem dúvida submetido pelo honrado governador do Estado, e se venho falar nele Sr. Redator por intermédio de seu conceituado jornal, é pela circunstância de haver lido ultimamente, no Jornal pariziense Le Soleil, de 11/9 próximo passado, uma notícia um tanto desanimadora sobre a iluminação.*

*Não há mais de um ano e meio que eu deixei a Europa, tenho residido durante oito anos em vários países daquele continente, e em nenhuma das cidades que eu visitei, a luz elétrica é ainda empregada, regularmente, na iluminação pública.*

*Não quero de maneira alguma estorar este, nem melhoramento algum no meu País; ao contrário, desejo sinceramente vê-lo na vanguarda da civilização. Por isso, penso que devemos proceder sempre com ciência e prudência não nos arriscarmos em experiências e inovações que não tenham ainda a sanção da prática máxima, quando se trata de melhoramentos que interessam particularmente a comodidade das populações e custam bom preço. O incucesso de tais experiências traz ordinariamente desanimo e atrazo.<sup>12</sup>*

De qualquer maneira, dois anos depois, o jornal de Manuel Januário Vasconcelos volta a abordar o tema da iluminação na cidade, referindo-se ao acordo com Speer, segundo o qual o serviço seria inaugurado em janeiro de 1893. Pelo andar da carruagem, até aquele momento, nada indicava que o tal melhoramento seria efetivamente encetado. Como de fato não foi. O interessante é que nesse texto editorial, Maneco Januário se refere à iluminação da cidade como nula e marca, mais uma vez, posição em favor da iluminação a gás, fazendo inclusive uma analogia entre o gás e a evolução da cidade:

*Mas, para que mesmo esse progredir electrisante para uma cidade, cuja marcha evolutiva tem sido lenta, mas segura? / Contando que aos municípios hoje se duplicaram os recursos para melhor cuidarem de seus interesses e melhoramentos, e tendo nós aqui quase que somente os percalços deste tempo de evoluções, sem qualquer doze dos prós, será demais que peçamos o gaz, que não é uma cousa de outro mundo, e que está demais nas forças do possível de um município que há de necessariamente ter de futuro cento e tantos contos de renda? / Não, não é demais, e nem é um favor que se nos faz a sua adopção.<sup>13</sup>*

Podia não ser demais, mas, certamente, as autoridades públicas da cidade consideravam ser de menos, pois, ao que tudo indica, essa proposta nunca foi aventada

<sup>12</sup> *Diário de Sorocaba*, 17/12/1890.

<sup>13</sup> *Diário de Sorocaba*, 08/12/1892.

seriamente, o que os atraía era justamente a projeção de um “progredir electrificante”, um mergulho no Maelstrom da civilização e do progresso do qual a luz elétrica significava um signo por excelência. Ainda mais se se tomar como exemplo a cidade de Campinas que já possuía iluminação a gás desde 1872 e luz elétrica a partir de 1887.

Vasconcelos menciona os percalços “deste tempo de evoluções”, uma referência ao processo claudicante de instalações de muitos dos melhoramentos considerados urgentes pela municipalidade ao longo de toda a década de 1890. Foi assim, como vimos, com os serviços de águas e esgotos, e a mesma situação estava ocorrendo com o problema da iluminação. Isso sem falar nos transportes, nos serviços de viação urbana. Nos primeiros anos dessa década, Pierre Labourdenne, um personagem por nós já conhecido, estava em franca atividade na cidade, prometendo a construção dos serviços de bondes e de linhas telefônicas. Notícias alvissareiras que, evidentemente, ganhavam grande destaque nas páginas do *Diário*: “*Não é necessário ter grande penetração para comprehender á primeira vista o grande incremento que com isso vae tomar a nossa cidade e o valor que terão os terrenos até hoje desaproveitados e que se prestam pela sua excellente posição ás mais commodas e hygienicas habitações.*”<sup>14</sup>

Aqui ficava claro uma das implicações dos melhoramentos, qual seja, a valorização dos terrenos e a perspectiva de aumentos dos lucros para os capitalistas, fazendo deslanchar os negócios prediais na cidade e, conseqüentemente, a especulação urbana. Porém, nenhuma dessas propostas de concessões de bondes vingou efetivamente.

No que se refere, particularmente, aos serviços envolvendo o emprego de eletricidade, a municipalidade parecia estar no bom caminho para a solução do problema ao firmar um contrato, em 1895, com os engenheiros e irmãos João de Oliveira Lacerda e Vicente de Oliveira Lacerda. Tal como noticiado pela imprensa:

*Hontem foi lavrado contrato entre a Câmara Municipal e os srs. João de Oliveira Lacerda e Vicente de Oliveira Lacerda, para a illuminação publica e particular da cidade, pelo systema de luz electrica.*

<sup>14</sup> *Diário de Sorocaba*, 17/10/1890.

*A Câmara Municipal pagará pela iluminação pública, que será feita por meio de 300 lampadas, de força de 32 velas cada uma, durante todas as noites, até as 5 horas da manhã, a quantia de 20:000\$, annualmente. A nova iluminação deverá funcionar dentro do prazo de dezoito mezes.<sup>15</sup>*

A notícia, nem poderia ser diferente, causou grande impacto na cidade; aqueles afeiçoados e desejosos das benesses propiciadas pelas inovações da ciência se regozijaram com a perspectiva de Sorocaba, finalmente, ter uma iluminação pública e particular decente. No entanto, houve também recepções diferentes, como uma que foi publicada no jornal *O 15 de Novembro*, denotando uma profunda tristeza pela notícia. Tratava-se de uma cartinha enviada para uma das articulistas do jornal, escrita em papel velino perfumado, com letrinha miúda e regular:

*Minha Séphora*

*Escrevo-te esta sob impressão de dolorosa tristeza. Imagina, querida amiga, que li no 15 de Novembro a noticia de que a cidade vai ser iluminada a luz elétrica, durante todas as noutes.*

*E o nosso luar, Séphora, o nosso luar encantador de Sorocaba vai ser desfeiado, vai ficar sem credito, vai morrer para sempre.*

*Podemos nós ambas, com lágrimas nos olhos, soluçantes, dizer adeus eterno e essas noutes deliciosas, em que a pallida Ophélie dos infinitos constellados, banha de arvores deslumbrantes as ruas e alvoredos, dandolhe um aspecto mágico, risonho, puro, innocente como um véo candido de virgem.*

*Ah!...quanta tristeza, quanta melancholia indefinível não vai agora em minha alma.*

*Recordas-te? Foi por uma noute branca de luar, poética e magestosa, em que no infinito azul o disco luminoso da lua singrava, singrava e aos meus olhos de quando em vez passavam visões encantadoras, que eu sonhei a primeira vez acordada: sorriu-me ao luar a luz do amor primeiro.*

*E aquella noute aprazível, esplendida, em que as eltrellas sorriam pela altura, ficou me gravada na mente, povoando minha imaginação como um paraíso ideal.*

*Pois bem, minha amiga, nunca mais, nunca mais poderei apreciar em todo o seu esplendor uma noute de luar como aquella em Sorocaba, uma noute do céo baixando sobre a terra em ondas luminosas, diluindo-se em chuva de latuscencias sobre os capados arvoredos.*

*O luar, o encanto de Sorocaba, está moribundo e o sino da torre, parece-me, já dobra a finados.*

*E é isto que se chama progresso e é isto que se diz em bem, que se cobre de encômios: a morte de um encanto, a profanação sacrílega e brutal das perfeições da natureza!...*

*Bárbaros e cruéis paladinhos da civilização, não vos treme na dextra o punhal com que ides perpetrar um crime tão hediondo?...*

<sup>15</sup> *O 15 de Novembro*, 01/06/1895.

*Assassinos!...*

*E tu, pobre cidade, nem protestas, nem levantas um grito de dor, nem chamas por socorro, quando pretendem arrancar-te as vestes mais sedutoras, quando pretendem despojar-te da roupagem ethéria e branca dos luares?...*

*É esta, Séphora, a minha tristeza immensa, porque não só me custa muito perder um bem para sempre, como também isto ainda uma vez me vem revelar que toda a formosura se esvai, se desfeia, com a passagem do tempo minaz, com a vinda fatal do progresso...*

*Adeus.*

*Tua Débora.<sup>16</sup>*

Apesar de todo o lirismo, da tristeza comovente encerrada nessas palavras, tratava-se de uma voz quase solitária, daí, certamente, o tom melancólico. Isso porque os dirigentes do poder e seus estafetas, inclusive na imprensa, se consideravam justamente esses “paladinos da civilização.” Como que hipnotizados pelos desejos do progresso, desprovidos de quaisquer pruridos românticos e de relações fraternais e amorosas com a natureza, ao contrário, a natureza deveria ser domada, violentada, passando, assim, a atender aos desígnios exclusivos do homem supostamente civilizado. Porém, se servisse de pálido consolo para a leitora, a instalação efetiva desse serviço na cidade ainda demandaria mais alguns anos e estaria sujeita a uma série de peripécias, incluindo um desfecho trágico.

Em 1897, quando se encerrava o primeiro prazo, a cidade foi acometida da primeira epidemia de febre amarela, dificultando os trabalhos. No início de 1898, a Câmara Municipal decide auxiliar o “digno empresário” João de Oliveira Lacerda com um empréstimo de 35 contos de réis. Com a notícia, segundo *O 15 de Novembro*, a população rejubilava-se diante da perspectiva de finalmente poder gozar de “tão magnífico melhoramento”.<sup>17</sup>

No entanto, corria já adiantado o ano de 1898 e os munícipes pareciam não ver progressos significativos nos trabalhos; dessa forma, gradativamente, as autoridades e a imprensa começam a perder a paciência com Oliveira Lacerda. Um primeiro indicativo nesse sentido foi o poema publicado no *O 15 de Novembro*, em setembro daquele ano:

<sup>16</sup> *O 15 de Novembro*, 06/06/1895.

<sup>17</sup> *O 15 de Novembro*, 02/02/1898.

*Luz! Luz!  
Ó Lacerda, que cousa tétrica!  
Essas lâmpadas são mui...escuras.  
Sae d'uma vez, de taes funduras  
Clareie essa luz...electrica!*<sup>18</sup>

Em dezembro, o mesmo jornal, em nota, explicitava toda a sua irritação com o empresário responsável pela iluminação, mencionava a reclamação da população diante da ausência de luz elétrica, algo que poderia fazer com que Lacerda “se penetrasse de brios e levasse a sua tarefa a cabo.”<sup>19</sup> Porém, debalde. E o texto levantava a questão: “O que tem feito, o que faz o sr. João Lacerda?”

Essa era também a indagação do colunista J Teimoso, que escrevia em suas *Notas e commentarios*:

*A única cousa quem ao que parece, ficou paralyzada nesta cidade é a famigerada luz electrica. Bem podem annuncial-a postes e fios, cantem-na optimistas mellosos, reclamem-na furibundos jornalistas, tudo em vão: a luz electrica permanecerá sempre...escura.  
(...) Prescindimos pois, já que é força fazel-o, de similhante melhoramento de illuminação. Contentemo-nos com os lampeões dos nossos avós e com o luar que vem desde os começos da humanidade. E o certo é que muito falta nos faz a tal electricidade. Isto ordinariamente acontece com as cousas demoradas: progressos querem-se rápidos e seguros...*<sup>20</sup>

A partir daí, os fatos se sucedem. Em julho de 1899, a Câmara Municipal resolve conceder o prazo irrevogável de mais um mês para a inauguração da iluminação elétrica.<sup>21</sup> Um mês depois, última forma, concede mais três meses de prazo.<sup>22</sup> Finalmente, a inauguração ficava marcada para primeiro de janeiro de 1900. Acontece que em dezembro de 1899 rompe a segunda epidemia de febre amarela na cidade, ainda mais devastadora do que a anterior. No início de 1900, a cidade se encontrava desolada pela epidemia e às escuras. Em maio, com a cidade começando a se recuperar do flagelo e a retomar a sua vida, inevitavelmente, a questão

<sup>18</sup> O 15 de Novembro, 06/09/1898.

<sup>19</sup> O 15 de Novembro, 18/12/1898.

<sup>20</sup> O 15 de Novembro, 08/01/1899.

<sup>21</sup> O 15 de Novembro, 13/07/1899.

<sup>22</sup> O 15 de Novembro, 13/08/1899.

volta à baila. Lacerda é “agraciado” com mais alguns versos: “*Continua ainda o sr. Lacerda / com as suas experiências da luz!!! / caramba / cremos que mesmo para descobrir-se / a electricidade, não se gastou tanto tempo. / Livra.*”<sup>23</sup>

O Relatório da Intendência, produzido pelo capitão José Dias de Arruda, publicado no início de 1901<sup>24</sup>, documenta o ano conturbado vivido pela cidade. No capítulo referente à iluminação pública, o intendente retoma uma história de postergações e empréstimos para, autorizado pela Câmara, com indicação do vereador Francisco de Mascarenhas, em sessão de 28 de julho de 1900, liquidar amigavelmente, com o empresário, o contrato. Joaquim Marques Ferreira Braga foi o advogado da Câmara na questão. Em agosto daquele ano, é aceita a proposta do capitalista Manoel José da Fonseca para um novo contrato, mas este passa os seus direitos para a empresa Byington & Cia, em 19 de janeiro de 1901. Todo esse imbróglio acabou até se transformando em tema do carnaval de 1901: “*Entre as críticas novas apresentadas, houve a do antigo privilégio da luz electrica, um carro às escuras, que na opinião unânime foi considerado o maior sucesso do carnaval de 1901. Ao passar em frente ao Club União, obteve uma verdadeira apotheose de flores e applausos pelo espírito fino e typos bem apanhados que apresentavam.*”<sup>25</sup>

No entanto, ao contrário do que tinha sido colocado no Relatório da Intendência, a liquidação do espólio dos Lacerda parece não ter se dado de maneira tão amigável. Lacerda, efetivamente, nunca se conformou com a perda da concessão e, além disso, o que podemos depreender pelos acontecimentos posteriores, sua frustração sempre foi utilizada e manipulada pelas forças políticas da cidade em momentos de tensionamento. O primeiro episódio nesse sentido se deu em 1906, às vésperas do Congraçamento do Partido Republicano. Assim, o jornal *Cruzeiro do Sul*, surgido em 1903, justamente em função da cisão do partido em 1901, era, no âmbito da política local, inimigo do chefe político Nogueira Martins. Depois de perder

<sup>23</sup> *A Lucta*, 13/05/1900.

<sup>24</sup> *O 15 de Novembro*, 13/01/1901.

<sup>25</sup> *O 15 de Novembro*, 21/02/1901.

a concessão, o inconformado entra com um processo contra a Câmara Municipal pedindo indenizações. Em março desse ano, o *Cruzeiro* publica, sobre o caso, uma nota quase enigmática:

*Sabe-se que, desde meados de setembro, os autos desta questão se acham em poder do snr. Herculano de Freitas, advogado e político em São Paulo, e adredemente escolhido pelo snr. Luiz Nogueira Martins, para protellar e mesmo tentar a suffocar o direito que manifestamente reconhece pelo facto da prisão dos mesmos autos. / Oxalá, Snr. Luiz Nogueira, que seja sempre feliz nas suas perseguições; mas leve sempre em vista: O dia de hoje não é o mesmo de amanhã e que o porco tanto vae ao moinho até que um dia deixa o ... Focinho.<sup>26</sup>*

O *Cruzeiro do Sul* chega a publicar, na seção ineditoriais, um texto da lavra do próprio João Lacerda com suas justificativas, uma delas era sobre a cláusula 16 do contrato, argumentando o engenheiro que abria mão da tração elétrica e força motriz, ficando responsável apenas pela iluminação pública.<sup>27</sup> Como se tal procedimento fosse exequível. Além disso, o jornal reproduzia a opinião do advogado João Monteiro sobre o caso. Este, é claro, era favorável a Lacerda, procurando justificar o atraso na implementação dos serviços de iluminação por razões de força maior, as quais haviam sido reconhecidas pela Câmara Municipal; no seu arrazoado, o advogado considerava plenamente viável e justificável a ação de indenização solicitada por João Lacerda.<sup>28</sup> Tais artigos mereceram uma réplica por parte de Nogueira Martins, mais no sentido de isentá-lo de qualquer participação no processo de liquidação da concessão com J. Lacerda. Martins salienta que os protagonistas no ato foram o vereador Francisco Mascarenhas e a proposta de caducidade do contrato levantada pelo vereador Francisco Loureiro.<sup>29</sup>

Pois bem, com o referido Congraçamento, os antigos inimigos já não o eram mais; dessa forma, alguns anos depois, em 1908, *O 15 de Novembro* encerra as suas atividades e o

<sup>26</sup> *Cruzeiro do Sul*, 28/03/1906.

<sup>27</sup> *Cruzeiro do Sul*, 23/05/1906.

<sup>28</sup> *Cruzeiro do Sul*, 06/06/1906.

<sup>29</sup> *O 15 de Novembro*, 10/06/1906.

*Cruzeiro do Sul* torna-se o órgão oficial do Partido Republicano na cidade. Com isso, cessam os ataques a Nogueira Martins e o caso Lacerda sai da pauta, embora o processo de indenização continuasse a correr na justiça. Mas essa reconciliação, na verdade, representou apenas um breve interregno para o convulsionado período que marcou a República em torno da disputa entre hermistas e civilistas na disputa eleitoral de 1910. Em Sorocaba, aqueles não tinham aceitado o Congraçamento em 1906, logo cerraram fileiras em torno da candidatura do Marechal Hermes da Fonseca. Alguns desses nomes, como Francisco Loureiro e Ferreira Braga, popularmente conhecido na cidade como Braguinha, como vimos, tiveram papel destacado na questão Lacerda.

Em 1911, a temperatura política parecia atingir o seu auge, com a vitória dos hermistas nas eleições municipais, escolhendo o médico Álvaro Soares como prefeito da cidade. Braguinha era, então, o chefe político do hermismo na cidade e tinha a apoiá-lo o jornal *A Cidade de Sorocaba*. É claro, em meio a refrega, uma série de impropérios eram trocados entre as partes, inclusive com o escarafunchar das vidas pessoais dos contendores para se denegrir a imagem do inimigo político. Nesse contexto, inevitavelmente, volta a ser citado o caso Lacerda. Ao longo de 1911, o jornal *Cruzeiro do Sul*, civilista, publica uma série de textos intitulados “Ação contra a Câmara”, voltando à questão. Esses artigos se intensificam em setembro, agora a argumentação principal era de que o contrato tinha sido alterado na sua cláusula 16. Era o que julgava Lacerda, que mais uma vez tinha espaço na seção livre do *Cruzeiro*. Argumentava que o contrato tinha sido alterado da seguinte forma, onde deveria constar “excluindo a luz”, encontrava-se escrito por cima com tinta e letras estranhas: “com o emprego da eletricidade.” O autor dessa criminoso alteração seria Ferreira Braga.<sup>30</sup> Lacerda certamente, fazia menção a sua proposta de ficar responsável exclusivamente pelo serviço de iluminação pública. De qualquer forma, a reprodução do contrato e da famosa cláusula não

---

<sup>30</sup> *Cruzeiro do Sul*, 14/09/1911.

faziam essa separação. Como se pode ler:

*A Câmara obriga-se a não contractar com terceiros a iluminação publica e particular desta cidade, comprehendido não só todo o seu perímetro actual como o futuro, como também todos os seus subúrbios em quanto vigorar o presente contracto, para o que a Câmara concede única e exclusivamente aos emprezarios, privilegio por vinte annos, a contar da data marcada para a inauguração da iluminação publica, para explorarem na cidade e município a iluminação electrica, o emprego da electricidade como força motora e como calor bem como linhas de bonds a tracção electrica.*<sup>31</sup>

Eis o desfecho trágico: Lacerda, convicto da má fé de Braguinha no caso, em 29 de setembro de 1911, assassina o advogado e líder político. O assassinato provocou uma verdadeira comoção na cidade, e o episódio foi logo incluído entre os chamados “sucessos políticos” ocorridos no Estado de São Paulo naqueles anos políticos conturbados. Os civilistas, rapidamente, passaram a defender a versão de que o assassinato de Braguinha foi motivado por uma questão exclusivamente pessoal, sendo a política algo estranho ao fato.<sup>32</sup> Essa versão foi encampada pela historiografia local.<sup>33</sup> Não era essa a posição dos partidários de Ferreira Braga, para quem Lacerda foi perversamente instigado pelos inimigos de Braga, fazendo-o crer que o advogado era o responsável pelo seu fracasso. E o fizeram conhecendo o instinto feroz e perturbado do agrimensor. Assim é que no mês do assassinato, em setembro, Lacerda era um freqüentador assíduo da redação do *Cruzeiro*, “onde outrora não apparecia; o redactor-chefe da folha já saia em sua companhia pelas ruas, procurando algumas vezes o nosso chefe como quem procura uma agulha no palheiro, até que, afinal, um dia o monstro levou a cabo a sua idea e, segundo dizem, foi assistir essa scena de selvageria uma actoridade que sabia do plano previamente delineado.”<sup>34</sup>

Em novembro, o próprio *Cruzeiro do Sul* informava que Lacerda, em sua ação contra a

<sup>31</sup> O 15 de Novembro, 30/08/1895.

<sup>32</sup> *Cruzeiro do Sul*, 07/12/1911.

<sup>33</sup> “Em 29 de setembro de 1911 foi assassinado o Dr. José Marques Ferreira Braga, por uma questão não política, na rua de seu nome, esquina com a da Cadeia.” ALMEIDA, Aluísio de. *Memória histórica de Sorocaba (IX)*. Revista de História. 1969, p. 179.

<sup>34</sup> *A Cidade de Sorocaba*, 22/10/1911.

Câmara, tinha sido derrotado tanto em primeira instância como na apelação.<sup>35</sup> Pelo assassinato, foi condenado a 25 anos de prisão, mas por bom comportamento tinha sido indultado, vivendo em sua casa, quase uma tapera, “solitário, contemplando da sacada os bondes e luzes da Light e o progresso da cidade, até 16 de setembro de 1932,”<sup>36</sup> data do seu falecimento.

Mas, antes disso, voltando a 1901, era A. J. Byington quem tinha ficado com o espólio dos Lacerda. O novo empresário consegue, finalmente, melhorar a iluminação da cidade, que funcionava até uma hora da madrugada. Em 1905, a empresa elétrica é transferida para Bernardo Lichtenfels Junior. Juntamente com a empresa, Lichtenfels adquiria os direitos para a construção de uma usina hidroelétrica no salto do Itupararanga. Efetivamente começaram os trabalhos em janeiro de 1905, em episódio já mencionado nesta pesquisa, famoso pelo discurso de Alfredo Maia no qual denominou Sorocaba como sendo a Manchester Brasileira.<sup>37</sup>

Em fevereiro de 1907, a empresa elétrica da cidade, passa a fazer a iluminação das ruas e praças públicas durante toda a noite.<sup>38</sup> Três anos depois, em março de 1910, a Empresa de Luz e Força de Sorocaba torna-se uma sociedade anônima.<sup>39</sup> Isso acontece praticamente um ano antes de ser adquirida pelo grupo Light.

Portanto, em 21 de junho de 1911, forma-se a empresa *São Paulo Electric Company Limited*, sociedade anônima com sede em Toronto, Canadá, como parte do conglomerado pertencente à empresa *Light & Power*. Em realidade, a *São Paulo Electric* surge como parte da formação de uma holding que unia as companhias de eletricidade em São Paulo e no Rio de Janeiro, formando a *Brazilian Traction, Light and Power Company Limited*. Como coloca um historiador canadense: “*The creation of Brazilian Traction as a Toronto-based holding company*

<sup>35</sup> *Cruzeiro do Sul*, 04/11/1911.

<sup>36</sup> ALMEIDA, Aluísio de. *Sorocaba: 3 séculos de história*. 2002, p. 377.

<sup>37</sup> ALMEIDA, Aluísio de. *Sorocaba*. Op. cit., p. 377; GASPAR, Antônio Francisco. *Sorocaba de ontem – crônicas da cidade*. 1954, pp. 45-46.

<sup>38</sup> *Cruzeiro do Sul*, 16/02/1907.

<sup>39</sup> *Cruzeiro do Sul*, 30/04/1910.

*retaining absolute control of both the Rio and São Paulo enterprises was a complex affair, involving businessmen, lawyers, and financiers on three continents.*”<sup>40</sup>

Envolvidos na operação estavam nomes como o de Fred Pearson, um dos mais famosos engenheiros da época, William Mackenzie, nosso conhecido Alfredo Maia, que fazia parte da companhia, no Rio de Janeiro, desde 1907 e o capitalista Percival Farquhar. Por isso tudo, “in one clear sense, it was a product of the age of ‘finance capitalism’, a period when the dictates of financiers governed the development of modern, large-scale enterprise.”<sup>41</sup> Esse período não é outro senão aquele conhecido posteriormente como a *Belle Époque*, por conseguinte, para a economia e os negócios, aquele momento significou uma bela época para o grande capital. Naquele momento, dentre outras alterações, passa a ocorrer um redirecionamento nos fluxos de capitais pelo mundo. Assim, se, até por volta de 1870, as maiores transferências se limitavam à Europa e entre esta região e os Estados Unidos, a partir daí essas transferências passavam a ocorrer em âmbito intercontinental, agora também para os territórios coloniais e regiões independentes politicamente, mas economicamente subservientes [caso específico da América Latina] em relação aos países que se encontravam na vanguarda do capitalismo internacional.

Desse modo, o expansionismo dos países capitalistas centrais, processo que ficou conhecido como neo-colonialismo, tornava-se uma condição imperativa para a reprodução ampliada dos capitais “das empresas oligopolistas sediadas naqueles países. De um lado, sua necessidade aumentava com a crescente participação das exportações nas vendas totais da produção industrial; de outro, era diretamente proporcional ao crescente acúmulo de excedentes de capitais sem melhores oportunidades de aplicação alternativa nos respectivos mercados domésticos. Essas tendências, junto com o aparecimento de também crescentes barreiras protecionistas nos países economicamente mais desenvolvidos, acabaram levando à

---

<sup>40</sup> McDOWALL, Duncan. *The Light – Brazilian Traction, Light and Power Company Limited*. 1988, p. 166.

<sup>41</sup> Idem.

exportação de capitais produtivos, mediante o estabelecimento no exterior de filiais e subsidiárias, dando origem, assim, às mais antigas empresas multinacionais, entre as quais figuraria com destaque na América Latina o Grupo Light.”<sup>42</sup> Nesse cenário, de acordo com o historiador Flávio Azevedo Saes, entre os anos de 1906 e 1914, ocorre uma maior penetração do capital estrangeiro no país, fato que estava ligado aos complexos mecanismos de articulação do Brasil na economia mundial. Ocorrendo, portanto, uma maior internacionalização da economia brasileira, concomitante com uma maior internalização do capital estrangeiro no país.<sup>43</sup>

A chegada da *São Paulo Electric* a Sorocaba propiciaria a formulação de uma série de imagens grandiloqüentes acerca do progresso da cidade, visões estas que foram documentadas nas páginas dos jornais da época.

Logo que é efetuada a constituição da empresa, começam as obras para a construção da colossal usina hidroelétrica no Itupararanga. A sua construção era uma necessidade imperiosa para a *Light & Power*; uma vez que a Usina de Parnaíba já não estava atendendo a demanda dos serviços de iluminação e tração para a cidade de São Paulo<sup>44</sup>. Esse, aliás, era o sentido principal da sua construção, ou seja, produzir um suplemento de energia visando a sua distribuição para a cidade de São Paulo. No cômputo geral, as cidades de Sorocaba, Piedade, Una e São Roque iriam consumir uma pequena parcela da energia gerada pela hidroelétrica.

Em 1912, as obras já estavam ocorrendo de modo célere. Segundo o historiador Aluísio de Almeida, “em abril de 1912 estavam 2.000 operários construindo a Represa e Usina do Itupararanga. Era um “fervet opus” medonho. Vieram até hindus, que não se habituaram. Superintendia a todas as obras o engenheiro Robottom. Já estava iluminada a serra, ao longo do plano inclinado, um novo elemento na paisagem noturna, a avistar-se desde

---

<sup>42</sup> SZMRECSÁNYI, Tamás. *A era dos trustes e cartéis*. História e Energia. 1986, pp. 7-8.

<sup>43</sup> SAES, Flávio Azevedo Marques de. *A grande empresa de negócios públicos na economia cafeeira – 1850-1930*. 1979, p. 246.

<sup>44</sup> BRANCO, Catullo. *Energia elétrica e capital estrangeiro no Brasil*. 1975.

3 léguas e mais.”<sup>45</sup>

Tem-se aqui uma daquelas imagens delirantes propiciadas pela expansão do capitalismo naquele momento, gerando experiências em todos os pontos do globo terrestre e, é claro, ao longo do território nacional. Nessa descrição vem à mente a história trágica da construção da ferrovia Madeira-Mamoré, reconstituída por Francisco Foot Hardman<sup>46</sup>. Infelizmente a recuperação dessa história não nos foi possível até agora, o material compulsado se constitui, fundamentalmente, de imagens apologéticas. Uma delas publicadas no jornal *Cruzeiro do Sul*, por ocasião de uma festa promovida pela empresa em função da instalação da terceira unidade de energia elétrica. O repórter começava eufórico:

*Sorocaba que já gosa de um conceito invejável no seio do Estado, viu ante-hontem realizar-se mais um soberbo empreendimento que, graças à iniciativa enérgica e á inquebrantável força de vontade dos directores da São Paulo Electric Company, veio elevar mais alto ainda seu nome e fixar a sua hegemonia na zona sul-paulista.*

*A inauguração que ante-hontem assistimos é mais uma dessas colossaes emprezas, das quaes sempre sahe victorioso o gênio americano.*

*(...) A festa de inauguração revestiu-se de um brilho extraordinário, produzindo funda e agradável impressão ao espírito de todos que tiveram a ventura de assisti-la.*

Aqueles afortunados, desnecessário dizer, pertenciam a mais alta esfera da sociedade não apenas sorocabana como paulista, composta por políticos, capitalistas, engenheiros e jornalistas. Os visitantes conhecem *de visu* as instalações que estavam para serem inauguradas, não escondendo a sua admiração:

*Uma vez alli, foi extraordinário o espanto de todos ao deparar com a transformação radical por que passou aquelle local, leito do magestoso Itupararanga, hoje repleto de construcções modernas, bellas residenciais dos srs. Engenheiros da São Paulo Electric, usinas, represas, enormes depósitos de materiaes, guindastes, cabines e um luxuoso hospital para tratamento dos operários feridos em desastres, installado com todo o conforto e de accordo com o código sanitário, tendo anexa uma pharmacia, sob a direcção de um pharmaceutico diplomado, estando os feridos sob os cuidados do distincto facultativo da Companhia sr. dr. Francisco Sant’Anna. (...) Trabalham alli, diariamente, cerca de 2000 operarios, distribuídos em diversas turmas, sendo o trabalho que mais chama a atenção do visitante a*

<sup>45</sup> ALMEIDA, Aluisio de. *Sorocaba*. Op. cit., p. 378.

<sup>46</sup> Cf. HARDMAN, Foot. *Trem Fantasma*. 1988.

*perfuração de um tunnel que este sendo aberto a 70 metros abaixo do cume da serra e que terá uma extensão de 500 metros.”*

Depois da visita e do “opíparo banquete”, começaram os discursos, do qual destacamos o do representante do *Cruzeiro do Sul*, o qual, em seu brinde a *São Paulo Electric*, agradeceu ao convite e salientou que uma obra como aquela mostrava “...*que nós os brasileiros, muito devemos as raças cultas de todo o mundo, que aqui empregam sua actividade, cooperando pelo nosso progresso.*”<sup>47</sup>

Podemos nos indagar se tal afirmação não teria provocado um leve sorriso nos ingleses e norte-americanos ali presentes. Esse pensamento, certamente, tão esposado de uma forma ou de outra pelos segmentos nacionais presentes a ocasião, deveria convergir com a sensação de superioridade tecnológica dos povos do norte em relação aos atrasados latinos desta parte da América.

Em 1915, já com a usina em funcionamento, o *Cruzeiro* reproduz uma matéria publicada pelo *Commercio de São Paulo*. A visão da imensa represa construída, exatamente num momento de incertezas por que passava o continente europeu, em decorrência da eclosão da Primeira Guerra Mundial, representava, segundo o texto, a certeza sobre a pujança do progresso local: “*A imensa represa de Sorocaba, ás obras de arte que a completam, as enormes usinas geradoras de força electrica, tudo isso que lá está exprimindo uma nota vívida de arrojo, de opulência e de progresso, em contraste com a crise que aniquila tantas iniciativas nesse momento angustioso é a prova da confiança que o nosso grande Estado inspira ao capital estrangeiro e das extraordinárias oportunidades que as riquezas naturaes lhes oferecem.*”<sup>48</sup>

A menção aos operários, quando havia, como vimos na primeira reportagem, era para destacar as ótimas condições de trabalho. Algumas pistas sobre relatos não laudatórios acerca das obras realizadas na represa podem ser encontradas no jornal *O Operário*. A primeira nota

<sup>47</sup> *Cruzeiro do Sul*, 30/04/1912.

<sup>48</sup> *Cruzeiro do Sul*, 31/08/1915.

publicada, ainda em 1911, quando os trabalhos ainda se encontravam no início, colocava uma indagação: “*A ultima hora formos informados que a poderosa companhia da Ligth (sic) pensa, ou já está transformando o Itupararanga n’uma verdadeira colônia correcional. / Será verdade!...*”<sup>49</sup>

Já em março, o periódico devotado à causa operária parece não ter mais dúvidas sobre as agruras vividas pelos trabalhadores no Itupararanga:

*Os empregados da Ligth (sic), o que trabalham na cachocra do Itupararanga, queixam-se acremente da estupidez com que são tratados pelos que dirigem o serviço. Protestamos solenemente, e se existe uma fagulha, um resquício de Direito, de Lei, de justiça o nosso protesto hade ser atendido. Não pense, a poderosa e monstruosa Ligth (sic) que há de methamorphozear os seus operários n’uma iníqua massa de escravos. Não, a liberdade chegará até lá, e no eterno cantarolar das cachoeiras, aquelles nossos colegas ouvirão o canto da Redempção!...*<sup>50</sup>

Evidentemente, não era preocupação da imprensa burguesa, a denúncia das difíceis condições de trabalho propiciadas pela *São Paulo Electric*. Quando se noticiava algum entrevero envolvendo os trabalhadores, por motivo de acidentes de trabalho ou ameaça de greve, o enfoque era sempre negativo em relação aos trabalhadores. Por exemplo:

*Atravessamos actualmente uma época de sobressaltos e de incertezas e não raro é o dia em que as columnas dos jornaes registram factos que nos deixam penalizados. Parece que os homens descrentes, revoltam-se contra o destino e não mais querem sujeitar-se às leis do trabalho.*<sup>51</sup>

O motivo da greve seria em função da recusa de alguns operários em trabalharem no período noturno. De qualquer forma, são significativas as palavras utilizadas, quer dizer, aqueles trabalhadores causavam espanto, pois estavam indo contra as leis do destino e qual seria essa? Algo que fica implícito, a de vender a sua força de trabalho para, naquele caso, construir uma máquina de produzir energia, é claro, mas para propiciar lucros a seus promotores.

<sup>49</sup> *O Operário*, 10/09/1911.

<sup>50</sup> *O Operário*, 10/03/1912.

<sup>51</sup> *Cruzeiro do Sul*, 10/05/1913.

A hidroelétrica começa efetivamente a funcionar em maio de 1914, e, como planejado, a maior parte de produção era empregada na iluminação e viação elétrica da capital.

Já em 1912, a *São Paulo Electric* solicita à Câmara Municipal de Sorocaba uma prorrogação no contrato de concessão. A proposta da empresa era de prorrogação do contrato por um prazo de 50 anos. A questão foi debatida na imprensa, com alguns argumentos contrários à concessão por um período tão dilatado. E se as contrapartidas colocadas pela companhia não compensavam o sacrifício de suportar um monopólio de 50 anos, a proposta deveria ser recusada.<sup>52</sup>

Em meio às discussões, as comissões da Câmara Municipal de Sorocaba colocavam algumas condições para a revisão do contrato de fornecimento de eletricidade:

*...desde que também a população e as industrias de Sorocaba tenham alguma garantia (ao menos sobre o presente) para compensar a privação em que ficam de futuros beneficios que talvez a concorrência lhe pudesse proporcionar durante a vigência da prorrogação agora pedida. Assim pensando, as commissões são de parecer que dado a taxa á São Paulo Electric Company estabelecer uma tabella de preços para iluminação e força motriz, bastante mais barato de que os preços actualmente cobrados por essa Empreza, e desde que esteja disposta á introdução em Sorocaba de aperfeçoamentos em seus serviços e melhoramentos em seu material, postes e conductores de força, etc. poderá ser estudado o caso da prorrogação do contracto.<sup>53</sup>*

Em 1913, as comissões de Justiça, Fazendas e Obras Públicas ainda analisavam a questão da prorrogação do contrato, o prazo havia sido reduzido para quarenta anos, além das contrapartidas solicitadas pelo município. Dentre eles, a melhoria nos materiais empregados e a redução nas taxas de consumo de luz e força.<sup>54</sup> Nesse entremeio, até em função das discussões em torno da prorrogação do contrato, começa a se tratar da instalação de linhas de bondes elétricos na cidade. As mesmas comissões analisavam também uma proposta de concessão encaminhada por Robert Rankin, João Machado de Araújo e Abílio Alves Martins e

---

<sup>52</sup> *Cruzeiro do Sul*, 15/06/1912.

<sup>53</sup> *Cruzeiro do Sul*, 24/10/1912.

<sup>54</sup> *Cruzeiro do Sul*, 23/01/1913.

Castro, a indicação era de aceitação da proposta.

Assim, foi lavrada a escritura na qual se apontavam as condições para a concessão. O prazo seria de 30 anos, o concessionário era obrigado a apresentar no prazo de 10 meses as plantas gerais com os percursos dos bondes sob pena de caducidade do contrato; as plantas sendo aprovadas, o concessionário teria um ano para a conclusão das obras.<sup>55</sup>

Em julho de 1914, Rankin transfere o privilégio do contrato a *São Paulo Electric Company Limited*.<sup>56</sup> Provavelmente, desde os primeiros momentos este acordo já estava estipulado, inclusive Rankin deveria ter vínculos com a companhia. O fato dessa situação não ficar explícita fez com que tal ligação passasse despercebida pela imprensa local.

De qualquer forma, a notícia agradou, pois, uma vez estando a “poderosa empresa” ligada a esse serviço urbano, tinha-se uma garantia de que a população em breve estaria usufruindo de tal melhoramento.

A renovação do contrato com a *São Paulo Electric* efetivamente ocorreu em fevereiro de 1916. Em seu relatório sobre as atividades da prefeitura nesse ano, Nascimento Filho aponta a reforma como benéfica para o município, pois, segundo o prefeito, a companhia tinha melhorado a iluminação pública e particular e reduzido os preços do consumo de energia, além do valor dos aluguéis dos medidores.<sup>57</sup> Contudo, como veremos, as constantes reclamações feitas em relação a esse contrato, além das postergações da companhia na realização de melhorias as quais era obrigada, contradirão o rápido otimismo do prefeito.

Durante todo o ano de 1915, a cidade viveu a expectativa pela inauguração dos serviços de bondes elétricos. Nesse ano realizavam-se os trabalhos de colocação dos trilhos pelas ruas; além disso, uma obra que chamou a atenção foi a construção de uma ponte metálica, ao lado da tradicional ponte sobre o rio Sorocaba, que dava acesso à parte da cidade

---

<sup>55</sup> *Cruzeiro do Sul*, 11/02/1913.

<sup>56</sup> *Cruzeiro do Sul*, 25/07/1914.

<sup>57</sup> *Relatório apresentado à Câmara Municipal de Sorocaba pelo prefeito Augusto César do Nascimento Filho. Cruzeiro do Sul*, 15/01/1917.

além da ponte. Esta ponte seria utilizada exclusivamente pelos bondes elétricos. O cronista e memorialista Antônio Francisco Gaspar presenciou a construção da obra, o trabalho de assentamento dos pilares e tabuleiro de ferro, a presença do “bate-estaca”, do guindaste. Todas essas atividades, evidentemente, chamavam a atenção da população.

*“Para o sorocabano curioso, aquele serviço importante era um divertimento.*

*A marcha dos serviços ia célere em todos os setores em que iam trafegar os bondes.*

*A construção da via permanente; chaves; desvios; gerador de corrente continua: o fio trolley e a sólida ponte sobre o rio Sorocaba, também ia de vento em popa.”<sup>58</sup>*

A construção da ponte de ferro ao lado da lendária ponte sobre o rio Sorocaba, podia ser sólida, mas nem por isso deixava de causar sustos nos passageiros quando os bondes elétricos atravessavam-na. É o que relata Neide Baddini Mantovani em suas memórias. Quando menina, lá pela década de 1940, uma das maiores diversões domingueiras era, sob o pretexto de visitar algum parente, o passeio de bonde com a família. Assim, o itinerário acabava se tornando uma excursão pela cidade, ou, pelo menos, na parte atendida pelos bondes. Um momento especial era justamente quando o veículo se aproximava da ponte de ferro:

*O bonde entreva no final da rua XV [de Novembro] e encaminhava-se para os trilhos suspensos sobre o rio que corriam ao lado da ponte. Os estribos eram levantados e as guardas protetoras baixadas até a metade do bondinho. O elétrico diminuía a marcha, entrava na ponte sem guardas. Minha barriga esfriava, meu coração pinoteava como potrinho selvagem. Aquele minuto de travessia parecia um século! Eu nem respirava para não balançar o bonde dos trilhos suspenso sobre as águas. Que alívio quando as guardas eram içadas e os estribos abaixados! O perigo já passara!<sup>59</sup>*

A implantação do serviço de bondes elétricos estava prevista para o ano de 1914, mas sofreu atrasos, segundo a *São Paulo Electric Company*, em decorrência de eclosão da Primeira Guerra Mundial, o que dificultava a importação dos materiais necessários vindos da

<sup>58</sup> GASPAR, Antônio Francisco. *Os bondes Elétricos em Sorocaba*. 1955, pp. 21-22.

<sup>59</sup> MANTOVANI, Neide Baddini. *Sorocaba diacrônica*. 1992, pp. 13-17.

Europa. Tais atrasos geraram uma certa ansiedade em alguns segmentos da população: *“Finda-se a 31 do corrente o praso concedido á São Paulo Electric pela nossa Câmara Municipal, para inauguração dos bondes electricos. / É já o segundo praso em prorrogação que se vence para serem inaugurados os bondes. / No dia 1º de janeiro, os bondes devem ser afinal inaugurados. A isso é obrigada a companhia pelo contracto. / Esperemos...”*<sup>60</sup>

Mas, enfim, chegou o grande dia, e os bondes passaram a trafegar na cidade a partir das cinco horas da manhã do dia 30 de dezembro de 1915. A imprensa, é claro, noticiou o acontecimento com grande destaque. Segundo o *Cruzeiro do Sul*, nem a chuva “impertinente” que caía, afugentou a curiosidade da população que encheu as ruas para ver, pela primeira vez, o funcionamento desses modernos artefatos.<sup>61</sup>

*De manhã sahiram apenas dois [carros] conduzindo um delles a corporação musical “Santa Cecília”, que despertou ao som de algumas peças o resto da população que ainda dormia. As passagens como fora anunciado, foi cobrada em beneficio a Santa Casa desta cidade. Durante o dia todo os carros correram apinhados de passageiros. Grande foi o jubilo que se estampava em todas as physionomias. (...) Os bondes são belíssemos, fechado, com cadeiras estofadas, de palhinha (...). (...) O preço de passagem está fixado em 200 réis, embora o contracto estabeleça 300 réis.”*<sup>62</sup>

A nota termina enaltecendo os sorocabanos e os homens públicos da cidade:

*“Estão inaugurados os bondes.*

*Mais uma vez se confirma o espirito emprehendedor e progressista dos sorocabanos, mais uma vez se patenteia o elevado desinteresse dos nossos homens públicos, que norteiam os destinos dessa terra.*

*Não se pode negar também a grande boa vontade da S. Paulo Electric Company na realização deste grande melhoramento local.*

Os primeiros dias de circulação dos bondes na cidade coincidiram com a tradicional procissão de Aparecidinha. Essa romaria, que é registrada desde pelo menos o início do século

<sup>60</sup> *Cruzeiro do Sul*, 10/12/1915.

<sup>61</sup> Um dia antes o *Cruzeiro do Sul* publicava uma nota da *São Paulo Electric* com o itinerário dos bondes: Largo da Independência, rua Moreira César, rua da Penha, rua Padre Luiz, rua São Bento, rua da Ponte, Praça dr. Arthur Fajardo, rua Souza Pereira, ponte rio Sorocaba, rua São Paulo, rua Boa Morte, rua dos Morros até a esquina da rua Oliverio Pilar. Daí o retorno se fazia pelo mesmo caminho. Os bondes funcionariam das 5 horas às 22 horas. *Cruzeiro do Sul*, 29/12/1915.

<sup>62</sup> *Cruzeiro do Sul*, 31/12/1915.

XIX, continua a acontecer na cidade. Consiste no traslado da imagem de Nossa Senhora de Aparecida de seu altar na igreja do bairro de Aparecidinha, distante alguns quilômetros do centro da cidade, todo dia primeiro de janeiro, conduzida por milhares de fiéis, que a levam até a Catedral Metropolitana de Sorocaba, na praça Coronel Fernando Prestes, permanecendo ali até o segundo domingo do mês de julho, quando retorna à igreja daquele bairro.<sup>63</sup>

O primeiro contato dos muitos sitiantees que vinham à cidade nesse dia, com esse ícone do progresso tecnológico, causou, evidentemente, um grande impacto. Fato que gerou algumas anedotas registradas pela imprensa local.<sup>64</sup> num sentido que pode ser tomado como depreciativo para com esses roceiros. Antônio Francisco Gaspar, em seu opúsculo sobre os bondes elétricos em Sorocaba, também faz menção a esses acontecimentos.

No primeiro dia do ano de 1916, é calculado em cerca de 30000 o número de pessoas presentes às festividades. Os bondes circulam repletos de passageiros.

*Na inauguração, houve sitiantees que por nunca terem visto esse meio de transporte sem tração animal, de cócoras espiavam em baixo do bonde afim de verem onde estavam as pernas ou as patas do bicho.*

*-Olha o bonde!... olha o bonde!... lá vem ele!... todos queriam ver o bonde que andava sem burros. Homens, mulheres e crianças, andavam atrás do bonde, disputando lugares no embarque, todos queriam subir nele. (...) Na esquina das ruas da Penha com a Padre Luiz, havia um cruzamento de bondes e a respectiva caixa de sinais presa no poste.*

*Ali o bonde fazia uma parada enquanto o outro descia a rua da Penha.*

*Mulheres e homens do sítio estavam de cócoras examinando se viam as patas do bichão, como dissemos.*

*Em dado momento o motorneiro acionou violentamente o tympano e fez o bonde trafegar de sopetão ocasionando a esses curiosos que estavam de cócoras, observando descuidadamente a parte inferior do bonde, caírem para trás e de pernas para o ar.*

*Foi um momento de hilariedade para os que estavam dentro do bonde e para aqueles que antegosavam as posições dos pobres ingênuos caipiras, que mui depressa se levantaram envergonhados.<sup>65</sup>*

<sup>63</sup> CAVALHEIRO, Carlos Carvalho. *Folclore em Sorocaba*. 1999, pp. 17-18. “O arraial da Aparecida, duas léguas da cidade, foi principiado com a capela em 1785 e se compõe de uma rua que passa em frente do templo e respectivo largo. (...) A romaria não começou em 1785, é claro, mas é muito antiga. Em 1852, o jornal “O Defensor” a ela se refere, como já acostuada. A fixação para o Ano Bom é cerca de 80 anos.” ALMEIDA, Aluisio de. *Sorocaba*. Op. cit., pp. 78-79.

<sup>64</sup> *A cidade de Sorocaba*, 08/01/1916.

<sup>65</sup> GASPAR, Antonio Francisco. *Os bondes elétricos em Sorocaba*. Op. cit., pp. 60-61.

Outros caipiras, contudo, hesitavam em ter a sua primeira experiência com os bondes.

Gaspar reproduz um improviso feito “no calor do momento” por um cantor de viola:

*Lá do sítio eu vim para vê  
a gaiola chamada zibonde,  
e inda estô para crê  
como é qu' ele corre e por onde  
é puxado sem tê alimá...  
sem boi ou cavalo, ou sem burro...  
sozinho o tar começa a fungá  
e o peste vae sortando seu urro.*

*Pendurado num grosso cipó,  
Ele corre que nem boi ladrão  
Sescondendo lá nos cafundó,  
dos inscuro mato do sertão...  
e ansim intê o só raiá,  
esse bicho chamado zibonde,  
querendo também se aninhá,  
no seu barraco sisconde.*

*Pruquê os home inventaro  
Esse tar zibonde dos dianho?...  
Poi de gaiola eu o cumparo  
E não tenho medo do tamanho.  
Eu não quero nele embarcá,  
Nem por oro nem pur prata...  
p'ra mim é um caracaxá...  
p'ro povo ele é um pirata!*

*Simbora muié bamo já  
Lá p'ro sítio distante...  
Aqui na cidade não há  
De socêgo um só instante.  
É mais mio que o zibonde  
o nosso carro de bois...  
Antão p'ras estrada afora  
cantando bamo nós dois!...<sup>66</sup>*

Criação autêntica de algum matuto da roça ou simples parodia de alguém da cidade, supostamente imbuído do moderno ambiente da urbe, mas que projeta na figura do sitiante seus próprios receios? O que se pode colocar é que as festividades envolvendo a procissão de Nossa Senhora de Aparecida, com as comemorações pela inauguração do serviço de bondes elétricos na cidade, propicia um intenso encontro de ritmos, costumes e temporalidades, um

---

<sup>66</sup> Idem., pp. 62-63.

encontro entre a modernidade e a tradição, modificando e reelaborando tantos os elementos referentes ao tradicional quanto àqueles que representam a modernidade.

Como indicam uma série de estudos<sup>67</sup>, algumas cidades brasileiras, especificamente nas décadas finais do século XIX e nos primeiros decênios do século XX, começaram a ter a sua paisagem modificada, dentre outras razões, pela introdução de um cenário técnico-industrial, o que vai significar uma mudança mais ou menos intensa na própria forma de percepção da urbe por parte de seus habitantes.

No contexto das cidades brasileiras, evidentemente, esses novos artefatos, ritmos, com suas respectivas práticas, vão interagir, de diferentes maneiras com antigos ritmos, práticas e temporalidades. A questão é pensar a especificidade desse processo em cada cidade. Essa peculiaridade está relacionada, num contexto geral, como coloca, Nicolau Sevcenko, à inserção compulsória do Brasil nas transformações da modernidade capitalista<sup>68</sup>, mas que se imbrica com todo um contexto social, cultural e econômico marcado pelo escravismo, remontando aos tempos coloniais e imperiais.

Diante dessa perspectiva, a pesquisa empírica pode desvelar as peculiaridades e especificidades de cada fluxo espaço-temporal, indicando a “co-existência de tempos e ritmos históricos distintos.”<sup>69</sup> O que pode ajudar a compreender os aspectos próprios que marcam o desenvolvimento da relação social capitalista num país periférico [no sentido dessa relação] como o Brasil.

Em Sorocaba, podemos retomar a paródia feita em relação ao estranhamento dos

---

<sup>67</sup> SEVCENKO, N. *Orfeu extático na metrópole – São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. 1998; SUSSEKIND, F. *Cinematógrafo de letras – literatura, técnica e modernização no Brasil*. 1987; SOUSA, F. G. R. B. *Campina Grande: cartografias de uma reforma urbana no Nordeste do Brasil (1930-1945)*. 2003; ZEQUINI, A. *O quintal da fábrica: a industrialização pioneira do interior paulista Salto – SP, séculos XIX e XX*. 2004; PEREIRA, R. M. *Washington Luís e a modernização de Batatais*. 2005; FOLLIS, F. *Modernização urbana na Belle Epoque paulista*. 2004.

<sup>68</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão – tensões sociais e criação cultural na primeira República*. 1995, p. 25.

<sup>69</sup> FREHSE, Fraya. *Entre o passado e o presente, entre a rua e a casa – Tempos e espaços na cidade de São Paulo de fins do Império*. 1999, p. 46.

caipiras por causa da presença dos bondes elétricos nas ruas da cidade. No poema, o personagem prefere a tranqüilidade de seu sítio à barafunda do cenário urbano, prefere o seu carro de bois ao bonde elétrico. Para os segmentos desejosos da modernização da cidade, o caipira e seus equipamentos representavam o atraso que deveria ser superado por um novo estilo de vida, pautado pelos modernos artefatos tecnológicos.

A expectativa gerada pela iminente introdução dos bondes elétricos na cidade, fazia com que aumentasse o estranhamento e a irritação a respeito dos velhos carros de bois. A imprensa local repercutia esse estado de espírito de uma parte da população. Em maio de 1914, o jornal *Cruzeiro do Sul* publica reportagem sobre o inconveniente causado pelo “barulho entontecedor que produzem os carros de eixo móvel usado pelos lavradores do município.” O texto termina com uma condenação veemente: “Presentemente, com o grau de progresso a que atingiu, Sorocaba já não pode mais suportar esses costumes antigos conservados pelos que vivem longe da cidade.”<sup>70</sup>

A prefeitura consciente e em convergência com esses protestos, antes mesmo que o serviço de bondes fosse inaugurado, publica um edital, em maio de 1915, proibindo o tráfego dos carros de eixo móvel (os chamados de bois) nas ruas ocupadas pelos trilhos da São Paulo Electric, sendo tão somente permitido o cruzamento das linhas.<sup>71</sup> Esse foi o primeiro ato do poder público no sentido de tentar controlar o trânsito dos carros de bois em Sorocaba. No entanto, tal medida não foi suficiente para aplacar a irritação daqueles que se incomodavam com a presença e o barulho dos carros de bois e, por isso, lamentava-se o fato de não haver nenhuma lei municipal vedando o trânsito desses veículos no perímetro urbano.<sup>72</sup>

Desse modo, a prefeitura, promulga, em dezembro de 1916, edital cujo texto proibia o canto dos carros de bois.<sup>73</sup> Essa medida provocou uma greve dos carreiros, os condutores

<sup>70</sup> *Cruzeiro do Sul*, 20/05/1914.

<sup>71</sup> *Edital n° 32 do exercício de 1915. Cruzeiro do Sul*, 21/05/1915.

<sup>72</sup> *A cidade de Sorocaba*, 21/11/1916.

<sup>73</sup> *Edital n° 23 do exercício de 1916. Cruzeiro do Sul*, 30/12/1916. “VEHICULOS” De ordem do sr. Prefeito Municipal levo ao conhecimento dos interessados que a partir de 1° de janeiro próximo é expressamente

dos carros de bois. Em episódio que ficou famoso na cidade, o prefeito municipal Nascimento Filho é chamado a negociar com os líderes do movimento. O encontro se realiza no bairro do Cerrado, então um arrabalde de Sorocaba e, desde o tempo dos tropeiros e das famosas feiras de animais, uma importante via de entrada para o núcleo urbano. Lá chegando, o prefeito se deparou com um grande número de carros de bois, todos perfilados e carregados de lenha. Os líderes do movimento realizavam discursos inflamados. O prefeito tudo ouviu pacientemente, mas não cedeu e manteve a proibição.<sup>74</sup>

Nesse combate declarado, Nascimento Filho ainda aumenta a taxaço desse meio de transporte e, como coloca no Relatório de 1917, tal medida não visava uma maior arrecadação para os cofres municipais, mas, citando o texto, [obedecia]

*a uma necessidade de progresso, procurando gradativamente eliminal-os do número de vehiculos existentes, considerados, como são, incômodos pelo seu exquisito e ensurdecedor cantar e atravancadores como são de ruas, praças e estradas, como sempre se verifica, além do damno que acaretam a essas vias públicas, pelo seu archaico systema de construção produzindo sulcos enormes, grandes raspagens do solo ao virar para traz, entupimento de boeiros e sangras, além do perigo que oferecem ao público, quando na maior parte das vezes, acontece trazerem bois novos e bravos, como dizem os nossos carreiros: redomão.*<sup>75</sup>

Mas é interessante perceber que, não obstante todas essas considerações negativas e a exacerbação causada pelo arcaico meio de transporte, a prefeitura não ousou determinar a sua proibição completa. Indicando a significativa relevância desse veículo na vida do município, fato que a greve de 1917 colocou às claras, afinal, boa parte do abastecimento dos produtos para o mercado municipal era realizado através dos carros de bois, bem como o transporte de lenha para o consumo particular e para as fábricas da cidade. Uma reportagem posterior, publicada pelo jornal *Cruzeiro do Sul* em 1925, tratando dessa mesma questão,

---

*proibido o conto dos carros de bois no perímetro urbano. Os infractores incorrerão na multa de 10\$000 e em todas as reincidências na de 20\$000.”*

<sup>74</sup> Vultos de Sorocaba: Capitão Nascimento Filho. *O 3 de Março*, 22/06/1958.

<sup>75</sup> Relatório apresentado á Câmara Municipal de Sorocaba pelo Prefeito Augusto César do Nascimento Filho. *Cruzeiro do Sul*, 15/01/1917.

menciona a existência de cerca de oitocentos carros a tração bovina em Sorocaba, por volta de 1918. O que ressalta o caráter ainda incipiente da modernização da cidade e que os ritmos da desejada Manchester Paulista ainda estavam profundamente entrelaçados com os ritmos do tropeirismo e das práticas das comunidades tradicionais / caipiras.

De qualquer forma, a proibição do canto dos carros “calou fundo” na alma dos carreiros e foi suficiente para precipitar a greve. Certamente tal medida foi vista pelos condutores dos carros de bois como uma forte provocação, pois tocava num costume arraigado. O jornal *A cidade de Sorocaba* publica um poema tratando de toda a situação, intitulado *Greve dos Carreiros*:

*O Perfeito da cidade/agora deu de muitá/o carrero que fizé/O carro de boi cantá. [...] É uma barbaridade, não se pode trabaíá;/Puis no que é que incommoda/O carro de boi cantá. [...] É só mermo in Sorocaba/Que os carrêro tem azá,/O povo já injuô de vê/O carro de boi cantá? [...] Puis intão com é que dexam/Os gramophone tocá?/deviam dexá também/O carro de boi cantá [...] Quando nuè falta de lenha,/Não tê com que cuzinhà/Dexarão cum muito gosto,/O carro de boi cantá.<sup>76</sup>*

Apesar do tom jocoso do texto, em função da imitação que faz do linguajar caipira, ele registra com precisão a revolta dos condutores; mostra como os seguimentos desejosos da modernização apreciavam certos sons ou ruídos modernos como o do gramofone, ou ainda dos automóveis e bondes elétricos, mas não suportavam mais o som produzido por um artefato colonial como os carros de bois. Em que pese a cidade, naquele momento, depender ainda totalmente daquele veículo.

Exatamente dez anos após esses acontecimentos, a prefeitura municipal anuncia a proibição do trânsito dos carros de tração bovina no perímetro urbano. Em 1927, a cidade já não estava tão dependente do vetusto artefato e a esperança é que ele fosse definitivamente substituído pelos modernos caminhões e mesmo por carroças.<sup>77</sup> Porém a péssima condição das estradas municipais obrigou um recuo por parte da administração municipal, permitindo o

<sup>76</sup> *A cidade de Sorocaba*, 30/01/1917.

<sup>77</sup> *Cruzeiro do Sul*, 21/10/1926.

trânsito de tais veículos nos pontos de entrada da cidade. A publicação de um novo edital em 1929, reiterando a proibição anterior, denota que o venerável artefato seria uma presença constante, pelo menos até os arrabaldes da cidade, ainda por algumas décadas.

O perímetro urbano era, portanto, perpassado por uma série de temporalidades, equipamentos, pessoas e uma enorme quantidade de animais; essa mistura de ritmos temporais contrariava os segmentos desejosos de uma modernização completa da cidade, os quais, evidentemente, almejavam um cenário urbano escoimado de práticas e equipamentos vetustos. A imprensa repercutia esse desejo, por exemplo, em 1920 o jornal *Cruzeiro do Sul* publicava uma coluna denominada *Reparos*, cuja proposta era realizar críticas à administração cidadina, como também à população, orientado a todos no sentido de se proporcionar um cenário urbano saneado e moderno.

Nesse sentido, um aspecto interessante das críticas se voltava para a persistência das práticas tropeiras no âmbito urbano e com ela a violência contra os animais: *“Ainda um desses dias presenciamos uma dessas bellas scenas. O burro não podia com a carroça e o carroceiro, ao envez de auxiliar o animal, esbordoava-o impiedosamente, proferindo palavras que fizeram arrepiar os fios de cabellos dos vários circunstantes que alli se achacam.”*<sup>78</sup> Noutra oportunidade, mais uma descrição de uma triste cena: *“Ás 11 horas de quarta feira passada, em plena praça Frei Baraúna, presenciamos uma triste scena, para qual chamamos a atenção dos illustres senhores da Protectora dos Animaes. É o caso que um boi de carro estava com uma enorme ferida na paleta do lado esquerdo, escorrendo sangue. Era tal a quantidade de sangue que a canga estava já em misero estado de...Sentimos não ter tomado o número da chapa de tal carro, afim de podermos expor ao conhecimento publico a bonhomia ou malvadeza do carreiro. / E o caso não é o único que temos visto. São muitos os bois nesses condições. Alerta, pois, srs. da Protectora, os vossos cuidados estão sendo reclamados com urgências.”*<sup>79</sup>

<sup>78</sup> *Cruzeiro do Sul*, 09/03/1920.

<sup>79</sup> *Cruzeiro do Sul*, 06/04/1920.

A referência à sociedade protetora dos animais indica, pelo menos, a tentativa de uma mudança de mentalidade no que se refere ao trato com os animais. Algo significativo numa cidade de tradição tropeira. Nesse sentido, a criação de tal sociedade pode ser compreendida como mais um entre os vários ícones de modernização desejados por alguns segmentos da sociedade sorocabana; algo que tornaria a cidade mais civilizada e condizente com a imagem de uma Manchester do interior do Estado. Ao que tudo indica, a sociedade protetora dos animais foi criada em 1917. Pelo menos é o que foi anunciado à época. Uma iniciativa que contava com o apoio do próprio prefeito, Nascimento Filho, bem como do jornalista Camargo César. A imprensa local, representada pelos jornais *Cruzeiro do Sul* e *A Cidade de Sorocaba*, parabenizava a idéia, pois tal sociedade poderia ajudar a coibir os inúmeros abusos que se cometiam diariamente contra os animais.<sup>80</sup>

Porém, quase dez anos depois, o jornal *Correio de Sorocaba* se indagava sobre a real existência da Sociedade protetora na cidade. E fazia tal pergunta diante do “triste espetáculo diário” apresentado nas ruas de Sorocaba, com animais atrelados a carroças, obrigados a tirarem o máximo de sua força; via de regra mal tratados e sujeitos à violência brutal de muitos carroceiros.<sup>81</sup>

Outra questão que exasperava o colunista da seção *Reparos* era a profusão de animais nas ruas da cidade. Por exemplo, a grande quantidade de cabras, cavalos e até mesmo vacas em alguns logradouros, isso a despeito de algumas medidas eficazes tomadas pela prefeitura, mas os abusos continuavam.<sup>82</sup>

Essas “medidas” vinham sendo tentadas pela administração municipal há muito tempo. Particularmente na forma de editais que procuravam fazer cumprir as leis municipais. É o caso do edital publicado em janeiro de 1911. O objetivo era coibir a presença de animais

---

<sup>80</sup> *Cruzeiro do Sul*, 01/04/1917.

<sup>81</sup> *Correio de Sorocaba*, 11/02/1926.

<sup>82</sup> *Cruzeiro do Sul*, 23/03/1920.

vagando pelas ruas da cidade através de sua apreensão pelos fiscais. Os donos poderiam recuperá-los mediante uma multa de 10\$000 réis. No caso dos cães, a multa seria de 20\$000 réis, não ficando esses isentos de serem mortos pelos fiscais. Os cães deveriam ainda ser matriculados pelos seus donos.<sup>83</sup>

No entanto, essa foi uma daquelas “leis que não pegaram”, pois, só para mencionar um dentre vários casos de reclamação, um colunista da imprensa local, em 1917, reclamava do “desânimo” dos fiscais da prefeitura no sentido de fazer cumprir a legislação. Dentre os vários pontos determinados pelas posturas, um que definitivamente não estava sendo cumprido era justamente o que se referia à presença de animais pelas ruas, particularmente os cães. Assim, o articulista reclamava contra *“a terrível malta de cães vadios, que, perambulando pelas vias públicas, trazem em completo desassocego a uma população urbana.”* E diante da situação, chamava a atenção dos senhores fiscais para que compreendessem *“que a postura do município não foi redigida, aprovada, promulgada e impressa para inglês ver; a sua aplicação se impõe para a tranquilidade, segurança e conforto dos munícipes. A nossa população essencialmente operaria, está sujeita a um horário, que a obriga a levantar-se cedo. Ora, com as correrias, disputas e infernal orchestra nocturna da canzoada vagabunda é humanamente impossível conseguir-se o somno confortante para os exhaustivos trabalhos diários.”*<sup>84</sup>

No final das contas, apesar da preocupação do colunista para com o sono dos operários, talvez até porque bem dormidos eles produzissem melhor; nesse, como em muitos outros casos, as posturas pareciam ser mesmo “para inglês ver”. E a paisagem urbana ainda teria aquele aspecto dos tempos de outrora, que a presença de vários tipos de animais só fazia salientar. Com efeito, ainda em 1939, o *Cruzeiro do Sul* publica a carta de um leitor reclamando do barulho causado tanto pelos cães vadios como pelos cães com dono. A irritação era tamanha que propunha ser mais apropriado cognominar a cidade de

---

<sup>83</sup> *Cruzeiro do Sul*, 24/01/1911.

<sup>84</sup> *Cruzeiro do Sul*, 15/03/1917.

“Cachorrópolis” e não de Manchester Paulista, dada a quantidade de cães a ladrar pela cidade, tirando o sono e mexendo com os nervos do infortunado leitor.<sup>85</sup>

Voltando a 1920, a coluna *Reparos* passa a se chamar, alguns meses depois, *O que dizem...*, mas os objetivos continuavam os mesmos, porfiar por uma cidade modernizada. E nada irritava mais esses colunistas do que afrontosas manifestações de práticas tropeiras em desacordo com vários artigos das posturas municipais:

*“Não sabemos mais para quem appelar. Os abusos, as contravenções aos códigos, as desobediências às posturas municipais chegaram, estes últimos tempos, ao ultimo ponto, devido ao estado de completo abandono em que foram jogados os negócios municipais. Hontem, pela décima quinta vez vimos dois domadores montando burros bravos, atravessarem a ponte e seguirem, tranqüilamente, a rua Souza Pereira, como se estivessem em plena campanha riograndense! Um destes últimos dias os destemidos tropeiros amarraram um burro num poste da Telephonica, perto do rio Sorocaba. Era um espetáculo digno de admiração, tanto que havia muita gente nas imediações para gosar com aquellas maravilhosas scenas...”<sup>86</sup>*

Em 1940, o *Cruzeiro do Sul* publica um texto, abordando a persistência dos antigos meios de transporte em várias regiões do país. Era o que indicava uma pesquisa produzida pelo Conselho Técnico de Economia e Finanças. Segundo tal investigação, em grande medida, as formas de transporte ainda eram feitas através de carroças, carros de bois e tropas, numa quantidade considerada assombrosa. O articulista previa que o desaparecimento de carroças e carros de bois só aconteceria quando o Brasil produzisse seus próprios combustíveis, possuísse a sua siderúrgica. *“Somente assim, poderíamos varrer, com possantes locomotivas, das estradas do Brasil, os velhos carroções e carroças do tempo do onça...”<sup>87</sup>*

Pensamentos condignos à época getulista e do Estado Novo. Mas voltando às ruas da cidade, o fato é que os meios de transporte modernos, especialmente os bondes elétricos, eram proibitivos para grande parte dos segmentos populares da população. É o que nos conta, em

<sup>85</sup> *Cruzeiro do Sul*, 02/04/1939.

<sup>86</sup> *Cruzeiro do Sul*, 11/09/1920.

<sup>87</sup> *Cruzeiro do Sul*, 09/02/1940.

depoimento<sup>88</sup>, Cida Amaral Pires, antiga sorocabana e contemporânea da época dos bondes. Vó Cida trabalhava, juntamente com sua mãe, passando e lavando roupa; alguns de seus clientes moravam longe de sua casa localizada na Vila Assis, imediações da rua Coronel Cavalheiros<sup>89</sup>. Dessa forma, as duas mulheres tinham que se deslocar por uma distância considerável, com as trouxas de roupas sobre as cabeças, pois não tinham condição de arcar com o preço da passagem que era de duzentos réis. De fato, os bondes elétricos estavam destinados aos segmentos médios e até mesmo à elite social e política da cidade. É o que relata Aluísio de Almeida através de um manuscrito intitulado *No tempo dos bondes*. Aqui, mais como memorialista do que como historiador, o padre, também um usuário dos bondes, se recordava dos amigos e personagens destacados da cidade que pegavam o bonde. “*Nem os ricos tinham carros particulares. Em 1938 vi o dr. Luiz Vergueiro tomando o bonde, já morava em São Paulo. Em 1941 conversei com o poeta e acadêmico Oliveira Ribeiro num bonde aberto. Dom Aguirre ia ao Seminário e voltava de Bonde. Uma vez caiu antes de subir, o dr. Waldemar de Castro viu e tratou como o [?] Arnaldo Cunha e outros de uma subscrição para um automóvel para o Bispo, quando voltasse da Europa em 1950.*”<sup>90</sup>

Exatamente um ano após a inauguração dos serviços de bonde, o *Cruzeiro do Sul* fazia um balanço desse melhoramento na cidade:

*Faz hoje um anno que foi inaugurado nesta cidade a linha de bondes. Si estes não tem dado a São Paulo Electric Co. resultados fabulosos também não lhe tem causado prejuízos.*

*Admira, entretanto, que a Companhia, podendo auferir bons e melhores lucros estendendo suas linhas para o Cemitério Municipal e gare da Sorocabana Railway, ainda não tivesse levado a effeito este justo desejo da população a quem serve. Falta de material? Não, por certo. O almoxarifado da S. Paulo Electric não se abalaria com a sahida de alguns metros de trilhos e fios conductores. O que parece haver é desapego ao dinheiro, pois é sabido que as linhas estendidas á estação e ao cemitério renderiam o duplo e quiçá o triplo do que rendem hoje.*

*Esperamos que a boa direcção da São Paulo Electric ouça estas*

<sup>88</sup> Depoimento realizado em 22/09/2005.

<sup>89</sup> Cf. Mapa em anexo. pp. 329-336

<sup>90</sup> ALMEIDA, Aluísio de. *No tempo dos bondes*. Manuscrito pertencente ao acervo do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba.

*considerações que lhe faz o povo.*<sup>91</sup>

As reivindicações sobre a expansão das linhas seriam uma constante ao longo de todo o tempo de funcionamento desse serviço. Os próprios relatórios produzidos pela *São Paulo Electric* apontam para essa possibilidade. O argumento empregado pelo jornal de desapego ao dinheiro deveria repercutir intensamente nas sensibilidades dos comandantes da companhia. Já no relatório de 1916, concernente às atividades da empresa no ano anterior, fazia-se menção sobre a expansão das linhas para a estação da Sorocabana, mas, especialmente, para as várias fábricas têxteis existentes na cidade. Havia, portanto, um interesse especial na expansão das linhas de bondes para as fábricas; e, nesse sentido, o relatório tecia um comentário interessante a respeito da vida econômica da cidade. *“While most of the mills in Sorocaba are working fairly steadily, the labor condition is not very good out there, and it is very doubtful if the Tramway will show any increase for sometime to come, but if our lines could be extended into the Freight Station and to some of the large mills, we could do a very considerable freight business.”*<sup>92</sup>

Finalmente, em 1920, era anunciado que os bondes da *São Paulo Electric* iriam entrar no pátio da Estrada de Ferro Sorocabana<sup>93</sup>, contudo, ao que tudo indica, a tão almejada linha acabou não dando os lucros esperados e, rapidamente, foi desativada.<sup>94</sup>

Em 1919, foram colocados em circulação bondes para operários, com a passagem sendo cobrada a 100\$ e em horários especiais. Ou seja, esses bondes conduziram os operários da fábrica de tecidos Santo Antonio que deixavam o trabalho às 23 horas e moravam no bairro de Santa Maria, no Além Ponte<sup>95</sup>. No entanto, certamente, tal medida ainda se configurava como insuficiente para atender a demanda de toda a população operária da cidade.

<sup>91</sup> *Cruzeiro do Sul*, 30/12/1916.

<sup>92</sup> *São Paulo Electric Co. Annual Report year 1918*.

<sup>93</sup> *A Palavra*, 22/01/1920.

<sup>94</sup> GASPAR, Antonio Francisco. *Os bondes elétricos em Sorocaba*. Op. cit., pp. 39-40.

<sup>95</sup> *Cruzeiro do Sul*, 06/07/1919.

Nove anos após o início do tráfego dos bondes, já estava patente a insuficiência das linhas que já não atendiam a demanda da população por esse serviço; e daquele momento em diante, especialmente com o aumento no ritmo de crescimento da cidade ao longo da década de 1920, o serviço se tornaria cada vez mais ineficiente.

A única expansão efetivamente ocorrida acontece em 1928, quando as linhas foram estendidas para o bairro do Cerrado, através da rua do Cerrado, [futura avenida General Carneiro] e também para o bairro do Bom Jesus, no Além Ponte. O jornal *Correio de Sorocaba* parabenizava o chefe do tráfego da *São Paulo Electric*, Giotto Pannunzio, por seus esforços em prol da efetivação das novas linhas para o Cerrado e os bairros do Além-Ponte.<sup>96</sup> Mas, em outra ocasião, quando se começava a aventar sobre essa expansão, o jornal colocava que tal medida ainda era insuficiente, pois os bondes precisavam chegar até o bairro do Cemitério, no Além Linha. “*O pretexto de dificuldades que vão encontrar para atravessar [as linhas] a Sorocabana é fútil.*”<sup>97</sup> Já antes disso, em 1926, a companhia começou a aventar a possibilidade de se colocar ônibus para atender a demanda por transportes no já populoso bairro do Cemitério. O jornal de Diogo Moreira Salles, em franca oposição à situação local liderada por Luiz Vergueiro, coloca-se contra tal medida.

*Ora está ahí uma proposta que os srs. Vereadores que pensarem com o sentimento do povo, hão de recusar certamente. / O contracto manda por bondes electricos. Que se cumpra, pois, o contracto. / Os bondes para o bairro do Cemitério são necessários, imprescindíveis. Os auto-omnibus serão a preços elevados e não virão, portanto, satisfazer aquella necessidade, pois, que os moradores daquelle bairro são em sua mor parte operários.*<sup>98</sup>

Além da região do Cemitério, no qual se formavam os bairros de Santana e Carvalho, havia o populoso bairro operário de Santa Rosália, igualmente situado depois da linha e que carecia desse meio de transporte. No início de 1926, o jornal *Cruzeiro do Sul* publica uma

<sup>96</sup> *Correio de Sorocaba*, 8/09/1928.

<sup>97</sup> *Correio de Sorocaba*, 13/01/19127.

<sup>98</sup> *Correio de Sorocaba*, 31/10/1926.

matéria anunciando a construção de uma linha ligando a vila à cidade. A nota informava que tal “*melhoramento não visa beneficiar um bairro simplesmente, mas diversas vilas, que são verdadeiras cidades, em franco progresso. Dado o grande movimento de pedestres, que se nota nestes bairros, demandando o centro da cidade, e vice-versa, a Light só terá a lucrar com a construção dessa linha e prestará á nossa Sorocaba mais esse valiosíssimo serviço, tornando-se assim credora de nosso reconhecimento.*”<sup>99</sup>

A despeito do entusiasmo do colunista, essas linhas nunca seriam construídas. Segundo o cronista e memorialista Antônio Francisco Gaspar, a linha para o Cemitério e todo o Além Linha era impossível porque a Estrada de Ferro Sorocabana não consentia o cruzamento de suas linhas com as dos bondes, nas passagens em nível nas ruas Hermelino Matarazzo e George Oetterer.<sup>100</sup>

Eis uma questão um tanto quanto nebulosa. Os relatórios da *São Paulo Electric*, como vimos, parecem indicar que nunca houve um efetivo interesse da companhia em estender as suas linhas para aquela região da cidade. Uma outra questão que, certamente, pode ter contribuído para a não construção dessas linhas é o gradativo desinteresse da companhia pelos bondes elétricos. Com efeito, o relatório de 1930, referente ao ano anterior, indicava um decréscimo nos ganhos com os serviços de bondes. Algo que poderia indicar uma tendência para além da crise decorrente da quebra da bolsa de Nova York, em 1929. A parte polpuda dos lucros da companhia vinham da produção e transmissão de energia elétrica.<sup>101</sup>

De qualquer forma, podemos depreender que, ao contrário do que ocorreu na cidade de São Paulo, em Sorocaba, a *São Paulo Electric/Light* não teve interesse em participar da especulação urbana na cidade;<sup>102</sup> uma atividade que ganha impulso a partir de meados da

<sup>99</sup> *Cruzeiro do Sul*, 23/03/1916.

<sup>100</sup> GASPAR, Antonio Francisco. *Os bondes elétricos em Sorocaba*. Op. cit., p. 36.

<sup>101</sup> Para ilustrar, podemos citar o relatório de 1932, no qual são discriminados os ganhos da empresa com os serviços de bondes e luz e força. Assim, para o ano de 1931, os bondes elétricos vinham gerando um rendimento de 122:145\$500; enquanto que os serviços de luz e força renderam para a empresa respectivamente 2.237:596\$000 e 6.382\$732\$080. *Subsidiary Companies Annual Report Year 1931*, p. 5.

<sup>102</sup> Cf. ROLNIK, Raquel. *A cidade e a lei*. 1999.

década de 1920.

Dessa época em diante, a cidade começa a se expandir para além da colina na qual Baltazar Fernandes tinha iniciado o povoamento. Um dos pontos de expansão era justamente a região do Cemitério, no Além Linha. Com o espraiamento dessa região da cidade, ficavam ainda mais complicadas a comunicação e locomoção dos seus moradores com o centro histórico. Isso em função justamente das linhas da Sorocabana, que acabavam se configurando como um gargalo.

Numa série de reportagens, intitulada Os problemas da cidade, o jornal *A vida de Sorocaba* não podia deixar de abordar a questão do tráfego de bondes na cidade, e, particularmente, o célebre problema das linhas para o Cemitério.

*Ficou absolutamente á margem o populoso bairro conhecido como bairro do Cemitério, unido ao centro pelas duas largas e íngremes ruas Comendador Jorge Oetterer e Comendador Hermelino Matarazzo.*

*Ora, essa parte da cidade, que vem se desenvolvendo muito neste últimos anos, contando já seu grupo escolar recentemente criado, precisa de mais rápidos meios de comunicação. Constituindo quase que uma outra cidade, como que separada do centro principal pelo leito da Estrada de Ferro Sorocabana, o bairro do Cemitério é de acesso penoso, mesmo porque não possui nossa cidade ruas arborizadas e, nos dias quentes ir, por exemplo, no Campo Santo, é verdadeiro sacrifício.*

*Além de ser bairro movimentado, com considerável comércio e várias industriais desenvolvidas, ali se localiza o Cemitério Municipal na parte mais alta da colina, que forma uma parte da vertente norte do celebre Supiriri.*

*Está, portanto, este bairro em ligação intensa com o centro. Já pelas atividades que ali se expandem, já pelo dever sagrado que cultivamos de acompanhar a última morada a parentes e amigos e de visitar na mansão dos mortos, os restos queridos dos entes que se foram.*

*Haverá para a Light, afim de cruzar seus trilhos com os da Sorocabana, algum impedimento de vulto?*

*Não o cremos.*

*Se houvesse, não seria problema insolúvel, por certo.<sup>103</sup>*

Mas esse era apenas um dos pontos de tensionamento entre a população e a companhia canadense. As imposições gerais do contrato firmado entre a companhia e a prefeitura em 1916, ou “as belezas do contrato”, como escrevia o jornal *A Cidade de Sorocaba*, logo após a

<sup>103</sup> *A vida de Sorocaba*, 11/12/1932.

realização do mesmo. Chamava a atenção, em particular, a cláusula 36, a qual estipulava o preço da luz pelo câmbio dos Estados Unidos. Quer dizer, a doze dinheiros ou mais, porém, quando a taxa de câmbio descesse abaixo desse valor, continuaria a valer como mínimo o câmbio a doze dinheiros. Além disso, estipulava-se uma quantidade mínima de consumo de luz, e se tal não fosse atingida num período de um mês, obrigava o consumidor a pagar o valor, três mil réis, e ainda cobrir as despesas efetuadas pela companhia com a ligação, cuja importância, diga-se de passagem, nunca era inferior a dez mil réis. Mais, a Câmara Municipal se via obrigada a solicitar ao governo federal isenções legais das taxas aduaneiras para todos os produtos importados pela companhia.<sup>104</sup>

O periódico colocava, em outra ocasião, de maneira irritada: *“Ainda o tal contracto que o povo enguliu sem pestanejar. Mas agora reclama.”*<sup>105</sup>

As práticas empregadas pela *São Paulo Electric*, sempre marcadas por uma grande empáfia para com os interesses públicos, conseguiram o “mérito” de melindrar mesmo o órgão oficial do Partido Republicano na cidade. Assim,

*A São Paulo Electric Company, que soube acoutar-se em cláusulas do contrato para assim ir protelando indefinidamente benefícios que se comprometteu a fazer á cidade, com a ampliação da rede de esgotos, também soube, acoutada em outras clausulas do mesmo contrato e defendida por elle, metter em arrocho tyrannico os consumidores, que passaram a pagar luz e forço pelo cambio dos Estados Unidos, isto é passaram a pagar o dobro. Agora, para que a renda da ‘pobre’ companhia augmente, foi elevado o aluguel dos medidores para 1\$800 mensaes. E não se pode tugar nem mugir, porque a São Paulo Electric procura e encontra sempre evasiva airosa (?) no espírito e na letra do contrato... E o Zé povo que gema, que bufe, mas que pague. A companhia é toda poderosa e ninguém lhe toque nas santíssimas intencções...”*<sup>106</sup>

<sup>104</sup> *A Cidade de Sorocaba*, 01/03/1916.

<sup>105</sup> *A Cidade de Sorocaba*, 10/05/1916.

<sup>106</sup> *Cruzeiro do Sul*, 11/08/1921.

**Capítulo IV: Narrativas do urbano: ritmos, percepções e temporalidades na Sorocaba do início do século XX.**

“Na última quarta feira, 14 de julho, ainda se observou este facto. Os caipiras que de Queda de Bastilha nada sabem e que ignoram a promulgação de nossa Constituição a 14 de julho de 1891, vieram muito satisfeitos a arranjar os seus negócios na cidade. Mas, coitados! Quando chegaram, estavam fechadas as portas do Mercado.

Achamos que deve haver mais condescendencia com esta ignorancia dos nossos pequenos lavradores. Que diabo, elles não são obrigados a conhecer os novos feriados da República.”

[*O 15 de Novembro*, 17/07/1898]

“Há na inquietação dos lugares fechaduras que se trancam mal sobre o infinito. Lá onde se persegue a atividade mais equívoca dos seres vivos, o inanimado se reveste às vezes, dum reflexo de clarões, e mais segredos móveis: nossas cidades são assim povoadas por esfinges desconhecidas que não detêm o passante sonhador se ele não volta para elas sua distração meditativa, esfinges que não lhe colocam questões mortais. Mas caso ele saiba adivinhá-las, então este sábio que as interroga irá sondar ainda, novamente, seus próprios abismos graças a esses monstros sem rosto.”

[Luis Aragon. *O Camponês de Paris*. 1996, p. 44]

O naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire, quando de suas andanças pela província de São Paulo, no início do século XIX, não podia deixar de visitar a então vila de Sorocaba. Chega à cidade na época do Natal e tece os seguintes comentários:

*Nessa região e nos outros lugares do Brasil que eu já havia percorrido, trabalha-se pouco nos dias comuns, e nos feriados não se faz nada. A diferença entre uns e outros se resume praticamente nisso. (...) o Natal é a época do ano em que as famílias se reúnem, mas ali tudo se passa melancolicamente. As pessoas se aborrecem sozinhas e se aborrecem juntas. Não há festas públicas, não há passeios pelo campo – nada que desperte alegria e animação. As pessoas ficam estiradas preguiçosamente, conversam interminavelmente sobre assuntos banais, cochilam.<sup>1</sup>*

Descrições como essa nos dão uma idéia do ambiente modorrento e letárgico das vilas e cidades brasileiras, especialmente as do interior. Características que se prolongam ao longo do século XIX, indicando que, mesmo após a independência do país, o cenário urbano continuava a apresentar os mesmo aspectos dos tempos coloniais. Limites poucos definidos entre o rural e o urbano, construções de taipa, “vacas, cabras e cavalos eram freqüentemente vistos pastando nas ruas, por entre as pedras toscas do calçamento, em virtude do escasso trânsito urbano. Escravos eram vistos pelas ruas carregando toda a sorte de mercadorias ao som ritmado das canções. As ruas eram domínio de escravos, mulatos e negros livres. Nas cidades do interior os únicos edifícios dignos de registro eram as igrejas e conventos, e mais raramente os edifícios da Câmara e da cadeia. O abastecimento de água era precário, ficando os moradores na dependência de poços e chafarizes. Dada a falta de esgotos, os dejetos eram despejados nos ribeirões ou no mar, escorrendo freqüentemente pelo meio das ruas. A iluminação era precária, prevalecendo o óleo de peixe.”<sup>2</sup>

Na primeira metade do século XIX, mesmo a cidade de São Paulo, capital da província, não diferia muito do retrato concernente às cidades do interior. Por essa época tinha algo em torno de 10000 habitantes e “era provinciana a mais não poder, na sua nobreza

<sup>1</sup> SAINT HILAIRE. Auguste de. *Viagem à província de São Paulo*. 1976, p. 188.

<sup>2</sup> COSTA, Emília Viotti da. *Urbanização no Brasil no século XIX*. 1977, p. 186.

honrada.” Até as casas dos mais ricos e suas igrejas eram rústicas. “A garoa então era mais densa e comum [e] dava o tom especial à cidade do planalto, entre cujas casas de largos beirais e rótulas perpassavam vultos de estudantes encapotados e de velhinhas embeatas, ligeirinhas (...) à noite, raros lampiões de azeite de peixe lutavam contra a escuridão, junto com um ou outro nicho de santo nas fachadas onde uma lamparina tremeluzia...”

Um cenário que inspirou o lirismo de muitos poetas / estudantes da Faculdade de Direito, como Castro Alves:

*Que noite fria! Na deserta rua,  
Tremem de medo os lampiões sombrios.  
Densa garoa faz fumar a lua,  
Ladram de tédio vinte cães vadios.*<sup>3</sup>

O historiador Aluísio de Almeida, autor desses comentários, continua: “Fora da elevação central, além do Anhangabaú e dos brejos do Carmo e do Tietê, era mato ralo ou a campina, pontilhada de chácaras.

Sob o ponto de vista comercial, Santos, Itu e Sorocaba eram mesmo mais importantes.”<sup>4</sup>

A importância comercial de Sorocaba estava relacionada com o fato da cidade sediar a mais importante feira de muares do país, particularmente quando lá se instalou o Registro das Tropas, em 1750, tornando a cidade ponto de passagem obrigatória de todo o gado vacum, cavalar e especialmente muar que era trazido do sul do país.

As famosas feiras atraíam a atenção de viajantes de todos os lugares, estrangeiros ou brasileiros, desde, por exemplo, Saint Hilaire, até, já na década de 1860, Emílio Zaluar. Este autor descreve Sorocaba como uma das mais agradáveis cidades do interior de São Paulo, composta por uma população animada, ativa, laboriosa – uma imagem um pouco diferente

<sup>3</sup> ALVES, Castro. *Poesias completas de Castro Alves*. [s.d.] p. 83.

<sup>4</sup> ALMEIDA, Aluísio de. *Rafael Tobias de Aguiar – 1794-1857*. 1995, p. 89.

daquela que fez Saint Hilaire. Zaluar menciona, em sua descrição, a existência de uma “bela fábrica de chapéus”, além das famosas redes e baixeiros, “conhecidos em todo império pela perfeição e solidez com que são tecidos.” Igualmente famosos são os arreios de couros e chicotes entrelaçados. Mas o fator que explica a existência de tais atividades e, conseqüentemente, o progresso e importância econômica da cidade é, justamente, a famosa feira de Sorocaba. Este é aliás o principal motivo pelo qual o autor visita a cidade.<sup>5</sup>

Zaluar, em sua narração, faz alusão a toda a agitação que a feira acarreta, trazendo gente de todos os pontos do país, mas cita também uma outra descrição sobre as feiras que se tornaria célebre, de autoria de Francisco Luiz de Abreu Medeiros: “Durante todo o tempo da feira, Sorocaba, alegre, ruidosa, sobrepuja a qualquer capital da província. As ruas são cruzadas, continuamente, por inúmeros cavaleiros, mascates, joalheiros e pessoas a pé; as casas ficam apinhadas; os espetáculos abundam, e o dinheiro gira em grandes somas.

A arraia miúda que sem sair da cidade fazia seu comércio de prata, ouro, quinquilharias, armarinhos, os taverneiros, os jogadores, os bolantins e palhaços, os caixeiros-viajantes da Corte, os simples espectadores, havia-os de longe a atulhar os cômodos dos parentes e amigos – iam-se divertindo à larga e não tinham pressa. Havia um teatro, construído por uma sociedade “União Sorocabana” em 1844, que realizava com os das capitais”.<sup>6</sup>

“Era mesmo assim”, como escreveu o historiador Aluísio de Almeida, “Dois meses, geralmente, de março a abril, que transformavam a pacata cidade do interior num grande centro de comércio, onde se reuniam homens de todas as procedências e sob todos os pretextos, em volta do negócio central dos muars trazidos do sul e que eram o motor em todos país”.<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> ZALUAR, Emilio. *Peregrinações pela província de São Paulo (1860-1861)*. 1945, pp. 179-180.

<sup>6</sup> Idem., p. 181.

<sup>7</sup> ALMEIDA, Aluísio de. *Vida e morte do tropeiro*. 1981, p. 55-56.

Em meados da década de 1920, o historiador e conferencista Affonso de Freitas Júnior, membro do Instituto Histórico de São Paulo, proferia palestras sobre as tradições sorocabanas. Certamente não podia deixar de dar um destaque todo especial às feiras de muares, um dos maiores acontecimentos que agitavam a vida social do sul do Brasil.

Freitas coloca que Sorocaba, na época das feiras, se transformava radicalmente, sobrepujando, inclusive, muitas capitais de Províncias. Uma multidão tomava conta das ruas da cidade, mineiros, cariocas, sulinos, nortistas, judeus, italianos, peões, domadores. Cavalos descansavam em frente dos botequins que fervilhavam. Os célebres facões, redes, ponches, arreios de prata e mantas sorocabanas eram vendidos nessa época com grande sucesso. Uma enorme quantidade de escravos descarregava caixotes das cangalhas dos muares.

No período das feiras, os hotéis da cidade ficavam completamente tomados. Mascates eram vistos por toda a parte, apregoando quinquilharias pelas ruas. Havia cavalhadas, festa e muita música. Um italiano aos berros dá volta na manivela do realejo, para que o mico vestido de chita vermelha comece a dançar. Para explosão da garotada um palhaço montado num petiço anunciava:

*-Hoje tem cavalinhos?  
-Tem sim senhor.  
-É no largo do Rosário?  
-É sim senhor.  
-Quem comeu o cuzcuz?  
-Foi o João da Cruz.*

Negros velhos saíam pelas ruas pedindo esmolas para pagar a sua alforria, outros ainda pediam para as missas de promessa. Tiradas por escravos, “robustos como touros caraúnos”, iam as cadeirinhas rumo aos sobrados “onde, furtivamente, espiavam as meninas casadoiras pelo crivo das rótulas verdes...”

À noite, as lanternas eram acesas dando um colorido de estranha beleza à cidade. O povo se espalhava pelas ruas, teatros, circos, vendas, botequins e casas de jogos. Negras

sadias vendiam seus saborosos quitutes. Tudo permeado pelo espocar dos rojões, pela sonoridade das bandas de música, dos lundus, do choro dos violões, dos sambas cativantes, do cateretê ponteado na viola.<sup>8</sup>

Porém, quando a feira se encerrava, todo o frêmito provocado por ela também possuava e, segundo Affonso de Freitas, a cidade voltava às trevas, melhor dizendo, às suas ruas, mal iluminadas pelos lampiões de azeite. E o ambiente sonolento registrado por Saint Hilaire, quando de sua visita à cidade, voltava a imperar. Para seu azar, o naturalista francês não teve a experiência de ter estado na cidade no período de realização da feira. Em seus apontamentos, é claro, registrou a importância econômica do comércio de burros bravos para a cidade, mas isso, evidentemente, não é a mesma coisa.

Interessante perceber esses dois momentos díspares pelos quais passava a cidade ao longo do ano, no século XIX: a agitação ímpar proporcionada pela feira e o ambiente aparentemente letárgico que tomava conta da cidade no restante do ano. Nesse sentido, a historiadora Ana Luiza Martins se indaga a respeito de qual imagem fixar da cidade. “Ela era ruidosa e dinâmica, como faz crer a crônica local, ou, monótona e silenciosa, como sugerem as reproduções iconográficas? Despia-se com frequência das roupagens e adereços com que se engalanava para a temporada de feiras, recolhendo-se em seguida à rotina monótona, arrastada e pouco elegante de moradores afeitos às práticas rústicas do universo tropeiro?”<sup>9</sup>

Certamente, ambas as imagens são recorrentes dependendo da época do ano em que se observasse a cidade. A época das feiras se encerraria, na última década do século XIX; no entanto, uma outra questão pertinente é pensar a respeito dos resíduos deixados por esse ciclo econômico na cidade. Isso implica apreender uma série de práticas, usos, costumes e personagens que, a despeito do ocaso das feiras, continuavam a marcar presença nos espaços

<sup>8</sup> FREITAS Jr. Affonso. *A legenda sorocabana. Cruzeiro do Sul*, 04/11/1925; 05/11/1925.

<sup>9</sup> MARTINS, Ana Luiza. *Gabinetes de Leitura*. 1990, pp. 210-211.

urbanos. Espaço urbano este que, de acordo com a aspiração dos dirigentes da cidade, deveria partir rumo a uma modernidade relacionada agora a uma cidade industrial.

Essa perspectiva começava a se fazer sentir ainda no período de auge do comércio de animais. Nesse sentido, é interessante a referência de Zalar à criação do bicho da seda e a fábrica de tecer algodão de propriedade de Manoel Lopes de Oliveira.<sup>10</sup> O que denota uma tentativa de diversificação econômica por parte da elite local. Já se podia prognosticar a lenta, mas inexorável decadência do mar como meio de transporte. Mesmo que o comércio de animais tenha sido responsável pelo acúmulo de capitais necessários para o advento da cafeicultura na Província e, posteriormente, Estado de São Paulo; e, em Sorocaba, o auge da lavoura algodoeira e o desenvolvimento do comércio urbano.<sup>11</sup>

Com isso, algumas modificações começaram a se fazer sentir na cidade, especialmente a partir da década de 1870. Assim, ocorre um aumento na circulação de livros e jornais, o Gabinete de Leitura é fundado em 1867, como também templos protestantes, escolas leigas e lojas maçônicas. O que representa uma maior laicização da sociedade e também uma maior visibilidade social das camadas médias, especialmente do bacharel em direito. No entanto, evidentemente, as práticas e costumes vinculados ao comércio de animais ainda predominassem. “Nascia então uma paisagem provincial que abrigava contrastes e tempos diversos. Nela estavam presentes em constante oposição, mas interagindo numa dialética de complementaridade, o rural e o urbano, o arcaico e o moderno, o campo e a cidade em movimentos de ajuste e engate.”<sup>12</sup>

Em 1890, já em período republicano, Sorocaba assiste à consolidação de seu processo

---

<sup>10</sup> Idem., p. 179. Manoel Lopes de Oliveira era um rico comerciante da cidade que, em 1852, resolveu arriscar parte de seus capitais na instalação de uma pequena fábrica de tecidos na cidade. “de teares mecânicos, não se sabe quantos, e tocada a vapor, montando-a num comprido galpão junto às senzalas, atrás da casa grande da chamada Chácara Amarela.” ALMEIDA, Alúcio. *Sorocaba – 3 séculos de história*. 2002, p. 247. O empreendimento fracassou, mas entrou para a história por se constituir na primeira tentativa do gênero em São Paulo.

<sup>11</sup> Cf. Capítulo I.

<sup>12</sup> MARTINS, Ana Luiza. *Gabinetes de leitura da província de São Paulo*. Op. cit., p. 126.

de industrialização com a instalação de grandes unidades fabris, especialmente têxteis. Essas transformações são percebidas e colocadas nas observações daqueles que visitam a cidade. É o caso de Napoleão Baldy que, em suas notas, escreve:

*Sorocaba tu já és grande e esplendida!*

*(...) Notei que a cidade de Sorocaba se estendia a mais de meia légua, com uma população superior a dez mil habitantes<sup>13</sup>, que se engrandecia de dia em dia pelo trabalho e commercio, que lhe hão conquistado o título de primeira cidade industrial do Estado de São Paulo.”*

Ainda sobre as indústrias o autor nota, “*como coroando o espaço da cidade, gigantescas moles de tijolo, que se ergueram como templos da industria, quase concluídas; um delles tem proporções vastíssimas, como o de Santa Rosália, sendo menor Santa Maria e a fabrica do Fonceca (sic) denominada de Nossa da Ponte, que há annos trabalha (...).*

*Que de evoluções para o futuro, que de movimento, que de acumulação de indústrias, que de matéria prima, de que resultará excessivo augmento á cidade.*

*Estabelecimento de manufacturas de chapéos, existem quatro, sendo alguns a vapor; quatro cervejarias algumas ajardinadas onde ao ar livre se refrigeram os freqüentadores com os chaups (sic); fábricas de massas finas, de licores, de sabão, officinas de arreios, fornos de cal, olarias de tijolo e telha e marmoraria.<sup>14</sup>*

Importante perceber a menção feita aos “templos da indústria”, em construção ou já estabelecidos. Essa cidade que se industrializava parecia ganhar um ambiente mais denso e agitado, pelo menos é essa a percepção sugerida nos apontamentos de Napoleão Baldy.

*Na immensidade de ruas, praças e largos, só enxergava telhados a frente de um outro prédio; meu intellecto abrangia tudo idealizando, parecendo ver os vários quadros sociais, suas peripécias, dramas familiares, paixões, inimidades e espíritos de opposição.*

*D’ahi, fugira o socego da roça; a intelligencia pelo preparo, rebustecia planos grandiosos, a nobreza elevava caracteres, a inveja molestava os ambiciosos, os políticos desfructavam-se e as questínculas existiam sempre entre as reuniões populares.*

*(...) O commercio é em grande escala, por atacado e a varejo, havendo casas sortidas e fartas como em S. Paulo.*

<sup>13</sup> Os dados a esse respeito parecem ser um pouco conflitantes, particularmente para o último quartel do século XIX. Cássia Baddini, citando estatística produzida pelo governo provincial, indica que a população da cidade, no final da década de 1880, somava cerca de 20000 habitantes. BADDINI, Cássia. *Sorocaba no Império – comércio de animais e desenvolvimento urbano*. 2002, p. 202. Por sua vez, Arnaldo Pinto Júnior, citando o censo demográfico, menciona a existência de 13999 habitantes em 1872, alcançando em 1890 o número de 17060 habitantes. PINTO JÚNIOR, Arnaldo. *A invenção da Manchester Paulista: embates culturais em Sorocaba (1903-1914)*. p. 43. De qualquer forma, essas duas pesquisas apontam para uma quantidade maior de habitantes em relação ao número utilizado por Baldy.

<sup>14</sup> O 15 de Novembro, 23/03/1895.

No entanto, o autor também aponta alguns aspectos que não seriam condizentes com uma cidade moderna. É o caso de certas ruas da cidade, tortuosas e estreitas demais, ao gosto dos primitivos habitantes. Mas, com certeza, o tempo faria desaparecer esses “defeitos”. A iluminação também mereceu reparos, sendo classificada como sofrível. Entretanto, o saldo é positivo, e o autor encerra comparando Sorocaba às modernas cidades européias.<sup>15</sup>

Apenas alguns anos depois, em 1898, Alfredo Moreira Pinto também visita a cidade. A sua visita foi notada pela imprensa local, esta noticiou a presença do “eminente geógrafo”, com o propósito de estudar os aspectos de uma cidade civilizada e industrial, constatando, certamente, “os elementos de progresso que nos fazem a primeira cidade entre as do Sul do Estado.”<sup>16</sup>

De fato, em sua obra, Moreira Pinto descreve as fábricas da cidade, porém suas impressões são menos entusiásticas do que aquelas realizadas por Baldy, mas, certamente, mais realistas sobre o cenário urbano local. Dentre os vários aspectos abordados, tece comentários sobre a iluminação local que continuava a ser a querosene, a luz elétrica ainda era uma promessa. No que diz respeito ao ambiente urbano, o cronista é contundente: “Pena é que Sorocaba seja uma cidade triste e de vida tão monótona; há pouco movimento nas ruas e as famílias vivem em um retratamento que contrista.”<sup>17</sup>

O memorialista Francisco Gaspar também menciona o ambiente modorrento da cidade nos primeiros anos do século XX, assim, segundo Gaspar, não havia “bares; casas de diversões, cinemas, etc.

*Com o toque de recolhida às 9 horas da noite, dado por um sininho do alto da torre da nossa igreja Matriz, fechavam-se as vendas, casas de secos e molhados, negócios de fazendas e armarinhos, farmácias, casas residenciais, enfim tudo. O povo era ordeiro. Recolhia-se calmamente para*

<sup>15</sup> O 15 de Novembro, 23/03/1895.

<sup>16</sup> O 15 de Novembro, 22/05/1898.

<sup>17</sup> PINTO, Alfredo Moreira. *A cidade de São Paulo em 1900. De S. Paulo á Sorocaba*. 1979, p. 5.

*suas residências e a luz elétrica acionada por um dínamo movido a vapor, localizado na hoje rua Paula Souza, próximo a estação do Votorantim, também à 1 hora da madrugada, deixava de funcionar. A cidade ficava as escuras. E, si era noite de plenilúnio, então as ruas de Sorocaba antiga, artificialmente, estavam iluminadas pela luz da lua.<sup>18</sup>*

Contudo, nas primeiras duas décadas do século XX, o cenário urbano parece realmente ter ganhado um colorido mais intenso. A cidade consegue superar o trauma decorrente das duas epidemias de febre amarela; a indústria local, em especial a têxtil, passa por um momento de prosperidade, são inauguradas salas de cinema. Por essa época, também, surgem algumas publicações luxuosas como revistas literárias e almanaques ilustrados, salientando os aspectos modernos da cidade. Além disso, há uma profusão de pequenos jornais, tratando dos mais variados temas. Qualificados muitas vezes de forma pejorativa como “jornalecos” ou “pasquins”, pelos órgãos jornalísticos mais tradicionais, tais publicações podem ser consideradas como um indicador das transformações urbanas na cidade. Conseqüentemente, o material produzido por essa imprensa, configura-se como um documento valioso para a apreensão desse processo. Como não possuem um compromisso tão nítido com a sisudez da chamada imprensa “séria” com seus artigos de fundo, tratando de modo árido as questões políticas, abordam de forma mais ou menos jocosa e descontraída o cotidiano da cidade e seus indícios de modernização.

É o caso do jornalzinho *O Janota*, órgão literário, noticioso e humorístico que vem à luz em junho de 1913. Em seu número inicial, relaciona justamente a importância de seu advento para a imprensa sorocabana com o progresso da cidade, mas num tom humorístico, é claro.

*Sorocaba, ou antes, Tobiapolis, dizem que tem foros de cidade civilizada; não contestamos tal conceito, aceitamos de boa mente. E ao considerar que a civilização de um povo é atestada pelo que elle lê, alimentamos uma esperança em prol da imprensa local (...) É por isso que essa esperança nos aconselha a lançar no redemoinho da publicidade um*

<sup>18</sup> GASPAR, Antonio Francisco. *Sorocaba de ontem – crônicas da cidade*. 1954, p. 163.

*jornal que, apesar de pequeno, traz consigo mais seiva que muitos diários prodigamente impressos em papel 'germania'.*

*(...) Temos notado que Sorocaba, nestes últimos tempos vae caminhando pari-passu com o progresso vertiginoso. Uma das provas mais flagrantes do seu desenvolvimento é a encomenda feita pelo sympathico Leão de mais um automóvel.*

*(...) Justifica-se, portanto, o apparecimento de mais um jornal, pois este facto, como o do apparecimento de mais um automóvel, representa a vertigem do progresso...*

*O Janota é crítico. Antes porém, disso, é uma parcella, ou melhor, uma parcella saliente da nossa prosperidade...<sup>19</sup>*

Nos primeiros decênios do século XX, a imprensa local contou com a colaboração de vários cronistas. Muitos deles, como era costume na época, escrevendo sob pseudônimos e de maneira efêmera, desaparecendo posteriormente sem deixar maiores vestígios. Essa produção foi, até agora, praticamente ignorada pela historiografia sorocabana. No entanto, trata-se de um material riquíssimo para o estudo e compreensão de vários aspectos da história da cidade.<sup>20</sup>

E essa riqueza se deve ao fato do cronista procurar interagir com os acontecimentos do cotidiano, examinando, como colocava Machado de Assis, as coisas miúdas. Dessa forma, “o cronista este sempre sujeito ao imponderável do cotidiano, que tanto lhe fornece temas e problemas com os quais discutir quanto modifica e redireciona suas opções iniciais.”<sup>21</sup>

Os textos produzidos por grande parte desses cronistas / jornalistas, invariavelmente, afinavam-se com os anseios de progresso das elites políticas e econômicas da cidade.

É o caso, por exemplo, de Júlio Pereira que, em 1912, assinava uma coluna intitulada *Assumptos Locaes*. Uma de suas crônicas começa mencionando os aspectos modernos da

<sup>19</sup> *O Janota*, 01/06/1913.

<sup>20</sup> Aliás, os primeiros anos da República foram retratados por grandes cronistas, como, por exemplo, João do Rio [Paulo Barreto], provavelmente o melhor cronista / jornalista do período; não se esquecendo também das crônicas do grande Lima Barreto ou ainda Silvio Floreal, este atuando na imprensa paulistana. Todos eles procuraram descrever suas impressões sobre a modernização do país, com suas contradições, deslumbramentos, personagens, apreendendo por vezes, uma atmosfera urbana surpreendente, estranha e mórbida. MARTINS, Luis. *João do Rio (uma antologia)*. 1971; BARRETO, Lima. *Crônicas escolhidas*. 1995; FLOREAL, Sylvio. *Ronda da meia-noite – vícios, misérias e esplendores da cidade de São Paulo*. 2002.

<sup>21</sup> CHALHOUB, Sidney et. All. *História em cousas miúdas*. 2005, p. 15.

cidade:

*Sorocaba atravessa actualmente uma época de franca prosperidade. O leitor por mais optimista que seja não poderá negar o extraordinário desenvolvimento da nossa população, industria e comércio. Nota-se entra a nossa gente uma vontade de progredir, todos trabalham e almejam um próspero futuro para a nossa terra. E de facto, a nossa urbs vae se tornando o ponto preferido de toda a zona e cada dia aqui aporta um novo habitante e apparece mais um factor do nosso progresso. Há vida em nosso meio, melhoram as condições financeiras do município e tudo faz prever um porvir risonho para o berço de Tobias. Quem já teve a occasião de notar, ás tardinhas, o movimento de transeuntes no centro da cidade, principalmente ali pelas ruas de S. Bento, Comercio, Direita, da Penha e Largo da Matriz, concordará comnosco que progredimos espantosamente e que a nossa vida será daqui a pouco tão intensa como a da capital.*

Esse otimismo com relação ao progresso da cidade se faz presente em muitos textos escritos nas duas primeiras décadas do século XX. Inclusive indicando um adensamento da vida urbana. Mas, ao mesmo tempo, o autor aponta para os aspectos da cidade, ainda não condizentes com os de uma cidade moderna:

*“Contudo, o aspecto da cidade ainda não condiz com o seu desenvolvimento. Muita coisa há por fazer, para remover e embellezar. Ruas tortuosas e estreitas, prédios em ruínas, passeios estreitissimos, hygiene descuidada, etc, etc, despertam commentarios desfavoráveis dos que nos visitam.”<sup>22</sup>*

Então, por tudo isso, diz o cronista, a cidade ainda não pode ser considerada a primeira do interior do Estado. Não há um código sanitário e leis da Câmara exigindo a reforma dos prédios sob os novos preceitos arquitetônicos e de higiene, os passeios são estreitos e em péssimo estado, portanto, não condizentes com os novos preceitos burgueses de circulação nas ruas. O autor menciona o fato de a cidade de Botucatu, já àquela época, ter uma legislação nesse sentido, contribuindo, dessa forma, para o “aformoseamento, o progresso e civilização” da sociedade.

<sup>22</sup> *Cruzeiro do Sul*, 13/12/1912.

Esse será o tom de muitas das crônicas produzidas nesse período.

No ano seguinte [1913], um outro cronista bissexto, escrevendo sob o pseudônimo de Argus, publica no principal jornal da cidade, o *Cruzeiro do Sul*, algumas crônicas intituladas *De ómnibus rébus*. O cronista também destaca o progresso da cidade, e esse progresso ocorre de maneira tão “intensa e real”, que surpreende até os poderes municipais. Dessa forma, segundo Argus: “*Fomos, felizmente, surpreendidos por uma evolução acelerada quando tudo nos faltava: água pura em abundancia, escolas, luz, theatros, jardins, ruas bem conservadas, estradas transitáveis, etc, etc. Tudo isso não se consegue de momento e com pouco dinheiro*”<sup>23</sup>. Importante perceber que, mesmo quando reivindica a necessidade de melhoramentos, o cronista o faz procurando não melindrar as autoridades públicas. Aspecto que o autor coloca explicitamente já em seu texto de estréia: “*Sendo assim, é bom de ver que os conceitos a seguir, absolutamente, não encerram nenhum vislumbre de censura à S.S.; visamos apenas, prestar o nosso fraco contingente para que S.S., bem intencionado como é, procure corrigir as falhas, quiçá, de seus subalternos.*”<sup>24</sup>

Mesmo que dentro dos limites manifestados por uma imprensa ligada aos mandatários locais, essa produção permite apreender alguns meandros das questões da vida urbana, ou revela “a cidade desejada” por esses segmentos dominantes, em contraposição à “cidade efetivamente existente”. Ao longo das décadas de 1910 e 1920, surgiram, nas páginas do *Cruzeiro do Sul*, várias colunas com diferentes títulos, tais como: “*coisas e loisas*”, “*reparos*”, “*o que dizem*”, escritas sob vários pseudônimos que, talvez, não possam ser classificadas precisamente como crônicas, mas que chegam muito próximo disso ao tratar de vários assuntos relativos ao desenvolvimento urbano da cidade e ao seu cotidiano.

Uma dessas colunas publicadas já em 1920, parece resumir as reclamações de um segmento da população, particularmente daqueles sintonizados com o desejo de modernização

<sup>23</sup> *Cruzeiro do Sul*, 18/02/1913.

<sup>24</sup> *Cruzeiro do Sul*, 06/02/1913.

burguesa da cidade. Citando o cronista que escreve sob o pseudônimo de Orloff:

*Não se diga que não fazemos reclamação em massa, porque somos isso ou aquilo. Em massa virão ellas porque a cada passo que damos tropeçamos numa cousa digna de registro, digna de reclamação. Sorocaba assim vê mal. É buraco pra cá, calçada quebrada pra lá, casa velha em ruína pra acolá, jardins em abandono, creanças a se empolleirarem nos coretos, moleques a matarem as gramas, pó em toda a parte, fiscaes “sumiticos”, água em “abundancia”, ameaçando-nos de epidemia...cabras, cabritos e cavallos pelas ruas, tropas e burros a devorarem os jardins, homens a treparem nas árvores, ruas esburacadas, abandonadas, intransitáveis, estradas de rodagem a nos causarem vergonha e...tudo, tudo que é uma belleza.<sup>25</sup>*

Algumas vezes, como nesse caso, nos deparamos com um certo mau humor por parte do autor, cansado de repetir sempre a mesma cantilena, sem uma rápida resposta dos poderes públicos. Mas, de todas essas reclamações, alguns pontos merecem ser destacados. Um deles é a irritação com a presença abundante de animais nas ruas da cidade. Esse aspecto é interessante, pois remonta ao passado da cidade ligado às feiras de animais, responsáveis pela fama de Sorocaba em todo o país.

Com o advento do ciclo industrial, o desejo de modernização se intensifica e, conseqüentemente, todas as práticas que se relacionavam ao comércio de muares passam por um forte processo de estigmatização. Muitas dessas práticas são condenadas nos *Actos Legislativos da Câmara Municipal*, editados em 1894. Particularmente no capítulo III que trata do asseio e conservação das ruas e praças e da comodidade pública. Por exemplo, o artigo 37 prescreve uma série de proibições, dentre elas, “*ter sobre os passeios animaes amarrados ou soltos, bem como conduzir pelos ditos passeios animaes ou quaesquer vehiculos.*”; “*amarrar animaes em postes da illuminação publica, chafarizes, arvores de decoração ou cercas e postes feitos para sua conservação*”; “*dar de comer a animaes nas ruas e praças*”; “*ter animaes de qualquer espécie vagando pelas ruas e praças da cidade ou subúrbios, os quaes serão aprehendidos pelos fiscaes e levados para o depósito.*”<sup>26</sup>

<sup>25</sup> *Cruzeiro do Sul*, 06/08/1920.

<sup>26</sup> *Actos Legislativos da Câmara Municipal de Sorocaba*, 1894, pp. 32-33.

Muitas dessas proibições seriam reproduzidas nos códigos seguintes de 1906 e 1915. No entanto, muito tempo depois, esses velhos costumes ainda marcariam forte presença no espaço urbano, o que, certamente, explica a irritação dos cronistas.

Um outro cronista, em sua coluna intitulada “*coisas e loisas*”, também procura contrapor os costumes modernos aos antigos, afirmando a necessidade de correção de velhos hábitos. É claro, esses velhos hábitos estão ligados às antigas atividades tropeiras, como a persistência da utilização do transporte de cargas em lombo de burros ou carros de bois se defrontando e dividindo o espaço urbano com modernos artefatos como o bonde elétrico e o automóvel.<sup>27</sup>

Em outro texto, esse autor que assina com o apelido de Lynce escreve, em 1917, sobre esses velhos hábitos, que para ele estão “*em inteiro desacordo com as normas de condutas que devemos adotar*”, e continua: “*Já estamos bem longe dos tempos que precederam os velhos hábitos coloniais e com impaciência aguardamos o dia em que desaparecerão por completo esses restinhos de velharia.*”<sup>28</sup> Nesta crônica ainda, o autor se refere à necessidade dos hábitos de higiene da população de origem rural e que agora vivem no espaço urbano. O que ele denomina como “*hábitos roceiros*”.

Voltando a citar o cronista:

*É bonito, alegre e indício de fartura vêr-se a galinhada no terreiro, a boiada gorda e luzidia toda reunida na mangueira e a cachorrada de guarda em volta da casa. Mas srs., onde se tinha e se fazia tudo isso era na roça, num espaço maior que toda a nossa cidade, onde as habitações distam entre si, centenas de metros, onde a água é abundante, não é paga e não exige economia. [aqui, numa menção ao desperdício de água]<sup>29</sup>*

Para a alteração dessas “práticas roceiras,” o autor apela para o trabalho de conscientização que deveria partir de toda a população, ou melhor, dos cidadãos mais probos

<sup>27</sup> *Cruzeiro do Sul*, 08/09/1917.

<sup>28</sup> *Cruzeiro do Sul*, 09/03/1917.

<sup>29</sup> *Idem*.

e afinados com os preceitos de urbanidade, mas também dos fiscais da prefeitura.

A atuação dos fiscais no cumprimento das leis e posturas municipais é outra constante nesses textos, como já vimos na crônica de Orloff, quando se refere aos “fiscais sumíticos”. Nos embates políticos, que envolviam, conseqüentemente, críticas à administração municipal, invariavelmente apareciam comentários a respeito do comportamento dos fiscais, que não cumpriam com as suas obrigações e passavam o dia picando fumo.<sup>30</sup>

Lynce, um mês depois, continua a clamar contras “as contravenções aos códigos, as desobediências às posturas municipais”. A desobediência em questão, mais uma vez, tem a ver com os “hábitos roceiros” que insistem em marcar a sua presença no espaço da urbe. O autor se refere a dois domadores montando burros bravos, com se estivessem em plena campanha rio grandense, além de “destemidos tropeiros” que amarram um burro nos postes da companhia telefônica. Ambos episódios ocorridos em plena área urbana. Fato que causava profunda irritação no cronista, que arrematava: “*chamamos, para esse abuso inqualificável, a atenção de quem de competencia, pois, nesse andar Sorocaba vae mal, muito mal, muitissimo mal*”.<sup>31</sup>

Os códigos municipais, influenciados pelos preceitos urbanísticos advindos da Europa, tinham como propósito “sanear” e “civilizar” a cidade, e tais termos carregavam uma série de implicações, pois significavam, ao fim e ao cabo, não somente a negação ou marginalização de certas atividades econômicas, artefatos considerados obsoletos ou técnicas arquitetônicas, mas também de uma série de práticas e costumes de grande parte da população constituída por caboclos e descendentes de escravos. Como também, posteriormente, das classes operárias, enfim, todos equalizados dentro da condição dos segmentos mais pobres e carentes da sociedade, “atrapalhando,” por assim dizer, a imagem de uma cidade que se pretendia “com foros de civilizada” como era o desejo dos setores dirigentes do município, cujas idéias eram

---

<sup>30</sup> *Correio de Sorocaba*, 02/08/1925.

<sup>31</sup> *Cruzeiro do Sul*, 11/09/1920.

geralmente difundidas pela imprensa local. Também nesse sentido, escreve o historiador Robson Pereira: “Por trás dessa alegoria da “civilização moderna” [manifestada pelas posturas municipais], representando o desejo das elites dessas cidades de mostrar aos olhares estranhos uma localidade ordeira, limpa, e antes de tudo embelezada, fugindo do estereótipo de “caipira e atrasada”, existia um desejo de reprimir as características que as identificassem com esses emblemas.”<sup>32</sup>

A modernização pretendida significava, por conseguinte, e dentre outros aspectos, negar uma série de práticas populares arraigadas desde os tempos coloniais, passando pelo período imperial, e que, no contexto sorocabano, estavam intimamente relacionadas com o comércio tropeiro. Essas codificações podem ser compreendidas como tentativas de controlar, domesticar e, se possível, eliminar costumes que, supostamente, não estariam em harmonia com os modernos paradigmas urbanísticos. Nesse sentido, elas podem ser entendidas também como imagens do desejo, pois não se tentaria proibir algo que não mais existisse, o que pode nos dar pistas acerca dos tensionamentos existentes entre os diferentes setores sociais no âmbito da cidade.

Portanto, a análise desses códigos e posturas municipais nos permite apreender a dinâmica entre a “cidade real” e a “cidade ideal”. Ou seja, as legislações urbanas referem-se a uma cidade projetada, via de regra de acordo com os interesses dos setores dominantes da sociedade; trata-se de uma “concepção de cidade” que vai interagir com as práticas de vários grupos que compõem o espaço urbano – na forma de adaptação, reelaboração ou resistência nas suas mais variadas circunstâncias.

Como vimos, esses “hábitos de outrora”, essas “práticas roceiras” desagradavam profundamente muitos dos cronistas – supracitados - imbuídos que estavam dos valores ligados ao que deveria ser uma cidade moderna.

---

<sup>32</sup> PEREIRA, Robson *Mendonça. Washington Luís e a modernização de Batatais*. 2005, p. 90.

Contudo, percorrendo as páginas dos jornais dessa época, por vezes, nos deparamos com certas percepções surpreendentes e ricas sobre a cidade. Nesse sentido, chamam atenção as crônicas produzidas por Gêbê, mais um dos tantos cronistas obscuros que escreveram para a imprensa sorocabana. Nesse caso, apenas alguns meses de 1914 para um jornal local. Não que Gêbê fosse portador de idéias muito diferentes em relação aos outros escritores do período. Porém alguns de seus textos apresentam um colorido e uma intensidade sobre a vida cotidiana da cidade que, geralmente, não se encontrava na produção de seus colegas da imprensa local. Essa característica, presente em suas crônicas, certamente se deve a sua atitude de sair às ruas, investigando aspectos do cotidiano da cidade, repercutindo assuntos palpantes, personagens e práticas sociais.

As crônicas de Gêbê nos permitem vislumbrar um pouco do caráter multidimensional que caracteriza o processo de transformações urbanas em Sorocaba, durante as primeiras décadas da República. Sintomaticamente, sua coluna se denomina “*Cavação*”. Esse termo, muito em voga à época, geralmente significava “negócio ou vantagem obtido por proteção ou ilicitamente; ou esforço para obter vantagens ou melhores condições de vida.” De fato, a cavação, em grande medida, representava o novo arrivismo que surge sem peias com o advento da República, significando “uma forma de parasitismo espúrio grandemente disseminado, verdadeiro peculato, às expensas do orçamento público.”<sup>33</sup>

Alguns anos antes, em 1906, um outro colunista local tratava justamente do tema da cavação. Assinava seus textos com o nome de Phocion e colocava:

*Não há ninguém, por mais pintado que seja, que não cave...  
A cavação é, na atualidade, a maior, para não dizer a única preocupação social.  
Todos cavam, porque todos precisam viver; e há até, nesse bom orbe, catholico – protestante – livre pensador e philosophico, cavação de cavação.  
Assim o folhetinista cava do publico os 25 figos das suas sete tiras, contando a história de um pobre diabo que estuda á noite o melhor processo*

<sup>33</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. 1995, pp. 40-41.

*para passar o dia seguinte, a custa de qualquer descuidado.*

*O redactor cava os suicídios e desfalques, que lhe augmentam a tiragem; as boas e más reputações que, em troca de algumas indisposições, trazem algumas sympathias e outras cositas mais.*

*O leitor, esse é celebérrimo! Cava o que lê e o que não lê... Sabe converter, com habilidade rara, uma phrase inoffensiva numa serpente e transformar ápodos cruéis em conceitos elevados. Tudo de acordo com a cavação do dia. A política, a essa Exma. Sra. ninguém lhe leva a palma em cavar masmorras e levantar estatuas, conforme a altura do cambio. Rei morto deve ser vaiado; rei posto, cantado.*

*E o zé-povinho não fica atraz, si não é o maior cavador do mundo. Cava por todos os processos: na praça pública fazendo meetings, indo depois pedir, de chapéu na mão e espinha curvada, as boas graças de um potentado; prega os direitos do homem e o livre pensamento e no dia seguinte vae baptisar o bebe, para ter occasião de segurar um compadre apatacado; sobe as escadas nos institutos de beneficência, com ar grave e sisudo, e entra nos bordeis com um descaramento de quem já sabe onde está e o que vae fazer.*

*Faz tudo, o tal zé...*

*E o rabiscador destas linhas, não cavará também?*

*Aposto que pelos lábios do leitor astucioso acaba de passar um sorriso subtil...<sup>34</sup>*

Porém, creio que no caso das crônicas de Gêbê, o termo pode ser também compreendido como uma investigação atenta do cotidiano da cidade.<sup>35</sup> Talvez seja exagerado compará-lo a um *flâneur*, na ainda provinciana e acanhada cidade do interior, mas é a partir de suas deambulações pela urbe, percorrendo suas ruas, praças, teatros e cinemas da cidade, que o jornalista diletante “cava” o material para as suas crônicas.

Gêbê exercita a sua capacidade de observação descrevendo a agitação dominical da cidade:

*Tal foi a tempestade que desabou sobre esta cidade, na noite de sabbado, que, quem estivesse assistindo a exhibição dos estupendos programmas do “Pavilhão”, “Rio Branco” e “Colyseu” [cinemas da cidade], não diria, nem por troça que hia-mos ter um domingo bonito e risonho como foi o dia de ante-hontem, desde cedo notava se grandes movimentos pelas nossas ruas; a missa do Convento e da Matriz, foram, como de costume, muito concorridas de fieis; os clubs estiveram muito animados, durante todo o dia; a matinée do “Rio Branco”, foi um verdadeiro primor; lá notou-se a final-flor de Sorocaba, os films, agradaram bastante.<sup>36</sup>*

<sup>34</sup> O 15 de Novembro, 11/03/1906

<sup>35</sup> Os significados do termo “cavação” foram retirados do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 659.

<sup>36</sup> *Diário de Sorocaba*, 20/01/1914.

Mas nosso autor também tece críticas à administração pública e mesmo à mentalidade dos sorocabanos. Em muitas de suas crônicas, chama Sorocaba de cidade caipora<sup>37</sup>, pois tudo nela é incompleto, os mictórios na praça central há muito prometidos, mas que nunca são feitos, a construção de um relógio público na mesma praça, a rede insuficiente de água e esgotos, uma vez que não atende toda a população e, para completar o azar, até mesmo a “poderosa canadense” (referindo-se a *São Paulo Eletric*) deixa a população às escuras. Escreve o autor: “*assim é que hontem, ficamos sem luz até as 21 horas mais ou menos: resultado; muita gente boa andou pegando Tatus, nesses buracos que muito “embellezam” as nossas ruas e provam mais um vez os “relevantes” serviços prestados pela nossa prefeitura.*”<sup>38</sup> E por falar no estado das ruas, em outro momento, nosso autor reclama da “poeira insuportável” nos logradouros da cidade, em especial em um dos mais importantes, a rua da Penha. Sem receio de ser chamado de “linguárudo” e “falador”, Gêbê, representando o Zé Povo, espezinha e cobra providências da prefeitura, terminando sua matéria com um versinho: “*Vamos , vamos seu Prefeito / Um banho n’aquelle rua / Pois o pó liquida vidas / E pode ir também a sua.*”<sup>39</sup>

É importante perceber que o cronista escrevia para um jornal que, naquele momento, se encontrava em oposição ao poder executivo, o que propiciava uma certa autonomia para realização de críticas ao desempenho do prefeito. Assim, na mesma edição, o jornal comentava o problema da poeira nas ruas da cidade: “*Um dos grandes fragelos que actualmente*

<sup>37</sup> O termo é utilizado aqui em seu sentido figurado, no sentido de “pessoa azarada, infeliz, que nunca, ou dificilmente, tem sucesso naquilo que faz.” *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 564. Um poema de época certamente ajudará a compreender o sentido com que é empregado na crônica citada: [Caiporismo] “*tive uma casa cahio/tive uma planta murchou/tive um gatinho fugiu/tive uma trompa rachou/tive algum ouro joguei/tive um cavallo cançou/tive um casaco rasguei/tive um cachorro cegou/tive um amor me esqueceu/tive uma mulher morreu/tive uma esperança gorou/tive uma cama vendi/tive um ciúme perdi/só minha sogra ficou.*” *Cruzeiro do Sul*, 31/10/1907. Machado de Assis emprega a palavra com o mesmo significado em seu conto, *Último Capítulo*. “Pois apesar da excelência do costume, era meu propósito sair calado. A razão é que, tendo sido caipora em minha vida toda, temia que qualquer última palavra pudesse levar-me alguma complicação à eternidade.” “Repito, sou um grande caipora, o mais caipora de todos os homens.” ASSIS, Machado. *Último capítulo*. [s.d.], pp. 395-396.

<sup>38</sup> *Diário de Sorocaba*, 21/01/1914.

<sup>39</sup> *Diário de Sorocaba*, 16/04/1914.

*nos atormenta é o terrível pó. É um horror, ondas de poeira levantavam-se enraivecidas contra os pobres transeuntes que se aventuram sahir a rua. Quase que já não se pode sahir, devido ao pó... E á Prefeitura o que faz? Dorme o sonno dos indifferentes... Que importa a ella que a população inteira morra afogada sob as ondas poeirentas? ”<sup>40</sup>*

Uma boa pavimentação dos logradouros era uma exigência para uma cidade que se queria moderna, algo quase tão importante como a rede de iluminação elétrica e o sistema de água e esgotos. Ainda mais com as primeiras aparições desse ícone por excelência da modernidade que era o automóvel. Evidentemente as ruas da cidade ainda não estavam preparadas para receber esse moderno artefato, e aqueles que se aventuravam a desfilarem seus brinquedinhos de luxo pelas ruas da cidade, via de regra, se viam metidos em situações cômicas e bizarras. Esses episódios não escaparam às observações de Gêbê:

*O leitor já vio automóvel puchado á bois?*

*- !*

*- Pois eu vi.*

*- Domingo ultimo andei sapeando lá pelas bandas do Avelino Argento e foi pro alli assim que eu vi, esse quadro bastante vergonhoso para nós os Sorocabanos.*

*Alguns distinctos representantes do governo da União aqui estiveram desde sabbado e para melhor conhecerem a cidade, domingo, logo no meio do dia, esses illustres senhores, tomaram dois autos e toca a passear... andaram... já estavam todos 'quebrados' pelos choques produzidos pelos vallos de nossas ruas, quando um dellea disse ao chauffeur:*

*- É melhor, o sr. nos levar para o hotel; vamos dar um tiro nesta 'vaca'.*

*Como nessa ocasião os automóveis com os visitantes achavam se lá no Largo do Pito Acesso, os chauffeurs, viraram a gaita e desceram pela rua 7 de Setembro.*

*Quando chegaram pouco alem da rua dos Prazeres...queimou se a fita!*

*Os automóveis 'afincaram' a cabeça no lamaçal e... adeus viola!*

*Meio hora depois, chega no local, um 'macambyra' tocando algumas juntas de bois e...esticaramuma corda, amarraram nos autos e pucha... d'aqui pucha d'alli...*

*Os garotos que, 'quase não tinha' por alli, formaram um 'berreiro' dos diabos e os pobres dos excursionistas, ficaram com um carão deste tamanho e eu como sou muito 'invergonhado' fui tratando de dar ás de Villas Diogos...*

*Depois digam que sou linguarudo...<sup>41</sup>*

<sup>40</sup> *Diário de Sorocaba*, 16/04/1914.

<sup>41</sup> *Diário de Sorocaba*, 07/02/1914.

Esse acontecimento é indicativo de como a modernização da cidade ainda tinha muito de desejo, tanto de boa parte de suas elites, como do cronista, este, envergonhado com o desfecho da cena. Ruas esburacadas e lamacentas, sem contar no arcaísmo representado pela presença do carro de bois, ainda por cima “salvando” de forma humilhante o automóvel da difícil situação em que se encontrava. Esta certamente não era uma imagem a ser apresentada aos visitantes.

Noutra ocasião, escrevendo uma espécie de meta-cavação, Gêbê acaba descrevendo os ruídos da cidade; as sonoridades modernas são aprendidas com satisfação, porém o som arcaico dos carros de bois é percebido como um “fantasma”, a assombrar o desejo de uma urbe pretensamente moderna.

*Azar de garupa!*

*Sahi de casa para ir a redação escrever uma boa “Cavação” mas... que azar!*

*Começo a subir a rua Dr. Braguinha, passo no Scaletti, um barulho de criançada, andei pizando no pé d’um e d’outro e felizmente passei.*

*Chego em frente ao Oricchio, outro barulho.*

*Cincoenta grammophones e todos tocavam a valsa Dirce: é uma composição muito bella, mas também ouvir-se uma cousa só o dia inteiro é demais!!!*

*Chego na redacção, um rumor parecido com terremoto “inveis” era o Marinoni que estava em actividade.*

*Resolvi subir direto.*

*Passo no Ponto, uma forte discussão, barulho de copos, soccos sobre a mesa, uma fumaceira a sahir pela janella. Desconfiei qualquer cousa e approximei-me para syndicar do facto e... palavra que montei n’um porco formidável!*

*Verifiquei que lá na sala da frente estavam alguns freguezes.*

*Elles conversavam muito “baixinho” fumavam um cachimbo e de vez em quando:*

*-Cacacce! Portate uma bottiglia di vino.*

*Eram trez patrícios de Garibaldi, que em franca camaradagem festejavam a tomada de Trípoli e bebiam á saúde do grande Caneva.*

*Adheri á essa patriótica festa.*

*Fiz um discurso igual aos do P. Mesquita<sup>42</sup> e logo puz-me ao fresco. Toquei para a sessão do Jury.*

*Que azar!*

*Na ocasião em que o advogado começou o seu discurso de defeza, subia a rua uma chusma de carros de bois, um gincho fino e impertinente, feria os meus ouvidos, de sorte nada pude ouvir.*

<sup>42</sup> Trata-se de Pedro de Oliveira Mesquita, naquela época, um conhecido jornalista da cidade.

*Quando eu for Prefeito, acabarei com esses “phantasmas”.  
O leitor tenha mais um pouco de paciência!”<sup>43</sup>*

Nesse mesmo ano de 1914, começa a ser publicada a revista *A.B.C.*, fato muito comemorado pela imprensa local, pois se espelhava nas melhores revistas editadas no país, como *A Careta*. Sobre tal lançamento noticiava o *Diário de Sorocaba*: “*A ‘ABC’ virá preencher uma grande lacuna na imprensa local, pois era extranhavel que Sorocaba, com o seu colossal desenvolvimento fabril e commercial, não empregasse esforços para patentear o seu progresso. (...) Oxalá a população sorocabana saiba auxiliar esses distintos rapazes, não lhes negando o apoio de que tanto carecem para tornar realidade tão louvavel desideratum!*”<sup>44</sup>

A revista, como coloca o *Diário*, redigida por nomes consagrados do jornalismo e das letras sorocabanas, vem para ressaltar os aspectos modernizantes da cidade, uma vez que ela mesma é um indicativo desse progresso. Dentre eles, o impacto trazido pela introdução dos modernos artefatos tecnológicos, como o automóvel.

*Logo que apareceu a febre dos automóveis nesta cidade, os cocheiros ficaram enciumados... e eu também. Questão de concorrência.  
Todo mundo só falava em automóvel, automóvel...  
O automóvel era mais na moda, tinha o sabor de novidade:  
Dahi o ser muito querido pela presunção do ‘snobismo’.  
Mas entre o automóvel, com sua corpulenta acachapada, pesada, encouraçado de anachronico pachyderme e os aspectos de leveza elegante da carruagem de altas rodas finas, que parecem se imaterializar num X de reflexos, ao trote rápido de fogaosa parelha, quem não terá o bom gosto de se decidir pela carruagem?  
Há pessoas, é certo, que amam o automóvel pela vertigem de velocidade.  
Nhá Cota, porém, é um ingênua creatura que não sabe nem quer saber si o carro é mais elegante que o auto; ignora também a existência da vertigem de velocidade. Queria andar de automóvel simplesmente porque via toda a gente que se preza de automóvel. Era fazer ‘chic’.  
Um dia fui visitá-la. Fazia muito tempo que não ia. Bati respeitosamente e esperei.  
Nada. Tornei a bater; nada. Bati outra vez palmadas estrondosas, nada.  
Dei com o castão da bengala na ponta do corredor, já impaciente’, e nada!  
Disanimei, voltaria de outra vez.  
Quando eu subia, já na rua, dei cara a cara com Nhá Cota.  
Vinha risonha, o grande teclado da dentadura mal feita á mostra.  
- Oh! Fez ao ver-me. Oh! Meu querido!*

<sup>43</sup> *Diário de Sorocaba*, 20/02/1914.

<sup>44</sup> *Diário de Sorocaba*, 28/02/1914.

*-Tirou certamente a sorte grande, pensei com inveja. Nunca tivera dessas expansões!*

*-Sempre apareceu, Flores! Até já andava com saudades...E ia-se embora! Graças que ouvi as batidas lá do armazém.*

*-A sorte grande, não há que ver! Continuei, com os meus botões. Só isso dá tão bom humor.*

*Nhá Cota continuava a desfazer-se em amabilidades.*

*(...) Percebi que Nha Cota estava louca para desembuchar o motivo da sua alegria. Nem me foi preciso indagar-lh'ô.*

*-Dei um pulo ali no armazém, disse Nhá Cota, fui tocar o automóvel para chamar um telephone.*

*Não pude conter-me: explodi uma gargalhada ás bochechas rubicundas de Nhá Cota... Ella zangou-se seriamente commigo.*

*Em vão tentei desculpar-me. Desde esse dia nunca mais me fez presentes de bom-bocados e balas d 'ovos, que com mãos divinas sabe preparar.*

*Também, fiquei odiando os automóveis! Questão de concurrencias por tabella...Por causa delles perdi a doce affeição de Nhá Cota!" [D. Luiz Flores]<sup>45</sup>*

A vertigem de velocidade mencionada no texto é reveladora da sensação de encantamento e estranhamento causada pelos novos maquinismos, propiciando um ambiente urbano mais intenso. Por expressarem os primeiros contatos da população com essas máquinas modernas, esses relatos nos dão pistas para a compreensão de sua recepção. João do Rio, como não poderia deixar de ser, escreveu sobre o automóvel em suas crônicas. Para o insigne jornalista carioca, vivia-se a “era do automóvel” “*Vivemos inteiramente presos ao automóvel. O automóvel ritimiza a vida vertiginosa, a ânsia das velocidades, o desvario de chegar ao fim, os nossos sentimentos de moral, de estética, de prazer, de economia, de amor.*”<sup>46</sup> É claro, esses comentários se referem ao Rio de Janeiro, a cidade mais cosmopolita do país, na década de 1910, algo bem diferente se passava em Sorocaba. Porém o automóvel já se fazia notar. E não apenas pelos privilegiados passageiros e condutores, que podiam desfrutar dessas vertigens modernas, porque em suas quase bizarras aparições pelas antigas ruas de Sorocaba, como Gêbê mostrou em sua “cavação” supracitada, os autos tinham que interagir com os carros de bois e os “berreiros da garotada”. Como nota João do Rio, esses artefatos não implicavam

<sup>45</sup> *Revista ABC*, junho de 1914, nº 3.

<sup>46</sup> MARTINS, Luís. *João do Rio – uma antologia*. Op. Cit., pp. 47-48.

apenas em transformações na economia ou no desenvolvimento urbano, mas também nos costumes, nas relações amorosas. Estes aspectos foram percebidos também, na mesma época, de forma magistral, por Lima Barreto, como deixa transparecer em seu conto *Um e Outro*.<sup>47</sup> E também é o tema subjacente do texto publicado na revista *ABC*, quando o autor se vê preterido por sua namorada em favor do automóvel. Aqui nem se procura personificar um *chauffeur*, mesmo que este somente seja atraente na sua relação com o automóvel, como no conto de Lima Barreto; assim, para Nhá Cota, o artefato basta por si mesmo. Certamente por despeito, o protagonista não se renda aos encantos do automóvel, denunciando o tanto de esnobismo e presunção que envolve a sua utilização, criticando sua estética “pesada”, em favor da elegância das carruagens.

O memorialista Antônio Francisco Gaspar registra a primeira aparição de um automóvel na cidade por volta de 1905, trazido por Bernardo Lichtenfels Jr., capitalista e proprietário da empresa de energia elétrica da cidade. Nem podia ser diferente, a presença do artefato, que parecia um trole, causava alvoroço por onde passava. Pilotado com entusiasmo por Lichtenfels, o automóvel era seguido pela criançada em estado de completa algazarra. Depois outros veículos motorizados começaram a aparecer na cidade. No entanto, os meios de transporte mais empregados em Sorocaba, no princípio do século XX, eram os troles, carros de praça, cabriolés, carroções, carroças e carros de bois. Os carros de praça eram utilizados apenas pelas pessoas mais abastadas da cidade, por exemplo, o médico Álvaro Soares, lideranças políticas como Campos Vergueiro ou os capitalistas George Oetterer e Frank Speers. Mas a população que vivia de seu parco ordenado se deslocava mesmo a pé. Pois os preços cobrados pelos carros de praça, em torno de dois a três mil réis por percursos feitos dentro do perímetro urbano, eram proibitivos para quem ganhava entre oitenta e cem mil réis

---

<sup>47</sup> BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos e outras histórias*. 1997, pp. 214-224.

por mês.<sup>48</sup>

Tal situação parece ser, em grande medida, a mesma quando, em julho de 1913, a Câmara Municipal edita a Lei nº 103, abordando a questão dos meios de transporte na cidade. Com efeito, a maior parte dos artigos da referida lei tratam dos veículos com tração animal: carruagens, tálburis, carroças altas ou baixas. Os automóveis marcam presença na legislação, mas em meio a formas mais antigas de locomoção, assim como no capítulo a respeito da matrícula dos condutores; os modernos chauffeurs aparecem ao lado de cocheiros e carroceiros<sup>49</sup>. Uma situação que certamente alegraria o pretendente ao amor de Nhá Cota, com sua preferência, por puro despeito, pelas carruagens.

Dessa forma, a cidade se configura como um local por excelência de interação entre diversas percepções temporais, em decorrência das diferentes práticas e relações sociais que se desenvolvem no âmbito da urbe. Como menciona a historiadora Fraya Frehse, as diferentes relações sociais coexistem no espaço urbano possuindo idades distintas<sup>50</sup>. Assim, enquanto o trânsito das quitandeiras ou a presença dos carros de bois nas ruas da urbe indicam a permanência de uma temporalidade que se remete ao passado colonial das cidades brasileiras, a aparição de automóveis, bondes elétricos, trazendo novos personagens como o chauffeur e o condutor, por sua vez, parece expressar as características de uma nova ordem social, fruto de um processo de modernização por que passam as cidades entre o final do século XIX e os primeiros decênios do século XX.

Em Sorocaba, no decorrer das primeiras décadas do século passado, essa miscigenação temporal vai se tornando mais complexa. Ainda em 1913, o prefeito municipal publica um edital com o propósito de regulamentar a circulação de automóveis na cidade. Os artigos do regulamento procuravam, dentre outras medidas, controlar a expedição da carta de habilitação

---

<sup>48</sup> GASPAR, Antônio Francisco. *Sorocaba de ontem*. Op. cit., pp. 39-43.

<sup>49</sup> *Camara Municipal, Lei nº 103. Cruzeiro do Sul*, 02/07/1913.

<sup>50</sup> FREHSE, Fraya. *Entre o passado e o presente, entre a rua e a casa*. 1999, pp. 14-19.

para os motoristas, sendo que os pré requisitos exigidos para um chauffeur eram prudência, sangue frio e visualidade. Além de estipular os limites de velocidade em diferentes locais da cidade.<sup>51</sup>

Tais medidas se faziam necessárias, uma vez que começavam a ser noticiados os primeiros acidentes envolvendo automóveis. A grande maioria das vítimas eram crianças que já não podiam mais brincar despreocupadamente pelas ruas da cidade. Por exemplo, em setembro de 1913 a imprensa informa sobre um grave acidente ocorrido na rua da Penha, uma das principais vias da cidade. Num domingo à tarde, o chauffeur Alfredo Schonor atropela a menina Maria de Figueiredo, de 10 anos de idade, que, segundo a nota publicada no jornal *Cruzeiro do Sul*, “imprudently atravessava a rua na ocasião.” Esse comentário é significativo, pois a reportagem menciona que o chauffeur, pressentindo que era perseguido pela polícia, foge do local não sendo preso. Não se fica sabendo se o foi posteriormente, provavelmente não. Mas há o cuidado em inocentá-lo do desastre, a culpa, portanto, seria da menina imprudente, dos pais da criança que a deixam de maneira irresponsável brincar no meio da rua e da polícia pela falta de fiscalização. A reportagem ainda fazia referência à lei decretada pela prefeitura, mencionada acima, sobre a circulação dos automóveis que deveria evitar no futuro desastres como esse.<sup>52</sup>

Evidentemente, a legislação não impediu a ocorrência, cada vez em maior número, dos desastres envolvendo automóveis na cidade. Mas a legislação procurava se adequar ao gradativo aumento do tráfego de automóveis e demais veículos pelos logradouros da urbe. Dessa forma, no início de 1924, o prefeito João Clímaco Pires decreta a Lei de número 179, sobre a questão dos diferentes veículos na cidade. Os automóveis eram “agraciados” com todo um capítulo, indicando o aumento de sua importância.<sup>53</sup>

---

<sup>51</sup> *Edital. Acto nº 1 de 8 de julho de 1913. Cruzeiro do Sul, 10/07/1913.*

<sup>52</sup> *Cruzeiro do Sul, 30/09/1913.*

<sup>53</sup> *Lei nº 179. Cruzeiro do Sul, 20/01/1924.*

No entanto, a despeito das tentativas de regulamentação, a presença dos automóveis e o comportamento dos chauffeurs não deixavam de gerar reclamações. É o caso de um leitor que tem a sua carta publicada pelo *Cruzeiro do Sul*, exatamente um ano após a promulgação da Lei nº 179. O missivista informava sobre a presença, naquele momento, de cerca de 200 automóveis circulando pela cidade, o que deveria exigir um regulamento mais severo, visando ao controle desse trânsito. Não se pode dizer ao certo se o leitor desconhecia a legislação anterior ou se, simplesmente, a considerava insuficiente. De qualquer forma, a suas principais reclamações estavam relacionadas ao controle da velocidade dos autos, à relação, nem sempre amistosa, entre os bondes elétricos e os automóveis e ao péssimo costume dos chauffeurs de transitarem dentro do perímetro urbano com os escapamentos abertos de seus carros, o que produzia um barulho ensurdecedor e irritante.<sup>54</sup>

Essa carta teve um pronta resposta, alguns dias depois, com a publicação pelo *Cruzeiro*, de uma outra carta, dessa vez defendendo o serviço de veículos na cidade e acusando de mal fundamentas as reclamações do leitor. Nesse sentido, o autor da segunda carta fazia referência à existência de leis municipais que procuravam regulamentar o trânsito de veículos no município; afirmava que muitos motoristas estavam sendo multados por excesso de velocidade, como também por andarem com seus automóveis com o escapamento aberto no perímetro urbano. Infrações, aliás, coibidas pela referida legislação. O leitor parece ter a preocupação de defender não apenas a legislação, mas também as autoridades municipais responsáveis pela sua efetiva aplicação, o que, pela sua perspectiva, estava ocorrendo a contento. Mas certamente o mais interessante do texto é o trecho no qual se aborda também o papel que os pedestres deveriam desempenhar nessa questão. Nesse ponto, o autor menciona a situação dos grandes centros, como o Rio de Janeiro e São Paulo, nos quais os pedestres já teriam aprendido como se comportar adequadamente nas ruas. Especialmente quando

---

<sup>54</sup> *Cruzeiro do Sul*, 10/01/1925.

circulam fora dos passeios e no centro das ruas, lugar, aliás, destinado aos veículos, tomando assim as devidas precauções necessárias para que não venham a sofrer nenhum acidente. Ora, Sorocaba já estava se tornando um centro urbano de acentuada atividade, o que exigiria uma adaptação dos pedestres a esse novo ritmo urbano.<sup>55</sup>

Também em 1925, o jornal *Correio de Sorocaba* informava sobre um protesto publicado no *O Estado de São Paulo* contra o abuso de velocidade dos automóveis na cidade de São Paulo. A nota relatava que, em São Paulo, quatro crianças tinham sido mortas, num só dia, vítimas de atropelamentos pelos automóveis. Em Santos, numa semana, chegavam a vinte o número de feridos por atropelamentos provocados pelos autos. O texto arrematava fazendo referência à situação em Sorocaba: “*Nós já temos também aqui reclamado contra a vertigem da velocidade automobilística de alguns chauffeurs não muito conscienciosos.*”<sup>56</sup>

Em 1914 e 1915, a cidade vivia a expectativa pela introdução de um outro moderno meio de transporte, este de impacto social muito maior: o bonde elétrico. No entanto, do ponto de vista sensorial, quer dizer, da necessidade de adaptação da população aos novos artefatos tecnológicos que começavam a marcar presença no espaço urbano, parece que o automóvel exigiu um esforço maior. Pensando, aqui, as colocações de Walter Benjamin acerca do comportamento das multidões nas cidades modernas e a sua necessidade de se adaptar à circulação na cidade grande, “O mover-se através do tráfego implicava uma série de choques e colisões para cada indivíduo. Nos cruzamentos perigosos, inerções fazem-no estremecer em rápidas seqüências, como descargas de uma bateria.” Mencionando as percepções de Baudelaire sobre esse tema, o pensador alemão fala de “experiência do choque” a que é submetido o habitantes das cidades modernas, transformando-os em “um caleidoscópio dotado de consciência.” Pois, a partir desse momento, são obrigados a circular pelas ruas da

---

<sup>55</sup> *Cruzeiro do Sul*, 14/01/1925.

<sup>56</sup> *Correio de Sorocaba*, 11/01/1925.

cidade tendo de, forçosamente, se orientar pelos sinais e pelos fluxos do trânsito. Dessa forma, “a técnica submeteu (...) o sistema sensorial a um treinamento de natureza complexa.”<sup>57</sup>

O historiador Ben Singer, partindo dessas asserções benjaminianas, procurou estudar e historicizar o impacto ocasionado pela introdução dos modernos artefatos tecnológicos em algumas cidades norte-americanas, entre o final do século XIX e os primeiros decênios do século XX. Ao mencionar os novos perigos presentes num ambiente urbano tecnologizado, um destaque especial é dado aos bondes elétricos, em suas primeiras aparições, provocando desastres e atropelamentos pavorosos. Porém essa primazia duraria pouco tempo e os bondes rapidamente seriam literalmente ultrapassados pelos automóveis como um perigo iminente aos pedestres.<sup>58</sup> Foi o que ocorreu na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX, quando, mais precisamente, no final de década de 1910, a população, já habituada à cadência dos bondes, passa a temer a velocidade desabusada dos autos.<sup>59</sup>

Os bondes elétricos em Sorocaba, a despeito das fortes impressões causadas pelas suas primeiras aparições nas ruas da cidade, nunca chegaram a competir em termos de perigo para os transeuntes com os automóveis. Esse aspecto certamente está relacionando à especificidade do processo de urbanização de uma cidade do interior. Assim, a despeito da surpresa tecnológica representada pelos bondes, esses artefatos parecem ter adaptado a sua velocidade aos ritmos da Sorocaba do início do século passado, além disso, cobrindo um perímetro que logo se tornaria insuficiente. Ao contrário dos automóveis que, já no início da década de 1910, como referido acima, começaram a colocar em perigo a vida da população, os primeiros acidentes fatais envolvendo bondes elétricos só seriam relatados na década de 1930, ou seja,

---

<sup>57</sup> BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 1994, pp. 124-125.

<sup>58</sup> SINGER, Ben. *Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular*. 2001, pp.115-148.

<sup>59</sup> Sobre a participação da Light em São Paulo e a presença dos bondes elétricos na cidade ver. CARVALHO, Rogério Lopes Pinheiro de. *Ritmos e impressões: modernidade e cosmopolitismo em São Paulo – 1899-1920*. 2003.

quase vinte anos após a inauguração desse serviço urbano. Ainda assim, o mais pavoroso deles ocorreu não em função da velocidade do bonde elétrico, mas por um descuido do passageiro que ao descer do veículo perde o equilíbrio e aí acontece a tragédia, pois é projetado entre o bonde e o reboque tracionado pelo bonde. A roda do reboque acaba passando pela cabeça do infeliz passageiro, *separando-a completamente do corpo, de maneira horrível.*” No depoimento prestado à polícia, o motoneiro afirmou que o passageiro após dar o sinal de parada ao bonde, não esperou que esse estacionasse completamente para descer do veículo.<sup>60</sup>

Em 1927, Diogo Moreira Salles publica, no *Correio de Sorocaba*, um interessante artigo sobre as condições do trânsito urbano em Sorocaba. Começa relatando o crescente número de desastres de automóveis ocorridos na cidade, cujas maiores vítimas eram as crianças. E coloca:

*Mais tarde, infelizmente, serão communs pois que as condições do trafego em nossas ruas cada dia se vão tornando peiores. Ruas estreitas, umas, tortuosas outras, fazem cantos tão vivos que os transeuntes, mesmo que estejam na plena posse dos seus sentidos visuaes e auditivos, podem ficar debaixo de um auto em consequencia dos obstáculos que se lhes apresentam habitualmente.*

*Quando não são esses empecilhos naturaes, agglomeram-se, em alguns pontos, número grande de vehiculos parados, que tomam quasi a rua toda, e, um infeliz, que queira ir de uma calçada a outra, paga, muitas vezes, a sua temeridade, com a vida.*

E não bastassem as coloniais ruas estreitas da região central, havia também o abuso dos chauffeurs que transformavam algumas vias da cidade em verdadeiros circuitos para competições automobilísticas. Era o caso da Rua São Bento, na qual os autos desciam em grande velocidade, alcançando o entroncamento dessa rua com as ruas Rio Branco e Quinze de Novembro e, entrando nesta última, em forma de funil, *“bastando que um bonde se interponha para que haja virtualmente um desastre.”*

---

<sup>60</sup> *Cruzeiro do Sul*, 24/12/1934.

Mas a culpa, segundo Moreira Salles, não deveria ser imputada unicamente aos motoristas, pois justamente nos pontos de trânsito mais perigosos não se encontrava a postos um inspetor de veículos. Além disso, deveria ser corrigido o sentido de circulação dos carros em muitas ruas; outras vias, que começavam a receber um trânsito intenso, necessitavam de um calçamento condigno. Outro ponto abordado pelo editor do *Correio de Sorocaba* era o difícil acesso à estação ferroviária. “*Para se conseguir chegar a ella temos que passar por um verdadeiro labyrintho. Resolveria, em parte, este assumpto o nosso projecto do prolongamento da rua da Penha até a rua Souza Pereira.*” Tal prolongamento era uma reivindicação constante de Moreira Salles e, conseqüentemente, do grupo oposicionista a liderança de Campos Vergueiro na cidade. Para Moreira Salles, a obra melhoraria em muito a circulação de veículos na cidade, pois “*Rua central, como é a rua da Penha, direita e de quasi um kilometro de extensão, se transformaria assim numa artéria que distribuiria, esplendidamente todo o movimento urbano.*”<sup>61</sup>

Tal proposta foi efetivamente aventada pelo prefeito João Machado de Araújo, que chegou ao poder derrotando, finalmente, Campos Vergueiro e com o apoio de velhos setores oposicionistas na cidade como Porfírio Loureiro, além, é claro, de Moreira Salles e do *Correio de Sorocaba*. Porém, com a eclosão da Revolução de 1930 e a deposição do prefeito, todos os projetos são paralisados.

Vinte e um anos depois, em 1950, com uma cidade maior e mais complexa, o velho projeto é finalmente posto em prática.<sup>62</sup>

*Para o futuro*, esse era o título do referido artigo escrito por Diogo Moreira Salles. Escrito em 1927, o texto procurava realizar uma abordagem prospectiva sobre o trânsito em Sorocaba. Muitas de suas considerações se mostravam razoáveis, como no caso do prolongamento da rua de Penha, transformando-a em principal artéria para o fluxo do trânsito na cidade. Mas o que esse texto também revela é o momento no qual o crescimento da cidade

<sup>61</sup> *Correio de Sorocaba*, 28/08/1927.

<sup>62</sup> *Folha Popular*, 31/08/1950.

e o seu planejamento passam a obedecer uma lógica específica, qual seja, aquela relacionada à circulação de veículos e ao controle de seus fluxos. Era o que já estava acontecendo de maneira intensa nos grandes centros urbanos do país, como São Paulo. Com efeito, no final de década de 1920, discute-se, em São Paulo, a proposta do “Plano de Avenidas” de Prestes Maia; projeto que compreendia a execução de um sistema de avenidas formando “uma grelha radial perimetral”. Como coloca Raquel Rolnik, “a concepção urbanística proposta por Prestes Maia em 1924 e iniciada por Pires do Rio se opunha a qualquer obstáculo físico para o crescimento urbano ou a qualquer definição a priori de um limite para o crescimento da cidade. Essa posição era totalmente compatível com a necessidade de espalhar uma cidade considerada densa e explosiva.”<sup>63</sup> A efetivação completa dessas propostas só iria ocorrer com a chegada de Prestes Maia ao cargo de prefeito no início da década de 1940. Dessa forma, consolida-se, em São Paulo, o modelo rodoviarista, ou seja, transporte sobre pneus; avenidas são criadas, rios e córregos são canalizados, construindo-se as marginais paralelas aos rios Tietê e Pinheiros.<sup>64</sup>

Sorocaba, evidentemente, estava muito longe desse cenário no final da década de 1920, no entanto, a partir de textos como o de Moreira Salles é possível identificar um direcionamento no que se refere às propostas urbanas para a cidade. Tais registros, portanto, possuem um caráter arqueológico que nos permite compreender a origem dos sentidos tomados no processo posterior de modernização/transformação da urbe. Assim, nas décadas seguintes a 1930, a malha urbana se expande, assim como o trânsito na cidade. Com o passar dos anos, como aliás sugeria o texto de Moreira Salles, a área compreendida pelo centro histórico começava a se tornar insuficiente para dar vazão ao trânsito de automóveis, ônibus e caminhões. (Os bondes elétricos encerrariam prematuramente as suas atividades em 1958)<sup>65</sup>.

---

<sup>63</sup> ROLNIK, Raquel. *São Paulo*. 2002, pp. 31-33.

<sup>64</sup> *Idem.*, pp. 33-34.

<sup>65</sup> Cf. Capítulo VI.

Na década de 1960 é elaborado um Plano Piloto para o Desenvolvimento do Município. Dentre outros aspectos, o plano previa a construção de avenidas perimetrais, circundando a área urbana, numa abordagem muito parecida com o Plano de Avenidas de Prestes Maia. Efetivamente, apenas uma dessas avenidas foi construída, posteriormente denominada avenida Dom Aguirre, margeando o rio Sorocaba.<sup>66</sup> Pois bem, Sorocaba passava a ter também a sua marginal em escala minúscula se comparada a sua congênere paulistana. Em que pese as particularidades de cada cidade, no caso de Sorocaba, as conseqüências plenas dessa lógica seriam sentidas já nos últimos decênios do século XX, quer dizer, o desenvolvimento urbano voltado quase que exclusivamente para os veículos motorizados e com primazia do transporte individual sobre o transporte público, a despeito da retórica dos poderes oficiais. O resultado é o mesmo: congestionamento, poluição, violência no trânsito, caos urbano, pois, como apontou André Gorz, uma vez dentro desse ciclo infernal, de nada adianta construir vias expressas, marginais, túneis, viadutos, elevados, estradas com pedágio, pois quanto mais espaço houver para os carros, mais os carros tomarão esse espaço e mais congestionamentos se terá.<sup>67</sup>

Como vimos procurando demonstrar, no início do século XX, o advento de modernos artefatos tecnológicos estava, mesmo que de modo ainda incipiente, modificando a paisagem urbana, acarretando novos ritmos e percepções de tempo e espaço. Mas, nesse momento, ocorre também a interação de novos e antigos habitantes: os imigrantes, o caboclo e os escravos, com suas práticas e costumes.

Em uma de suas crônicas mais inspiradas, Gêbê nos dá algumas pistas sobre o encontro de temporalidades no espaço urbano:

*Uma noite desta, estávamos, um bandão, em uma festa e la pelas tantas a luz, que não é de ferro, despediu-se á franceza e foi-se para as profundezas do inferno; ficamos ás escuras como é lógico e ás apalpadellas; o Luiz, um rapaz (ainda) que não é nada 'feio' e nem 'artu', começou a riscar phosporos e depois de pensar um pouco, dissenos, muito desconfiado: Ah! Si*

<sup>66</sup> FRIOLI, Adolfo, BONADIO, Geraldo. *Sorocaba 350 anos: uma história ilustrada*. 2004, pp. 276-279.

<sup>67</sup> GORZ, André. *Le Sauvage*, Setembro-Outubro de 1973.

*eu não tivesse família, ia embora agora mesmo nem que soubesse de levar uma bala pelo 'canastró'!*

*Ora, o Luiz teve razão em dizer isso, porque, andar-se no escuro pelas nossas vias, actualmente, é um perigo, anda por ahí cada cara que mete medo até á uma estatua de granito...cada 'lúcifer'!*

*Eu, quando vejo às modas pararem nesse ponto, sinto uma 'cociquinha' em baixo do queixo e trato logo de me benzer e rezar.*

*Mas, como é este mundo! Outros já não fazem isso, olha eu conheço um moço bastante amigo, correligionário político (...) que todas as noites sobe a rua de São Bento em companhia de um amigo e como é natural, compra uma vela de cebo na venda da esquina e vai accendel-a ao pé de uma cruz que tem no fim da rua 7 de Setembro.*

*A minha curiosidade não teve socego; sem mais, nem menos perguntei ao novo devoto, que história era aquella de acender velas n'aquella cruz, todas as noites e então explicou-me elle, dizendo ser promessa que fez para casar-se logo e para não ser assombrado pelas 'visões' que andam por ahí fora de horas, ao ouvir essas palavras o João Marciano, que estava presente, desandou a rir e depois disse muito concho: esse Egydio tem cousas!...<sup>68</sup>*

Tem-se a impressão de que a ausência de luz elétrica, mais uma falha da *São Paulo Electric* aliás, dá vazão a uma série de receios e crenças. Fazendo vir à tona algo que boa parte da elite da cidade queria fazer desaparecer, justamente as velhas práticas de uma Sorocaba vetusta. Tempos em que a cidade era parcamente iluminada por lampiões de azeite e que quando o sinete da Matriz badalava as nove horas da noite – indicando o sinal de recolhida – as ruas se tornavam ermas e com o bruxulear dos lampiões mergulhadas na escuridão.

À época, a região mencionada na crônica era um dos arrabaldes da cidade. Todo o território que englobava o Largo da Independência, o início da rua do Cerrado, antigo caminho de entrada das tropas na cidade, e o final das ruas 7 de Setembro e Penha, quando estas alcançavam a rua Moreira César, era conhecida, desde priscas eras, como Pito Aceso. Gêbê já tinha feito menção ao local em sua crônica sobre o automóvel e o carro de bois<sup>69</sup>. Nomes como rua dos Prazeres, rua da Boa Vista de Cima, rua de Baixo, rua da Bica, rua dos Morros, Beco do Inferno, representavam por si só arcaísmos de outras épocas. Denominações deliciosas, mas que irritavam profundamente alguns jornalistas preocupados em livrar

<sup>68</sup> *Diário de Sorocaba*, 29/04/1914.

<sup>69</sup> Cf. Anexo, detalhe 2, p. 331

Sorocaba dessas excrescências de antanho, pois não eram condizentes com a modernização republicana. É o caso de Oliveira Mesquita que escreve em 1913: “*Em Sorocaba, como em todas as cidades, existem ruas cujos nomes são tão esquisitos quanto ridículos.*”<sup>70</sup> Mas esses nomes ficavam arraigados na memória da população, pois tinham uma profunda ligação com suas práticas e o espaço no qual elas se realizavam.<sup>71</sup> É o caso do Pito Aceso, que levava esse nome por ser o local onde os escravos costumavam fumar os seus cachimbos de barro e conversar, sentados nas soleiras das casas.

Segundo Câmara Cascudo, “fumar, em tupi, é *pitar*, do verbo *pitéra*, chupar. Decorrentemente, *pito* é cachimbo, e *piteira*, por onde se fuma ou chupa o tabaco (...)”<sup>72</sup> Portanto, de origem tupi-guarani, o termo foi apropriado pelos escravos da cidade e por todos os seus habitantes, denominando o que deveria ser uma das regiões mais interessantes da Sorocaba antiga. Indicando também o alto índice de miscigenação entre os grupos de várias etnias desde os tempos da colônia.<sup>73</sup>

Conforme escreve o memorialista Antônio Francisco Gaspar, “como ali não havia lampiões nem luz elétrica, os pitos acesos das velhinhas e velhos de cor, com seus canudos cumpridos, conforme a usança dessa gente, pareciam vagalumes a divagarem na escuridão e foi por isso que esse trecho da atual Praça 9 de Julho [antigo Largo da Independência] ficou batizado com essa alcunha.”<sup>74</sup>

<sup>70</sup> *O Jornal*, 21/12/1913.

<sup>71</sup> As ruas das cidades brasileiras dos tempos coloniais e imperiais recebiam as suas denominações, via de regra, em decorrência de referências físico-naturais ou construídos, como rua dos Morros, rua Direita, rua da Ladeira, rua da Ponte; por referências históricas ou socioculturais: Largo da Força, rua do Ferreiro, rua da Quitanda; ou, finalmente, por nome de pessoas, mas não de maneira impessoal como na República, por exemplo, Beco do Barriga. SOUZA, Célia Ferraz de. *O sentido das palavras nas ruas da cidade. Entre as práticas populares e o poder do Estado*. In: *Palavras da cidade*. 2001, p. 141.

<sup>72</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 2002, p. 92.

<sup>73</sup> “Por 1800 a mestiçagem era tremenda entre as classes inferiores das três etnias agora só pelos estímulos da natureza e pela falta de recursos para sustento de família; antes por interesse vil dos senhores, que apreciavam bem os frutos escravos de suas negras.” ALMEIDA, Aluísio de. *Vida quotidiana da capitania de São Paulo – 1722-1822*. 1975, p. 21.

<sup>74</sup> GASPAR, Antônio Francisco. *Minhas memórias: Sorocaba – São Paulo – Santos e viceversa período 1896 a 1909*, .1967, p. 168.

Esse arrabalde era cheio de histórias interessantes, havia, inclusive, a fama do lugar ser um dos mais mal-assombrados da cidade. E, nesse sentido, é importante mencionar que a lendária Sorocaba era rica em “causos” sobre diversas aparições de almas penadas. Francisco Gaspar registra uma dessas histórias que os antigos sorocabanos conheciam, sobre um vulto que sempre aparecia às sextas feiras, à meia noite, junto a um antigo casarão todo feito de taipa de pilão que se situava no final da rua da Penha, próximo, portanto, ao Pito Aceso. O tal vulto socava um pilão<sup>75</sup>, “fazendo o rolar depois, pela rua da Penha abaixo. Rodando em vertiginosa carreira, o pilão torcia a rua das Flores [Monsenhor Soares], embocava no Largo do Rosário [Praça Ferreira Braga], e, seguindo a Rua Padre José Manuel, atirava-se, com estrondo, nas águas do rio Sorocaba, desaparecendo.”<sup>76</sup>

Gilberto Freyre, ao abordar as assombrações do Recife antigo, menciona a escuridão que envolvia o burgo colonial, “cujas casas se iluminavam a azeite ou a vela”. Assim, quem resolvesse circular pelas ruas ermas à noite se fazia acompanhar de um escravo com lanterna ou lançava mão de um lampião particular. “Só na segunda metade do século XIX apareceram nas casas – as mais fidalgas já iluminadas a vela nos dias de festa e até nos comuns – os candeeiros belgas, os candeeiros de querosene, as lâmpadas de álcool, os bicos e as lâmpadas de gás. Luz mais brilhante que a antiga e que foi afugentando os fantasmas não só das ruas como do interior das casas. Obrigando-os a se refugiarem nos ermos, nos cemitérios, nas

---

<sup>75</sup> Como assinala Câmara Cascudo, o pilão de fogo é uma superstição presente no interior paulista, tendo como base a aparição de um “pilão misterioso que surge de surpresa “pelas estradas, rolando, atrapalhando os viajantes e mesmo perseguindo-os, com um barulho atordoante. As vezes surge coberto de fogo e dessa forma acompanha os espavoridos tropeiros.” CASCUDO, Luís da Câmara. Op. cit., p. 515. A Revista do Arquivo Municipal também coletou alguns relatos acerca do pilão de fogo: “Conta-se que certa vez foi encontrado por um casal de fazendeiros uma criança abandonada. Acolheram-na, mas, logo que a puseram na carroça, os cavalos negaram-se a andar. Voltando a deixá-la no chão, ela se transformou num pilão de fogo e foi rolando pela estrada a fora. (Campinas – São Paulo). Também se chama ‘pilão rolante’ que sob a forma de um pilão que vai rolando, assusta as pessoas pelos caminhos (Vila do Juqueri – S. Paulo). É um pilão que aparece nas estradas todo em chamas (Capital – S. Paulo) Também chamado ‘pilão branco’ aparece sempre depois da meia-noite de quinta para sexta feira; rola atrás das pessoas pelas estradas, fazendo um barulho medonho (M’Boi – S. Paulo)” *Folclore Nacional* – Separata da Revista do Arquivo Municipal – Divisão do Arquivo Histórico. São Paulo, 1948, p. 21.

<sup>76</sup> Idem., p. 148. Vó Cida, uma das moradoras mais antigas e queridas da cidade, em entrevista a nós concedida, também relata essa e outras histórias, o que indica a sua persistência no imaginário popular.

ruínas, nos restos de igrejas, de conventos, de fortalezas, nos casarões abandonados, nas estradas tão sombreadas de arvoredo a ponto dessas sombras abafarem a própria luz dos lampiões de gás.”<sup>77</sup>

Esse cenário descrito pelo autor pernambucano se aproxima em grande medida das características e atmosferas da Sorocaba dos tempos antigos, aspectos esses ainda muito presentes na cidade nos primeiros anos do século passado.

Ao longo do século XIX, os pequenos sinos da Matriz anunciavam o toque de recolher às nove horas da noite. As ruas da cidade ficavam praticamente desertas. Como nos conta o memorialista Francisco Gaspar, depois dessa hora poucos se atreviam a sair de suas casas e só o faziam por algum motivo de urgência. “*As casas fechavam-se e a população ia descansar,*” escreve Renato de Sá Fleury. Porém havia sempre os pândegos a desrespeitar os costumes avoengos. Esses saíam às ruas com o propósito de apagar os lampiões a pedradas ou até mesmo com tiros de garrucha. Isso feito, cobriam-se com grandes lençóis e velas acesas fingindo-se de fantasmas; circulavam pelas ruas mais desertas amedrontando os retardatários que voltavam para a suas casas.<sup>78</sup>

Em 1928, o jornal *Correio de Sorocaba* publica um texto de autoria de Augusto Moreira da Costa Camargo, sobre as assombrações na cidade. O autor atribui as aparições fantásticas às crendices e superstições populares. O Brasil, além dos seres fantásticos de origem estrangeira como lobisomens, bruxas e duendes, possuía as suas criaturas fantásticas de caráter genuinamente nacional, como o saci, o caipora, o boitatá, o curupira, em diferentes variações conforme a região. Sorocaba, como cidade colonial, não poderia ficar de fora dessa tradição, sendo rica em relatos de casos fantásticos e assombrações.

Um dos aspectos mais interessantes do texto se deve ao fato do autor procurar realizar

---

<sup>77</sup> FREYRE, Gilberto. *Assombrações do Recife velho*. 1970, pp. 12-13.

<sup>78</sup> *A vida de Sorocaba*, 29/01/1933.

um mapeamento dos pontos mais assombrados da cidade. A começar pela lendária ponte sobre o rio Sorocaba que ligava as duas partes da cidade, o centro histórico e a região que se situava além da ponte. Esse era o local onde, na época das feiras, cobrava-se o imposto sobre as tropas de mulas e boiadas que atravessavam o rio e seguiam para a cidade de São Paulo, Minas, Rio de Janeiro e demais regiões do país. Na ponte havia um portão com cobertura de telhas, junto do qual se postava um soldado para fiscalizar a cobrança. Com a República se extingue o imposto, mas o posto do fiscal não foi removido. Assim, o que se contava é que o lugar passou a ser freqüentado por uma alma do outro mundo, mais precisamente na figura de uma pequena mulher. Quando um retardatário passava por lá, a assombração o seguia até a porta da casa, desaparecendo depois de algum tempo. De nada adiantava fugir, o que quase sempre acontecia, aliás, pois a figura de mulher perseguia o transeunte apavorado até o ponto de se debruçar sobre ele. Um detalhe interessante é que o fantasma nunca incomodava quem se dirigia do lado oriental, além ponte, para a cidade, somente os que faziam o percurso inverso.

Ao atravessar a ponte à direita, tinha início a principal rua dessa região da cidade, a rua dos Morros [atual Nogueira Padilha]. Essa via era assombrada por um trole encantado, tocado por uma parelha de bestas pretas, conduzido por um cocheiro, levando como passageiro um homem de jaquetão escuro e chapéu de abas largas. Dizia-se que se tratava da alma penada de um fazendeiro que tinha sido cruel com os seus escravos.

A região do Cemitério Municipal, nem poderia ser diferente, era outra região da cidade rica em aparições fantásticas. Espectros eram observados saindo e entrando pelo portão principal, outros asseguravam ter avistado, nas madrugadas, uma capela aberta com todas as velas acesas.<sup>79</sup>

Francisco Gaspar também menciona esse local em seu livro *Minhas Memórias*, através

---

<sup>79</sup> *Correio de Sorocaba*, 22/08/1926.

das aventuras do menino Antonico, seu alter ego, que tinha como propósito desmascarar essas histórias. Assim, Gaspar chama de incautas as pessoas que diziam ter se deparado com uma visão, esguia e branca, a vagar pelos ciprestes no interior do Cemitério. Antonico se mostrava absolutamente cético em relação às supostas assombrações. Para Gaspar, o que havia de concreto em torno do Cemitério era a presença constante de trovadores enamorados a fazer serenatas para as suas amadas a altas horas da noite. E nada poderia demovê-los dessa prática, nem mesmo o conselho dos moradores sobre o perigo que corriam de serem assombrados por um fantasma horrível que vagava por ali nas horas mortas da madrugada. Antonico também circulava pelo local à procura dos supostos fantasmas. No interior do Campo Santo ouvia rumores estranhos e singulares, mas sabia que se tratava de combustões por causa da decomposição dos ossos, “os quais, contendo fósforo, produzem ao contato do ar, uma luz fraca, visível somente na obscuridade.” Tratava-se, portanto, de fogos fátuos, sempre presentes sobre o chão de cemitérios e regiões pantanosas. O menino na sua ronda ouve um som de violão e uma cantoria desafinada. Eram dois seresteiros a perturbar o silêncio da noite. Eles cantavam uma modinha: “*Perdão, Emília, se roubei-te a vida,/se fui impuro e cruel, ousado!/Perdão Emília, se manchei teus lábios,/Perdão Emília, para um desgraçado!*” Antonico já tinha decidido pregar uma peça nos cantores e responde do interior do cemitério “com voz rouquenta e pausada”: *Estás perdoado!* Os dois cantores apavorados descem a Rua do Cemitério [atual Hermelino Matarazzo] numa desabalada carreira e quando alcançam as margens do rio Supiriri notam que um estava apenas com o braço do violão e o outro somente com o cabo do guarda-chuva.<sup>80</sup>

Em outra edição do *Correio de Sorocaba*, Augusto Moreira Camargo continua a escrever sobre as regiões assombradas da cidade. E faz referência a um local conhecido como Cruz de Ferro. Esse local ficava distante do perímetro urbano, para alcançá-lo era preciso

---

<sup>80</sup> GASPAR, Antônio Francisco. *Minhas memórias*. Op. cit., pp. 141-146.

tomar a rua Ipanema e depois a estrada de rodagem. A cruz está situada, até os dias de hoje, na bifurcação entre a estrada que leva até a Fazenda Ipanema e o caminho para a cidade de Porto Feliz. A cruz tinha sido a primeira peça fundida em Ipanema, em 1818. Ao longo do século XIX, aquele local ganhou fama por ser um dos pontos preferidos de esconderijo dos escravos fugidos. Segundo a tradição, à noite a área era tomada por seres fantásticos que saíam pelas encruzilhadas dos caminhos. Às sextas feiras à noite, viam-se vultos cobertos em longos lençóis brancos, ajoelhados, fazendo orações diante da cruz. Em função dessa fama, quase ninguém tinha coragem de cruzar aquele lugar nas horas mortas da noite.<sup>81</sup>

Infelizmente o autor não continuou a escrever sobre o tema, apesar da promessa de continuação. Talvez por isso não tenha chegado a mencionar outros locais célebres da Sorocaba antiga, por exemplo, como conta, em suas memórias, Caputti Sobrinho, uma região próxima ao rio Supiriri e a aos pontilhões da Estrada de Ferro Sorocabana, que acabou por ligar a cidade à chácara do Barão, onde atualmente está situada a Praça da Bandeira. Com o tempo e o contínuo trânsito de carros de bois e tropas, o lugar foi se esburacando e afundando, ficando conhecido por essa razão como Caminho Fundo. Além disso, o local possuía outra peculiaridade, o de ser considerado um dos pontos mais mal assombrados da cidade. “À noite apareciam visões horrendas sob as frondosas aroeiras, jabolizeiros, ingazeiros e cambarás, que formavam um verdadeiro túnel, o qual ninguém ousava transitar caída a noite.”<sup>82</sup>

Esses eram alguns espaços de personagens e práticas antigas, remontando a um imaginário que vinha dos tempos da cidade colonial e imperial e que, no período abrangido por esta pesquisa, começavam a se transformar e abranger outros personagens e realidades.

Era o caso do já mencionado Pito Aceso, nas primeiras décadas do século passado, a imprensa retratava aquele local quase sempre de maneira depreciativa, descrevendo-o como

---

<sup>81</sup> *Correio de Sorocaba*, 26/08/1926.

<sup>82</sup> SOBRINHO, Caputti. *Minha terra, minha gente*. 1995, pp. 131-132.

um espaço da cidade freqüentado por pessoas consideradas suspeitas, o rebotalho da sociedade, ou seja, prostitutas, vagabundos, mendigos. No início da década de 1910, um botequim situado na região do Pito Aceso, conhecido como Anjo da Meia-Noite, se tornou célebre pela sua péssima fama. Pois ali se reuniam desordeiros, prostitutas, jogadores e valentões de toda a espécie. É interessante notar que a própria referência que a imprensa fazia ao local em sua denominação antiga, ou seja, Pito Aceso, já indicava o tom depreciativo das reportagens.<sup>83</sup>

Gêbê em sua crônica, faz referência a uma cruz no fim da rua 7 de Setembro, algo significativo, pois nos remete a uma antiga prática da população sorocabana que envolvia a construção de cruzes e capelinhas em vários pontos da cidade. Uma vez mais recorremos a Francisco Gaspar que, em um de seus trabalhos, procurou recuperar, com grande lirismo, um pouco desses antigos costumes. Segundo o memorialista, “conforme a usança antiga, no lugar onde expirava alguém, era colocada uma cruz, assinalando assim o local em que o indivíduo entregava a alma ao criador.”<sup>84</sup> Construía-se também capelinhas onde o povo se dirigia para expressar seus sentimentos religiosos. Gaspar também alude a existência de uma cruz na rua 7 de Setembro, contudo, podemos apenas indagar se essa é a mesma cruz a qual Gêbê se refere em sua crônica.

Francisco Gaspar escreve seu livro sobre Cruzes e Capelinhas em 1952, seu subtítulo: “tradições sorocabanas que desaparecem”, já dá o tom evocativo da obra. Uma vez que a maioria dessas construções havia desaparecido em decorrência da expansão urbana da cidade. O que motiva um versinho singelo do autor: “*tudo isso aos poucos vae se acabando, / é como a rosa se desfolhado!*” Lembrando que, além de ferroviário aposentado e estudioso das coisas

<sup>83</sup> *Cruzeiro do Sul*, 22/10/1910; 28/10/1910.

<sup>84</sup> GASPAR, Antônio Francisco. *Cruzes e capelinhas – tradições sorocabanas que desaparecem*. [s.d.], p. 57. O padre historiador Aluísio de Almeida, evidentemente, não poderia deixar de escrever sobre essas práticas: “Cada cruz tem uma estória e conta uma tragédia, que às vezes é apenas uma morte repentina.” *A cruz do Amâncio*. Manuscrito. Acervo do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba.

sorocabanas, Gaspar era amante das serestas, arriscando, inclusive, a confecção de alguns poemas...

A devoção do povo para com as cruzes e capelinhas não era bem vista pelos setores da sociedade local que almejavam a introdução e introjeção de valores por eles considerados modernos e, nesse sentido, mais “civilizados”. Assim, o jornal *O 15 de Novembro*, como o próprio nome indica, republicano de primeira hora, faz publicar em sua Seção Livre, a reclamação de um leitor contra esses arraigados costumes da população:

*Nesta cidade [...] existem arraigados costumes de se fazerem rezas em pequenas cappellas que existem por ahi a qualquer canto da cidade, como que não tivéssemos templos para esse fim.*

*Estas rezas que são verdadeiros pretextos religiosos, são ajuntamentos ilícitos, onde impera a bebedeira e depravações.*

*Algumas dessas capellas até servem de um meio especulatório, onde os incautos concorrem na sua boa fé para aquellas rezas.*

*Em face de tantos exemplos de desordens que dão causas estes ajustamentos, seria justo que a população não se fizesse apparecer em taes festas e tratassemos de acabar com esses costumes e pedindo aos poderes competentes uma medida qualquer que de fim a taes costumes, mormente hoje que se acha atesta de nossa igreja um homem illustrado, que no seu modo de proceder, dá provas de um verdadeiro vigario, não deixará de sua parte de por um paradeiros a estas cousas e bem assim a autoridades policiaes, muito deverá concorrer com o seu auxilio para um fim tão justo, acabando com estas immoralidades que se fazem com o nome de religião.*

*Negadas sejam as licenças.<sup>85</sup>*

Em sua veemente condenação, o missivista procura associar aquelas práticas religiosas tradicionais a bebedeiras, depravações e charlatanismo, chegando, inclusive, a criminalizar as reuniões em torno das capelinhas, contando com a atuação do “vigário ilustrado” e das forças policiais para a repressão a tais manifestações.

Nas primeiras décadas republicanas, em Sorocaba, esses velhos costumes ainda marcavam presença em vários pontos da urbe. Nesse sentido, escreve Aluísio de Almeida: “E as cruzes duram mais de século, se a picareta do progresso não as condenarem para o alargamento das ruas.”<sup>86</sup>

<sup>85</sup> *O 15 de Novembro*, 02/05/1895.

<sup>86</sup> ALMEIDA, Aluísio de. *A cruz do Amâncio*. Manuscrito. Acervo Instituto Histórico, Geográfico e

A “picareta do progresso” tinha a ver com o adensamento urbano da cidade, que começa a ganhar impulso a partir da década de 1920 e continuaria a se expandir pelas décadas seguintes. Resultado do crescimento populacional, particularmente da população operária. Conseqüentemente, ocorre um espraiamento mais intenso da malha urbana, o que, por sua vez, intensifica os problemas de infra-estrutura, como habitação e serviço de água e esgotos.

Dessa forma, durante a década de 1920, a imprensa intensifica os anúncios de novos loteamentos na cidade. Inclusive na região do Pito Aceso e ao longo da estrada do Cerrado [atual avenida General Carneiro] que começava a se urbanizar.

Nesse contexto, práticas, formas de sociabilidade e segmentos sociais que não se enquadravam no modelo da modernização conservadora proposto, via de regra, pelos próceres da República, acabavam sofrendo um processo de marginalização. Muitas vezes vítimas do preconceito, da exclusão social, são confinados às fimbrias do sistema de vida burguês e capitalista que estava se interiorizando nas relações de trabalho e nos modelos desejados de sociabilidade, obrigando esses segmentos a viver de expedientes e a buscar o mercado informal.<sup>87</sup>

Muitas dessas práticas sociais já vinham passando por uma tentativa de enquadramento desde meados do século XIX. Com efeito, essa preocupação no contexto sorocabano pode ser percebida já nas posturas publicadas em 1865, passando pelas leis de 1871, 1882, 1894, 1906 e 1915, a última publicada no período aqui enfocado. Assim, nas posturas de 1882<sup>88</sup>, em seu capítulo IV que tratava da “tranqüilidade e moral pública”, proibiam-se “as cantorias e dansas vulgarmente conhecidas por batuques, cateretês, fandangos e outros iguaes, sob qualquer denominação, dentro dos limites da cidade.” Também se

---

Genealógico de Sorocaba.

<sup>87</sup> PINTO, Maria Inez Machado Borges. *Cotidiano e Sobrevivência*. 1994, pp. 146-147.

<sup>88</sup> *Código de Posturas da Câmara Municipal de Sorocaba com regulamentos para a Praça do Mercado e Cemitério, anexos*. 1882, pp. 18-19.

proibiam tocatas, dansas e tumultos em armazéns, tabernas e botequins. A interdição a essas práticas foram recorrentes nos códigos seguintes, praticamente sem alterações. Fato que pode nos dar pistas sobre as formas de resistência por parte de seus praticantes. Particularmente no que diz respeito ao batuque, nos ensina Câmara Cascudo que “no final do século XIX e em pleno século XX, em São Paulo, nas regiões de Piracicaba, Sorocaba e mesmo na capital, dançava-se frequentemente o batuque, numa coreografia improvisada, que seguia o ritmo do tambu, quinjengue, matraca e guaiá. (...) Era dança freqüente também em Tietê, Porto Feliz, Laranjal Paulista, Capivari, Botucatu, Itu, Piracicaba e outros Municípios do estado de São Paulo, onde era tido como dança de terreiro, de origem africana, provavelmente de Angola ou Congo.”<sup>89</sup>

A imprensa da cidade, em algumas ocasiões, mesmo que através de um olhar via de regra preconceituoso, registrava a presença dessas práticas, por vezes através de fragmentos quase enigmáticos:

*Quem quer que passe às noites pelas bandas da rua da Penha ou da rua prof. Toledo, ouve os ensaios ruidosos da próxima congada, um clamor forte de vozes que se levantam ao céu, onde a lua espia às vezes pela nesga de uma nuvem.*

*E o alarido brutal e agreste que cresce e roda pezado pelos ares, escapam-se notas de uma vaga tristeza, de uma saudade longínqua que fica boiando á flor dos sons ásperos e cheios de arestas da grita cadenciada.*<sup>90</sup>

Uma questão interessante a ser notada é o fato da congada, esse tradicional folguedo popular de forte influência afro-brasileira, mas também com sincretismos ibéricos e até indígenas, dependendo da localidade, não ter sido proibido pelos códigos municipais, pelo menos em Sorocaba.

Mas o batuque, mesmo sendo coibido pelas posturas municipais ao longo do tempo, ocorria em diferentes espaços da cidade e ocasiões. Um espaço tradicional para a ocorrência

<sup>89</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Op. cit., p. 59.

<sup>90</sup> *A cidade de Sorocaba*, 30/08/1916.

dessas manifestações era o largo de Santo Antônio, onde existia uma igreja dos tempos coloniais sendo demolida em 1951. Nessa igreja havia uma estátua de São Benedito, reunindo, por isso, a irmandade do santo naquele local. Por isso o local se constituía num espaço para a realização de práticas relacionadas à comunidade afro-descendente, como batuques e brincadeiras de capoeiras.<sup>91</sup>

O samba corria solto também na rua da Bica, atual Voluntários de Sorocaba, ficava atrás do antigo Jardim dos Bichos, atual praça Frei Baraúna. Caputti Sobrinho descreve o local em suas memórias. Naquela região havia uma chácara que, graças à benevolência de sua proprietária, Dona Eugênia, era franqueada às crianças e pessoas necessitadas que, dessa forma, tinham acesso ao rico pomar da chácara, farto em peras, laranjas e mangas. Nos fundos da chácara, brotava uma excelente fonte de água que se transformava num córrego, e a proprietária permitia que as mulheres do bairro lavassem suas roupas e enchessem suas vasilhas de água. Daí o nome com que ficou conhecida aquela localidade. Sobrinho lembra também da figura espectral de um negro velho, “capenga e de barbicha rala, fumando um imenso cigarro de palha.” Era tido como um dos maiores feiticeiros da cidade. “Tocava uma violinha caipira e mugia dolorosos cânticos africanos.”<sup>92</sup> Pois ali, para festejar a data de emancipação dos escravos, levava-se a efeito um animado samba. Era o que anunciava o jornal *Diário de Sorocaba*, em 1914: *Ao retumbante e pesado som da “zabamba” ao quebra do “batuque”, uma legião de almas simples e boas numa alegria festiva e comunicativa deu largas ao prazer, ao contentamento que dominava o coração da raça irmã da nossa, naquele dia glorioso.*<sup>93</sup>

Naquele mesmo ano, o *Diário* fazia publicar uma interessante reportagem sobre o samba e sua ocorrência nas noites de São João, São Pedro e outros santos.

*Procedente de eras remotas, é hoje, o samba, um vulgar divertimento especial dos homens de cor, que aproveitam das datas mais ou menos*

<sup>91</sup> ALVES, Rosângela Cecília da Silva. *Cida Amaral Pires: uma cidadã sorocabana*. 2005, p. 139.

<sup>92</sup> SOBRINHO, Caputti. Op. cit., p. 91.

<sup>93</sup> *Diário de Sorocaba*, 15/05/1914.

*históricas, nacionais, políticas ou religiosas, para pô-lo em scena, acompanhado por uma dose pequena da infalível branquinha, que concorre bastante para o brilhantismo completo d' esse singular e interessante bailado macabro. (...)*

*Mas, embora fosse o samba a dansa em voga na sua primitividade, Pariz, Londres, Roma, etc, não concordariam na entrada do mesmo em seus luxuosos salões, cheios de attavios como o paraizo de Milton ou o jardim suspenso da Babylonia. Seria uma optima e quasi inegualavel occasião para os brasileiros, em voz alta, bradarem de sobre o Pão de Assucar: “A Europa curvou-se ante o Brazil”, si aquêlles paizes o adoptassem e também seja, o que ignoro, o samba, o resultado do pensamento de algum brasileiro.*

*Às inhospitas plagas africanas succede o Brazil, no samba, tal qual como o é. Sorocaba também o ama, onde, nas noites românticas das vésperas de São João, São Pedro e outros mais santos actualmente em exercicio, é elle bálamo dos que correm à procura do prazer para esquecer as horas amargas da vida.*

*Apezar de amar demasiado a solidão, na qual, ao contrario de todos, encontro a verídica alegria da vida e onde também, sinto que os annos passam como os dias, amo também, sobre maneira, um samba com suas regras observadas.*

*Sorocaba a terra de tantas lendas políticas, teve, na encontadora véspera de São João, um baillado daquella espécie, organizado com todos os precedentes seus.*

*Ao som ensurdecedor do batuque e de um pandeiro rouquento, dansavam á rua, rapagões e raparigas do nosso meio alegre.*

*Tudo dava uma idéia directa do que são os instinctos folgazões, que eram os dos phantasmas da vida que alli dansavam.*

[Seguiam-se algumas quadras]

*O gallo preto já cantô,  
E eu tambem quero cantá,  
Quem tem aza não avôa,  
Quem não tem qué avoá!*

*Meu Deus dá a farinha  
E o diabo tira o sacco.  
Assim não é, assim não é  
Que se lida com muié!*

*(...) Até altas horas, que passaram imperceptíveis, foi aquelle divertimento, abrilhantado pelo clarão da magestosa noite de vespera de São João.<sup>94</sup>*

Apesar de considerar aquela prática festiva como um “baile macabro”, o autor tece considerações menos enviesadas do que acostumava aparecer na imprensa da época quando tratava dessas manifestações. Certamente o apreciador do samba ficaria feliz ou, pelo menos,

<sup>94</sup> *Diário de Sorocaba*, 20/06/1914.

surpreso em constatar a receptividade de muitos europeus, após a barbárie perpetrada pela sua civilização ao longo da Primeira Guerra Mundial, com relação a formas de arte ditas “primitivas”, originárias das Américas ou da África. Culminando, por exemplo, com o interesse de Blaise Cendrars, um dos maiores nomes da poesia modernista, pelo ritmo e musicalidade afro-brasileira.<sup>95</sup>

Essa descrição remonta à Sorocaba dos tempos idos, e, mais especificamente falando, às sonoridades que vinham das senzalas, “*como repercutindo das entranhas da terra, em rythmo acelerado, galopante e ribombante dos retumbos do ‘tambú’. Roncando, rufando e estrondejando, rebenta o samba bulhento e rebolado no reboição despejado, desmanchando e ‘desconjuntado’ da negrada. Saracoteia, ullulante a turba negra desvairada. Eh! Samba! ‘Peneira’ samba! E bumba que bumba e bumba que bumba e bumba que bumba e rebumba o bumbo em rebumbos. Curveteando, umbigando ‘peneirando’ na dança bambolhante...*”<sup>96</sup>

O jovem pesquisador Florestan Fernandes esteve em Sorocaba registrando essas práticas, como as batucadas e o samba rural tão característicos do interior de São Paulo. Essas festas populares ocorriam justamente em datas comemorativas como as do Divino Espírito Santo, Nossa Senhora de Aparecida, Santo Antônio, São João, São Pedro e o 13 de maio. Nessas ocasiões ao som do pandeiro, do bumbo e da cuíca se realizava “uma dança tipicamente africana, com muito remelexo de corpo e umbigadas.”<sup>97</sup>

<sup>95</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*. 1998, p. 244.

<sup>96</sup> FREITAS JUNIOR. Affonso de Freitas. *Sorocaba dos tempos idos*. 1930, p.109.

<sup>97</sup> FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. 1972, pp. 254-255. Como a historiografia tem procurado mostrar com acerto os primeiros decênios do século XX no Brasil, foi pautado, pelo menos da perspectiva de setores dirigentes e de boa parte da sua *intelligentsia* como um “desejo de ser estrangeiros”. O que implicava a tentativa de se desestabilizar uma série de práticas, usos e costumes da sociedade e culturas tradicionais do Brasil, com o nítido propósito de ajustar o tempo da sociedade brasileira com o dos países que se encontravam na vanguarda do capitalismo mundial. Nesse processo, como coloca o historiador Nicolau Sevcenko, “as novas elites [republicanas] se empenhavam em reduzir a complexa realidade social brasileira, singularizada pelas mazelas herdadas do colonialismo e da escravidão, ao ajustamento em conformidade com padrões abstratos de gestão social hauridos de modelos europeus ou norte-americanos (...) Era como se a instauração do novo regime implicasse pelo mesmo ato o cancelamento de toda a herança do passado histórico do país e pela mera reforma institucional ele tivesse fixado um nexos co-extensivo com a cultura e a sociedade das potências industrializadas.” *O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso*. 1998, pp. 7-48. Diante disso, é interessante destacar perspectivas que apesar de produzidas nesse período acabavam por destoar dos olhares preconceituosos da época. Esse é o caso, consideramos, da reportagem

Francisco Gaspar nos ensina que a praça Carlos de Campos era outro local tradicional para a realização de batucadas na cidade. Isso muito antes do lugar ganhar tal denominação e se tornar urbanizado, segundo os preceitos modernos. Ali existiu o primeiro cemitério da cidade, depois disso foi construída uma igrejinha, denominada Santa Cruz de São Bento. Por conta da referida capelinha é que se realizavam vários festejos no local. Gaspar, escrevendo em 1977, menciona que as reuniões que ali ocorriam, já tinham deixado de existir há mais ou menos três décadas. O que nos permite inferir que ainda aconteciam com frequência nas primeiras décadas do século XX. O interessante é que no local se dava o encontro de duas práticas antigas, a devoção às cruzes e capelinhas e as batucadas, práticas essas que, como já salientamos, causava profundo desgosto nos que desejavam uma cidade completamente modernizada ao estilo europeu. Assim, o pequeno largo com a sua capelinha era enfeitado com renques de bambus, coqueiros e cordões de bandeirinhas de papéis de cores. “Havia reza, ladainhas e cantos sacros.” A fogueira era acesa, a iluminação feita com lanternas venezianas, copinhos de azeite e velas de sebo. Havia barracas, prendas para o leilão. Rojões espoucavam. Alguns músicos num tablado tocavam valsas, polcas, mazurcas e dobrados. O povo se divertia e se deliciava com os quitutes saborosos e o quentão. Quando terminava o leilão, começava o batuque que ia até altas horas da madrugada ao som dos tambores e atabaques. “Os tabaques barulhavam compassados; a viola gemia, o pandeiro troava e o [...] cantor entrava:

*Festejei Semana Santa  
também domingo de Ramo,  
trepei na minha canoa...  
embarca Maruca e Bamo!...  
Pois saiba que a muito tempo  
que te quero bem e amo!*

---

publicada no *Diário de Sorocaba*, em 1914, como também, por exemplo, do conto escrito por Magalhães de Azeredo, intitulado *O Samba*. Samba que ocorre também numa noite de São João, nos tempos da escravidão. Todos os elementos são descritos. A beleza estonteante das mulatas, as garrafas de parati, os cigarros de palha; mas também as lamentações da “mamãe negra” ama de leite, que deu o melhor do seu leite ao filho do senhor e foi esquecida; a bela mucama seduzida e desgraçada pelo Sinhô moço. As terríveis condições de trabalho nas fazendas de café, os castigos excruciantes. Nessas circunstâncias o samba se configurava com um lenitivo para tanto sofrimento: “*Ai uê! Ai uê! O samba nosso é bem de Deus!*.” *Contos Brasileiros*. 1922, pp. 119-137.

Lá pelas tantas, sob o efeito de quentão e, talvez, de outras bebidas espirituosas, um folgazão grunhia desafinado, mas em tom de desafio às autoridades:

*A polícia não qué  
que eu sambe aqui,  
eu sambo aqui  
em quarqué lugá  
A polícia não qué  
que eu sambe aqui  
eu sambo aqui  
té o sor raiá.  
Eu vim de Capivari  
junto com seu Zacaria,  
nois viemo rio abaixo  
dentro de uma bacia!*<sup>98</sup>

Em Sorocaba, uma demonstração do cerceamento das práticas caboclas, afro-brasileiras, enfim, mestiças de antanho, pode ser apreendida através da perseguição do famoso taumaturgo da cidade, João de Camargo, “perseguido, preso e processado em 1913 por práticas de curandeirismo.”<sup>99</sup> Em abril de 1913, uma nota publicada na imprensa demonstrava a irritação de alguns para com o que estava acontecendo no bairro da Água Vermelha:

*Alguns moradores do bairro da Água Vermelha, pedem que chamemos a atenção da distincta autoridade policial para o facto que passamos a narrar:  
De todas as partes do Estado costumam vir a esta cidade, attrahidos pela fama do curandeiro João de Camargo, inumeros forasteiros, á procura de remédios que, dizem, este individuo fornece para a cura de todas as moléstias.  
Toda essa gente, porém vae invandindo os terrenos e chácaras ali existentes e nas proximidades, soltando animaes nos pastos, sem a respectiva licença do dono, damnificando plantações e surtindo-se ainda de tudo que encontram.  
Desesperados, pois, com esse facto, os proprietários dos referidos terrenos e chácaras resolveram, por nosso intermédio, solicitar uma providencia da nossa digna autoridade.*<sup>100</sup>

<sup>98</sup> GASPAR, Antônio Francisco. *O batuque era na Carlos de Campos. Cruzeiro do Sul*, 14/08/1977.

<sup>99</sup> CAVALHEIRO, Carlos Carvalho. *Scenas da escravidão – Breve ensaio sobre a escravidão negra em Sorocaba*. 2006, p. 73.

<sup>100</sup> *Cruzeiro do Sul*, 30/04/1913.

João de Camargo foi o mais conhecido de todos, mas outros praticantes dessas formas de cura e sociabilidades também seriam perseguidos pelas autoridades públicas da cidade, acusados de curandeiros e feiticeiros com seus variados sortilégios. Tais práticas que perpassavam a sociedade sorocabana das primeiras décadas do século XX, deveriam ser perseguidas e criminalizadas, pois não eram condizentes com a imagem de uma moderna cidade industrial, a Manchester do interior do Estado de São Paulo.

Um exemplo disso foi a diligência da polícia sorocabana com o propósito de apanhar, em flagrante, algumas pessoas acusadas de praticarem curandeirismo na cidade. A operação ocorreu em 1927 com uma grande cobertura do jornal *Cruzeiro do Sul*. O jornal, evidentemente, se mostra totalmente favorável àquilo que denominava uma campanha útil, visando livrar as cidades de uma série de charlatões que se aproveitavam de credulidade de boa parte da população com relação a essas práticas.

Nesse sentido, o autor da reportagem não economiza palavras para desqualificar os chamados curandeiros:

*Assim também os curandeiros são perniciosíssimos ao meio em que vivem. Individuos boçaes, as mais das vezes habitando antros onde reina a imundicia ou ranchinoies, arvoram-se em seres sobrenaturaes, curando a todos com um simples gesto, ou dando-lhes a ingerir beberagens exquisitas feitas de raizes e plantas que desconhecem. É commum ouvir-se desses individuos que nenhum mal fazem aos que o procuram por dar-lhes a beber apenas agua de poço. É um embuste com que pretendem mascarar sua criminosa acção. Quantas as moléstias que requerem um tratamento energico desde o principio, e outras que pedem a vigilancia sollicita do medico a acompanhar-lhe o andamento?*

Todo o texto, portanto, é permeado por uma forte dose de preconceito e estigmatização com relação a essas práticas populares. Por mais que, em meio a essa tradição e seus usos e costumes, vicejassem pessoas de má fé, tratava-se de um conhecimento popular para cura de moléstias e doenças, o que chamaríamos de medicina popular, praticadas pelos descendentes das populações indígenas e africanas.

O emprego de ervas e raízes pelas populações das camadas populares, tanto no meio rural como na cidade, acabava sendo a única alternativa diante do abandono e do descaso a que eram relegadas essas populações por parte das autoridades públicas do país. É o que mostra a historiadora Maria Cristina Wissenbach, relatando que muitas dessas ervas eram “utilizadas para o tratamento das doenças, irradiadas por meio das receitas da medicina popular [...] encontravam-nas espalhadas pelas matas, ou eram cultivadas em canteiros, e suas qualidades terapêuticas, algumas vezes conhecidas mediante a observação do comportamento dos animais, vinham de ensinamentos imemoriais.”<sup>101</sup>

Mas essas mediações pareciam ser relativamente raras nas descrições elaboradas por cronistas e jornalistas no início do século passado. Sylvio Floreal, por exemplo, em sua construção de imagens sobre a cidade de São Paulo, em meados da década de 1920, não deixa de observar, nas feiras livres da capital, os herbanários. Local onde se comercializavam folhas secas, raízes, cascas de pau, frutas esquisitas e exóticas e, segundo o autor, “uma infinidade de outras bugigangas milagrosas que servem para bruxaria e malefícios.” Além disso, “o indivíduo que vende é um preto de carapinha dura, que mais parece uma pasta de lacre negro derramado na cabeça, do que mesmo cabelo. Há qualquer coisa de feiticeiro no olhar do preto.”<sup>102</sup>

Portanto, por essa perspectiva preconceituosa, havia uma linha muito tênue entre o cultivador e vendedor de plantas, para os mais variados fins, e o feiticeiro e curandeiro, que, nesse sentido, deveria ser enquadrado pelo código penal.

O repórter do *Cruzeiro* acompanha a polícia na operação de autuação dos “curandeiros e feiticeiros” que estavam sendo investigados, descrevendo o local em que residiam e realizavam as suas práticas “ilícitas” e os objetos encontrados no momento da prisão. Assim,

---

<sup>101</sup> WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. *Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível*. 1998, , p. 70.

<sup>102</sup> FLOREAL, Sylvio. *Ronda da meia-noite*. Op. cit., pp. 122-123.

foram prontuariados pela polícia na operação: Frediano Reis, morador da Vila Hortensia, na região do além ponte, já tinha sido processado anteriormente, *“especialista em consultas jurídicas e curativos por meio de raízes.”* Francisco Guerino, residente à rua Nogueira Martins, em sua casa apreendeu-se grande quantidade de ervas, raízes, garrafadas, pés de cabra, pedras e sementes. Firmino de Araújo, morador da rua Ipanema, com ele foram encontradas raízes e drogas em pó, *“sua especialidade é curar tudo por meio de ervas.”* Maria Barros, considerada curandeira e residente na rua dos Morros [atual Nogueira Padilha], *“conhece o misterio da 'galinha preta' que consiste em lêr o futuro de uma pessoa no andar e caracarejar de qualquer galinha preta. [...] Entre as suas curas existe a do 'chifre de carneiro preto', ralado em pó e dado a beber em água.”* Leopoldo Franco, por sua vez, se dizia especialista na cura da maleita, sendo apreendidas em sua casa, raízes, cascas de madeira e vidro contendo líquidos preparados. Alfredo Mello, morador na Terra Vermelha, em sua casa foram apreendidas muitas raízes, figas, pedras de estranhos formatos e receitas. E, finalmente, a polícia se dirige à casa de Manoel Lopes, também no bairro da Terra Vermelha, acusado da prática de curandeirismo. *“Trata-se de um caboclo já de bastante idade, muito calmo no modo de falar, barba bem grisalha, especialista na cura de molestias venereas e em 'sympathias' contra molestias dos animaes caseiros. Sua casa é um verdadeiro ranchinho á beira chão todo cheio de buracos onde a luz faz clarão. Na “visita” foram encontradas e apreendidas muitas ervas, cascas, folhas e raízes.*<sup>103</sup>

A polícia ainda teve o cuidado de interrogar os infratores para que estes dessem os nomes dos seus clientes, ameaçando publicá-los, caso continuassem a freqüentar os curandeiros.

Florestan Fernandes, em sua pesquisa sobre João de Camargo como líder carismático e a sua relação com a sociedade sorocabana, procurou apreender, dentre outros aspectos, as sobrevivências africanas em Sorocaba. Nesse sentido, constata o forte desenvolvimento da

---

<sup>103</sup> *Cruzeiro do Sul*, 26/10/1927.

macumba e, corroborando a reportagem do *Cruzeiro* feita em 1927, menciona que a difusão dessas práticas na sociedade “foi responsável pela severa campanha de repressão ao curandeirismo e à macumba, organizada pela polícia de Sorocaba.”<sup>104</sup>

Segundo o sociólogo paulista, o próprio João de Camargo teria iniciado um combate aos chamados curandeiros e macumbeiros, chegando ao ponto de expulsar os freqüentadores de sua igreja que mostrassem alguma propensão para com tais práticas. Dessa forma, João de Camargo conseguiria monopolizar o emprego dessas práticas na cidade, afastando possíveis concorrentes.<sup>105</sup>

Porém, Carlos de Campos e Adolfo Frioli, em seu estudo sobre a história e o culto de João de Camargo, constroem alguns matizes na complexa relação do taumaturgo com os elementos religiosos da cultura africana. Com efeito, os autores mostram que o culto de João de Camargo passou por um processo de branqueamento através de um processo sincrético com elementos católicos e espíritas, o que, de certa forma, camuflava ou escondia os arquétipos e elementos da religiosidade afro-brasileira. Esse caminho foi tomado em decorrência do preconceito e estigmatização das práticas culturais afro-brasileiras no Brasil do final do século XIX e início do século XX. O que, mesmo assim, não impediu que João de Camargo sofresse dificuldades e perseguições movidas por alguns setores da sociedade local, dentre eles, a própria Igreja católica.<sup>106</sup> Assim, podemos considerar que a aproximação de João de Camargo para com os elementos do chamado espiritismo kardecista pode se configurar, utilizando a terminologia de Michel de Certeau, como uma tática para resistir às imposições colocadas pelo poder e pela cultura dominante.

A tática, para de Certeau, joga no terreno “que lhe é imposto” como uma força

---

<sup>104</sup> FERNANDES, Florestan. Op. Cit., pp. 233-237.

<sup>105</sup> Idem., pp. 236-237.

<sup>106</sup> CAMPOS, Carlos de, FRIOLI, Adolfo. *João de Camargo: o nascimento de uma religião de Sorocaba*. 1999, pp. 34, 234-235.

estranha”, “tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É a astúcia.” Assim a tática é a arte do mais fraco. Em contrapartida à estratégia que é, para o pensador francês, o cálculo das relações de força propiciado por instituições, como, por exemplo, o Estado. A estratégia representa a delimitação de um espaço, de um lugar de querer e poder. Pretende ser a vitória do lugar sobre o tempo, ou seja, o controle do imprevisto. Portanto, as estratégias são “lugares de poder” e, por isso, privilegiam as relações espaciais, por sua vez, as táticas “são procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo.”<sup>107</sup>

Então, a tática pode-se configurar como uma trajetória de resistência adotada por alguns segmentos que sofrem um processo de marginalização e estigmatização na sociedade. É o que aconteceu com as práticas afro-brasileiras e caboclas na Sorocaba dos primeiros anos do século XX. Isso nos leva a uma questão historiográfica muito apontada, relacionada à dificuldade de se reconstituir aspectos dessas práticas culturais, marginalizadas, mas que marcavam presença no espaço da urbe. Como recuperar algumas dessas “artes de fazer” e práticas culturais, se essas eram, via de regra, marginalizadas pelo *statu quo* político, social e cultural? Desse modo, os registros são quase sempre enviesados porque elaborados de uma perspectiva que procura desqualificar tais práticas. O desafio é conseguir apreender algumas dessas manifestações mesmo que nos interstícios desse discurso oblíquo, no âmbito do cotidiano. Pois, como pensava Henri Lefebvre, é o lugar do embate entre o concebido e o vivido. Podemos aqui, inclusive, proporcionar um diálogo entre Lefebvre e de Certeau ao relacionar o concebido-estratégia com o “cotidiano pensando, planejado”, o espaço da reprodução das relações sociais; enquanto que o vivido-tática tem a ver com os resíduos desse cotidiano, os valores irreduzíveis não capturados no plano do concebido, lugar, portanto, das

---

<sup>107</sup> CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – Artes de fazer*. 2007, pp. 95-102.

carências, das esperanças, das mulheres, das crianças, dos velhos, dos valores de uso e dos seus saberes.<sup>108</sup>

Como temos procurado mostrar, as primeiras décadas republicanas se pautaram pela condenação de uma série de práticas das culturas populares tradicionais provenientes do Brasil colonial e imperial. Em Sorocaba, especificamente, essas culturas estavam ligadas, em grande medida, às tradições e saberes caboclos e afro-brasileiros que remontavam à época do tropeirismo. Os códigos de posturas municipais eram um exemplo de repressão a muitas dessas práticas. Manifestações essas que podemos relacionar ao campo de estudo do folclore. Para usar uma definição clássica do folclore como modo de ser, pensar e agir do “povo”, ou seja, dos segmentos populares; sem entrar aqui em toda a questão sobre a criação dos estudos folclóricos como uma necessidade histórica da burguesia e, portanto, vendo justamente tais práticas como anacronismos que deveriam ser superados<sup>109</sup>. Mas como valores, como saberes populares que continuavam a perpassar a sociedade sorocabana nos primeiros decênios do século XX. Nesse sentido, apreender a presença dos chamados “tipos populares” da cidade constituía-se como mais uma tentativa de salientar a presença e fazer jus a esses aspectos culturais que tinham um papel de destaque na composição da fisionomia da urbe. Como indica o pesquisador Carlos Cavalheiro, “talvez esteja aí a maior riqueza folclórica de Sorocaba.”<sup>110</sup>

Em 1927, um articulista do *Cruzeiro do Sul* sentia a falta de alguns desses tipos populares no cenário urbano:

*A época dos typos populares, em Sorocaba, vae bem distante, servindo ainda, entretando, para avivar a recordação bruxoleante, suffocada pelas necessidades e innovações dos dias presentes. ‘Naquele tempo’, existiam, realmente, typos populares, figuras extravagantes, originalíssimas e estimadas do povo, e taes typos, gozando os proventos dessa popularidade, viviam como justos e sem esforços para a sua modesta parmanecia (sic) no*

<sup>108</sup> SEABRA, Odette. *A insurreição do uso*. 1996, pp. 76-80.

<sup>109</sup> Para uma discussão sobre a questão: FERNANDES, Florestan. *O folclore em questão*. 1989.

<sup>110</sup> CAVALHEIRO, Carlos. *Folclore em Sorocaba*. 1999, p. 29.

*mundo, colhendo ainda as sympathias, mesmo da garotada desenfreada. Desappareceram, para sempre, os genuínos typos populares; não mais tivemos um Saracura, um Bocudo, um Nhô Brechó, um Mane Puva, um Pacuera, um Mandú, um João Pelludo, um Brechó, segundo de nome, o chamado ladrão de galinha; um Mane Congo, um Pavilla, um Elia Boi, um Salvador Satonio, e tantos outros que fizeram sucesso e que experimentaram, de facto, si bem que em sentido inverso, a verdade de que é transitória a glória no mundo. Foram 'gloriosos', como dizia o Ricardo, esse outro engraçado que vendia os periódicos locais, anunciando 'as grandiosas novidades', impingindo á curiosidade publica exemplares do 'O Martello', da 'A Bigorna', e idênticos jornaezinhos que eram a delicia da rapaziada.  
Bons tempos, que não voltam mais...<sup>111</sup>*

O texto apresentava já um tom de saudade e evocação por uma época que, no final da década de 1920, estava desaparecendo. Alguns anos depois, Renato Sêneca de Sá Fleury, professor e um dos maiores conhecedores das histórias da Sorocaba antiga, realiza, através das páginas da imprensa local, um valioso registro desses personagens da cidade.

Tipos populares que circulavam pelas ruas de Sorocaba, mais ou menos entre a década de 1890 e o início de década de 1930. Como o Tiu Felipe, negro velho que viveu mais de cem anos. Andava pela cidade a esmolar: “Zêre sinhô da mólinha p' ra zêre nego véio...” “Quantos anos “mecê” tem, Tiu Felipe?” “Zerê tem éra. Zerê de Africa, Zerê mais de cento ano!” Tiu Felipe era visto quase sempre de sobrecasaca e chapéu velho, apoiando-se num bastão nodoso. Quando o 13 de maio o alcançou, já se encontrava idoso, enfeitado pela sociedade que o “libertou”, passou a ter uma vida de mendicância, até ser recolhido pelo asilo S. Vicente de Paula. “Viveu assim talvez até 1904. Mas a caridade estendeu sobre ele uma pontinha de asa, até que seus olhos enevoados s fechassem ás dores da vida.”<sup>112</sup>

Um dos tipos mais populares da cidade nas primeiras décadas do século passado era Nh'Aninha Veludo. “Velha, curvada, nariz vulturino, cuja ponta defrontava em desafio, a ponta recurvada do mento, ei-la subindo e descendo o “Bequinho da Matriz”, farejando a igreja, envolta no velho chale e, ás vezes, empunhando um bordão.” Era um ser envolto em mistérios, ninguém

<sup>111</sup> *Cruzeiro do Sul*, 25/03/1927.

<sup>112</sup> *A vida de Sorocaba*, 18/12/1932.

sabia ao certo de onde viera, o que fazia, qual a idade, fatos que se perdiam nas névoas do tempo, *in illo tempore*”. Alguns diziam que fora uma moça bonita na época das feiras, freqüentadora das rodas boêmias. Mas na velhice era considerada uma velha muito feia e, além disso, maluca. Freqüentava as igrejas, rondava os altares, tinha gestos de escárnio ante as imagens, passava o dia a resmungar rezas ininteligíveis; por isso, o seu fanatismo religioso era tido como uma mistura de idolatria e feitiçaria. É claro, o seu aspecto hediondo, que lembrava a figura de uma bruxa, tornou-se motivo de medo e de zombaria por parte da garotada, que mal notava a sua presença recurvada na esquina para imediatamente lhe atirar chalaças, que, por sua vez, eram prontamente respondidas com palavrões por parte de velha, quando não saía correndo atrás dos malcriados brandindo o seu cajado. À noite, com um velho e sujo colchão procurava algum corredor em que pudesse ficar e dormir. Às vezes era dada a cenas de exibicionismo imoral e, no final de sua existência, a sofrer ataques de loucura com freqüência.<sup>113</sup> Em função dessa situação, um jornal da cidade colocava com comiseração: *“E assim esse farrapo humano vai arrastando o resto de sua triste existencia, até que uma casa de caridade lhe abra as portas...Porque não? / Não é para abrigar os insanos e velhos indigentes que o povo concorre para a manutenção de um Manicomio e de um Asylo?...”*<sup>114</sup> Não sabemos se isso chegou a ocorrer, mas o fato é que Nh'Aninha Veludo veio a falecer em junho de 1921. *“A boa Nhaninha Veludo, conhecida de todos, a piedosa Nhaninha morreu, deixou-nos e deixou no coração da petizada que a festejava com alacridade um tanto de saudade, umas tantas recordações de momentos de uma convivencia alegre. Outras creanças, poucas, temiam a figura matriarchal sempre perambulando... É porque não lhes cabia na mentezinha acanhada como num corpo feio uma alma boa vivia...”*<sup>115</sup>

Renato Fleury recupera também a figura de um antigo personagem da cidade, antigo

<sup>113</sup> *A vida de Sorocaba*, 25/12/1932.

<sup>114</sup> *A Palavra*, 18/03/1920.

<sup>115</sup> *Cruzeiro do Sul*, 17/06/1921.

pois já havia falecido há trinta anos, vítima da epidemia de febre amarela que assolou a cidade em 1899/1900. Tratava-se do Mandú Liso, porque era um negro forte que gostava de alisar o seu cabelo. Vivia a pedir esmolas, sempre com um porrete nas mãos. Mas o Mandú Liso saía do sério se visse algum moleque, como provocação, passando a mão no pescoço, no gesto que significa degolar. Se isso acontecia, o nosso personagem corria atrás do atrevido, brandindo o cacete e “*ai do petiz se o alcançava! Era capaz de matá-lo a pau.*” O ódio ao tal gesto tinha uma explicação. Era a acusação que lhe faziam de haver degolado a própria mãe. Assim, Mandú foi um dos mais interessantes tipos populares da cidade. “*Perambulava o dia todo, era visto em toda a parte, a esmolar.*”<sup>116</sup>

Essas descrições indicam que boa parte desses tipos populares acabavam tendo uma vida como mendigos. A mendicância foi um assunto que sempre preocupou alguns setores da sociedade sorocabana, afinal não era uma imagem condizente com uma cidade moderna e progressista que se orgulhava de seu epíteto de Manchester Paulista. A imprensa sempre abordou a questão com preocupação, mas, invariavelmente, aplaudia as medidas repressoras tomadas pelos poderes públicos. Foi assim em 1916, quando o delegado de polícia local decidiu processar os desocupados [leia-se mendigos] que perambulavam pelas ruas da cidade. Tal medida mereceu uma nota elogiosa por parte da imprensa local, que procurava, inclusive, relacionar muitos desses “desocupados” com os vários tipos populares da cidade. Estes, segundo a imprensa local, deveriam ser eliminados, pois, não raro, armavam “*scenas de escandalo e ridiculo, desenrolando aqui e ali, esporadicamente, perspectivas de miseria materiaes e Moraes que impressionam pessimamente aos que assistem a ellas.*”<sup>117</sup> Nenhuma palavra, enfim, acerca das causas dessas “misérias materiais”, era preciso “sanear” as ruas eliminando essas pessoas, pois destoavam do tom de civilização burguesa pretendido. Essa abordagem

<sup>116</sup> *A vida de Sorocaba*, 29/01/1933.

<sup>117</sup> *A cidade de Sorocaba*, 07/10/1916.

continuou ao longo da década de 1920. Assim, reclamava-se da enorme quantidade de pessoas que, em certos dias da semana, imploravam a caridade pública. *“Homens, mulheres, crianças; aleijados, estropeados, morpheticos; velhos, moços, pretos, brancos; todos exibem os seus defeitos e reclamam a sua esmola.”* Alguns, segundo a explicação usual, lançam mão dessas práticas como único meio de vida, outros usam de tal subterfúgio como simples forma de sustentar a sua vadiagem. Pedia-se às autoridades públicas que tomassem algumas providências, para se evitar um “quadro sombrio e triste” que se presenciava pelas ruas da cidade. A solução encontrada, via de regra, passava pela filantropia e pela benemerência. Por exemplo, *“A idéia do sr. Domingos Picirillo, digno gerente da Sociedade Anonyma Scarpa, tem todas as probabilidades de ser victoriosa um dia. Se todas as pessoas em Sorocaba, concorressem, mensalmente, com a quantia mínima de 1\$000, todos esses necessitados, - os que o são realmente e os do nosso municipio tão somente – poderiam ser socorridos com eficiencia.”*<sup>118</sup>

Mas entre os tipos populares, havia aqueles que viviam de expedientes, de biscates. Esse era o caso do Bem-te-vi Cascudo. Ao longo da semana se dedicava a serviços como recolher e rachar lenhas e capinar quintais. Morava longe da cidade, mas nos dias santos e domingos, às vezes acompanhado do seu irmão, dava o ar da graça, vestido do modo muito peculiar: *Roupa limpa de riscadão, camisa xadrez, de colarinho e gravata, o inseparavel cacete, mas de 'pé no chão'. As suas botinas de elástico amarelas, côro de bufalo, com grandes 'orelhas' de um azul pavão berrante, ele quasi sempre traz penduradas ao cacete, porque os pés não se acostumam com esses luxos.”* Desse modo caminha o Cascudo, enfrentando as chufas da garotada, berrando de modo desaforado: “Bem-te-vi Cascudo! Bem-te-vi!” Este agita ameaçadoramente no ar o cacete, soltando uma série de impropérios. E quando alguém tenta entabular uma conversa com nosso personagem: *“Faz calor, hoje?” “ih! Fais muito calô, melmo!” “Mas está um pouco frio...” “Mecê tem rézão! Tá frio, é!Faiz frio, melmo!” “Chove?” “É, chove, é chove, chove,*

<sup>118</sup> *Correio de Sorocaba*, 27/11/1924, 11/02/1926.

é....” “Qual, não chove!” “É, chove não chove, 'elle' não chove melmo, não tá cum jeito...” E lá vai o ‘Bem-te-vi’ seu caminho, desengonçado, falando sozinho: “É chove! Quá! Não Chove! ‘Elle’ tá cum jeito...”<sup>119</sup>

Nhô Luiz, por sua vez, era um “número de sensação”, pois tinha mania de grandeza e vivia feliz com essas grandezas. Assim, era amado por jovens de relevo social, *noivo, ex-noivo, ex-futuro noivo das rainhas da beleza, aguarda, eternamente, a chegada dos padrinhos, que virão buscá-lo, entre festas e galas, para leva-lo a longes terras, onde as pompas nupciais, em palacios, sem dúvida, o mais feliz e importante dos homens dêste seculo.*” Espera também uma grande fortuna, além de ter sido convidado pelo próprio chefe de governo para assumir o poder, porém...Nhô Luiz recusou a oferta. Por quê? Porque tinha realizado uma invenção impressionante, qual seja, árvores que em vez de frutas dão violinos e dali a um tempo começaria a plantar árvores que dessem automóveis, pianos e até dinheiro. É assim a vida de Nhô Luiz, trocando mensagens com reis, governadores, rainhas da beleza, cada qual disputando a glória de estar ao seu lado.<sup>120</sup>

Naquele início da década de 1930, quando Fleury escrevia sobre os tipos populares mais antigos da cidade, marcava presença, em vários pontos de Sorocaba, uma figura popularmente conhecida como João-três-pulos. O porquê do nome? Bastava um garoto pedir: “João, dê uns pulos!” Para que o João obedecesse e desse uns pulinhos desengonçados. Cumprimentava a todos, conhecidos e desconhecidos: “Starde”! “Bánoite”!<sup>121</sup>

O jornalista Caputti Sobrinho se lembrava muito bem da figura do João, moço, quase sem dentes, vestindo um terno surrado e andando descalço. Como tantos tipos populares, vivia da caridade pública. Contudo, ao contrário de muitos, não era dado a proferir palavras de baixo calão. Sobrinho o considerava dócil, meigo e, por isso, vivia rodeado de meninos e

<sup>119</sup> *A vida de Sorocaba*, 12/02/1933.

<sup>120</sup> *A vida de Sorocaba*, 05/02/1933.

<sup>121</sup> *A vida de Sorocaba*, 05/03/1933.

meninas, pois as mães até confiavam no João. E assim, esse menino grande, ou como escreve Renato Fleury, essa personalidade “que estacionou nos primeiros degraus da evolução”, em qualquer ponto da cidade, seja no antigo Jardim dos Bichos, hoje praça Frei Baraúna, na Rua da Penha, nas imediações da Ponte, nos altos do Cemitério ou na Praça da Matriz (Cel Fernando Prestes), estava sempre envolvido em brincadeiras lúdicas com a garotada, ouvindo cantigas de roda das meninas, liderando fileiras de crianças, brincando em volta do coreto na Praça. Dizia-se, inclusive, que o João tinha poderes de casamenteiro, por isso se encontrava também cercado por mocinhas casadeiras que pediam para o João pular, este aguardava jogarem alguns tostões aos seus pés e rindo declarava: “*Gosto de ocê / prá namorá / dô três pulinho / pra nós casá!*” “Dava três pulos e recolhia feliz o produto da receita do amor.”<sup>122</sup>

Sobrinho, em suas crônicas, relata a existência de tantos outros tipos populares que marcaram a vida da cidade tais como o Bocudo, Mão Negra, Dito Mato Grosso, Alzira Sucuri e Maria Picareta, esta, inclusive, mereceu do autor uma homenagem em forma de crônica absolutamente lírica e comovente. Mais recentemente poderíamos mencionar os nomes de Chimbica, Jonas, Roque, Ajato.<sup>123</sup> Nesse sentido, aquele articulista do *Cruzeiro*, por um lado, estava equivocado ao escrever que os tipos populares estavam desaparecendo das ruas da cidade; não, eles continuaram e continuam a existir, porém talvez possamos compreender o significado do artigo de um outro modo, ou seja, como querendo significar a ausência de alguns personagens urbanos situados mais ou menos num período específico. Desse modo, o que se lamentava já em 1927 era a extinção daquelas figuras das quais tratou Renato Fleury, tipos populares que percorreram as ruas da cidade entre os anos derradeiros do século XIX e o limiar do século seguinte. Abarcando, de certa forma, o período compreendido por esta pesquisa, uma momento que pode ser caracterizado por um eixo modernizador que tem como

<sup>122</sup> SOBRINHO, Caputti. Op. cit., pp. 35-36.

<sup>123</sup> CAVALHEIRO, Carlos. *Folclore em Sorocaba*. Op. cit., pp. 29-34.

expressão a construção da representação da cidade como a Manchester Paulista, amalgamando-se, no entanto, com outro eixo ou perspectiva temporal de uma cidade com muitas características de uma urbe colonial e imperial, nesse caso, tão moldada pela cultura do tropeirismo e de suas atividades correlatas que, direta ou indiretamente, ajudavam a caracterizar desde usos e costumes até o crescimento urbano da cidade. Mesmo que essas permanências, na época aqui em tela, sofressem também seguidas reelaborações. Nesse período, então, essa intensa imbricação temporal era expressa por um desejo de modernização e interação com alguns modernos artefatos tecnológicos e pelas transformações urbanas da cidade com um ambiente que poderia perfeitamente nos remeter a Saint Hilaire, Zaluar e tantos outros que deixaram suas impressões sobre a cidade ao longo do século XIX. Os personagens descritos por Fleury, ou pelo articulista do jornal em 1927, circularam pelas ruas de uma cidade que se impressionava com o primeiro automóvel, se adaptava ao bonde elétrico, mas convivia com o carro de bois, poderiam ouvir em alguns espaços mais modernos o som da jazz band, e o batuque rasgado no que seria a futura praça Carlos de Campos em meio a devoções populares como a que existia em relação às cruzeiras e capelinhas. Diante desses cenários, e tentando dar conta dessas interações temporais em meio às perspectivas urbanas que estavam sendo apresentadas naquele momento, poderíamos denominar esse época em Sorocaba como sendo uma espécie de *Belle Époque* cabocla. O recurso às memórias e, especificamente, à presença dos tipos populares é uma tentativa, mesmo que pálida, de recuperar a intensidade e a ambivalência dessa realidade passada. Caputti Sobrinho percebeu muito bem que essa recuperação é tão mais rica porque se dá no âmbito do cotidiano, permitindo ao historiador, talvez, apreender as zonas de penumbra do que passou entre o concebido e o vivido.

**Capítulo V: Expansão urbana: artefato, deambulações e percepções – 1930-1943.**

“Os relatos de lugares são bricolagens. São feitos com resíduos ou detritos de mundo.

[...] O lugar é o palimpsesto.”

[Michel de Certeau. *A invenção do cotidiano*. 2007, pp. 188, 310]

Em janeiro de 1930, um observador tece algumas impressões sobre o Largo da Matriz, ou Praça Coronel Fernando Prestes, num dia de domingo e de quermesse. Por essa razão a praça se encontrava repleta. Moças e rapazes de todos os tipos e nacionalidades. “Ambiente bastante cosmopolita que a língua mal nacionalizava.”<sup>1</sup> Aos domingos, ao longo do dia, a cidade vivencia um clima modorrento, como se afrouxasse os nervos depois de uma semana inteira de trabalho. Pessoas sentadas indolentemente nos bancos das praças da cidade, conversam sobre os mais variados assuntos. Outros preferem os bares onde esvaziam pipas de chopes, há também aqueles que “perambulam pasmadamente” pelas ruas centrais da urbe, sem destino certo; recusam os bancos e não têm dinheiro suficiente para gastar nos bares, pois o guardam mais tarde para a sessão do Cine. “*Á noite, a praça Fernando Prestes, é o campo de concentração das forças dispersas pela cidade.*”<sup>2</sup> Assim, aquelas moças e rapazes colocam em movimento pela praça, girando em fila, mulheres de um lado e homens de outro.

Neide Baddini Mantovani recorda essa prática de sua juventude. “Dar voltas na praça”, ou como era chamado de maneira pernóstica, “fazer o *footing*”. “Os rapazes, em grupos de dois ou três, giravam em volta da praça em sentido contrário ao das moças, ou ficavam em frente ao Gabinete de Leitura ou dos clubes. As filas que giravam na periferia da praça eram compostas pelos jovens das classes sociais mais elevadas, observando-se assim seu status social.”<sup>3</sup>

A praça, definem alguns, “é uma exposição semanal de pinturas; uma colméia de abelhas sem ferrão”; uma salada de frutas verdes; um concurso de tudo. Por isso a praça é, por si mesma, um espaço digno de contemplação. Muitos sem ter outra coisa a fazer, postam-se num canto do Largo da Matriz e ficam a observar toda a agitação. É o caso de um outro perscrutador do ambiente que, tão embebido nessa atividade, não percebe a aproximação de

---

<sup>1</sup> *Cruzeiro do Sul*, 13/01/1930.

<sup>2</sup> *Correio de Sorocaba*, 08/09/1927.

<sup>3</sup> MANTOVANI, Neide Baddini. *Sorocaba diacrônica*. 1992, pp. 31-33.

um conhecido, o Luizinho, com seu terno de ir à missa, foi logo explicitando os seus interesses:

-*Creio que d 'esta vez encontrei a tal...*  
 -*Que 'tal'?*  
 -*Hom'essa, pois não sabes?*  
 -?  
 -*Aquella que alli vem. Tem vinte contos, um cachorro policial e a mãe que está de passagem para o 'beleléo'.*  
*É uma trintona, mascarada, com dentadura de aço, atirou ao Luizinho um olhar tão terno, acompanhado de um sorriso tão suave, que o Luizinho commovido, sincero e bondoso, segredou-me:*  
 -*É uma serpente, pois não? Mas vae assim mesmo...*  
 N' esse momento o 'grillo' apitou.<sup>4</sup>

Em meio a esses flertes, mais ou menos românticos e com diferentes intenções, em dia de quermesse, a praça ficava repleta de barraquinhas brancas, nas quais se vendiam uma quantidade variada de produtos: frangos, cuscuz, bexigas coloridas, carrinhos de madeira, passarinhos feitos de massa.<sup>5</sup>

Tudo isso permeado pela trilha sonora que vinha do coreto, executando maxixes e trechos de óperas italianas. Em outros cantos ainda podiam se ouvir o som de violas e sanfonas, compondo uma espécie da cacofonia sonora do domingo. No entanto, em certas ocasiões a banda musical surpreendia o espectador levando a cabo um dobrado “*de uma suavidade deliciosa e tocado com uma disciplina e um apuro admiráveis.*”<sup>6</sup>

O Largo da Matriz representava o coração da cidade e dava o tom da agitação urbana de Sorocaba. Algumas representações procuravam salientar, em meados da década de 1930, as aspectos de uma cidade “próspera e dinâmica”, contrastando naquele momento a já tradicional imagem das “chaminés fumegantes”, indicando sua atividade industrial, com os “extensos laranjais verdoengos”, numa referência ao “ciclo da laranja” marcado por uma enorme prosperidade, porém, seguido de um declínio fugaz. As primeiras plantações datam de 1925 e

<sup>4</sup> *Correio de Sorocaba*, 08/09/1927.

<sup>5</sup> MANTOVANI, Neide Baddini. Op. cit., pp. 31-33

<sup>6</sup> *Cruzeiro do Sul*, 13/01/1930.

1926 e a crise ocorre na década de 1940 em decorrência de uma doença que atinge os pomares.<sup>7</sup> No entanto, mesmo nessa época a indústria continuava a ser o setor econômico mais importante da cidade, com suas vilas operárias, aproximadamente quinze mil operários e as oficinas da Estrada de Ferro Sorocabana. Sorocaba já tinha suas estações de rádio e o som peculiar de suas jazz-bands, que vinham fazendo sucesso desde a década de 1920.<sup>8</sup>

Aliás, na passagem para o ano de 1932, alguém de coração partido ouvia de seu arrabalde, onde o bonde e o calçamento não chegaram, as harmonias longínquas que vinham da cidade, *a sonoridade dos 'jazz-bands' barulhentos, que em todos os cantos da cidade jorravam cascatas de notas musicas...*<sup>9</sup>

No último dia de 1931, a agitação pelas ruas da cidade era intensa, inclusive com muitos moradores da área rural, fato que chamava a atenção dos cidadãos, pelas cores berrantes de seus trajes. As lojas se encontravam repletas, vendendo modernos artefatos como vitrolas e rádios. Reclamistas anunciando os produtos contribuindo com a poluição sonora das ruas. À noite, grande movimentação de automóveis, caminhões e bondes; bailes por todos os cantos; e quando chega a hora da passagem do ano, ela é anunciada pelos silvos das locomotivas, dos klaxons dos automóveis e dos apitos das fábricas.<sup>10</sup>

O soar dos apitos das fábricas se constituía como uma característica marcante das sonoridades sorocabanas. Esses sons contribuía para caracterizar a cidade como a Manchester Paulista. E começaram a se fazer ouvir a partir do momento em que o capitalista José Manoel da Fonseca inaugura, com sucesso, a sua fábrica de fiação e tecidos em 1882. No auge desse ciclo fabril, não apenas as grandes indústrias têxteis da cidade recorriam ao apito para chamar os seus operários, mas também as oficinas da Estrada de Ferro Sorocabana e as fábricas menores. Dessa forma, os céus da urbe eram atravessados todos os dias por uma

---

<sup>7</sup> BONADIO, Geraldo. *Sorocaba, a cidade industrial*. 2004, pp. 233-234.

<sup>8</sup> *Cruzeiro do Sul*, 17/12/1936.

<sup>9</sup> *Cruzeiro do Sul*, 07/01/1932.

<sup>10</sup> *Cruzeiro do Sul*, 11/01/1932.

“sinfonia” peculiar.

Algo que desde o primeiro momento causou estranhamento em alguns moradores que chegavam a reclamar do barulho estridente e prolongado dos apitos que lhes tiravam o sono:

*<Apito descomunal>  
Até que enfim o apito do Sr. Fonseca [salvo seja] diminuiu de tão  
prolongado que era e que tanto nos incomodava.  
Já se póde dormir mais socegado.  
Gratos ao sr. Fonseca. G.<sup>11</sup>*

Mas as queixas persistiram ao longo dos tempos, inclusive da parte de novos moradores ainda não habituados ao som dos apitos. No entanto, evidentemente, a administração municipal nunca sequer cogitou sobre a proibição do soar dos apitos. Com efeito, o Código de Posturas de 1906, publicado, portanto, num momento de consolidação do parque fabril na cidade, trazia todo um capítulo tratando do “sossego público”, proibindo, na cidade e nos subúrbios, vozerias, algazarras, vaias e rumores semelhantes ou qualquer outro barulho que viesse a perturbar o sossego público; além disso se pretendia proibir os cantos e rezas em altas vozes por ocasião de guardar cadáveres, como também ficavam proibidos a queima de fogos que se desprendem dos busca-pés e “bolas ardentes” nas ruas, praças e quintais das casas.<sup>12</sup> Nenhum artigo mencionava a questão dos apitos das fábricas. Francisco Gaspar, ao tratar do assunto, menciona ainda a barulheira e o ladrar dos cães depois da meia noite como algo que poderia ser sanado para o bom sossego público, porém, numa cidade industrial, o apito das fábricas, “simboliza o seu progresso e jamais pode ser suprimido.”<sup>13</sup> Além disso, o chamado dos apitos se caracterizava como uma forma do capital controlar e regular o cotidiano dos trabalhadores, nesse sentido, como nas memórias de Jacob Penteado, do ponto de vista dos operários e operárias, esse chamado das fábricas podia assumir um significado terrífico.<sup>14</sup>

<sup>11</sup> *O 15 de Novembro*, 21/04/1895.

<sup>12</sup> *Codificação das Leis da Camara Municipal de Sorocaba*, 1906. pp. 25-26.

<sup>13</sup> GASPAR, Antonio Francisco. *O apito das fábricas*. 1970.

<sup>14</sup> Cf. *Belenzinho – retrato de uma época*. 2003.

Como recorda Neide Mantovani, os apitos acabavam por controlar não apenas a vida dos trabalhadores, mas todo o cotidiano da cidade. “A sinfonia dos apitos” começava logo às 4 horas da madrugada, repetindo-se de quinze em quinze minutos até às 4h45 minutos. Às 6h 30, soava o primeiro apito da Sorocabana que se repetia às 7h00. Às 10 horas era a vez da fábrica Santa Maria fazer soar o seu apito avisando a hora do almoço, seguido da Sorocabana que tocava às 11 horas. Às 13 horas os operários deveriam estar de volta ao trabalho, que geralmente se encerrava, isso já em meados do século XX, às 17 horas. Às 22 horas soava o último apito do dia, o que significava a chamada para o pessoal da terceira turma anunciando o início do trabalho. Para muitos, esse último apito indicava a hora de voltar para a casa, voltando do passeio na praça ou do namoro. E retornamos à passagem do ano, quando todas as fábricas em uníssono apitavam longamente anunciando o ano novo. O mesmo concerto se repetia no dia primeiro do ano, às 10 horas indicando a chegada da imagem de Nossa Senhora de Aparecida do bairro de Aparecidinha para a Igreja Catedral, no Largo da Matriz.<sup>15</sup>

As ruas centrais da cidade e, especificamente, a Praça central, conhecida desde os tempos coloniais como o Largo da Matriz, constituía-se no ponto de maior movimentação comercial da cidade e, por isso, era freqüentada por diversos personagens que ajudavam a compor o cotidiano da cidade. Muitos deles foram flagrados pelo professor e escritor Renato de Sá Fleury. Uma presença constante era a dos chamados “propagandistas” anunciando os mais diversos produtos, alguns vestidos de maneira extravagante, por exemplo, calças estilo capa de guarda chuva, fraque xadrez e cartola, apregoavam a qualidade de seus produtos cantando modinhas, às vezes até fandangos, discursando de forma eloqüente para o público. Assim, lançam mão de todos os subterfúgios para atrair a audiência, constituindo-se num espetáculo à parte.<sup>16</sup>

Muitos desses personagens se situavam no âmbito do mercado informal, “vivendo de

---

<sup>15</sup> MANTOVANI, Neide Baddini. Op. cit., pp. 45-48.

<sup>16</sup> *A vida de Sorocaba*, 19/02/1933.

expedientes.”<sup>17</sup> Nesse sentido, a presença dessas atividades na cidade pode se relacionar com o contexto da política imigrantista para o Estado de São Paulo, trazendo uma quantidade de imigrantes maior do que poderia ser absorvida pelo desenvolvimento econômico do Estado, formando, assim, um exército industrial de reserva e, conseqüentemente, fazendo aumentar a população desempregada e o mercado de trabalho casual.<sup>18</sup> Isso sem mencionar os chamados segmentos nacionais, ou seja, os mestiços e descendentes de escravos, aos quais, via de regra, eram relegados aos trabalhos urbanos mais degradantes.

As crianças também tinham uma grande participação na economia informal, obrigadas a trabalhar desde tenra idade para complementar a renda de suas famílias. Viviam dos mais diferentes expedientes. Era o caso dos pipoqueiros, particularmente do pequeno pipoqueiro, maltrapilho, a “esganiçar pelas ruas” as tradicionais guloseimas: “- *Pipóooca!...Mendoim torrado! Passóóca!...*” Alguns empregando um linguajar mais característico: “- *Pipôôôca! Duim torrêado! Passueca!*” Reúnem-se em frente aos cinemas, circos de cavalinhos, nas praças, fazendo algazarra, questionando, gritando, brigando entre si, vivendo de suas pipocas e seus tostões. “*Enchem a cidade com a sua presença andeja e garota, vistos aqui, já ali, depois além, por toda a parte, circingirando aquela ansia de ganhar... Um deles nos dizia: - Sim, com este dinheiro, 1\$800, que hoje ganhei, vou comprar um pouco de pão para mamãe e os irmãozinhos.*” Por essa razão o articulista aconselhava ao transeunte “noctívago”: “*se tens um níquel, compra um tostão ao menos de pipoca...Não é uma esmola que dás, é um estímulo ao trabalho, ao valor anônimo dêsse petizes sofredores, e, por certo, uma códea de pão, para uma bôca faminta. Sê generoso, ó noctambulo despreocupado!*.”<sup>19</sup>

Engraxar sapatos era outra atividade praticamente monopolizada pelo trabalho infantil. Havia quem tentasse realizar uma análise sociológica para diferenciar os engraxates de

<sup>17</sup> PINTO, Maria Inez Machado Borges. *Cotidiano e Sobrevivência – A vida do trabalhador pobre na cidade de São Paulo [1890-1914]*. 1994.

<sup>18</sup> Idem., p. 111.

<sup>19</sup> *A vida de Sorocaba*, 27/11/1932.

Sorocaba dos de São Paulo. Assim, em São Paulo se ouvia: “- *Ingratchiá! A cé réis!*” Já em Sorocaba: “-*Qué ingraxá, môço?*” Aqui uma diferença fundamental. A fala paulistana denotaria o cruzamento que se processa no Brás, Bom Retiro, e na região do “abaixo o Piques.” Já o engraxate Sorocabano representaria um outro cruzamento, velho e primitivo, do negro, com o indígena e o branco. E o cronista sociólogo se dispõe a engraxar os sapatos como uma desculpa para ter uma conversação com a criança:

-*Qué ingraxá, môço?*  
 -*Sim senhor, estou no Grupo e engraxo depois da escola. Ganho meus 'dez tostão' por dia. Serve.*  
 -*Qué você deseja da vida?*  
 -*Eu? Eu quero, um dia, comprar todas as engraxatarias de Sorocaba e ficar o rei dos engraxates...*  
 -*E depois, enforcar todos os freguezes que não dão gorgeta...*  
*E pilhou a 'gorgeta', o esperto, pois íamos nos esquecendo disso....*<sup>20</sup>

Uma das características que permeava esse viver de expedientes eram as variadas e criativas formas de anunciar os produtos comercializados. Os pregões levados a efeito, às vezes, em linguagem cantada, gritados, tocando sininhos ou matracas, constituíam-se numa maneira de atrair a freguesia e tentar sobressair na dura concorrência do mercado informal.<sup>21</sup>

Em São Paulo ou Sorocaba, dentre tantos vendedores, não poderia faltar a figura do sorveteiro, que geralmente obtinha grande sucesso nos dias quentes de verão. “*Chocolate, de limão, de copinho, de pausinho, de tostão, simples, duplo, da carrocinha, da sorveteria...*

-*Chega! Pare! É 'reclame'?*  
 -*Absolutamente. S' introdução á apologia do sorvete que muita gente chama de neve assucarada....*  
 -*É poético!*  
 -*Errou! Não é poético: é gelado.*  
 -*Sorvete! Sorveteiro! É aqui o barateiro!*  
*Uns assobiam para atrair freguezes; outros businam; aquele, fonfona; o outro tilinta uma campainha, este aqui berra como um desesperado.*  
 -*Carrocinhas de todos os tipos. Sorveteiros de todas as caras. Sorvetes para todos os paladares. Amolação para todos os ouvidos...*<sup>22</sup>

<sup>20</sup> *A vida de Sorocaba*, 04/12/1932.

<sup>21</sup> PINTO, Maria Inez Machado Borges. Op. cit., pp. 160-162.

<sup>22</sup> *A vida de Sorocaba*, 19/03/1933.

A figura do camelô não poderia faltar nos logradouros de maior movimentação de pessoas na cidade. Invariavelmente munidos de suas bagagens com o propósito de impingir uma série de produtos para o público, como aqueles vidrinhos de remédios que servem para todas as doenças. Num dos seus flagrantês, Renato de Sá Fleury presencia, na Praça central, a disputa de dois camelôs para atrair a atenção do público, gritando com pretensões de cômicos de rua para, no final das contas, venderem um milagroso remédio amarelo, a dez tostões o vidro. Gradativamente o povo se avoluma em volta dos vendedores para ouvir-lhes sobre as propriedades fantásticas dos produtos comercializados. E se mudarmos o foco de atenção dos vendedores para o público, justamente aquele que pára a sua caminhada e fica a olhar aparvalhado as performances dos vendedores ambulantes, poderemos identificar a figura do basbaque. E geralmente um basbaque acaba atraindo outro e mais outro, todos parados a olhar por minutos, às vezes por um bom quarto de hora...

*-O quê?  
 -O que é?  
 -Que foi?  
 -Aconteceu alguma coisa?  
 -Que há?  
 -Não vi!...  
 -O 'ra pontas!  
 -O' ra bolas...  
 São dez, vinte, trinta basbaques....Eu, você, ele, o outro...  
 É de embasbacar!....<sup>23</sup>*

E é assim, na condição de basbaque assumido, que Fleury continua a descrever o trabalho dos vendedores. Um deles fazendo arte com cobras, o outro arranjando um garoto como “secretário”. Nesse ínterim, o público se avoluma cada vez mais e os camelôs continuam em sua lida diária procurando vender ao público as suas quinquilharias. E juntamente com o vendedor de jornais, o engraxate, o vendedor de doces, o vendedor de lenha com seu carro de bois, o sorveteiro, o pipoqueiro e muitos outros contribuindo para encher de

---

<sup>23</sup> *A vida de Sorocaba*, 15/01/1933.

vida e movimento as ruas e praças da cidade.<sup>24</sup> O que se desvela, a partir desses fragmentos, é a existência de toda uma população vivendo de atividades improvisadas e de expedientes. Apesar de suas atividades serem vistas com reservas por uma sociedade que criava e reproduzia as próprias condições para a existência do viver de expedientes. Como o desemprego estrutural e as péssimas remunerações no mercado formal, obrigando aos membros das famílias mais pobres a busca de informalidade como uma maneira de complementar a renda familiar. Um trabalho de duração incerta e rendimentos precários, o que obrigava esses trabalhadores a lançar mão de várias estratégias objetivando conseguir algum sucesso. Como no caso dos pregões, maneiras de “fazer com” e trampolinagens como uma forma de conhecimento astucioso de “modo a utilizar ou de driblar os termos dos contratos sociais.”<sup>25</sup>

Importante notar que na Sorocaba dos inícios da década de 1930, os flagrantes da cidade não se limitavam mais ao antigo núcleo histórico do século XVII. Pois cruzando a ponte sobre o rio Sorocaba se alcançava o chamado “bairro espanhol”, ou como era conhecido já há algum tempo como a região do Além Ponte.

Ao contrário de muitas cidades do interior do Estado de São Paulo em que predominou a colonização italiana, em Sorocaba o maior contingente de imigrantes vindos da Europa foi o de espanhóis.<sup>26</sup> As principais concentrações de espanhóis no Estado, além de Sorocaba, foram Santos e a própria capital. A escolha por Sorocaba, principalmente a partir do

---

<sup>24</sup> *A vida de Sorocaba*, 02/04/1933.

<sup>25</sup> CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – I Artes do fazer*. 2007, p. 79.

<sup>26</sup> Isso não significa um número pequeno e pouco importante de imigrantes italianos. Ao contrário, eles afluíram à cidade em grande número. Antes mesmo da chegada dos espanhóis e de imigrantes de outras nações, vindos e se estabelecendo na cidade principalmente a partir de 1865-1870. E ajudando a influenciar os costumes sorocabanos. Fundando sociedades de beneficência como o famoso Círculo Italiano, introduzindo as partidas de bocha regadas a vinho tinto. As sanfonas que faziam sucesso nos bailes executando tangos, chotes, polcas, mazurcas e valsas. A macarronada, o emprego do tomate como salada. Eram pedreiros, sapateiros, alfaiates, latoeiros, serralheiros, pedreiros e mestres de obras, marceneiros, negociantes, carroceiros e fabricantes de carroças e carros e operários. Os imigrantes italianos também ficaram conhecidos na cidade como pipeiros, ou seja, responsáveis pela venda de água em carros pipas, água que retiravam das fontes e do rio Sorocaba. Um importante serviço urbano no século XIX. ALMEIDA, Aluisio de. *A influência dos italianos nos costumes sorocabanos*. *Cruzeiro do Sul*, 21/07/1969.

primeiro decênio do século XX, devia-se ao fato da cidade se constituir num centro industrial no âmbito do interior do Estado. A partir das primeiras levas de imigrantes, outros os seguiram, todos indo morar na região do Além Ponte.<sup>27</sup> Porém não se limitaram ao trabalho nas indústrias têxteis da cidade, laborando também na agricultura, intensificando as culturas da batatinha, da cebola e da laranja. O cultivo da cebola os tornou famosos na cidade, a ponto da população passar a fazer uma associação quase que automática entre a planta e os espanhóis. Na rua dos Morros [atual Nogueira Padilha], principal rua do Além Ponte, “a cebola secava na rua em frente das casas e aí faziam as réstias, reunindo-se em grupos.”<sup>28</sup>

O chamado bairro espanhol adquiria um colorido todo especial no final da tarde, momento em que suas ruas se tornavam buliciosas, com os homens regressando das lavouras, a pé, montados, de carrinhos, alguns já de automóveis. As crianças aos montes, “*peralteando, brincando de roda, de pega-pega, de peteca, de séla, ou futebolando*”. A família então vem toda à porta, proseando e se deixando ficar.<sup>29</sup> Assim, o Além Ponte foi se povoando e se tornando uma região movimentada da cidade. Aliás, praticamente uma outra cidade, com características próprias e peculiares.

Porém a ponte, que dividia as duas regiões da cidade, parecia marcar mais do que uma simples divisão geográfica. Com efeito, algumas pesquisas<sup>30</sup> procuram salientar a divisão cultural que ia se desenvolvendo entre as duas regiões da cidade, com os imigrantes espanhóis do Além Ponte sofrendo o preconceito dos sorocabanos tradicionais, moradores do centro da cidade. Uns não se misturando com os outros. No entanto, no início da década de 1930, nem os setores mais tradicionais da cidade podiam mais ignorar a presença e a relevância da colônia espanhola na cidade. Um indicativo disso foi a iniciativa do jornal *Cruzeiro do Sul* abrir as suas páginas para um espanhol, Francisco Molina, além disso escritas em castelhano.

---

<sup>27</sup> COELHO, Sérgio. *Os espanhóis*. 2002, pp. 44-45.

<sup>28</sup> ALMEIDA, Aluisio de. *Influências dos espanhóis nos costumes de Sorocaba*. *Cruzeiro do Sul*, 15/07/1969.

<sup>29</sup> *A vida de Sorocaba*, 08/01/1933.

<sup>30</sup> COELHO, Sérgio. Op. Cit., 53 e 59.

Esses textos intitulados *Cronica de actualidad*, evidentemente se pautavam por um discurso absolutamente apologético acerca do desenvolvimento urbano da cidade. Um propósito, aliás, que o cronista fazia questão de salientar, ao afirmar que o conteúdo de sua coluna deveria ser a observação e o estudo dos incontáveis progressos da cidade. Desse modo,

*No sé de ningún municipio que iguale ni menos aventaje á este de Sorocaba, tanto em su agricultura, com em la industria y comercio. Dejando á un lado su nueva riqueza cítrica y su cultivos agrarios menores, para entrar de lleno em el despertár mágico de las sirenas de sus indistintas fábricas llamando que jumbrosamente á miles de brazos obreros que integran y complementan el movimiento diario de esos colosos de la producción mecánica y manual que em un trepidar rono y continuo, ván dejando trás si, la incalculable riqueza de hilos, tejidos, estamparia, azadas, sombreros, dulces, ctr., ctr...<sup>31</sup>*

Tamanha adulação não deixou de ser motivo de críticas por parte de um imigrante compatriota, acusando Garcia de apenas desejar angariar as simpatias dos habitantes locais e dos espanhóis da cidade com seus textos carregados de bajulação a Sorocaba. Como esses comentários são filtrados a partir do texto do cronista, só podemos fazer ilações sobre o seu significado e quem os proferiu. O que podemos saber: um imigrante vivendo há já vinte anos na cidade e, certamente, com uma postura crítica mais aguçada sobre as condições sociais locais, alguém talvez com orientação política socialista ou anarquista, como era o caso de muitos espanhóis. Talvez, ainda, uma pessoa que sofresse preconceito justamente por ser um imigrante espanhol, mas que não aceitasse proferir um discurso louvaminhador com propósito de ascensão social. O fato é que o agrônomo Francisco Garcia não se fez de rogado e continuou no mesmo tom a descrever, em certas passagens, até com alguns pendores poéticos, a cidade:

*Cualquier nación europea y hasta americana, cuidaria de ofrecer á sus visitantes admiradores extranjeros una zona tan rica y bella como esta, donde parece ser se han dado cita todas las hadas misteriosas de que nos habia la mitologia antigua, para em rumuroso y sentimental murmullo elevar sus cánticos armoniosos al infinito, escondidas por entre los espesos y enmarañados bosques de anea de su panoramico rio, ó reclin das*

<sup>31</sup> *Cruzeiro do Sul*, 04/01/1932.

*indolentemente sobre el cesped encrespado picón y mullido, de sus incalculables huertos orientales.*<sup>32</sup>

No início da década de 1930, qualquer vista panorâmica sobre a cidade, necessariamente constataria o espraiamento da malha urbana e não apenas pelos lados do bairro oriental, o Além Ponte, com seus ricos “huertos”.

O crescimento da cidade para além do seu antigo núcleo colonial se intensifica durante a primeira e longa administração de Nascimento Filho à frente da prefeitura, 1914-1921. Sintomaticamente, nesse período, os relatórios produzidos pela Prefeitura Municipal expressavam tal expansão, estabelecendo, inclusive, algumas imagens do desejo do progresso local. Assim, no relatório de 1916, ao tratar da situação econômica, o prefeito exarava:

*O aspecto mais promissor da nossa situação econômica é patenteado pelo desenvolvimento e trabalho constante das grandes indústrias e movimento comercial, exploradas e verificado neste município, bem como o início de diversas culturas agrícolas e o despertar de outras já aqui cultivadas de há tempos, todas muito productivas, que gozam da magnificência do nosso clima e vantagem que offerece o nosso solo dadas as suas variadissimas qualidades.*

*O valor predial augmentou consideravelmente em toda a cidade e nunca houve, como agora tão grande numero de construções e reconstruções.*

*Corroborando esta afirmativa, encontrareis nos anexos todos os detalhes não só sobre as construções e reconstruções como também os que demonstram o augmento das ligações de águas e exgottos que se deram durante o anno fonte productiva de exploração exclusiva do município.*<sup>33</sup>

No relatório de 1920, o prefeito continua a tratar da expansão do perímetro urbano, dessa vez, no entanto, demonstrando uma certa preocupação com os problemas urbanos relacionados a tal crescimento:

*Dia a dia surgem maiores encargos para o município, não só devido a expansão do seu perímetro urbano como pela necessidade de remodelação do que já existe. Precisamos de novo e modelar matadouro, novo e amplo edificio para o mercado, augmento do abastecimento de águas e do serviço de exgottos, calçamento do perímetro urbano e mais necessidades menores. (...)*<sup>34</sup>

<sup>32</sup> *Cruzeiro do Sul*, 09/01/1932.

<sup>33</sup> *Relatório da Prefeitura, Cruzeiro do Sul*, 23/01/1916.

<sup>34</sup> *Relatório da Prefeitura. Cruzeiro do Sul*, 15/01/1920.

Ao longo das duas décadas seguintes, essa expansão torna-se ainda mais acelerada. Tem-se, assim, o crescimento dos arrabaldes, e para além dessas regiões, nas chamadas zonas rurais. A vila Santana, começa a se estender próxima aos trilhos da Sorocabana e pelos lados do Cemitério Municipal. Havia também o vasto campo da Vila Santana, toda uma gleba de terra que pertencia ao médico e político Álvaro Soares e a sua mulher Rita Mendes Soares. Em 1923, o casal manda construir em homenagem a Santa Rita uma capelinha em suas terras. Em 1939, com o povoamento da região, o bispo José Carlos de Aguirre procedeu à bênção da primeira pedra para a nova Catedral. Como nos informa Francisco Gaspar, na primeira metade da década de 1930, *“o bairro de Sant’Ana já se estendia pela vasta colina. Já estava quase todo arruado e surgiam dezenas de bons prédios e casas de negócios de diversos ramos.”*<sup>35</sup>

O crescimento do bairro, cuja região ficaria conhecida como Além Linha, por ficar além dos trilhos da Estrada de Ferro Sorocabana, aumentava proporcionalmente a necessidade de melhoramentos urbanos, como saneamento e transportes. Assim, como no caso da Além Ponte, toda essa região da cidade já quase se constituía como um núcleo urbano à parte. Nesse sentido, em março de 1933, a população de Santana, que reúne sob essa denominação diversas vilas, como Odin, Silveira, S. Adélia, S. Antonio e Bela Vista, endereçava uma representação ao prefeito solicitando uma série de melhoramentos, tais como iluminação das ruas e praças e melhorias no deficiente serviço de águas e esgotos na região.<sup>36</sup>

A nota publicada pela imprensa informava que a população do bairro já chegava a cerca de 100 000 habitantes. Certamente um exagero, a despeito do crescimento da região e da cidade como um todo. No ano seguinte, apresentavam-se números mais exatos, informando dados do recenseamento geral que estava sendo realizado pelo Estado de São Paulo. Nessa pesquisa, a população urbana alcançava o número de 36 000 habitantes, indicando um aumento de 15 000 pessoas em relação aos números apontados pelo censo de

<sup>35</sup> GASPAR, Antônio Francisco. *Padre Joaquim Gonçalves Pacheco*. [s.d], p. 93.

<sup>36</sup> *Cruzeiro do Sul*, 10/03/1933.

1922.<sup>37</sup>

Esse crescimento urbano pode ser expresso, também, pelo incremento no mercado imobiliário e o aumento do valor predial dos terrenos, como já informava o relatório da prefeitura de 1920. É justamente ao longo da década de 1920 que se verifica a intensificação dos reclames anunciando a venda de novos terrenos, em diferentes regiões da cidade:

*Bairro Oriental,  
Terrenos.*

*Já estão á venda os magníficos lotes de Barcelona, que medem de 300 a 500 metros quadrados. Local alto e saudável. Luz, telephone e boa água, além de bondes do Votorantim e da cidade, de 20 em 20 minutos.*

*Preços módicos, sem juros.<sup>38</sup>*

*Vila Olympia.*

*Situada nos prolongamentos das ruas Liberdade e Ypanema. Os terrenos mais bem collocados, logar alto e saudável, de um panorama bellissimo e de maior futuro de Sorocaba. Propriedade completamente livre de demandas, hypothecas ou qualquer outro ônus, respondendo pelas transacções, vendas e evicção das escripturas firmas sólidas e de tradições.*

*Brevemente.*

*Grande vendas de lotes de terrenos a prestações sem juros.<sup>39</sup>*

*Sorocaba Progrida*

*Está aberta, em Sorocaba, uma nova e futura villa, denominada da Saude e de propriedade do sr, Roberto Vergueiro. Essa propriedade se acha excelentemente situada na Agua Vermelha e constitue parte da grande chacara Vergueiro. Caprichosamente loteada e servida de bons caminhos, e além disso proxima da cidade, a villa da Saude será em breve um dos apraziveis recantos de Sorocaba. É ahí que o sr. Vittorio Pegoretti projecta installar um grande fabrica de cerveja.<sup>40</sup>*

Ou ainda a formação da Vila Independência, situada próxima ao Largo da Independência, a região do Pito Acesso, antigo ponto limite da cidade, margeando a estrada do Cerrado, que passava a se chamar rua General Carneiro.<sup>41</sup>

Tal crescimento era notado por alguns articulistas da imprensa:

*O movimento de venda de terras loteadas para as construcções populares vem sendo em Sorocaba uma verdadeira febre desde 1924, época em que*

<sup>37</sup> *Cruzeiro do Sul*, 10/11/1934. Segundo os números apontados por Elina O. Santos, em 1934 a população urbana de Sorocaba era de 38 775 habitantes, alcançando 67 542 habitantes em 1940. Esses números se somados a população rural do município chegavam a respectivamente: 66 918 e 70 835 habitantes. SANTOS. Elina O. *A industrialização de Sorocaba – Bases geográficas*. 1999, p. 105.

<sup>38</sup> *Cruzeiro do Sul*, 10/09/1926.

<sup>39</sup> *Cruzeiro do Sul*, 18/02/1927.

<sup>40</sup> *Cruzeiro do Sul*, 21/12/1927.

<sup>41</sup> *Cruzeiro do Sul*, 13/12/1927.

*esses negócios tiveram um notável acoroçoamento com a progressiva valorização predial. Os imóveis prediais, uma vez aumentados de valor na razão de sua deficiência, forçaram de certo modo as classes populares a se desapertarem da premência da situação, appellando para as edificações fora do perímetro urbano, não importa, mas dentro das possibilidades modestas da cada um.*

*Phenomenos menos idênticos se repetem preiodicamente facultando a demarcação e venda vantajosa dos terrenos e aumento do patrimônio predial da cidade.*

*Publicamos recentemente um estatística predial, pela qual se verifica elevar-se de sete mil o número de prédios no município. Agora temos elementos seguros que nos informam do número de lotes transmitidos a pequenos compradores, durante todo o anno de 1926 e 1927 até 30 do passado mez, numero que se eleva a sete mil, o que não espanta se, anteriormente áqueles períodos não tivéssemos tido numerosas transçções sobre terras. Esse movimento de compra, estimulado pelo problema do tecto, que se vae solucionando dessa maneira, traz apreciável vantagem da irradiação dos grupos prediais, levando as pontas da cidade povoada até aonde não era possível imaginar, muito além dos subúrbios.<sup>42</sup>*

A expansão da cidade, portanto, estava ocorrendo para além do que, em até meados da década de 1910, era considerado como os subúrbios da cidade. Muito desse crescimento ocorria motivado pelas necessidades das classes populares em busca de moradias condizentes com a sua renda. Mas, no final da década de 1930, surgiam alguns bairros destinados especificamente aos segmentos mais abastados. Era o caso da Vila Barão, localizada na antiga chácara do Barão, pertencente a uma família ligada à nobreza imperial.<sup>43</sup>

Portanto, o crescimento urbano e populacional tornava a cidade mais complexa, desencadeando novos problemas ou agravando problemas anteriores. É o que acontece com os serviços urbanos mais relevantes, como o serviço de águas e esgotos e a questão dos transportes que remetiam diretamente ao adensamento da malha urbana e às dificuldades de comunicação urbana, como também a iluminação e energia. Envolvendo, aqui, diretamente a companhia *São Paulo Electric Company*. No que se refere especificamente a essa questão, não pode ser ignorado, além da especificidade do contexto urbano da cidade, a mudança político institucional que se estabelece a partir de outubro de 1930.

<sup>42</sup> *Cruzeiro do Sul*, 17/10/1927.

<sup>43</sup> *Cruzeiro do Sul*, 20/12/1939.

Em 1929, após um predomínio consolidado desde o final da primeira década do século passado, o líder do Partido Republicano local, Luís Campos Vergueiro sofre uma derrota política com a vitória da oposição nas eleições municipais, escolhendo como prefeito João Machado de Araújo.

A luta pelo poder político no município vinha ocorrendo de maneira renhida ao longo de toda a década de 1920. Os opositoristas a Vergueiro encontram o seu-porta voz no jornal *Correio de Sorocaba*, fundado em 1924, tendo Diogo Moreira Salles como redator responsável. Salles consegue congrega, em torno do periódico, antigos e novos adversários políticos do Vergueirismo.

Assim, nos anos em que esteve à frente da direção do jornal, Salles realizou uma campanha cerrada contra a liderança política de Vergueiro. Em 15 de julho de 1926, por ocasião da eleição de Campos Vergueiro ao senado estadual, Salles publica em seu jornal um artigo intitulado “Bagagem Política”, no qual inventaria, em treze tópicos, da sua perspectiva e dos opositores a Vergueiro, os principais fatos que marcaram a sua liderança local.<sup>44</sup> Tal artigo lhe valeu um processo de queixa-crime por injúria por parte de Campos Vergueiro. Condenado em primeira instância, Moreira Salles recorre da sentença e esta é anulada em novembro do mesmo ano, pois o juiz considera que a troca de improperios tinha ocorrido de

<sup>44</sup> O texto destacava treze tópicos: 1º Ingratidão ao Dr. Ferreira Braga, que tudo fez para a sua nomeação de Promotor público desta comarca; 2º Eleito deputado, traíndo o dr. Antonio de Cerqueira César, então candidato do PRP; 3º Insuflador de mazorca no tempo da candidatura Hermes; 4º Herói do dia 20 de junho [1910], em que pereceram os humildes operários Belmiro, Gastão e Lino; 5º Tendo recebido procuração das instituições pias desta cidade, no inventário de D. Delmira de Moraes Rosa, para recebimentos dos legados, cobrou honorários de 20% de todas, com exceção da Santa Casa, que não lhe deu procuração, pois, no caso, os legatários não precisavam constituir procurador, tendo o testamenteiro e o Promotor de Resíduos para defenderem os seus direitos; 6º Remoção do professor Luiz do Amaral Wagner e da sua Exma. Esposa; 7º Remoção do professor Joaquim Barbosa; 8º Perseguição contra as escolas noturnas Perseverança III [loja maçônica mais tradicional e importante da cidade], tirando-lhes a subvenção do Governo do Estado e não querendo pagar a votada pela Câmara Municipal; 9º Exigir que funcionários da justiça escondam a verdade, e, entre outros, o caso do oficial de justiça, Theophilo Garcia; 10º Tapear os deputados do distrito e outros para fazer mal aos que não lhe bajulam; 11º Perseguir os seus adversários, em razão do cargo de prefeito, fazendo aos seus correligionários tudo o que estes pedem; 12º Conceder privilégio da Empresa Funerária a seu irmão Roberto, quando este lhe acompanhava na justiça, perseguindo-o quando ele pela sua altivez de caráter deixou de lhe obedecer; não anulando pelos meios legais essa concessão, admitindo que outros montem casas funerárias no intuito de prejudicar seu referido irmão; 13º Procurar por todos os meios desprestigiar no conceito público os dignos tabeliães, srs. Renato Mascarenhas e dr. Ernesto Salerno, devendo ao primeiro até obrigações particulares.” *Correio de Sorocaba*, 15/07/1926.

ambos os lados com igual intensidade, se tivermos em mente que, no final das contas, Vergueiro orientava o posicionamento do jornal situacionista, à época o *Cruzeiro do Sul*, o qual, conseqüentemente, não economizava insultos à pessoa de Moreira Salles.

Em meio a esse debate acalorado e muitas vezes ríspido, eram tratadas diversas questões relevantes acerca da urbanização da cidade. O *Correio de Sorocaba* não deixou de realizar críticas contundente aos rumos da política vergueirista, mesmo após a saída de Moreira Salles da redação do jornal e da cidade no final de 1927, certamente por um jogo de influência arquitetado por Campos Vergueiro. E essas considerações continuaram quando, finalmente, a oposição local consegue derrotar o grupo de Vergueiro nas eleições de 1929. Debatia-se, agora, o legado que essa longa liderança política proporcionou à cidade e suas conseqüências.

O contrato com a *São Paulo Electric* era um ponto particularmente destacado. Especificamente a revisão do contrato com a companhia, realizado em 1916, retirando, segundo o *Correio*, as cláusulas mais vantajosas do antigo contrato por outras que acarretavam o “arroxado contra o povo”. A Vergueiro era imputada a culpa por tal situação, pois trabalhava para a *São Paulo Electric* como seu advogado, sendo, ao mesmo tempo, vereador municipal. Entre os interesses da comunidade e os da companhia, o líder político não titubeou em privilegiar a companhia que, afinal das contas, lhe pagava seus honorários.<sup>45</sup>

<sup>45</sup> *Correio de Sorocaba*, 23/02/1930, 15/10/1929. O acirramento político em Sorocaba vinha desde o início da década de 1920, começando com o atrito político entre o então prefeito Nascimento Filho com Vergueiro. Talvez em razão do prefeito começar a obter uma autonomia e uma relevância política que poderia ameaçar o reinado absoluto de Vergueiro. O periódico *A Palavra* expressava esse momento de tensionamento imputando a Vergueiro a protelação do reforço no abastecimento de água na cidade, pois essa questão envolvia os interesses da *São Paulo Electric*, e como apontava o jornal, Vergueiro subordinava os interesses públicos aos interesses monetários da companhia. *A Palavra*, 09/10/1920, 05/01/1921. O processo movido por Campos Vergueiro contra Moreira Salles indica o desgaste político de Vergueiro após um longo período como chefe absoluto do Partido Republicano na cidade. Podemos dar razão a Moreira Salles quando afirmava estar Vergueiro isolado da própria elite local, algo que fica patente quando, dentre outras medidas, decide cortar a subvenção às escolas da loja maçônica Perseverança III, pois esta, na contenda política entre dois irmãos da loja, dá o seu apoio a Moreira Salles. Mas ao contrário do que desejavam seus adversários, Vergueiro mostra uma grande capacidade de sobrevivência política. Reorganiza o PRP, no breve período constitucional da década de 1930, porém, em que pese seu irmão, Afonso Vergueiro, ter sido o vereador mais votado nas eleições de 1936, apesar da vitória do Partido Constitucionalista, o velho político da Primeira República não era mais o chefe político absoluto na cidade, fato que o obrigava à necessidade de prestar contas sobre os seus atos passados. Como o relato que afirmava ter ele saído fardado e de chicote em punho contra os

Nos anos seguintes à Revolução de 1930, as críticas aos antigos contratos com as empresas de energia e força como a *São Paulo Electric / Light* ganham um contexto diferente, em decorrência do novo governo dar espaço a manifestações de caráter nacionalista, proferidas particularmente pelos tenentes, que propunham a nacionalização dos bancos estrangeiros e das minas e quedas d'água.<sup>46</sup> Uma postura que, sem dúvida, pressionava as empresas de energia no país, como o grupo *Light*, colando-as numa situação inédita até então de tensionamento com o poder federal; tão acostumadas que estavam com a colaboração e convivência da grande parte dos políticos do primeiro período republicano, especialmente daqueles ligados ao poder. Era o caso, como já apontamos, de Luís Campos Vergueiro, cumprindo um duplo papel de político eleito e advogado, portanto, funcionário da *São Paulo Electric*.

Assim, nos primeiros anos da década de 1930, discutia-se acerca da validade do contrato com a empresa de energia e um dos pontos mais controvertidos era a cláusula que cobrava o fornecimento de luz pelo câmbio do dia. Após 1930, questionava-se abertamente a validade desses contratos, pedindo-se, em muitos casos, a sua revogação.

Tal postura só ocorria, pois havia um novo direcionamento partindo do governo federal. Com efeito, em 1934, a prefeitura elabora um memorial a ser endereçado para o interventor do Estado com sugestões para a questões dos preços de luz e força. As sugestões partiam do decreto federal nº 23501, de 27 de novembro de 1933 que regulava os pagamentos

---

operários na greve de 1917. Vergueiro inclusive perdera o seu espaço político privilegiado na imprensa local, uma vez que o jornal *Cruzeiro de Sul*, sob a direção de Carlos Correia, procurava abrigar tanto as opiniões do Partido Constitucionalista quanto do PRP, apesar de mostrar uma clara simpatia pelo primeiro. Esse fato causava estranheza entre os políticos do PRP, desacostumados com essa nova situação. Ao que o editor do *Cruzeiro* redargüia: “*Houve época em que esta folha pecava pelo excessivo sectarismo perrepista. A ponto de serem evitadas cuidadosamente, até no simples correr dos 'factos diversos', referencias que não fossem tendenciosas, a adversários políticos. / O PRP que tem sido apontado como saudosista, foi nesse ponto infeliz [acusar o jornal de favorecer o PC]; justificou o qualificativo, deixando entrever o desejo de que esta folha regresse á sua antiga característica de feroz e intransigente partidarismo.*” *Cruzeiro do Sul*, 07/09/1937. Finalmente, Campos Vergueiro sobrevive politicamente até ao golpe que instaura o Estado Novo, ao ser nomeado para o cargo de diretor do Departamento Estadual de Trabalho em 1941. *Cruzeiro do Sul*, 05/10/1941.

<sup>46</sup> FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930*. 1974, p. 248.

em taxa ouro. Nesse sentido, propunha-se a eliminação da célebre cláusula 36 que estabelecia a taxa de luz a doze ou acima de doze dinheiros<sup>47</sup>. Em resposta, o interventor federal no Estado, Armando de Salles Oliveira cria uma comissão para o estudo do caso, “*incumbida de proceder ao estudo dos actuaes contratos, para o fornecimento de luz e energia electrica na capital e nos municipios, e estabelecer as bases para cobrança das respectivas taxas.*”<sup>48</sup>

O Código de Águas, estabelecido em 1934, reafirmava decretos anteriores, proibindo os contratos baseados na cláusula-ouro, procurava fixar as tarifas a partir do preço de custo dos serviços, além de observar pela reavaliação das tarifas a cada três anos. Além disso, aumentava ingerência do governo federal nas concessões para fornecimento de energia elétrica e exploração de quedas d'água, o que antes, no regime institucional anterior, estava ao encargo dos municípios.<sup>49</sup>

O rompimento com a cláusula-ouro resultava na quebra de uma das maiores fontes de renda das empresas estrangeiras no país. Uma vez que as variações cambiais eram imediatamente compensadas através do preço da energia. “Em consequência, a renda líquida e os lucros das empresas poderiam ser convertidos em moeda estrangeira sem grandes dificuldades, dado o caráter automático do reajuste tarifário.”<sup>50</sup> Um aspecto relevante, apontando por Flávio Saes, nesse contexto de regulamentação do setor pelo Estado, refere-se ao gradativo aumento de participação da indústria brasileira como consumidora de energia elétrica. Porcentagem que atinge 47% em 1919. Com isso, não eram mais apenas os consumidores de iluminação residencial, as prefeituras e os passageiros de bondes que reclamavam dos contratos extorsivos, mas também amplos setores da indústria nacional. Segmento que joga a força de sua influência no enfrentamento com as companhias de energia

---

<sup>47</sup> *Cruzeiro do Sul*, 05/05/1934.

<sup>48</sup> *Cruzeiro do Sul*, 28/05/1934.

<sup>49</sup> SAES, Flávio Azevedo Marques. *A grande empresa de serviços públicos na economia cafeeira*. 1979, pp. 410-414.

<sup>50</sup> *Idem.*, p. 414.

elétrica.<sup>51</sup> Podemos inferir, portanto, que a revisão das tarifas atendia aos interesses da burguesia industrial de Sorocaba.

Ao longo de 1937 e 1938, o poder municipal procura efetuar um acordo com a *São Paulo Electric* para o estabelecimento de novas tarifas. Em seu relatório de 1937, o prefeito Alcino Oliveira Rosa relata seus entendimentos com a companhia, visando a redução das taxas para a iluminação particular e aumento da quantidade e da qualidade das lâmpadas instaladas nos logradouros. Já no relatório de 1938, informa sobre as novas tarifas estabelecidas junto à empresa canadense. Destacando sempre a boa vontade da *São Paulo Electric* em cumprir os novos acordos.<sup>52</sup> Podemos, certamente, constatar que essa “boa vontade” era fruto do novo contexto de reconfiguração do Estado brasileiro, naquele momento, frente a essas empresas. O que as forçava a um comportamento mais colaborativo com os poderes públicos, além de deixar de lado um pouco de sua característica empáfia e soberba com relação aos interesses da população.

Mas relacionado à questão da luz, havia, também, o problema dos transportes que se tornava cada vez mais periclitante em função da expansão da malha urbana. Também nessa questão, a subsidiária da *Light & Power* na cidade jogava o papel de protagonista. As solicitações de melhoria no serviço de bondes ocorrem ao longo de toda a década de 1920, continuando no decênio seguinte. Dessa forma, se voltarmos ao memorial produzido pela prefeitura em 1934, notaremos que, além da questão da luz, tratava-se da questão dos bondes elétricos, nesse documento já se propunha o fim do monopólio dos transportes nas mãos da *São Paulo Electric*, dada a insuficiência das linhas em atender a área urbana da cidade.

O problema dos transportes é colocado em sua dimensão num texto assinado por Silva Rocha para a imprensa local. Tinha como título “O problema suburbano”, algo sintomático. O autor menciona o surgimento de novas vilas alcançando o que era há apenas alguns anos os

---

<sup>51</sup> Idem., p. 420.

<sup>52</sup> *Cruzeiro do Sul*, 12/08/1937; 13/05/1938.

arrabaldes da cidade. Essa expansão implicava, também, no aumento da população. Tal situação tornava necessária a criação de novos meios de locomoção para os habitantes desses novos bairros, das suas residências para o centro da cidade e vice-versa. Além disso, “*dizer que não é possível criar meios de transporte que auxiliem as populações, não é verdade,, pois que, n’outras grandes cidades, como por exemplo Campinas, os transportes suburbanos são feitos de variadas formas, e nunca, dão prejuizos áquelles que fazem ditos transportes.*”<sup>53</sup>

A *São Paulo Electric* detinha, por contrato, o monopólio do serviço de transporte urbano na cidade. Entretanto, ao longo da década de 1920, a *Light & Power* e suas subsidiárias passam a privilegiar os investimentos em produção e distribuição de energia em detrimento dos serviços de bondes elétricos. A razão, evidentemente, se devia ao fato do crescente aumento das receitas da empresa oriundo do consumo de energia elétrica. Tornava patente para a empresa que, a partir de então e cada vez mais, a parte polpuda dos lucros proviria do setor de energia e não do transporte público por bondes elétricos.

Uma coisa leva a outra, assim, à medida que ia se desinteressando pelos bondes, esse serviço tornava-se mais deficiente, o que era agravado pelo crescimento da malha urbana; aumentando, assim, as pressões para a quebra do monopólio da companhia e a concorrência feita através de ônibus. A mesma situação, guardadas as devidas particularidades, ocorria também na cidade de São Paulo. Na capital paulista, desde a crise de energia dos anos 1924 e 1926, quando os bondes mal podiam subir as ladeiras da cidade em função do racionamento, a *Light* passa a sofrer a concorrência dos ônibus. A última cartada da *Light* acontece em 1927 quando apresenta o Plano Integrado de Transportes, com um projeto de passagens subterrâneas para os bondes na região central da cidade e integração entre bondes e ônibus nos bairros. Depois de acalorada discussão, o projeto é vetado pela Câmara Municipal. Essa recusa coincide com o falecimento de Carlos de Campos, um dos mais devotados

---

<sup>53</sup> *Cruzeiro do Sul*, 01/07/1936.

políticos/funcionários da companhia. Seus sucessores, Júlio Prestes, Washington Luís e Pires do Rio estavam interessados e envolvidos com as formas de transporte movidos a derivados de petróleo, relegando a segundo plano o transporte por bondes elétricos. O projeto da *Light* tinha como uma de suas metas consolidar ainda mais a sua posição monopolista na cidade de São Paulo, trazendo capitais externos e melhor remuneração. Com a recusa de tal proposta, a empresa cessa os investimentos no serviço de bondes, esperando apenas o final do contrato para se desvincular desse serviço urbano, o que efetivamente aconteceria após o final da Segunda Guerra Mundial.

Em Sorocaba, ao longo da década de 1930, fica patente o desinteresse da *São Paulo Electric* em aprimorar o serviço de bondes elétricos. A única melhoria, como já referido anteriormente, foi uma pequena expansão ocorrida nas linhas já existentes, em 1928. Uma medida absolutamente paliativa, pois não criava novas linhas para algumas regiões já populosas da cidade, especialmente o Além Linha.

As críticas aos serviços cada vez mais precários já ocorriam na década de 1920, mas ganham intensidade ao longo do decênio seguinte, em decorrência da piora da qualidade dos transportes, mas também pelo novo contexto institucional vivido pelo país. Com efeito, o jornalista Carlos Correia em sua coluna “Commentado...” não se cansava de zurzir a companhia. Motivos certamente não faltavam para isso, dado os “clamorosos abusos” da *São Paulo Electric* contra a população, denominada justamente de “polvo canadense”. Correia colocava:

*Não valem de nada, até hoje, as reclamações e queixas da população sorocabana da cidade e município, contra os desmandos da Cia que, valendo-se há tempos firmado com a nossa prefeitura, arrogou-se o direito de tripudiar sobre os legítimos interesses e sobre os sagrados direitos de um povo, como o nosso, digno sem duvida de melhor sorte.*

A indignação do jornalista se devia à impossibilidade da prefeitura em aceitar uma vantajosa proposta de uma empresa de ônibus para incrementar o transporte urbano na cidade,

em função do monopólio da *São Paulo Electric*. O serviço pretendia atender os bairros de São Felipe, Santana e Santa Rosália, todos situados na região do Além Linha. Evidentemente, à companhia não interessava o esforço, leia-se emprego de capital, de prolongar as suas linhas para além dos trilhos da Sorocabana. Ao contrário do que ocorreu em São Paulo não havia qualquer proposta de um plano de transportes para a cidade. Todavia, apesar da clamorosa estagnação do serviço, a companhia não abria mão dos direitos de monopólio que detinha por contrato. Por isso, Correia percebia que o real interesse da empresa era o de locupletar-se à custa do suor do povo sorocabano sem proporcionar-lhe os recursos de locomoção entre as diferentes regiões da cidade. Num comentário bem peculiar à época, mencionava o fato de uma empresa, como a *São Paulo Electric*, apoiada em capitais estrangeiros, não se preocupar em dar satisfações aos poderes públicos.<sup>54</sup>

O poder público, aliás, procurava se entender com a companhia. É o que demonstra o ofício enviado a *São Paulo Electric*, em 1936, pelo então prefeito Alcino de Oliveira Rosa. Nele se ressalta o propósito do poder executivo de “obter de maneira pacífica” junto à companhia benefícios para a população da cidade. Reconhece os benefícios trazidos pela empresa à cidade, o que não impede a solicitação de certas reivindicações. Dentre elas, como já mencionado, a questão dos preços da iluminação, mas também a melhoria dos serviços de bondes elétricos. Para isso deveria se estender as linhas para além dos trilhos da Estrada de Ferro Sorocabana, alcançando o Alto do Cemitério, os núcleos urbanos de Santa Rita, Santana, Carvalho, como também a região da Árvore Grande.<sup>55</sup>

O prefeito reitera o pedido de extensão das linhas em seu relatório publicado em agosto de 1937.<sup>56</sup> As reivindicações vinham juntas com a solicitação da revisão dos preços da energia elétrica. Certamente, pressionada pelo contexto institucional que, pela primeira vez,

---

<sup>54</sup> *Cruzeiro do Sul*, 08/08/1936.

<sup>55</sup> *Cruzeiro do Sul*, 28/10/1936.

<sup>56</sup> *Cruzeiro do Sul*, 12/08/1937.

lhe era desfavorável, a companhia procurou negociar na área que ainda lhe interessava, a produção e geração de energia elétrica; porém, no caso dos bondes, baldados foram os esforços do poder público.

O que leva a uma espécie de tomada de consciência de que a *São Paulo Electric* realmente nada faria a esse respeito, uma percepção que é expressa pelo editor do *Cruzeiro do Sul*:

*Signal de progresso de uma cidade, e dos mais expressivos, é o chamado 'problema do transito'. Quando vehiculos começam a se accumular nas ruas e, principalmente, quando começa a se fazer sentir de maneira accentuada a necessidade da ligação de lugares afastados, com o centro, então é que repona o problema em seus aspectos mais importantes, indicando que a localidade está a passar de cidade pequena para cidade grande. Em Sorocaba, de alguns annos para cá, esse problema tem estado na ordem do dia na parte que diz respeito á comunicação dos bairros com o centro urbano. A cidade se estende, a população cresce e de toda a parte surgem reclamos por meios de transporte, tanto de passageiros como de pequenas cargas, não apenas em pontos distantes, como, e talvez com mais insistencia, dahi para a zona central, onde se localiza o commercio distribuidor dos seus artigos para todo o municipio.*

O articulista noticia uma sessão da Câmara Municipal na qual esteve em pauta a alteração dos meios de transporte na cidade. O legislativo municipal aventava a possibilidade de um estudo técnico e pormenorizado sobre as vantagens e condições de substituição dos bondes elétricos por ônibus. E em caso positivo, procurar entrar em entendimentos com a *São Paulo Electric* no sentido de extinguir os privilégios dessa empresa com relação aos meios de transporte de passageiros e cargas.<sup>57</sup>

Ficava claro que qualquer solução não contaria com a colaboração da *São Paulo Electric*, dado que seu contrato de exclusividade findaria em 1946, e a empresa não tinha mais qualquer interesse em renová-lo.

Entretanto, pelos dez anos seguintes a situação não se modificou, a companhia canadense, fazendo valer uma cláusula obscura do contrato, não arredou pé do seus

---

<sup>57</sup> *Cruzeiro do Sul*, 28/01/1937.

privilégios no setor, embora não fizesse mais nada para melhorar o serviço. Era a constatação óbvia do prefeito Doracy Amaral, feita no início de 1946, quando divulga pela imprensa local um ofício enviado pela *São Paulo Electric*, com o seguinte teor:

*1 – De conforme com o contrato de 8 de fevereiro de 1916, firmando com esta Companhia com a Camara Municipal de Sorocaba, finda-se agora, em 8 do corrente, o prazo dentro do qual gosaria esta Companhia da exclusividade da prestação nesse município, do serviço de transporte coletivo de passageiros, bagagens e cargas por bondes eléctricos.*

*2 – Vencendo-se agora o termo final daquela concessão, regosija-se esta Companhia por ter podido cumprir da melhor maneira possível suas obrigações contratuais sempre em harmonia com as autoridades publicas e com o intuito de bem servir a população dessa cidade.*

*3 – Dado que um moderno serviço de transporte coletivo depende de circunstancias e fatores que fogem da alçada desta Companhia, vem ela informar a V. Excia. de sua resolução de eximir-se de prestar o serviço de bondes após a expiração do prazo do contrato. Espera esta Companhia que essa sua atitude seja bem compreendida, porquanto facilitará á Prefeitura encarar e resolver o problema de maneira geral e definitiva.*

*4 – Não cessará, entretanto, naquele dia, o tráfego dos bondes mas, ao contrário, será mantido nas condições atuais, durante o tempo estritamente necessário a essa Prefeitura para adotar a solução que julgar conveniente.*

Efetivamente, a decisão da empresa não foi bem compreendida pela prefeitura da cidade. O segundo item do ofício endereçado à prefeitura poderia, inclusive, ser tomado como escárnio da *São Paulo Electric*, ao colocar que se regozijava por ter cumprido as suas obrigações contratuais da melhor maneira possível e em harmonia com o executivo municipal. Harmonia realmente deveria existir em 1916 no momento de renovação do contrato, quando o líder político Campos Vergueiro era, concomitantemente, advogado da companhia. Como estamos vendo, posteriormente, a população da cidade ia sofrer as conseqüências dessas relações perniciosas entre políticos e a *Light*, invariavelmente péssimos para a comunidade e lucrativos para a empresa.

No entanto, essa era uma decisão que já devia ser esperada pelo executivo municipal, há pelo menos uma década. Tendo em perspectiva que um dia a data de encerramento da concessão chegaria, nesse sentido, o poder público poderia ter, de forma preventiva,

procurado encontrar uma solução. No entanto, em sua resposta ao ofício da *São Paulo Electric*, o prefeito apenas consegue efetuar mais uma e patética rogativa para que a companhia continuasse os serviços:

*A São Paulo Electric Company facil será continuar explorando êsse serviço de transporte coletivo, dado que possui as necessárias instalações, conhece as necessidades presentes do publico, nesse setor, e pode apreciar com segurança as possibilidades de um futuro sem duvida dos mais promissores. Não será sacrificio da Companhia o prosseguimento da viação urbana sôbre trilhos, mesmo que outras condições se estabeleçam para o efeito de nova concessão. Ademais, a participação da São Paulo Electric Company na marcha do progresso sorocabano não ficaria circunscrita ao fornecimento de força e luz e sim alancaria ambito mais amplo, fazendo jús ao aplauso não apenas dos responsáveis pela administração municipal, mas também de todos quanto aqui fixados sabem distinguir os elementos sempre prontos para o bem desta velha terra.*

Ao prefeito e a seus assessores, parecia difícil compreender que palavras como essas não surtiriam qualquer efeito. O mesmo valendo para o redator da reportagem, ao acusar a *São Paulo Electric* de indiferença com relação ao progresso citadino. E colocava, acerbado: “Será justo que a S. Paulo Electric depois que exigiu durante trinta anos absoluta exclusividade nesse serviço, matando todas as iniciativas surgidas se desinteresse pela continuidade do mesmo serviço? É verdade de que tudo isso não passa de negócio. Mas não deverá entrar ai nem ao menos um pouquinho de desprendimento em beneficio de uma terra que tanto lhe tem feito e tanto lhe representa?”<sup>58</sup>

É verdade, tudo não passava de negócio e, no caso de uma grande empresa privada, o único propósito, ao qual todos os outros estariam subordinados, era a obtenção de lucros e lucros polpudos. Se do ponto de vista estratégico e conjuntural, a valorização do capital investido era muito mais consistente no setor de geração e distribuição de energia elétrica do que no setor de bondes elétricos, este último deveria ser abandonado. Ainda mais, se os contratos feitos nas primeiras décadas do século passado atendiam e beneficiavam muito mais a companhia do que a sociedade, à qual, supostamente, ela deveria servir a contento.

---

<sup>58</sup> *Cruzeiro do Sul*, 26/02/1946.

Daí as significativas preocupações da empresa em aliciar políticos e autoridades em seu favor. Em 1950, o depoimento de Nascimento Filho, naquele momento falando como ex-político, nos revela mais um dentre tantos exemplos a esse respeito. Corria já avançado o ano de 1950 e o caso dos bondes elétricos se arrastava numa espécie de limbo. Porém esse era um dos assuntos mais discutidos na cidade. Nesse contexto, Nascimento Filho realiza a sua contribuição na condição de alguém que angariou uma larga experiência no trato com a empresa quando à frente do executivo municipal por um longo período.

O velho político lembra, então, que na época da concessão do contrato com a *São Paulo Electric*, provavelmente a ano da renovação da concessão em 1916, morava na rua Cesário Mota, tendo, aliás, como senhorio o médico e também ex-prefeito Álvaro Cezar da Cunha Soares. Naquele momento, sintomaticamente, a empresa deixou de mandar as contas mensais de consumo de luz. Intrigado, Nascimento Filho envia um ofício para a *São Paulo Electric* reclamando essas contas para poder reembolsá-las. Como resposta, recebe da empresa um ofício extremamente amável solicitando ao prefeito a não cobrança das contas, pois era praxe da *São Paulo Electric* não cobrar o consumo dos que lhe mereciam *elevada consideração*. O prefeito recusou a proposta, informando que cortaria a ligação de luz se não recebesse as referidas contas; além disso, colocou que somente aceitaria o benefício quando deixasse de ser prefeito. Mas isso, é claro, nunca veio a ocorrer, pois uma vez longe do poder, como mero ex-prefeito, a pessoa de Nascimento Filho não interessava mais à companhia. Do contrário, a situação naquele momento era totalmente outra, uma vez que a *São Paulo Electric* ameaçava cortar o fornecimento de luz da residência do ex-prefeito, em função de um excesso de consumo de 6 kilowatts sobre a quota de 89. E o pedido para uma quota de tolerância recebeu uma negativa formal.

Nascimento Filho conta essa história a fim de conscientizar os políticos da cidade sobre o caráter e o *modus operandi* da *São Paulo Electric*.

Assim, na questão dos bondes, o ex-prefeito se posiciona contra a aceitação pela prefeitura do espólio da companhia, considerado um verdadeiro “presente de grego”. Pois acreditava ser uma obrigação da empresa para com a cidade continuar responsável pelos serviços de bondes, em decorrência dos enormes lucros que Sorocaba já tinha lhe proporcionado. Não importa que, naquele momento, os maiores dividendos para a empresa fossem provenientes da produção e distribuição de energia. A empresa tinha que roer um pouco o osso e não apenas se deleitar com os filés e alcatras. Seria uma contrapartida justa em função da *São Paulo Electric* ter assumido o controle das águas do rio Sorocaba, da depreciação das terras confiscadas, por ter impedido o surgimento de outras empresas concorrentes, deixando a cidade à mercê da sua prepotência. Enfim, também para Nascimento Filho a *São Paulo Electric* tinha uma obrigação moral de manter o serviço de bondes elétricos na cidade. No entanto, sugeria aos vereadores que, estes, apresentassem uma contra proposta à empresa nos seguintes termos:

a) autorizando a duplicar o preço das passagens ou mesmo elevá-la a 50 centavos; b) comprometendo-se a municipalidade por dotação orçamentária, a reembolsá-la dos deficits mensais que o controle da escrita do tráfego, por ventura venha a acusar; c) pagar-lhe juros de 10 por cento ao ano sobre o capital que ela despende com reformas do tráfego, cujo capital será considerado inicial e preço pelo qual, a qualquer tempo, a municipalidade encampará o serviço dado que o material existente já se acha sob o título de doação; d) esse capital fica convencionado até o máximo de quinhentos mil cruzeiros sem consulta prévia e daí por diante qualquer aumento se condicionará a uma aprovação da edilidade; e) considerar-se-á para esse convênio um prazo de 3 anos para a sua vigência e findo o qual novos entendimentos se farão.<sup>59</sup>

Esta proposta, que se não lhe trazia lucros teria os prejuízos cobertos pela

---

<sup>59</sup> *Folha Popular*, 03/09/1950.

municipalidade, parecia, no mínimo, razoável para a *São Paulo Electric*; e, sem dúvida, muito melhor para as finanças do município. Pois, caso ocorresse a doação pura e simples, como era o desejo da companhia, a prefeitura assumiria os encargos oficiais, estabilidade de velhos funcionários, consumo de energia, acidentes pessoais e materiais, além de manutenção de toda a infra-estrutura ligada aos bondes elétricos.

Não podemos precisar a repercussão de tal proposta entre os vereadores municipais à época. De qualquer maneira, prevaleceu, mais uma vez, os interesses da *São Paulo Electric*, com a doação pura e simples de todo o patrimônio da empresa ao município.

Parece haver um momento de transição entre a doação do espólio por parte da *São Paulo Electric* e o efetivo controle do serviço pela prefeitura municipal. Com efeito, em meados de 1951, um setor da imprensa local se perguntava quando, efetivamente, o município ia entrar na posse efetiva do acervo. Informava-se que, enfim, após toda a polêmica envolvendo a doação, a Câmara Municipal havia aceitado o “presente de grego” da *São Paulo Electric*, contribuindo para isso a promessa do governador do Estado de São Paulo de reformar graciosamente os bondes nas oficinas da Estrada de Ferro Sorocabana.<sup>60</sup>

Mas, enfim, a doação é efetuada oficialmente em julho de 1951, quando a prefeitura assume efetivamente a responsabilidade pelo transporte de bondes elétricos.<sup>61</sup>

Francisco Gaspar, em seu opúsculo sobre os bondes elétricos de Sorocaba, comenta sobre a transferência dos serviços de bondes. Para esse autor, após ótimos benefícios proporcionados por esse meio de transporte, a *São Paulo Electric* resolvia fazer graciosamente a doação de toda a infra-estrutura relacionada aos bondes à prefeitura municipal. O que, para Gaspar, se configurava como algo extraordinário, o fato de um empresa como a *São Paulo Electric* doar graciosamente o seu “vantajoso patrimônio”, “era

---

<sup>60</sup> *Cruzeiro do Sul*, 13/07/1951.

<sup>61</sup> *Cruzeiro do Sul*, 15/07/1951.

um gesto incomparável”.<sup>62</sup> Pelo que foi colocado acima, nessa questão, o nosso bom memorialista mostra uma ingenuidade incomensurável.

O que se questiona não é o serviço de bondes elétricos *per se*, mas a sua precariedade. Algo que já se mostrava patente na época em que esse serviço estava sob o controle da *São Paulo Electric*, torna-se ainda mais deficiente quando passa ao controle da prefeitura.

Sem ter condições financeiras e mesmo interesse em aumentar as linhas e a qualidade do serviço, a prefeitura municipal permite que o serviço se degrade a um ponto limite no decorrer da década de 1950. Algo que gera situações bizarras como a descrita pelo jornal *Diário de Sorocaba*, no final de 1958:

*Chove. O cidadão, próximo ao mercado, já está impaciente. Há mais de trinta minutos ali se postara impassível. Agora, porém, não mais conseguia esconder seu pessimismo. Ante o inesperado, cria coragem e aproxima-se de uma banca de jornais perguntando:*

- *Por favor, moço, vai demorar muito o bonde para o Cerrado?”*
- *Um momento. Deixe-me ver...”, respondeu-lhe o jornalista.*

*E, ante o espanto do pacato homem, arrematou:*

- *Bem, hoje é terça-feira... E o bonde circula às segundas, quartas e domingos, depois do almoço, quando não chove...*

Após relatar o episódio, o autor da reportagem comenta:

*Há um exagero na resposta do jornalista. Não tanto como o do jornalista em transcrevê-la ao pé da letra. Porque, afinal de contas, o sistema de transporte coletivo, em Sorocaba, por meio de bondes, já é um negócio arcaico, que não rende nada, em absoluto, para a Prefeitura, além de travancar o trânsito em nossas ruas estreitas e, o que é pior, desservir a população.<sup>63</sup>*

Pela sua incapacidade em servir à população, a reportagem sugeria a cessão do serviço e a venda de todo o material como sucata; assim, vendido como ferro velho, seria possível, talvez, a aquisição de ônibus elétricos muito mais eficientes. Para sustentar a sua argumentação, a reportagem mencionava o prejuízo do serviço aos cofres da prefeitura, uma vez que o preço da passagem continuava o mesmo desde os tempos da *São Paulo Electric*, ou

<sup>62</sup> GASPAR, Antônio Francisco. *Os bondes elétricos de Sorocaba*. 1955, pp. 51-55.

<sup>63</sup> *Diário de Sorocaba*, 05/12/1958.

seja, dois cruzeiros; insuficiente para cobrir as despesas, a passagem deveria custar três cruzeiros. Mas nesse caso, encontraria a concorrência das companhias de ônibus que, supostamente, realizavam o trajeto de maneira mais rápida e eficiente.<sup>64</sup>

Assim como no início da década, a questão dos bondes volta à baila, porém, agora, o que se discute é a extinção dos serviços. A reportagem do *Diário de Sorocaba* certamente expressava a perspectiva de segmentos da população ou, podemos inferir, os interesses das empresas de ônibus da cidade. Provavelmente açodado por essas opiniões, o prefeito José Lozano, toma a decisão de extinguir o tráfego dos bondes na cidade, a partir do primeiro dia de março de 1959<sup>65</sup>. Quase dez anos antes da retirada desse meio de transporte na capital paulista.

No entanto, quando isso efetivamente ocorreu, o que se viu foi um grande descontentamento de uma parte de população. Especialmente, os segmentos mais pobres que utilizavam esse serviço, como era o caso dos operários. O vereador Jorge Betti, veterano político da época da Primeira República, considera a decisão precipitada, considerando que se deveria esperar mais alguns meses até que a prefeitura adquirisse mais ônibus. Moradores da Vila Hortência, na região do Além Ponte, fizeram um abaixo-assinado solicitando a volta dos bondes, assim como o pacto da Unidade Inter- Sindical e Estudantil que encaminha um ofício ao prefeito pedindo a permanência dos bondes até a chegada de novos ônibus.<sup>66</sup>

Ao noticiar essas reivindicações, o próprio periódico talvez percebesse que a retirada dos bondes elétricos de circulação não era algo tão simples assim. Concordando com a precipitação do prefeito em encerrar o serviço de bondes sem substituí-lo por ônibus a diesel e elétricos, como teria sido prometido. Além do que, embora totalmente estagnados os bondes ainda se constituíam no meio de transporte mais barato para os operários e estudantes,

---

<sup>64</sup> *Diário de Sorocaba*, 05/12/1958.

<sup>65</sup> *Diário de Sorocaba*, 27/02/1959.

<sup>66</sup> *Diário de Sorocaba*, 05/03/1959; 11/03/1959.

segmentos que acabaram sendo os mais afetados com o encerramento abrupto do serviço.

Além disso, ao contrário do que apregoava o próprio *Diário* no final de 1958, o transporte efetuado através de ônibus na cidade estava muito longe de ser satisfatório. Em março de 1959, com a extinção definitiva do tráfego dos bondes, o próprio periódico assinalava a condição absolutamente precária do sistema de transporte na cidade, que conseguiu tornar-se ainda pior com o fim da circulação do bondes. As linhas não ofereciam segurança, conforto, nem ao menos higiene para os passageiros, os horários são sistematicamente desrespeitados, existindo apenas nos contratos. Até mesmo os itinerários não eram muitas vezes respeitados e, numa autêntica proto-imagem do que ocorreria em tempos mais recentes, nos horários de maior movimento, como na hora do almoço e saída do trabalho, os ônibus trafegam superlotados com os passageiros amontoados uns contra os outros, com a maioria dos passageiros em pé. *“É o momento em que todos entregam a alma a Deus, pois os carros, nesse situação, chegam ao fim das não poucas ladeiras existentes em Sorocaba como que por milagre. O freio range, dando sempre a impressão de que não suportará o peso excessivo. E agüenta de teimoso, como diz o vulgo.”*<sup>67</sup>

O final melancólico dos bondes na cidade indica a incapacidade dos poderes públicos em resolver, de maneira satisfatória, para a população a questão dos transportes urbanos. Assim como no caso dos serviços de água e esgoto, a resolução dos problemas urbanos na cidade vai se tornando cada vez mais difícil e complexa devido à constante expansão da malha urbana. Uma situação que começa a se configurar de maneira mais constante já na década de 1920, mas que ganha a sua dimensão plena no decênio seguinte, para apenas tentar balizar esse contexto em termos de décadas.

Diante dessa nova situação, começam a surgir algumas opiniões no sentido de pensar a necessidade de intervenções mais sistemáticas na urbe a fim de possibilitar, no final das

---

<sup>67</sup> *Diário de Sorocaba*, 13/03/1959.

contas, uma maior racionalização entre as vias de comunicação.

Era o caso, por exemplo, de um texto publicado pela imprensa local, com o sugestivo título de “Corrigindo o passado.” Nesse escrito, menciona-se o que seria o breve período da câmara municipal eleita em 1936 e o desafio que os aguardava, pois desde os primeiros anos conturbados proporcionados pelo novo regime, instaurado pela Revolução de 1930, o município tinha ficado à mercê de administrações efêmeras, não efetuando por isso, as reformas urbanas e melhoramentos necessários. Ou seja, a expansão e o aumento da complexidade da administração municipal não foram acompanhados pelas instituições, justamente em função do cenário político.

Dessa forma, no início de 1937, a cidade necessitava de reformas prementes, especificamente no que dizia respeito às suas vias de comunicação. O texto manifestava uma certa ambivalência com relação ao traçado urbano da cidade, ao mesmo tempo em que possuía uma enorme riqueza tradicional, privilégio dos núcleos urbanos antigos como Sorocaba; esse mesmo traçado se configurava como um obstáculo ao progresso da cidade, pois, *“traçados pelos nossos avós, por questões de conveniências ou caprichos”*, não davam mais conta de atender às exigências de um cenário urbano mais intenso, com mais automóveis, ônibus e pessoas necessitando se deslocar de um ponto ao outro da urbe. Faltava, portanto, uma intervenção mais sistemática dos poderes públicos tendo por finalidade precípua o desatramentamento das vias de comunicação. E isso tanto dizia respeito ao antigo núcleo central da cidade, como também, e principalmente, às maneiras de interligar esse núcleo central com as demais regiões da cidade, o Além Ponte, e principalmente, toda a região do Além Linha.

Daí que um melhoramento de primeira necessidade se constituía na abertura de uma via que desse acesso a diversos bairros localizados no Além Linha, como as Vilas Carvalho e São Felipe, à região central da cidade; uma comunicação que era extremamente dificultada

por haver, literalmente, todo um quarteirão no meio do caminho. Do jeito que estava, um cidadão que desejasse se deslocar dos fins da rua Padre Luís ou Francisco Scarpa para o Alto do Cemitério, ou seja, para o Além Linha<sup>68</sup>, ou vice-versa, teria que vir à cidade para voltar ao bairro, dando uma volta de mais de um quilômetro, quando, sem o referido quarteirão, poderia fazer em cerca de dois minutos o referido trajeto.

Relevante colocar que os moradores dos cada vez mais populosos bairros da região do Além Linha eram, em sua maioria operários, e justamente estes é que tinham a necessidade de se deslocar de seus bairros para a região central da cidade, fazendo o referido trajeto até quatro vezes por dia. Encontrando inúmeros obstáculos nesse percurso, seja quarteirões inteiros ou simplesmente os trilhos da Estrada de Ferro Sorocabana e suas porteiras. Por isso, o texto procurava concitar os novos vereadores a realizar esses melhoramentos considerados de fundamental importância para a cidade.<sup>69</sup>

De fato, naquele ano e nos próximos, uma série de discussões e deliberações ocorreriam visando à modificação das feições urbanas de Sorocaba e dos meios de comunicação entre a região central com as demais regiões da cidade.

Em outubro de 1937, um grupo de vereadores<sup>70</sup> encaminha um projeto de lei com o propósito de extinguir os últimos becos e vielas que ainda existiam na cidade. Inicialmente os vereadores colocavam que: *“Com 280 anos, é natural que Sorocaba conserve ainda, em sua feição urbana um ou outro aspecto da época em que as casas eram construídas sem obediência a alinhamento e mais ou menos, à vontade dos proprietários. É demorada não há dúvida, a modernização de uma cidade antiga.”*<sup>71</sup>

A despeito dessa particularidade, a administração municipal não poderia descurar em implementar de forma lenta, porém constante, a remodelação estética da cidade. E daí se

---

<sup>68</sup> Cf. Mapa em anexo. Detalhe 2, p. 331

<sup>69</sup> *Cruzeiro do Sul*, 15/01/1937.

<sup>70</sup> Affonso Vergueiro, Mário Borghi, Jorge Moyses Betti e Luiz Teixeira do Espírito Santo. Todos vereadores do PRP.

<sup>71</sup> *Cruzeiro do Sul*, 05/10/1937.

configurava como fundamental a extinção dos últimos becos e vielas que ainda existiam pela urbe.

Os vereadores se voltavam especificamente contra o beco denominado Santa Cruz da Penha, cuja denominação oficial à época era de rua Almirante Barroso. O beco começava na ampla e movimentada rua Moreira César, na região conhecida como Alto de Penha, com 6 metros e meio de largura por 160 metros de comprimento e se prolongava pela vila Independência, com 12 metros de largura, o dobro, portanto, da largura inicial.<sup>72</sup>

Para a retificação do beco, seria necessária a desapropriação de terrenos que pertenciam a Francisco Ferreira Leão e José Jacintho. Acontece que Ferreira Leão era membro do PC [Partido Constitucionalista], partido majoritário na Câmara Municipal e, sendo assim, conseguiu autorização da prefeitura para que seu protegido José Jacintho, construísse um prédio exatamente na região em que deveria haver a desapropriação para o alargamento do beco. O que propiciava o protesto dos vereadores do PRP. Aqui, o contexto político se imiscui nas questões urbanas, como quase sempre acontece, aliás. O interessante, de qualquer maneira, é constatar, ainda no final da década de 1930, a persistência de elementos espaciais de outras épocas, como no caso, becos e vielas. Sorocaba como cidade antiga possuía uma profusão de logradouros com essas características. Tais como Beco do Bom Jesus, Beco da Aldeinha, Beco da Via Sacra, Beco da Matriz, Beco do Lopes, Beco ou Rua das Violas. Alguns desses becos foram desaparecendo ainda no século XIX, como o Beco do Teatro, atual rua Brigadeiro Tobias<sup>73</sup>. Outros passaram por reformulações ao longo do século XX, persistindo alguns por décadas a fio, como o mencionado no projeto dos vereadores do PRP.

Ligando-se à questão da configuração arcaica da maioria dos logradouros da região central, não mais condizentes com o fluxo de trânsito das urbes modernas, havia, como já

---

<sup>72</sup> Cf. Mapa em anexo. Detalhe 1, p. 330

<sup>73</sup> GASPAR, Antônio Francisco. *O 3 de Março*, 18/05/1957.

colocado, o problema do estrangulamento das vias de comunicação entre as diferentes regiões da cidade. Tal situação tornava-se ainda mais grave com o crescimento dessas regiões que, no caso da história urbana de Sorocaba, ganharam os nomes peculiares de Além Ponte e Além Linha.

A planta produzida pela companhia de telefone [Cia Bragantina] no final de 1926, mostra o crescimento da cidade em relação à planta registrada por volta de 1910.<sup>74</sup> A histórica colina central, núcleo urbano original da cidade, ficava então permeada pelo, naquela época, sinuoso rio Sorocaba, além do rio, a região do Além Ponte, localizada na parte oriental e mais ao sul da cidade, núcleo que começara a se expandir ainda no século XIX em torno da rua dos Morros [atual Nogueira Padilha]. Em direção ao norte, transpondo as linhas da Estrada de Ferro Sorocabana, já se tinha a formação de núcleos urbanos populosos como a Vila Carvalho e a Vila Santana. Além disso, do outro lado da estrada do Caminho Fundo, futura avenida General Osório, nascia, como nos referimos anteriormente, o conjunto residencial da Vila Barão.

De qualquer forma, tanto a sofisticada vila Barão como a mais popular, porque habitada por operários, Vila Santana sofriam com as difíceis vias de comunicação com o restante da cidade, uma vez que ambas se localizavam além dos trilhos da Sorocabana.

O problema das vias de comunicação entre as diferentes partes da cidade era um dentre os vários problemas urbanos por qual passava Sorocaba, em função do adensamento urbano. Era o que elencava o periódico *Correio de Sorocaba* num artigo sintomaticamente intitulado *Angustia Urbana*:

*Uma das grandes falhas que impedem o desenvolvimento desta cidade é o precário estado das vias de comunicação urbanas. Como já tivemos ocasião de notar as nossas ruas e as nossas travessas no centro commercial já não comportam mais o intenso trafego de automóveis que a cidade possui.*

*Este problema de circulação já se nos apresenta com todas as formas*

<sup>74</sup> Cf Mapa em anexo, pp. 329-336 Comparar a planta da cidade realizada em 1910 com a de 1925, elaborada pela Companhia Bragantina.

*typicas com que o mesmo apparece nas outras grandes cidades. (...) A topographia do centro de Sorocaba é o mesmo actualmente, do que a com que foi fundada há séculos... Ruas tortas, largas no principio e estreitas no fim, outras estreitissimas, outras mais verdadeiros beccos sem sahida, tornam e sempre hão de tornar difficultoso e de extremo perigo a circulação de vehiculos pela cidade.*

*(...) E bem estamos vendo que depois da criação da inspectoría municipal de vehiculos tem havido, nas ruas da cidade, dôi encontros de automóveis, em média, por dia. Desduza-se, dahi, um coeficiente que Sorocaba há de occupar a primeira plana de accidentes, o que fará, forçosamente, que o proprietário de automóveis não posa conseguir segural-os, nunca em companhias de seguros.*

*(...) O que precisamos é um tanto de mais vontade da parte dos administradores e abrir novas ruas para desafogar em parte o nosso hoje restrictissimo centro de actividade commercial. A Câmara precisa prolongar a rua da Penha até a rua Souza Pereira, a rua 13 de Maio até a rua Padre Luiz, a rua Manoel da Fonseca até a villa Guimarães. E precisa pedir á Light que ponha bondes até o bairro de Santa Rosália passando pelo Cemitério.*

*Só este melhoramento faria a cidade em pouco tempo triplicar de tamanho e, sobretudo, viria trazer um beneficio enorme aos que pagam alugueres de casa, que são, entre nós, de uma brutalidade pasmosa.<sup>75</sup>*

Problemas de comunicação em função do já, naquele momento, considerado acanhado centro urbano, problemas também de uma interação mais orgânica entre os subúrbios e o núcleo urbano da cidade.

Afinal, como escrevia um editorialista da imprensa local, a cidade crescia mais depressa do que devia, pois a cada dia se tinha a notícia do surgimento de um novo bairro na cidade. *“Quem tem um terreno de tamanho regular ou constrõe uma villa ou risca lotes, vende-os, e dentro em pouco a villa se forma por si mesma. Pouco depois ahi estão os moradores a exigir melhoramentos. Sorocaba cresce, assim como certos meninões para os quaes, de um momento para outro, as roupas mesmo há poucos feitas não servem mais e pedem novas.”<sup>76</sup>*

Então, diante desse cenário, uma questão premente que se colocava no final da década de 1930, era a dificuldade sentida pelos habitantes do Além Linha em se deslocarem dos seus bairros para a área central da cidade. Aqui, além dos trilhos da estrada de ferro, havia também o rio Supiriri que ladeava os trilhos da Sorocabana em boa parte da área urbana da cidade.

<sup>75</sup> *Correio de Sorocaba*, 25/04/1926.

<sup>76</sup> *Cruzeiro do Sul*, 19/01/1937.

Por essa época começam a surgir projetos com o propósito de canalizar pelo menos alguns trechos daquele rio. Com efeito, em outubro de 1937, o vereador Bernardo Ferraz de Almeida faz uma indicação de canalização do córrego, especificamente no final da rua Miranda de Azevedo<sup>77</sup>, uma das mais antigas da cidade, mas que não tinha saída, pois em seu trecho final era cortada pelo Supiriri. Além disso, para atravessar o córrego, a população se utilizava apenas de um pranchão de 30 centímetros de largura, o que tornava a travessia perigosa, especialmente para as crianças.<sup>78</sup>

Como ocorreu em tantas cidades, a expansão urbana invadiu as várzeas e as margens de rios e córregos. É o que aconteceu aqui com o lendário Supiriri, este afluente do rio Sorocaba foi posteriormente canalizado, mas, evidentemente, nas épocas de chuva, transbordava os limites impostos por essa obra e tornava a uma região em que costumeiramente costumava estar, provocando, dessa forma, enormes enchentes.

Quando retorna à prefeitura, em 1938, Nascimento Filho tem como uma das prioridades da sua administração a questão das formas de comunicação entre a região central e o Além Linha. A imprensa local, embora num tom absolutamente laudatório, noticia com minúcias sobre as obras que vinham sendo realizadas pela prefeitura na região.

Obras que se faziam absolutamente necessárias, pois, como se constatava, a população da cidade não se limitava apenas ao “aglomerado central”. Dessa forma, a canalização do rio Supiriri encabeçava a lista de melhoramentos que se procurava realizar. A canalização do Supiriri remetia ao projeto maior de urbanização de todo o vale que constituía a região. A administração municipal passa a olhar com mais carinho essa área em função do crescimento urbano para além da região do vale. Havia, portanto, entre as ruas limites do núcleo central, tais como Professor Toledo, Miranda Azevedo, Padre Luís, Francisco Scarpa e o outro lado da cidade, uma interrupção constituída pelo fundo do vale, margeando, além disso, os trilhos da

---

<sup>77</sup> Cf. Mapa em anexo. Detalhe 2, p. 331

<sup>78</sup> *Cruzeiro do Sul*, 21/10/1937.

Sorocabana<sup>79</sup>. Toda essa região não urbanizada passava a ser considerada um espetáculo desagradável para os olhos, além de nocivo aos princípios da higiene. Por exemplo, o trecho do vale que intermediava o final da rua Francisco Scarpa como a estrada do Caminho Fundo [General Osório], era caracterizado por um espesso matagal, acidentes topográficos e, quando chovia, muita lama. Quem parecia se divertir nesse cenário era a criançada que jogava futebol e realizava outras traquinadas na região. O Caminho Fundo ganhou tal denominação em função das chuvas torrenciais e do grande trânsito de carros de bois e tropas que por ali passavam, sendo uma via de comunicação, por isso o terreno foi se esburacando e afundando, daí o sentido da denominação.<sup>80</sup> Portanto, toda essa região, além de tornar-se um empecilho à comunicação entre as diferentes partes da cidade, por suas características, evocava uma Sorocaba de antanho, não condizente como os “preceitos de adiantamento e progresso.” Era essa a perspectiva majoritária da imprensa local e também da prefeitura que, no final da década de 1930, transforma a região num canteiro de obras.

Assim, entre o final da rua Francisco Scarpa, que marcava o início do chamado Caminho Fundo, a prefeitura procura remodelar o local, traçando o que seria considerado um jardim moderno e bonito, nascia, assim, a Praça da Bandeira.<sup>81</sup>

Em concomitância à confecção da nova Praça, eram tomadas medidas visando à canalização do rio Supiriri, cujo extravasamento na época de chuvas acarretava prejuízos consideráveis aos prédios e vias públicas. Além disso, no sentido paralelo ao Supiriri, agora canalizado, é aberta a avenida Afonso Vergueiro.<sup>82</sup>

<sup>79</sup> Cf. Mapa em anexo, Planta Geral e detalhe 2, pp. 329 e 331

<sup>80</sup> GASPAR, Antônio Francisco. *Minhas memórias*. 1967, pp. 170-171.

<sup>81</sup> *Cruzeiro do Sul*, 14/12/1940.

<sup>82</sup> *Cruzeiro do Sul*, 10/07/1940. No entanto, mesmo canalizado, o lendário riozinho ainda causaria muitos transtornos à região. É o que atesta o nosso Francisco Gaspar, quando, como funcionário da Estrada de Ferro Sorocabana, na noite de 29 de dezembro de 1960 presencia mais uma das violentas inundações do Supiriri, com as águas tomando o leito dos trilhos e a plataforma da estação. Naquela ocasião como em muitas outras o rio invadia o início da rua Hermelino Matarazzo, Praça da Bandeira e Avenida Afonso Vergueiro. Por isso, segundo Gaspar, o rio ia adquirindo a fama de “famigerado”, ou “desastroso”. Mas o autor, com justiça, defende o histórico rio de Sorocaba, pois, na verdade, ele apenas estava tomando um espaço que sempre foi seu por direito. Poderíamos imaginar, como o poeta local Benedito Cleto, que o “comportamento” do Supiriri nada mais é do que uma vingança da natureza contra as violências que os homens contra ela cometem. Assim

Todas essas obras incentivavam a urbanização daquela região, com efeito, há pouco tempo já havia sido aberto o loteamento da Vila Barão, agora, no contexto das obras no vale do Supiriri, surgia um novo loteamento denominado “Parque Trujillo” numa iniciativa do capitalista Alberto Trujillo; significando tal obra a remodelação de uma área até então desabitada, edificando casas consideradas modernas, elegantes e higiênicas. Então, no lugar da rude vegetação do vale do Supiriri surgia, nas proximidades da nova avenida Afonso Vergueiro, um bairro residencial aristocrático, com linhas arquitetônicas arrojadas, um índice, portanto da continuidade do progresso da cidade.<sup>83</sup>

Obras são empreendidas na rua prof. Toledo, onde se constrói uma ponte de cimento armado com dimensões que se acreditava serem capazes de receber e dar vazão às águas do Supiriri; também na região da avenida Afonso Vergueiro, procura-se captar as águas do rio, além de implementar a ligação de algumas ruas do centro com a nova avenida, como as ruas Professor Toledo e Artur Gomes; outra obra significativa tratava da ligação da rua Mascaranhas Camelo com a entrada da Vila Campos.

Com o adensamento populacional dos bairros do Além Linha, começa a chamar a atenção a intensidade de movimentação da população em torno do rio Supiriri e da linha da Sorocabana. E, conseqüentemente, nota-se a dificuldade cada vez maior das pessoas em transpor esses obstáculos. Pois a vegetação do vale, mas especialmente a linha da estrada de ferro, representava verdadeiros gargalos para o trânsito entre as duas regiões da cidade.

O estrangulamento das vias de comunicação entre a região do Além Linha e a área

---

o rio pergunta provocativo: 'Quem sou eu? / pois adivinhe / quem sou eu e que é que eu faço? / onde moro? Qual o meu traço? / sou morto ou vivo? Quem sou? / sou bom ou sou mal? Sou querido ou sou odiado e temido do mal que de mim espalhou? // meu nome a você não digo. / adivinhe se quiser: / nem sou homem, nem mulher. / poderia ser seu amigo; / não o sou, porque dependo / dos homens para fazer o bem. / e como o bem não me fazem, / mal por mal lhes dou também. // quer você conhecer-me? / eu o envio lá na 'Praça' me ver de 'Bandeira', / onde capraio e rabojo e 'so... rio' / da vergonha da 'politiqueira'. / e rolando no vale do Scarpa, no meu lodo que o povo se carpa... / Eu me rio – e já muito me ri / de quem praga sofreu de urubu. / diga então meu nome, 'Bidú!' / quem sou eu? Sou o SUPIRIRI!' GASPARG, Antônio Francisco. *Supiriri, rio histórico*. 08/06/1968.

<sup>83</sup> *Cruzeiro do Sul*, 15/12/1940.

central, pois uma das poucas passagens razoavelmente seguras eram as porteiras da Sorocabana na altura das ruas Hermelino Matarazzo e Comendador Oeterer. Eram apenas essas duas entradas que escoavam a passagem da população das vilas Carvalho e Santana, quase toda elas constituída por operários. Como até as próprias autoridades da época e também a imprensa reconheciam, essas passagens estavam se tornando cada vez mais perigosas em função do aumento do fluxo de pessoas que necessitavam circular pelo local. Esse perigo fazia parte do cotidiano dos operários que trabalhavam nas fábricas Santo Antônio e Nossa Senhora da Ponte, bem como nas oficinas da Estrada de Ferro Sorocabana. Muitas vezes premidos pela voz de comando dos apitos das fábricas que os chamavam para o seu turno de trabalho, atravessavam de maneira imprudente o leito da ferrovia quando esta se encontrava fechada, indicando o perigo representado pela passagem de um composição ferroviária. Algo que tinha sido fatal para uma moça operária que procurou atravessar a linha e foi terrivelmente tolhida pela passagem de um trem<sup>84</sup>.

O que ficava patente, então, era a necessidade de se encontrar maiores opções para a transposição e comunicação entre essas duas regiões da cidade. Um projeto aventado à época era a construção de um pontilhão na altura da rua Professor Toledo. O que seria uma alternativa de locomoção para a população do Além Linha, particularmente dos novos bairros Vila Barão e Trujillo. Esse tema foi abraçado com intensidade que assinava os seus textos apenas como J. Assim, J. Procurava enfatizar a relevância do pontilhão ao detalhar o cotidiano dos moradores daquela região que precisavam andar grandes trechos para transpor os trilhos da Sorocabana, demandando ao Caminho Fundo ou a rua Hermelino Matarazzo, através da Vila Carvalho. No entanto, para evitar esses grandes deslocamentos, acabam encontrando de maneira provisória caminhos mais curtos em meio ao mato. Era o caso de um caminho que se fazia embrenhando-se pela recente Vila Trujillo, alcançando o leito da Sorocabana, justamente

---

<sup>84</sup> *Cruzeiro do Sul*, 10/03/1940.

nas proximidades da rua Professor Toledo. Economizava-se um tempo precioso, no entanto, como destacava o articulista, tratava-se de um percurso extremamente perigoso.<sup>85</sup>

Em outra ocasião J. denomina aquele trajeto como a “Estrada do Perigo” e observa preocupado a utilização freqüente do local por homens, mulheres, velhos e crianças a despeito dos riscos que corriam.

*E compreende-se perfeitamente porque êsses homens, desprezando o perigo representado por uma passagem assim, em lugar acidentado e sem estrada, aproveitam aquele 'caminho de roça' para atingir com mais presteza os lugares onde exercem as suas atividades, na luta difícil para a aquisição do pão nosso de cada dia. Funcionários da Sorocabana, em sua maioria, restando uma porcentagem apreciável de nossas fábricas, homens e mulheres vivem sob o pesadelo dos apitos, obedecendo as imposições das exigências que não perdôam. Trabalhando até tarde, economizam de manhã um tempinho para mais uns minutos de descanso; ao almoço, com um prazo curtíssimo, precisam fazer tudo às carreiras para não encontrarem os portões fechados e os conseqüentes descontos no fim do mês. Dentro de normas de vida assim tão apertadas os operários tem necessidade de encurtar caminho, embora isso represente perigo ou seja conseguido á custa de temeridade. É por essa e outras razões idênticas, que vai aumentando o trânsito de pedestres pela Estrada do Perigo, ali onde algum dia deverá ser construído o pontilhão que ligará a cidade às vilas de além-linha.<sup>86</sup>*

J. aponta com precisão os motivos pelos quais aquelas pessoas, em sua grande maioria operárias, recorriam a verdadeiras trampolinagens para economizar alguns minutos preciosos. Pois todos, homens, mulheres e crianças viviam “sob o pesadelo dos apitos” das fábricas da cidade que lhes impunham “exigências que não perdoam”; ou seja, os minutos perdidos poderiam significar descontos de salário ou até mesmo a perda do emprego. É certamente mais raro do que encontrar uma agulha no palheiro, uma descrição tão sinistra da realidade cotidiana daqueles operários, editada pela imprensa sorocabana, e o significado tormentoso que poderia adquirir aqueles apitos, lembrados de maneira por vezes tão bucólica em certas reminiscências.

Talvez esse viés crítico não fosse nem a intenção do articulista, contudo, J. percebia

<sup>85</sup> *Cruzeiro do Sul*, 31/01/1941.

<sup>86</sup> *Cruzeiro do Sul*, 01/02/1941.

uma mudança na paisagem do vale do Supiriri, sua urbanização e modernização. Trazendo, dessa forma, todas as características ambivalentes desse processo. Essas descrições nos remete a um célebre conto de Charles Dickens, “O Sinaleiro”, publicado na Inglaterra em 1866, e que Ítalo Calvino classifica como um exemplo do “fantástico cotidiano”; pois aqui estamos muito longe de paisagens maravilhosas e castelos mal assombrados, o horror se imiscui no próprio cenário industrial da modernidade. No conto, um controlador do tráfego de trens não suporta as responsabilidades e exigências de seu trabalho e sucumbe mentalmente; com os nervos em frangalhos começa a ver espectros, barulhos e luzes de advertência na desolada paisagem ferroviária.<sup>87</sup>

Na obra de Dickens, o sinaleiro é assombrado por uma visão que procura avisá-lo desesperadamente: “Pelo amor de Deus, saia da frente!” Por sua vez, J. avisava aos habitantes do Além Linha: “Cuidado, senhores transeuntes!” Tal informação tinha a ver com, naquela época, a principal passagem do Além Linha para o centro da cidade, ou seja, a porteira da Sorocabana localizada na entrada da rua Hermelino Matarazzo.<sup>88</sup> J. observa o movimento constante de pessoas que acontece no local em direção das oficinas, fábricas, escolas ou da região central para as suas casas. A porteira servia de dique para toda essa população e, por essa razão, vivia congestionada, numa barafunda de pessoas e carros, um “espetáculo bonito” segundo nosso autor, que diz algo sobre o ritmo acelerado e o progresso da cidade. Porém, J. alertava a população para um aspecto perigoso do local, e agora não se referia à passagem dos trens, mas, sim, sobre um bueiro que se encontrava desguarnecido em sua grade de ferro, justamente no ponto de maior aglomeração da multidão, representando, assim, um perigo permanente para aqueles que procuram *“alcançar hora, obedientes aos apitos das indústrias... Uma queda, nesse 'buraco' fantasiado de boeiro, trará resultados muito desagradáveis, e é por isso que enquanto não aparecerem as medidas removedoras do perigo, nós chamamos a atenção de todos:*

<sup>87</sup> CALVINO, Ítalo. (Org.) *Contos fantásticos do século XIX – o fantástico visionário e o fantástico cotidiano*. 2004, pp. 299-311.

<sup>88</sup> Cf. Mapa.

- 'Cuidado, senhores transeuntes!'”<sup>89</sup>

Em Sorocaba, o ocaso da chamada Primeira República, não significou necessariamente uma mudança de paradigmas relacionados às intervenções urbanas. Apesar das crises e das escaramuças políticas do período, a cidade continuava a se expandir, demográfica, física e economicamente, o que acarretava novos problemas e novas percepções, além de agravar antigos problemas não resolvidos nas décadas anteriores.

Portanto, quando Nascimento Filho, certamente o prefeito mais emblemático do primeiro período republicano na cidade, retorna à frente do executivo municipal, em meados de 1938, encontra uma cidade modificada.

Como esta pesquisa procura mostrar a percepção de uma cidade que se altera, em relação àquela das primeiras três décadas do século passado, começa a se fazer sentir já em meados da década de 1920. Com o espraiamento do tecido urbano para além do núcleo colonial do século XVII e a necessidade de intensificação de certos melhoramentos urbanos fundamentais; como aqueles que procuramos enfatizar, o serviço de água e esgotos e a questão dos transportes urbanos e locomoção da população de um ponto a outro da cidade.

Com o adensamento urbano, a cidade torna-se não apenas mais extensa, mas também mais complexa. Exigindo uma abordagem diferente nas intervenções urbanas. Em 1940, um texto publicado pela imprensa local mencionava as transformações por que passaram muitas cidades no hemisfério Ocidental e, fruto desse próprio desenvolvimento, uma certa falta de “harmoniosidade de linhas em seu conjunto.” Daí segundo o autor, a necessidade de urbanistas, ou concertadores de cidades. O texto menciona a relevância de uma figura como Prestes Maia para a cidade de São Paulo, cuja visão das necessidades futuras e presentes do

---

<sup>89</sup> *Cruzeiro do Sul*, 24/06/1941. Afora isso, J. continuou sua campanha em favor da construção do pontilhão da rua Professor Toledo. Defendendo os aspectos positivos de tal obra para a cidade. Como sejam, o espraiamento da urbanização naquela região, acarretando novas construções e novos moradores e, em consequência, mais impostos para a prefeitura, além de favorecer os operários da própria Sorocabana e a melhoria do aspecto urbano da cidade. *Cruzeiro do Sul*, 04/07/1941. Para a felicidade de J. o referido pontilhão seria posteriormente construído.

grande centro paulistano seriam impressionantes. Não se trata aqui de entrar no mérito da questão a respeito da validade e das conseqüências dessas reformas para a cidade de São Paulo.<sup>90</sup> Mas o fato de que tais abordagens começavam a ser pensadas como uma perspectiva, mesmo para uma cidade do interior, como Sorocaba. Aqui entra justamente a especificidade dessa história urbana e a contribuição que ela possa ter para se pensar o processo histórico da modernização urbanística no Brasil ao longo do século XX.

O que se nota, portanto, no final da década de 1930, em Sorocaba, é a necessidade de um planejamento e intervenções urbanas mais orgânicas, capazes de responder ao crescimento da cidade e aos problemas decorrentes desse processo. Não se tratava de um abandono dos preceitos urbanísticos anteriores, que chamamos, como alguns autores de urbanização, da *Belle Époque*, calcada principalmente no tripé higiene, estética e racionalidade urbana; mas poderíamos colocar de sua superação, no sentido filosófico hegeliano mesmo, ou seja, elevar a um nível superior ou diverso, conservando algumas ou muitas de suas características anteriores. Talvez, a mudança mais proeminente foi a da intensidade das intervenções. Pois continuavam os propósitos que levaram ao estabelecimento das formas de controle da cidade pós-industrial, para usar esse termo empregado por Leonardo Benevolo<sup>91</sup>. Na Sorocaba das décadas de 1930 e 1940, como procuramos demonstrar, intensificava-se a corrida ou tensionamento entre os aparelhos públicos – responsáveis pelos melhoramentos urbanos - e a exploração dos terrenos particulares que, justamente, propiciavam o espargimento da malha urbana. Era o que estava acontecendo em várias direções da cidade, mas, principalmente, em direção ao norte, na região conhecida como Além Linha, com a formação desde bairros quase que exclusivamente operários como as vilas Carvalho e Santana, como bairros residenciais mais sofisticados como a vila Trujillo.

Por isso, certamente, a mesma historiografia que aponta para as características da

---

<sup>90</sup> Cf. ROLNIK, Raquel. *A cidade e a lei*. 1999; São Paulo. 2002.

<sup>91</sup> BENEVOLO, Leonardo. *História da cidade*. 2001, pp. 573-598.

urbanização da *Belle Époque*, representando um período caracterizado por uma maior interiorização da modernidade no país, da qual justamente a história urbana é uma de suas mais notáveis expressões, tem muita dificuldade em encontrar um ocaso para o período. Pois essa época, na perspectiva de uma história urbana, evidentemente não pode ser confundida com a ruptura institucional representada pela Revolução de 1930. Dessa forma, o período da segunda administração do prefeito Nascimento Filho [1938-1943] pode indicar o esgotamento de um modelo de intervenções urbanas. Senão, por qualquer outra baliza para indicar essa afirmação, podemos nos remeter às diferentes legislações municipais. Sintomaticamente, em 1937, um editorialista local fazia menção à necessidade de se dotar a cidade de um código de obras com o propósito de orientar e padronizar as construções na cidade. Esse código, necessariamente, deveria ser elaborado por profissionais habilitados, como os urbanistas, pois dado o aumento da complexidade das questões urbanas, não raro, a edilidade se encontrava desparelhada para resolver questões que envolvem estudo de especialistas, ou seja, naquele momento o legislativo não se encontrava aparelhado com um corpo de técnicos para orientar de forma abalizada as Câmaras Municipais em vários tópicos envolvendo a administração da urbe. Naquele contexto específico, fazia-se menção ao Departamento das Municipalidades, que seria o responsável pela elaboração e estudo de um Código de Obras para a cidade. E o texto reclamava da demora do Departamento em analisar o projeto.<sup>92</sup>

Esse projeto, ao que tudo indica, perdeu-se nos meandros burocráticos da época, talvez tenha contribuído para isso a instabilidade política do período, naquele ano se instauraria o Estado Novo e, alguns anos depois, a entrada do Brasil na Guerra Mundial.

Somente em 1950 seria efetivamente promulgado o Código de Obras do Município. O Código procurava sistematizar todo um léxico a respeito das construções urbanas.<sup>93</sup> Além

---

<sup>92</sup> *Cruzeiro do Sul*, 23/01/1937.

<sup>93</sup> Na introdução havia a preocupação em se padronizar um série de termos, tais como, área, área aberta, área fechada, área principal, área secundária, ático, barracão, casa de apartamento, edificar, galeria, galpão, habitação, etc. *Folha Popular*, 21/09/1950.

disso, uma inovação do código era o propósito de estabelecer o zoneamento da cidade, dividindo a cidade em zonas, determinando zonas comerciais, zonas residenciais, zona industrial e zona rural. Cada uma com as suas particularidades e necessidades específicas.<sup>94</sup>

O Código de Obras vai, portanto, se tornar um parâmetro para as legislações urbanas posteriores, que tinham como fim planejar o crescimento da cidade. Sua necessidade se fazia sentir desde o final da década de 1930, e seu surgimento, em 1950, vem a substituir as codificações de leis da Câmara Municipal editadas em 1915 pelo prefeito Nascimento Filho. Portanto, do ponto de vista institucional, o Código de Obras de 1950 representou o marco definitivo de encerramento de uma era.

E uma das criações simbólicas mais expressivas dessa era, provavelmente a maior de todas, foi a representação da cidade como Manchester Paulista. Nascida exatamente dessa modernidade urbana da *Belle Époque*, funcionando, aliás, como significante de uma cidade do interior que se pretendia moderna, progressista e industrial, o termo passaria por reelaborações nas décadas de 1930 e 1940, em decorrência das transformações por qual passava a própria cidade.

Nesse momento, como já mencionado nesta pesquisa, a representação Manchester Paulista não se coloca necessariamente em oposição à história passada da cidade, como ocorreu nas primeiras décadas do século, aqui se estabelece uma teleologia do empreendedorismo capitalista dos paulistas que remontaria aos primeiros bandeirantes, passando pelos tropeiros e chegando aos “novos bandeirantes.”

Se a expressão Manchester Paulista sobreviveu à sua época de surgimento, o mesmo não se deu com o termo Tobiápolis. Este foi gradativamente sendo abandonado com o passar do tempo, ficando circunscrito à sua época. Talvez por isso essa expressão apreenda melhor a modernidade citadina em seus primeiros três decênios. Pois se o termo, por um lado, ao se

---

<sup>94</sup> *Folha Popular*, 21/09/1959; 22/09/1950; 23/09/1950; 24/09/1950.

remeter a figura histórica do Brigadeiro Tobias, procurava significar uma sociedade liberal, progressista e com tradição histórica – justamente por se reportar a um personagem do século XIX - por outro, a própria menção a esse personagem, que foi líder político e um dos mais ricos capitalistas de sua época, remete a uma sociedade pautada pelos mandonismos e pelas lideranças políticas que, aliás, caracterizavam tão bem a cidade no período da chamada República Velha, a despeito de seu suposto progressismo. Esse último sentido, obviamente, não era explicitado pelas pessoas que lançavam mão do termo. Mas se Tobiópolis, já na década de 1930, ia caindo em desuso, o mesmo não acontecia com a menção ao Brigadeiro. Talvez em função de sua recontextualização no encadeamento do telos bandeirante e do orgulho paulista. Assim, ao se falar da cidade, às vezes se utilizava a expressão “*antiga terra de Tobias*”<sup>95</sup> Porém, ao longo do século XX, as menções do tipo “terra de Tobias”, também foram escasseando, ficando quase que circunscritas às pessoas mais velhas, como o jornalista Caputti Sobrinho que, por ocasião de sua volta à Sorocaba, sua terra natal, escrevia, “*do bucolismo destas colinas de Brigadeiro Tobias, onde se encravam meus adoráveis doze mil metros quadrados de oxigênio, sinto a pulsação do berço natal.*”<sup>96</sup>

Mas voltando ao final da década de 1930, podemos apreender, a partir de alguns textos produzidos nessa época, uma “intensificação dos estímulos nervosos”<sup>97</sup> nos habitantes da cidade. Algo que era apenas projetado nas primeiras décadas do século, a partir de descrições da vida agitada das principais metrópoles do Brasil e do mundo, agora passava a ser vivenciado pela população local. E tal fato era encarado como mais um índice de progresso da cidade. O que denota também que para os produtores desses textos a meta de toda a cidade, o seu parâmetro de progresso, urbanismo e desenvolvimento, seriam as grandes e modernas cidades do mundo Ocidental.

<sup>95</sup> *Cruzeiro do Sul*, 24/03/1940.

<sup>96</sup> SOBRINHO, Caputti. *Minha terra, minha gente*. 1995, p. 14.

<sup>97</sup> SIMMEL, Georg. *A metrópole e a vida mental*. 1967.

A percepção desse aspecto sensorial é percebido em outro texto elaborado na mesma época. Sendo interessante aqui a articulação entre tais apreciações, ou seja, a intensidade dos ritmos urbanos cotidianos, com as transformações da cidade, dentre elas o espraiamento da malha urbana. E a intensificação da vida na cidade implicava seus perigos e conseqüências:

*A vida atualmente não admite mais vacilações. Tudo acompanha um ritmo de vida acelerado. Quem não caminhar, ficará para trás, entre os desanimados e fracos. Não só as gentes exigem dinamismo para o triunfo. As coisas entram no cortejo apressado e a carreira para o futuro faz-se decididamente. Busca-se, com ânsia, um posto de destaque.*

Nesse cenário o autor procura destacar o papel do Estado de São Paulo no progresso da coletividade brasileira, e no âmbito do Estado, é claro, a participação de Sorocaba:

*Acompanhando passo a passo o fremir progressista de nossos dias. Sorocaba deixou de ser aquela cidade de vida calma de interior, para ser um traço de união entre o comodismo interiorano e o córre-córre das capitais. Velhas coisas ainda existem, mas são olhadas com saudades de um passado de Honra e Dignidade. E esse vestígios vão desaparecendo gradativamente, surgindo as edificações que dão á cidade velha, característicos atrativos da cidade nóva. E', enquanto velharia desabam diariamente, num record de construções o casario derrama-se pelos bairros, obedecendo a planos de urbanismo e estética, alastrando-se de maneira notável.<sup>98</sup>*

E o autor continua mencionando que, ao contrário do que se deva até os primeiros decênios do século, as vistas da cidade não terminavam no Largo da Independência ou paravam na relva verdejante do vale do Supiriri, espargiam-se para além formando novos bairros que eram praticamente pequenas cidades dentro da cidade maior. Há nesses textos, em quase todos eles, a recorrência do tom de louvação à cidade e a seu progresso. Mas em meio à apologia, é possível observar a percepção do crescimento da cidade que, com isso, estava deixando, e isso era um indicativo de progresso, para trás os seus ares pacatos de cidade do interior. Ou, mais precisamente, estava ainda a meio termo entre o comodismo interiorano e o ritmo frenético das capitais. E dadas essas transformações, e sem ironia, o autor conclamava aos próprios sorocabanos: “*Vamos conhecer Sorocaba?*”

<sup>98</sup> *Cruzeiro do Sul*, 06/07/1940.

E esse convite foi prontamente aceito pelo articulista J., que se propõe a vaguar pelas ruas da cidade. Partindo da área central da cidade até a região do recém remodelado vale do Supiriri, da qual o jornalista parecia nutrir um vivo interesse. Então, inicia a caminhada pela praça Carlos de Campos, rua Cesário Mota até a rua Professor Toledo, cruza com a 7 de Setembro, sempre observando a condição das calçadas, boas em algumas partes e “invisíveis” em outras. Finalmente chega do remodelado Supiriri e da nova avenida Afonso Vergueiro. O riozinho Supiriri em seu próprio leito, sem extravasamentos; esse era o desejo de muitos sorocabanos daquela época, porém o Supiriri se encontrava comportado por ser agosto e não o período das chuvas. Uma passada na, também recente, Praça da Bandeira e tome a subir novamente a região central, para isso pode-se tomar a Francisco Scarpa ou Padre Luiz, sobe-se pela Padre Luiz não sem deixar de observar que, ali do vale, para se tomar a rua tinha-se de passar por uma feia e inadequada pontezinha de madeira, cuja existência depunha contra a obra remodeladora daquela região da cidade. Mas, enfim, transpõe-se a rústica ponte e chega-se ao centro até a rua São Bento, fim do passeio.<sup>99</sup>

Contudo, deixamos para o final uma observação de J. acerca do Largo do Jardim, quando passava pela rua Cesário Mota. Ali até pouco tempo existia o Jardim Público, um dos locais mais aprazíveis da cidade. No entanto, em 1940, aquele espaço era, usando as palavras do nosso observador, “apenas tradição”. Ruínas. A tradição a qual J. se refere, pode ser respondida pelo autor de um belo texto, que assinava sob o pseudônimo de Silvanus, praticamente três anos antes do passeio de J. E assim nós mesmos chegamos próximos do final de nossa deambulação textual e histórica por Sorocaba, do Largo da Matriz ao Jardim Público.

Silvanus tece suas considerações depois de passar pelo local onde antes existia o Jardim Público da cidade e constatar apenas os escombros de uma época passada, e, assim,

---

<sup>99</sup> *Cruzeiro do Sul*, 09/08/1940.

melancólico, escreve:

*Ha poucos dias, passeando pela cidade, numa destas tardes de 'inverno quente', dirigi-me ao velho logradouro publico, o conhecido 'jardim dos bichos', ou antes, aquillo que foi um logradouro. Fui contemplar esse recanto de tantas saudades para a gente de Sorocaba.*

*Debaixo de uma enorme figueira, que definha dia a dia, talvez só de lembrar os velhos tempos que se foram, quando ella escutava nas tardes de outomno e nas noites primavera os sussurros de amor dos pares de namorados, sentei-me a examinar o que restava daquelle soberbo 'jardim dos bichos', como o appellidou o povo sorocabano, e que jaz no esquecimento das gentes de agora.<sup>100</sup>*

O Jardim Público inaugurado no primeiro dia de 1899, vinha sendo projetado pela Intendência Municipal ao longo de toda a década de 1890. Podemos afirmar que <sup>101</sup>essa obra sintetizava e expressava perfeitamente os parâmetros urbanísticos vigentes à época e almejado pelas autoridades públicas e outros segmentos da sociedade, como a imprensa local.

É o que se depreende por uma reportagem publicada ainda em 1894, a respeito do projeto de ajardinamento do largo Frei Baraúna.<sup>102</sup> Ali se elogiava uma boa parcela da população, inteligente e criteriosa, que compreendia o alcance da obra e aplaudia os esforços da Câmara em aformosear a cidade e, ao mesmo tempo, melhorar as suas condições higiênicas. E para enfatizar a validade da obra e convencer os ainda refratários, reproduzia-se o parecer do membro da Comissão Higiênica da cidade de São Carlos do Pinhal, a respeito da importância do ajardinamento de praças e arborização de ruas. Nesse parecer, o doutor Seraphim Vieira recomendava a arborização de terrenos pantanosos, assim como a “arborização simétrica e metódica” das ruas principais da cidade e ajardinamento das praças. Duas medidas consideradas fundamentais para a salubridade pública, uma vez que os pântanos eram considerados um dos maiores focos de infecção e as árvores, por sua vez, significavam a purificação do ar.

Posteriormente, em 1898, pouco tempo depois da cidade ter sofrido a sua primeira

<sup>100</sup> *Cruzeiro do Sul*, 26/06/1937.

<sup>101</sup> *O 15 de Novembro*, 02/08/1894.

<sup>102</sup> Cf. Mapa em anexo. Detalhe 1, p. 330

epidemia de febre amarela, continuava-se a ressaltar a importância da arborização, principalmente nas estações calmosas de janeiro e fevereiro, “*em que os raios de sol no zenith parecem incendiar-nos a roupa, e o ar sêcco que respiramos difficilmente -, não só nos modifica subjetivamente a idéia de uma Lybia, como objetivamente e mechanimente consola pela sombra que a projecta, estabelecendo pelo desiquilibrio entre outros pontos as mansas correntes que chamamos aragens.*”<sup>103</sup> Então, para dirimir essas condições, era preciso adotar a “sublime trindade”: árvores, água e saúde.

Dessa forma, a inauguração do Jardim Público representava a maior conquista do urbanismo local ocorrida na primeira década republicana, uma vez que atendia ao mesmo tempo aos preceitos de racionalidade urbana, aformoseamento e higiene.<sup>104</sup>

A inauguração, nem poderia ser de outra forma, obteve grande destaque na imprensa da época. Alguns dias após, publicava-se a repercussão obtida com a inauguração. O que foi classificada como tendo sido de um “brilhantismo insólito”. Grande afluência do público, mais seleta da cidade, é bom que se frise. No coreto, recém-construído, tocava a banda de música Lira Sorocabana. E fazia-se menção e saudações ao major Augusto da Silveira Franco, intendente, responsável pelo bom término das obras.<sup>105</sup>

O local passa por uma grande remodelação no início da administração do prefeito Nascimento Filho, iniciando-se em 1915 e prolongando-se até o final de 1916.<sup>106</sup> Graças a essas reformas, o jardim ganharia o apelido, mencionado por Silvanus, de Jardim dos Bichos, uma vez que, dentre as várias reformas por qual passou, foi dotado de uma coleção de animais.<sup>107</sup>

<sup>103</sup> *O 15 de Novembro*, 27/03/1898.

<sup>104</sup> Camargo César anota que antes da construção do Jardim o local era uma vasta área abandonada, sendo às vezes utilizada pelos circos de touros ou de variedades. “O mato vicejava á vontade, e a capinação se processava somente quando surgia um empresário circense.” *Cruzeiro do Sul*, 31/12/1953.

<sup>105</sup> *O 15 de Novembro*, 05/01/1899.

<sup>106</sup> *Cruzeiro do Sul*, 17/06/1915; *A cidade de Sorocaba*, 15/12/1916.

<sup>107</sup> A coleção inicial era composta basicamente por um casal de pavões, um casal de cisnes, um casal de gansos, duas araras, um papagaio, dois perdizes, um casal de pombos correios, 14 urus, uma galha pintada, vinte coelhos da China, três tucanos, quatro saracuras, um casal de codornas, um casal de inambu guassú, quatro juritis, três pombos do mato, três canários, dois bicudos, dois pintasilgos, um soldado, um rei de tico-tico,

Pedimos vênia uma vez mais ao grande memorialista e cronista da cidade, Antônio Francisco Gaspar, para descrever o Jardim Público em seu auge, logo após as reformas mencionadas. Assim todo o local ficou cercado por um muro com grades de ferro, ganhando quatro portões também de metal, confeccionados na Fábrica de Ferro de Ipanema.

*“Em um dos cantos desse saudoso jardim, havia um redondo lago, onde existiam e nadavam alguns peixinhos vermelhos. Um belo repuxo, coluna de marmore roseo do Itupararanga, jorrava água automaticamente de cinco em cinco minutos.*

*No centro do jardim [...] estava localizado um elegante coreto, onde as bandas de música 'Lyra Sorocabana', '7 de Setembro', 'Italiana' e 'Carlos Gomes' do maestro Francisco Caciacarro, aos domingos e dias feriados, executavam peças de músicas clássicas, populares e dobrados inclusive também, trechos de óperas.*

*Em 1916, áreas de copadas magnólias, acácias, ipês e demais arbustos próprios de jardins, ali medravam ao sabor do tempo. Da ramagem dessas pequenas árvores, exalava um oloroso perfume que nos fazia extasiar quando aos domingos iam para ali descansar das fadigas da semana.<sup>108</sup>*

Evidentemente, Gaspar menciona também a coleção de animais e aves do jardim, dispostos em diversas jaulas, gaiolas e também viveiros.

No entanto, já em meados da década de 1920, o Jardim dos Bichos parece estar em crise ou começar a sua lenta estagnação como deixa antever um texto que trazia como epígrafe o sugestivo vocábulo: *modernismo*. Parecia que o formoso jardim estava sendo abandonado pela população, mantendo-se ainda atraente, porém quase deserto. Assim, seus mimosos tapetes de resedá e miosotes, abrigados pelas magnólias e palmeiras ficavam apenas aos cuidados do zeloso jardineiro. O coreto ainda que circundado de cravos e lírios, dando um toque de elegância ao local, encontrava-se silencioso e triste. O observador ainda podia ao fruir a intensidade de um crepúsculo nas tardes ardentes, sentindo o aroma do jasmineiro em flor, recordar-se da época de festas e das grandezas do local. O interessante é notar a razão pela qual se culpava o estado de abandono do Jardim Público, a saber, a “perigosa teoria do

quatro chupins, três jacus, uma anta, duas onças pintadas, dois bugios, dois coatis, um coati mundéu, um jacaré, uma cobra sucuri, um bicho preguiça, um casal de veado pardo, um casal de veados galheiros, três veados catingueiros, uma cobra jibóia, uma paca, duas cotias, um cachorro do mato, um gato pintado do mato, seis casais de lebres, três micos, um gato preto do mato. *Cruzeiro do Sul*, 08/04/1916.

<sup>108</sup> *Cruzeiro do Sul*, 16/04/1964.

futurismo”, pois essa desdenha das recordações do passado vive sem afeto e sem flores; não precisa de jardins, apenas de um banco e um aperitivo.<sup>109</sup>

A contemplação melancólica do Jardim Público em ruínas, traz à mente de Silvanus uma série de reminiscências sobre aquele local, quando crianças, jovens e velhos passeavam pelo jardim, em meio à vegetação. À tarde havia a sonoridade da corporação musical, provendo a trilha sonora para bandos de jovens, pares de namorados e a alegria das crianças.

*“E como num sonho [Silvanus tornou a vislumbrar] aquellas aves, orgulhosas das suas plumagens, com passos de aristocratas, desconfiadas, a passearem de um lado para o outro, a olhar de soslaio para os que, atrevidos, lhe atiravam migalhas de alimentos. E assim ia a tarde toda, e noite a dentro, aquelles cantares melancólicos dos nossos poetas das campinas, a festejarem a rainha Natureza, enriquecendo com os seus cantos o nosso 'jardism dos bichos'”.*<sup>110</sup>

Mas, como que acordando do sonho, o nosso autor percebe que do velho jardim já não existia mais coisa alguma, apenas um denso capinzal. Enfim, escombros e ruínas. Naquele ano de 1940, já se sabia que no local ia ser instalado o Fórum da cidade, o que transformaria o local no jardim do Fórum, sem, no entanto, chegar perto da beleza proporcionada pelo antigo jardim. Por que um recanto tão belo e aprazível foi tão rapidamente destruído? Esquecimento do povo? Caiporismo sorocabano? Faina destruidora dos homens? Podemos, de qualquer forma, pensar o Jardim Público como uma expressão por excelência das manifestações urbanistas que marcaram a urbanização da *Belle Époque*. Talvez a sua destruição precoce esteja relacionada às próprias características dessa modernidade urbana que o fizera ser projetado e construído no encerramento do século XIX. Afinal, o

<sup>109</sup> *Cruzeiro do Sul*, 14/02/1925. O futurismo acabou servindo naquele momento como termo aglutinador dos vários autores brasileiros que estavam procurando reelaborar no Brasil as influências das vanguardas européias. Mesmo que, por exemplo, Mário de Andrade e Sérgio Buarque recusassem classificar todas as manifestações de renovação estética daquela época sob o termo de futurismo, é esse vocábulo que se popularizou e se tornou motivo de polêmica e escândalo. BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*, pp. 373-379. Em Sorocaba, essas manifestações foram muito mal recebidas, pelos menos por uma parte da “intelectualidade local”. O que faz ressaltar um forte estranhamento para com uma série de inovações nos costumes e nas artes que estavam ocorrendo à época. Se criticava Mário de Andrade por colocar um Ford e um bonde elétrico na poesia. *Cruzeiro do Sul*, 18/06/1925.

<sup>110</sup> *Cruzeiro do Sul*, 26/06/1937.

desenvolvimento das forças produtivas já com toda intensidade no século XIX, e mais ainda na centúria seguinte, faz “cair em ruínas seus símbolos de desejo, antes mesmo que desmoronassem seus monumentos representativos e antes que amarelasse o papel sobre o qual foram registrados.”<sup>111</sup> O que torna mais impiedoso o confronto entre o passado mais recente e o presente, além de algo historicamente novo. O que gostaríamos de chamar a atenção nos textos há pouco citados e, particularmente, nas taciturnas observações de Silvanus, é a percepção de uma temporalidade que se esvai. Em 1940, olhava-se para a cidade como algo, em muitos aspectos, modificada em relação às primeiras décadas daquele século.

Sintomaticamente, naquele mesmo ano, nos deparamos com um texto que trata das reminiscências de um jornalista que se identificava sob o pseudônimo de Jóta. Essas lembranças vêm a lume, quando em meio à barafunda da redação do jornal, depara-se com uma edição antiga do *Cruzeiro do Sul* de junho de 1921. A leitura do jornal antigo o transporta para aqueles anos, tempo da sua infância. Ativando, assim, aquilo que Marcel Proust, em sua obra monumental, denominou como memória involuntária, ou seja, a percepção de um tempo que não existe mais em nós, mas que permanece oculto, fora de nós, “numa brisa chuvosa, num cheiro de quarto fechado, ou no cheiro de uma primeira labareda, em toda a parte onde encontramos em nós mesmos o que nossa inteligência rejeitara, por julgá-lo inútil, a última reserva do passado, a melhor, aquela que, quando todas as nossas lágrimas parecem ter secado, sabe nos fazer chorar ainda. Fora de nós? Em nós, para melhor dizer, mas escondida a nossos próprios olhares, num esquecimento mais ou menos prolongando.”<sup>112</sup>

No caso de Jóta, essa temporalidade aflora a partir da leitura das páginas amareladas do velho periódico. E, assim, olha para aquelas páginas como se “*olhasse para os Hingst ou para os Cunto ou para os Vieira, os meus parceiros de traquinadas inocentes... Entrei por dentro de minha própria vida, fiz como nesses filmes que obrigam o campeão 'a sair da água saltando para o*

---

<sup>111</sup> BENJAMIN, Walter. *Passagens*. 2006, p. 986.

<sup>112</sup> PROUST, Marcel. *A sombra das moças em flor – Em busca do tempo perdido*, Vol. II. 1993, pp. 193-194.

*trampolim....*”<sup>113</sup> As notícias graves do jornal, a questão momentosa do calçamento da cidade, o programa dos cinemas da época, leva-o às lembranças da infância. Jogando futebol no Largo de Santo Antônio, em meio a duas árvores frondosas. Logo ali ao lado o Mercado Velho, junto a um mangueirão onde se prendiam os animais carregados com vários tipos de mercadorias. A padaria Americana, a casa de ferragens situadas no velho Largo. Um pouco mais abaixo, na esquina da rua do Hospital [atual Álvaro Soares], situava-se a loja de fazendas do Seu Jugurta, dono de um cachorro bravo e de um macaco, chamado Chico, sabido, danado e fujão que dentre suas peraltices costumava destelhar a casa dos vizinhos. Após a aula, todos para o campinho do Supiriri, lá embaixo no vale, ou a venda do Seu Manequinho Elias, onde se experimentava algo que era considerado uma novidade, o açúcar mascavo. Porém, tudo se foi, pessoas, animais, casas, os espaços já não eram os mesmos. Inclusive as esperanças no futuro, *que saudades dos meus papagaios de papel, dos peões roncadores e da confiança que eu tinha do futuro!*”.

Podemos depreender, a partir dos textos de Silvanus e Jóta, a percepção da passagem do tempo, e sua reelaboração através da memória. Aqui, então, do ponto de vista sensorial aflora a consciência naquele momento, década de 1940, de uma outra cidade, em grande medida, modificada em relação àquela das primeiras décadas do século XX.

---

<sup>113</sup> *Cruzeiro do Sul*, 12/07/1940.

### Considerações finais

“Todo o conhecimento histórico pode ser representado pela imagem de uma balança em equilíbrio, que tem sobre um de seus pratos o ocorrido e sobre o outro o conhecimento do presente. Enquanto no primeiro prato os fatos reunidos nunca serão insignificantes e numerosos demais, o outro deve receber apenas alguns poucos pesos – grandes e maciços.”

[Walter Benjamin. *Passagens*, 2006, p. 510]





Esta pesquisa procurou historicizar alguns aspectos da história urbana de Sorocaba entre o último decênio do século XIX e meados da década de 1940.

Partindo de pressupostos da teoria da história elaborada por Walter Benjamin, pretendeu-se estabelecer e apreender algumas imagens significativas do processo histórico de urbanização ocorrido na cidade.

O problema central que orientou esta investigação foi a questão de cunho historiográfico a respeito da modernidade, quer dizer, diante do processo histórico de espraiamento da relação social capitalista e da inserção do Brasil nesses fluxos, pensar, como estudo de caso, aspectos de manifestação dessa modernidade e suas especificidades; ou seja, como esse processo molda e, ao mesmo tempo, é moldado pelos ritmos e peculiaridades da história local, aqui, particularmente, da história de uma cidade do interior do Estado de São Paulo.

Assim, para a reconstituição da história urbana da cidade, procurou-se articular duas perspectivas temáticas: abordar a cidade como artefato enfocando a questão dos serviços urbanos, ou melhoramentos urbanos, o que nos remete às formas de metabolismo entre o homem e a natureza no âmbito da urbe. E as percepções, o aspecto sensorial, de apreensão da cidade em função das transformações proporcionadas pela sua modernização, interagindo de diversas maneiras com outras temporalidades. Procurando focar e revelar esses aspectos no espaço do cotidiano.

Para esse estudo, e como estratégia metodológica de articulação entre as duas perspectivas mencionadas, partiu-se do conceito de representação como “pontos de entrada” para se elaborar uma história urbana da cidade. Assim, expressões como Tobiápolis e Manchester Paulista podem se configurar como significantes para o exame e compreensão das

particularidades das transformações urbanas que ocorriam na cidade. Especialmente o termo Manchester Paulista, o qual pode ser analisado como uma espécie de imagem-síntese no sentido de encerrar em si sempre diferentes aspectos, simbólicos ou concretos, ligados ao processo histórico de modernidade / modernização da cidade. Pois essa imagem não se restringia apenas a um signo da industrialização por qual passava a cidade desde o último decênio do século XIX, mas também se relacionava aos preceitos urbanísticos que caracterizavam a modernidade urbana da *Belle Époque*: higiene, estética e racionalidade urbana.

Então a cidade, que se queria a Manchester do interior do Estado de São Paulo, tinha que ser dotada de importantes e modernos serviços urbanos. Procuramos focar a história da implantação da rede de água e esgoto na cidade, assim como os serviços de transporte e distribuição de energia elétrica.

A constituição, em 1911, da companhia *São Paulo Electric Company*, uma subsidiária da *Light and Power*, foi considerada por segmentos importantes da sociedade local como um indicativo relevante do progresso e da modernização da urbe.

A história da *São Paulo Electric* se entrelaça à urbanização da cidade no período aqui tratado. E essa história apresenta, em muitos momentos, uma impressionante atualidade um século depois, pois coloca à mostra os desencontros entre os interesses de uma poderosa empresa privada e os anseios da população; tratados, via de regra, de forma presunçosa pela empresa estrangeira. Para isso, a *São Paulo Electric* contava com o apoio quase sempre irrestrito das lideranças políticas locais, particularmente no período da chamada Primeira República.

O estudo da implantação desses serviços urbanos, permite formular uma periodização a respeito dos paradigmas urbanos vigentes à época. Pois o que a pesquisa revela é uma

gradativa complexificação da cidade, já em meados da década de 1920, fenômeno que se intensifica ao longo da década de 1930. Isso se dá por alguns motivos, mas especialmente pela constante expansão da malha urbana, o que torna os serviços urbanos aqui abordados cada vez mais precários e insuficientes. Dessa forma, já no final da década de 1930 e na seguinte, estava claro para alguns observadores da urbanização local que a cidade já não era a mesma do início do século, exigindo, assim, intervenções urbanas, no mínimo mais intensas para se dar conta do aumento da complexidade da urbe. Assim, como procuramos mostrar, verifica-se naquele momento um esgotamento da chamada modernidade urbana da *Belle Époque*. Algo que se consuma com a publicação do Código de Obras em 1950, encerrando, assim, a validade da Codificação da Leis Municipais editada em 1915.

A historicização das representações Manchester Paulista e Tobiápolis pode nos remeter igualmente aos aspectos sensoriais, às percepções que são geradas em decorrência do desenvolvimento urbano da cidade. Assim, procuramos compor uma montagem dos fragmentos documentais, “movimento da documentação”<sup>1</sup>, leis municipais, relatórios da prefeitura, memórias, crônicas e, principalmente, o material produzido pela imprensa local; tendo como propósito criar uma narrativa “andarilha” através dos diferentes espaços da cidade, procurando apreender algumas percepções e práticas sociais.

Aqui podemos voltar à questão historiográfica, por certo polêmica, da modernidade, e, particularmente, da modernidade urbana e a especificidade desse processo nas diferentes cidades do Brasil. Importantes e relevantes estudos têm procurado não relacionar à modernidade as experiências sociais do urbano ocorridas em diferentes cidades brasileiras. Como a São Paulo dos fins do século XIX, onde a existência das modernas mercadorias não era acompanhada das relações sociais que as deveriam produzir.<sup>2</sup> Ora, no caso de Sorocaba,

---

1 CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*, 2002, pp. 105-106.

2 FREHSE, Fraya. *Entre o passado e o presente, entre a casa e a rua: tempos e espaços na cidade de São Paulo de fins do Império*, 1999, p. 168.

no período aqui abordado, seria quase um truísmo afirmar que as relações sociais capitalistas [contradição entre trabalho e capital] já se faziam presentes, visto tratar-se de um importante centro industrial do interior do Estado. Além disso, ao contrário do que escreveu um sociólogo, a propósito da cultura e da sociedade brasileira das primeiras décadas do século XX, a modernidade, em Sorocaba, nesse período, não está “fora do lugar”<sup>3</sup>. No sentido de não ser algo percebido apenas como um projeto, mas, sim, relacionado aos muitos aspectos da realidade social urbana. Como salienta Foot Hardman, essa perspectiva acaba por seguir a tradição historiográfica que relaciona os processos de modernidade e modernização exclusivamente às transformações do Estado brasileiro pós-1930. Não percebendo várias manifestações da modernidade seja na cultura, seja na área social – por exemplo – o advento do movimento operário a partir de 1890 - e podemos complementar, seja na perspectiva das transformações urbanas.<sup>4</sup> Há que se perquirir, é claro, sobre a especificidade e originalidade de cada fluxo temporal e essa é a relevância precípua da pesquisa empírica. Investigação que deve sempre movimentar e corroer o aparelho conceitual que, entretanto, é necessário como baliza teórica e heurística para os estudos particulares.<sup>5</sup>

Em Sorocaba, a modernidade / modernização é expressa nos projetos urbanos, em várias narrativas produzidas no período, nos modernos equipamentos urbanos que começam a marcar presença nos espaços da urbes, nos melhoramentos ou serviços urbanos que encerram também um forte significado simbólico, além de se relacionar ao solo urbano como uma mercadoria – valorização e especulação urbana, a moda, as ponderações sobre o homem moderno que com o decorrer dos anos passa a ser uma realidade mais próxima do cotidiano urbano local, o estranhamento de uma cidade provinciana do interior acerca dos novos hábitos, os jazz bands, o ideal dos poderes públicos e de certos segmentos da cidade em criar

---

3 ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira – cultura brasileira e indústria cultural*, 2001, p. 32.

4 HARDMAN, Francisco Foot. *Antigos Modernistas*. 1996.

5 Cf. CERTEAU, Michel de. Op. cit., 106.

um discurso, reverberado pela imprensa da época, com o propósito de “sanear” e “civilizar” a cidade, o que significaria um avanço rumo ao progresso, mas para isso era preciso combater os chamados “hábitos roceiros” que, por sua vez, representavam as permanências de temporalidades e práticas sociais mais antigas, ligadas à tradição.

Apesar dessa disposição dos poderes públicos em combater e, no limite, criminalizar esses “hábitos roceiros”, o fato é que nos primeiros decênios do século XX, o que temos é um intenso engendramento entre a “cidade-desejo Manchester” e a “concretude urbana roceira”, cujos movimentos devem ser apreendidos a contrapelo, pois quase sempre são retratados de maneira enviesada por uma documentação apologética de um progresso burguês excludente e preconceituoso. Assim, podemos identificar a presença dos equipamentos urbanos mais antigos, como o carro de bois, uma série de práticas e costumes populares tradicionais, a presença dos animais nas ruas, os batuques, as cruces e capelinhas, os curandeiros, a presença dos tipos populares. A própria conformação física das ruas e becos da região central da cidade.

Esse engendramento, essa miscigenação temporal, nos permite falar de uma modernização, mas de um processo específico, uma *Belle Époque cabocla*. Eis, então, a fisionomia mais marcante da urbe durante o recorte temporal aqui tratado. O que nos remete àquele terceiro tempo mencionado por Gilberto Freyre, algo que o pensador pernambucano não acreditava na República recém-proclamada; mas que, mesmo à revelia das elites e dos segmentos comprometidos com a produção de uma racionalidade urbana burguesa, acaba ocorrendo e se reconstruindo incessantemente, mergulhado nas urdiduras do “vivido” cotidiano, através de táticas, bricolagens e trampolinagens, e, aqui, num sentido de resistência em comum com as práticas populares marginalizadas, podemos incluir o movimento operário e o fantasma da Moscou Brasileira.

Enfim, o que se pretendeu, através do estudo de alguns aspectos relevantes da história

urbana de Sorocaba, foi a realização de uma arqueologia daquela modernidade de fins do século XIX e meados do século passado. Modernidade pensada como proto- fenômeno, uma história primeva de muitas características que moldariam a sociedade sorocabana a partir de então. Levando em conta, dessa forma, as ambivalências desse processo histórico, nos seus múltiplos desdobramentos que nos trazem à sociedade urbana do século XXI, enredada numa temporalidade que alguns autores chamam de “modernidade radicalizada”<sup>6</sup>, ou de uma situação pós-moderna, como seja, mas pautada por uma homogeneização inédita dos fluxos espaço-temporais na qual a mudança passa a significar a “persistência do mesmo na diferença absoluta” e a forma dinheiro e a lógica da produção de mercadorias reinam supremas e devastam os espaços urbanos e o campo<sup>7</sup>; neste contexto, do ponto de vista crítico, desponta a validade de estancar o passo e voltar atrás, para compreender não apenas a origem dessas manifestações, mas encontrar no passado outras histórias, resistências e possibilidades para a cidade do futuro. E, nessa reconstituição histórica, apreender também o que já pode ser considerado uma “tradição da própria modernidade urbana”, ou seja, um momento em que apesar do espaço urbano já se encontrar, em grande medida, sob a égide da divisão social do trabalho, da acumulação de capital e da exploração da propriedade do solo, ainda se procurava, de alguma forma, corrigir, sem entrar no mérito da questão, o desenvolvimento urbano. Hoje, por sua vez, as políticas urbanas parecem unicamente preocupadas em incrementar a proliferação urbana, “otimizar a competitividade” das cidades, pensadas, portanto, unicamente como “máquinas de produzir riquezas.”<sup>8</sup> O estudo histórico da constituição de diferentes temporalidades no espaço urbano, pode indicar, para o urbanismo do século XXI a necessidade de se levar em conta esse “terceiro tempo”, no sentido de conformar a cidade aos processos orgânicos de cultura, com sua pluralidade de práticas e

---

6 GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*, 1991, pp. 51-58.

7 JAMESON, Fredric. *As sementes do tempo*, 1997, pp. 17-81.

8 ARANTES, Otília Beatriz Fiori. *Cultura e transformação urbana*. 2002, pp. 60-61.

temporalidades; o que também se aplica à cidade-artefato, pois os serviços urbanos não podem ser efetivados ou equalizados apenas aos interesses do capital.

**Fontes / Referências Bibliográficas:****a) jornais:**

- *15 de Novembro* (1892 – 1908)
- *A Cidade de Sorocaba* (1908-1917)
- *A Lucta* (1900)
- *A Palavra* (1920-1922)
- *A Vida de Sorocaba* (1932-1933)
- *A Voz do Povo* (1892-1898)
- *Cruzeiro do Sul* (1903-1951)
- *Diário de Sorocaba* (1890 – 1893)
- *Diário de Sorocaba* (1914)
- *Diário de Sorocaba* (1958-1959)
- *Folha Popular* (1950)
- *Gazeta Commercial* (1875)
- *O Americano* (1872)
- *O Correio de Sorocaba* (1924-1930)

- *O Janota* (1913)
- *O Jornal* (1913)
- *O Operário* (1909 – 1913)
- *O Repórter* (1931)
- *O Sorocabano* (1870)
- *O Veneno* (1912, 1913)

**b) Revistas e Almanques:**

- *Almanach de Sorocaba para 1903*. Ed. Fac-similar. Taquarituba, SP: Nassib Stefano, 2007..
- *A. B. C. – Revista Mensal e Ilustrada – 1914*.
- *Almanaque Ilustrado de Sorocaba – Repositório histórico, literário e recreativo com ilustrações. 1914*. Organizado por Bráulio Werneck, Anno I, Ed. Fac-similar. Taquarituba, SP: Juracy Tenor, 2006.
- *S Paulo Ilustrado*, Anno II, abril de 1904, nº24.

**c) Cronistas, memorialistas e viajantes:**

- GASPAR, Antônio Francisco. *Minhas memórias – Sorocaba – São Paulo – Santos e viceversa: 1896 a 1909*. Sorocaba: [s.n.], 1967.
- GASPAR, Antônio Francisco. *Sorocaba de ontem – crônicas da cidade*, Comemoração do 3º Centenário, Sorocaba: [s.n.], 1954.
- GASPAR, Antônio Francisco. *Os bondes elétricos de Sorocaba – monografia – Homenagem ao quadragésimo aniversário de sua inauguração – 1915-1955*. Sorocaba: [s.n.], 1955.

- GASPAR, Antônio Francisco. *Padre Joaquim Gonçalves Pacheco*. Sorocaba: [s.n.], [s.d.].
- GASPAR, Antônio Francisco. *Cruzes e capelinhas – Tradições sorocabanas que desaparecem*. Sorocaba: [s.n.], 1952.
- GASPAR, Antônio Francisco. *O apito das fábricas*. Datilografado. Acervo do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba, 20/09/1970.
- GASPAR, Antônio Francisco. *Supiriri, rio histórico*. Datilografado. Acervo do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba, 08/06/1968.
- PENTEADO, Jacob. *Belenzinho – retrato de uma época*. São Paulo: Carrenho Editorial, 2003.
- PINTO, Alfredo Moreira. *A cidade de São Paulo em 1900*, São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1979.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à província de São Paulo*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1976.
- ZALUAR, A. Emílio. *Peregrinação pela província de São Paulo (1860-1861)*, 2ª ed. São Paulo: Edições Cultura, 1945.

#### **d) Posturas Municipais e Leis:**

- *Anais da Camara – 1921 – Livro de Actas, nº 27*.
- *Posturas da Câmara Municipal da cidade de Sorocaba acompanhadas de regulamento para o cemitério da mesma cidade*. São Paulo: Typ. Imparcial – J. R. Azevedo Marques, Rua Imperatriz, 1865.
- *Código de Posturas da Câmara Municipal da cidade de Sorocaba*. Typographia Americana, Rua das Flores, 1871.
- *Código de Posturas da Câmara Municipal de Sorocaba com regulamentos para a praça do Mercado e Cemitério annexos*. Sorocaba: outubro de 1882, Typ. Americana, Rua das Flores, nº 23.

- *Actos Legislativos da Câmara Municipal de Sorocaba – Estado de São Paulo – 1894*. Sorocaba: Typographia Casa Durski, 1895.
- *Codificação das leis da Câmara Municipal de Sorocaba*. São Paulo: Duprat & Comp., 1906.
- *Codificação de Leis da Câmara Municipal de Sorocaba (1914-1915)*. Sorocaba: Typographia Quinze de Novembro, 1915.

**e) Relatórios da Prefeitura Municipal de Sorocaba: 1897-1938.**

**f) Relatórios da *São Paulo Eletric Company Limited*:**

- *Annual Report – São Paulo Eletric Company Limited*. [1915-1933]

**g) Entrevista:** Aparecida Amaral Pires – 22/09/2005.

**Bibliografia geral:**

- ALMEIDA, Aluísio de. *Achegas á história de Sorocaba*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, São Paulo, Vol. XXXV, pp. 133-181, Dez., 1938.
- ALMEIDA, Aluísio de. *Achegas á história de Sorocaba*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, São Paulo, Vol. XXXVI, pp. 83-173, Junho, 1939.
- ALMEIDA, Aluísio de. *A Revolução Liberal de 1842*. Edição fac-similar. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1944.
- ALMEIDA, Aluísio de. *Biografias Sorocabanas*. Revista do Arquivo Municipal, São Paulo, Vol. CLII, pp. 13-39, Outubro, 1952.
- ALMEIDA, Aluísio de. *Memória histórica de Sorocaba (VII)*. Revista de História, São Paulo, Vol. XXXVII, pp. 129-144, 1968.
- ALMEIDA, Aluísio de. *Memória histórica de Sorocaba (VIII)*. Revista de História, São Paulo, Vol. XXXVII, pp.345-367, Outubro-Dezembro, 1968.
- ALMEIDA, Aluísio de. *Memória histórica de Sorocaba (IX)*. Revista de História, Vol. XXXIX, pp. 175-184, 1969.
- ALMEIDA, Aluísio de. *História de Sorocaba*. Sorocaba: [s.n.], 1969.
- ALMEIDA, Aluísio de. *Vida Quotidiana da Capitania de São Paulo (1722-1822)*. São Paulo: Editora Pannartz, 1975.
- ALMEIDA, Aluísio de. *Vida e morte do tropeiro*. São Paulo: Martins / Edusp, 1981.
- ALMEIDA, Aluísio de. *Rafael Tobias de Aguiar – 1794-1857*. Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba, ano 41, nº 10, Outubro de 1995.
- ALMEIDA, Aluísio de. *Sorocaba – 3 séculos de história*, Itu: Editora Ottoni,

2002.

- ALMEIDA, Aluísio de. *Dicionário Sorocabano*. Datilografado. Acervo: Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba.
- ALVES, Castro. *Poesias completas de Castro Alves*. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.]
- ALVES, Rosângela Cecília da Silva. *Cida Amaral: uma cidadã sorocabana*. In: *Biblioteca Sorocabana: história*, v. 1. Sorocaba, SP: Create, 2005.
- ARAGON, Louis. *O camponês de Paris*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.
- ARANTES, Otilia Beatriz Fiori. *Cultura e transformação urbana*. In: PALLAMIN, Vera M. (Org.) *Cidade e cultura – esfera pública e transformação urbana*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- ARAÚJO NETO, Adalberto Coutinho de. *Sorocaba Operária – Ensaio sobre o início do movimento operário em Sorocaba: 1897-1920*. Sorocaba: Linc, 2005.
- ARIAS NETO, José Miguel. *Primeira República: economia cafeeira, urbanização e industrialização*. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.) *O Brasil Republicano – o tempo do liberalismo excludente – da proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- ASSIS, Machado. *Esau e Jacó*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.
- BADDINI, Cássia. *Sorocaba no império – comércio de animais e desenvolvimento urbano*. São Paulo: Annablume / Fapesp, 2002.
- BARRACLOUGH, Geoffrey. *Introdução à História Contemporânea*. 3ª edição, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- BARRETO, Lima. *Marginália*. São Paulo: Rio de Janeiro: Editora Mérito, 1953.
- BARRETO, Lima. *Crônicas Escolhidas*. São Paulo: Editora Ática, 1995.

- BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos e outras histórias*. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1997.
- BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- BENCHIMOL, Jaime. *Reforma urbana e Revolta da Vacina na cidade do Rio de Janeiro*. FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.) *O Brasil Republicano – o tempo do liberalismo excludente – da proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BENEVOLO, Leonardo. *História da cidade*. 3ª ed., São Paulo: Perspectiva, 2001.
- BENJAMIN, Walter. *Cadernos de Filosofia alemã*, São Paulo: nº3, 1997.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política - Obras Escolhidas, vol. 1*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*, São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única – Obras Escolhidas, vol. II, 5ª edição*, São Paulo: Brasiliense, 1995.
- BENJAMIN, Walter. *Sobre alguns temas em Baudelaire*. In: *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. Tradução: Hemerson Alves Baptista. vol. 3. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2006.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. Tradução: Carlos Moisés e Ana Maria Ioriatti. São Paulo: Cia das Letras, 1986.
- BOLLE, Willi. *A modernidade como Trauerspiel. Representação da história em Walter Benjamin. “Origem do drama barroco alemão”*. *Revista de História (Nova Série)*, São Paulo, nº 119, julho-dezembro, 1985/1988.

- BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna – representação da história em Walter Benjamin*. São Paulo: Fapesp / Edusp, 1994.
- BONADIO, Geraldo. *Sorocaba: a cidade industrial (espaço urbano e vida social sob o impacto da atividade fabril)*. Sorocaba: Edição do autor, 2004.
- BORDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução: Fernando Tomaz. Lisboa: Difel, 1989.
- BRANCO, Catulo. *Energia elétrica e capital estrangeiro no Brasil*. São Paulo: Alfa-Omega, 1975.
- BRESCIANI, Maria Stella. *As sete portas da cidade (Depoimentos) – Cidade e História*, São Paulo, n. 34, Ano XI, 1991.
- BRESCIANI, Maria Stella. (Org.) *As palavras da cidade*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.
- CAMPOS, Carlos de e FRIOLI, Adolfo. *João de Camargo de Sorocaba – O nascimento de uma religião*. São Paulo: Editora SENAC, 1999.
- CANABRAVA, Alice. *O algodão em São Paulo – 1861-1875*. 2ªed. São Paulo: T.A. Queiroz, Editor, 1990
- CARDOSO, Ciro Flamarion e BRIGNOLI, Héctor Pérez. *Os métodos da história*. 6ª edição, Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002.
- CARVALHO, Rogério Lopes Pinheiro de. *Ritmos e impressões: Modernidade e cosmopolitismo em São Paulo: 1899-1920*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- CARVALHO, Rogério Lopes Pinheiro de. (Org.) *O Operário* - Ed. Fac-similar. Sorocaba, SP: Create, 2007.
- CASALECCHI, José Ênio. *O Partido Republicano Paulista – Política e poder (1889-1926)*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 11ª edição. São Paulo: Global, 2001.
- CAVALHEIRO, Carlos. *Folclore em Sorocaba*. Sorocaba: Prefeitura Municipal, 1999.
- CAVALHEIRO, Carlos Carvalho. *Salvadora!* Sorocaba: LINC, 2001.
- CAVALHEIRO, Carlos Carvalho. *Scenas da escravidão: breve ensaio sobre a escravidão negra em Sorocaba*. Sorocaba: SP, Create, 2006.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano. 1. Artes de fazer*. 13ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.
- CHALHOUB, Sidney. et. al. (Orgs.) *História em cousas miúdas – Capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural – Entre práticas e representações*, Tradução: Maria Manuela Galhardo, Lisboa: Difel, 1988.
- CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 7, nº 13, 1994.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados – USP*. São Paulo, vol. 5 – nº 11, janeiro / abril – 1991.
- CHÂTELET, François. *O Capital e outros estudos*. 2º ed. IFCH/Unicamp, nº 25, Abril, 2004.
- CHIOVITTI, Nanci. *Discursos do progresso: Sorocaba e o fim da feira de muares*. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, 2003.
- CHOAY, Françoise. *O urbanismo – utopias e realidades, uma antologia*, 5ª edição, São Paulo: Perspectiva, 2003.

- COSTA, Emília Viotti *A dialética invertida: 1960-1990. Revista Brasileira de História: Brasil 1954-1964*. São Paulo: ANPUH / Marco Zero, vol. 14, n.27, 1994.
- COSTA, Emília Viotti. *Urbanização no Brasil no século XIX*. In: *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. São Paulo: Editorial Grijalbo, 1977.
- CRUZ COSTA, João. *Pequena História da República*. 3ª Edição, São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CRUZ, Heloísa de Faria. *Na cidade, sobre a cidade: cultura letrada, periodismo e vida urbana – São Paulo, 1890/1915*. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo – comentários sobre a sociedade do espetáculo*, Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. 2ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- DIAS, Maria Odila Silva. *Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea. Projeto História – Trabalhos da memória*, PUC-SP, n.17, novembro/1998.
- *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- EAGLETON, Terry. *As ilusões do pós-modernismo*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930*. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.) *Brasil em perspectiva*. 5ª edição. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1974.
- FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social (1890-1920)*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- FAUSTO, Boris. *Da militância aos showmícios. Folha de São Paulo*, São Paulo, 22 fev. 2004. Mais! p. 3.

- FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.
- FERNANDES, Florestan. *O folclore em questão*. 2ª edição. São Paulo: Editora Hucitec, 1989.
- FERREIRA, Maria Nazareth. *Imprensa operária no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1988.
- FLOREAL, Sylvio. *Ronda da meia-noite – vícios, misérias e esplendores da cidade de São Paulo*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.
- FOLLIS, Fransérgio. *Modernização urbana na Belle Époque paulista*. São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- FONTANA, Josep. *História depois do fim da história*. Tradução: Antonio Penalves Rocha. Bauru: Edusc, 1998.
- FREHSE, Fraya. *Entre o passado e o presente, entre a casa e a rua: Tempos e espaços na cidade de São Paulo*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- FREITAS JUNIOR, Affonso de. *Sorocaba dos tempos idos*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, São Paulo, Vol. XXVII, pp. 99-118, 1930.
- FREYRE, Gilberto. *Ordem e progresso*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1959.
- FREYRE, Gilberto. *Assombrações do Recife Velho*. 2ª edição, revista, aumentada e prefaciada pelo Autor. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1970.
- FRIOLI, Adolfo e BONADIO, Geraldo. *Sorocaba – 350 anos – Uma história ilustrada*. Sorocaba: FUA, 2004.
- GARCEZ MARINS, Paulo César. *Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras*. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.), *História da vida privada*, Vol. 3, São Paulo: Cia das Letras, 1998.

- GEIGER, Pedro Pinchas. *Evolução da rede urbana Brasileira*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (MEC), 1963.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais – morfologia e história*. Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GINZBURG, Carlo. *Relações de força – história, retórica e prova*. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.
- GORZ, André. *Le Sauvage*, Setembro-Outubro de 1973.
- GRAHAN, Richard. *Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil – 1850-1914*. São Paulo: Brasiliense, 1973.
- HARDMAN, Francisco e LEONARDI, Victor. *História da indústria e do trabalho no Brasil (das origens aos anos vinte)*, 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- HARDMAN, Francisco Foot. *Antigos Modernistas*. In: NOVAES, Adauto. (org.) *Tempo e História*. São Paulo: Secretaria Municipal da Cultura / Cia das Letras, 1996.
- HARDMAN, Francisco Foot. *Trem Fantasma – a modernidade na selva*. São Paulo: Cia das Letras, 1988.
- HELLER, Agnes. *Uma teoria da história*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- HOBBSBAWM, Eric J. *A Era dos Impérios – 1875-1914*, 5ª edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- JAMESON, Fredric. *As sementes do tempo*. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- JAMESON, Fredric. *Modernidade singular – Ensaio sobre a ontologia do presente*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- JENNINGS, Michael W. *Dialectical Images - Walter Benjamin's theory of literary criticism*, Ithaca: Cornell University Press, 1987.

- JORGE, Janes. *Tietê: o rio que a cidade perdeu – São Paulo, 1890-1940*. São Paulo: Alameda, 2006.
- KOGURUMA, Paulo. *Conflitos do Imaginário – a reelaboração das práticas e crenças afro-brasileiras na “metrópole do café”*, São Paulo: Annablume / Fapesp, 2001.
- KOTHE, Flávio. *Para ler Walter Benjamin*, Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1976.
- LAPA, José do Amaral. *A cidade: Os cantos e os antros: Campinas 1850-1900*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Documentos, 1969.
- LEFEBVRE, Henri. *Introdução à modernidade – Prelúdios*. Tradução: Jehovanira de Souza. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- LEFEBVRE, Henri. *O pensamento marxista e a cidade*. Lisboa: Editora Ulisseia, 1972.
- LEIS, Nilson. *A caracterização do processo de urbanização e industrialização: O caso de Sorocaba*. UNISO, Universidade de Sorocaba, v. 21, nº 2, dez./1995.
- LIMA, Daniela Morelli de. *Americana em um século – a evolução urbana de uma cidade industrial de porte médio*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.
- LINS, Silvia Queiroz Ferreira Barreto. *De tropas, trilhos e tatus: arredores paulistanos do auge das tropas de mares à instalação das estradas de ferro (1855-1885)*. Tese (doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas: Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- LOWY, Michael. *A estrela da manhã – surrealismo e marxismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- LÖWY, Michel. *A escola de Frankfurt e a modernidade; Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 32, p. 119-127, março 1992.

- MARTINS, Ana Luiza. *Gabinetes de leitura da província de São Paulo: a pluralidade de um espaço esquecido (1847-1890)*, Dissertação de Mestrado, São Paulo: FFLCH-USP, 1990.
- MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista – Imprensa e práticas culturais em tempos de República*. São Paulo: Edusp: Fapesp: Imprensa Oficial, 2001.
- MARTINS, Luis. *João do Rio (uma antologia)*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro / Sabiá, 1971.
- McDOWALL, Duncan. *The Light - Brazilian Traction, Light and Power Company Limited – 1899-1945*. Toronto: University of Toronto Press, 1988.
- MELO, João Manuel Cardoso de. *O capitalismo tardio*, 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MUMFORD, Lewis. *A cidade na história - suas origens, suas transformações, suas perspectivas*, Belo Horizonte: Itatiaia, 1965.
- OLIVEIRA, Alberto de e JOBIM, Jorge. (Org.) *Contos Brasileiros*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1922.
- ORTIZ, Renato. *Cultura e modernidade – A França no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: Cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- PARK, Robert Ezra. *A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano*. In: VELHO, Otávio (org.), *O fenômeno urbano*, 4ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- PEREIRA, Robson Mendonça. *Washington Luís e a modernização de Batatais*. São Paulo: Annablume / Fapesp, 2005.
- PERISSINOTTO, Renato M. *Classes dominantes e hegemonia na República Velha*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.

- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Exposições universais – espetáculos da modernidade do século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, 1995. pp. 283-284.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade – visões literárias do urbano*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- PINTO JÚNIOR, Arnaldo. *A invenção da Manchester Paulista: embates culturais em Sorocaba (1903-1914)*. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- PINTO, Maria Inez Machado Borges. *Cotidiano e sobrevivência: a vida do trabalhador pobre na cidade de São Paulo, 1890-1914*, São Paulo: EDUSP, 1994.
- PROUST, Marcel. *Á sombra das moças em flor – Em busca do tempo perdido*. Vol. II. Rio de Janeiro: Ediouro, 1993.
- PRADO JÚNIOR, Caio. *História econômica do Brasil*. 20. ed. São Paulo: Brasiliense, 1977.
- RAMINELLI, Ronald. *História urbana*. In: CARDOSO, Flamarion e VAINFAS, Ronald (Orgs.) *Domínios da história – Ensaios de teoria e metodologia*, Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997.
- RANGEL, Paulo e RANGEL, Miriam. *Máquinas do tempo*. Sorocaba: Create, 2004.
- REIS FILHO, Nestor Goulart Reis. *Sobre a história da urbanização – história urbana*. Espaço e Debates, São Paulo, Ano IX, 1991, nº 34.
- REIS FILHO, Nestor Goulart Reis. *Cultura e estratégias de desenvolvimento*. In: *A década de 1920 e as origens do Brasil Moderno*, LORENZO, Helena e COSTA, Wilma (Orgs.), São Paulo: Ed. Unesp/Fapesp, 1998.

- RIBEIRO, Maria Alice Rosa. *Condições de trabalho na indústria têxtil paulista (1870-1930)*. São Paulo: Editora Hucitec; Editora da Unicamp, 1988.
- RODRIGUES, José Honório. *Teoria da história do Brasil (Introdução Metodológica)*. 5ª edição. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1978.
- ROLNIK, Raquel. *A cidade e a lei: Legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. São Paulo: Studio Nobel: Fapesp, 1999.
- ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. 3a. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- ROLNIK, Raquel. *São Paulo*. São Paulo: Publifolha, 2002.
- RONCAYOLO, Marcel. *Cidade. Enciclopédia Einaudi, Religião*, volume 8, Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1986.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *As passagens de Paris. Tempo Brasileiro*, nº 68, 69, Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro, Abril – junho de 1982.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *Édipo e o anjo – itinerários freudianos em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro Ltda, 1981.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *Por que o moderno envelhece tão rápido?* Revista USP, São Paulo, n. 15, pp. 110-117, set./ out. 1992.
- SAES, Flávio Azevedo Marques de. *A grande empresa de serviços na economia cafeeira (um estudo sobre o desenvolvimento do grande capital em São Paulo)*. Tese (doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas: Departamento de Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979.
- SALIBA, Elias Thomé. *A dimensão cômica da vida privada na República*. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.), *História da vida privada*, Vol. 3, São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso – A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*, São Paulo: Cia das Letras, 2002.

- SANTOS, Elina O. *A industrialização de Sorocaba – Bases geográficas*. São Paulo: Humanitas / FFLCH-USP, 1999.
- SEABRA, Odette Carvalho de Lima. *A insurreição do uso*. In: MARTINS, José de Souza (Org.) *Henri Lefebvre e o retorno à dialética*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.
- SEVCENKO, Nicolau. *O cosmopolitismo pacifista da Belle Époque: uma utopia liberal*. In: *Revista de História*, nº114, USP, São Paulo: janeiro-junho, 1983.
- SEVCENKO, Nicolau. *Perfis urbanos terríveis em Edgar Allan Poe*. *Revista Brasileira de História*. Vol. 5, nº 8/9, set. 1984 / abr. 1985.
- SEVCENKO, Nicolau. *A Revolta da Vacina – Mentis insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão - tensões sociais e criação cultural na primeira república*. 4ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SEVCENKO, Nicolau. *O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso*. In: *História da vida privada no Brasil*, vol.3, São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole – São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*, São Paulo, Cia das Letras, 1998.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão - tensões sociais e criação cultural na primeira república*. 2ª ed. rev. ampl. São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- SILVA, Paulo Celso da. *De novelo de linha a Manchester Paulista – Fábrica têxtil e cotidiano no início do século em Sorocaba*. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas: Departamento de Geografia, São Paulo, 1995.
- SIMMEL, Georg. *A metrópole e a vida mental*. In: VELHO, Otávio (Org.) *O fenômeno urbano*, Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- SINGER, Ben. *Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular*. Tradução: Regina Thompson. In: CHARNEY, Leo e SCHWARTZ,

Vanessa (orgs.), *O cinema e a invenção da vida moderna*, São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001.

- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da burguesia brasileira*. 3ª Edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.
- SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra. *Campina Grande: cartografias de uma reforma urbana no Nordeste do Brasil (1930-1945)*. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol. 23, nº 46, jul-dez, 2003.
- SOUZA, Maria do Carmo Campello. *O processo político-partidário na Primeira República*. In: MOTA, Carlos Guilherme. (Org.) *Brasil em perspectiva*. 5ª ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1974.
- STEIN, Stanley J. *Origens e evolução da indústria têxtil no Brasil – 1850-1950*. Tradução: Jaime Benchimol. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1979.
- SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras – literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SUZIGAN, Wilson. *Indústria Brasileira – Origem e desenvolvimento*. Nova Edição. São Paulo: Hucitec: Unicamp, 2000.
- SZMRECSÁNYI, Tamás. *A era dos trustes e cartéis*. *História e Energia*, São Paulo, n. 1, pp. 6-20, maio, 1986.
- TAUNAY, Visconde de. *O Encilhamento – cenas contemporâneas da bolsa do Rio de Janeiro em 1890, 1891 e 1892*. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Edições Melhoramentos [s.n.]
- TELAROLLI, Rodolpho. *Poder Local na República Velha*. São Paulo: Ed. Nacional, 1977 (Brasiliana, v. 364)
- TERCI, Eliana Tadeu. *A cidade na Primeira República: imprensa, política e poder em Piracicaba*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1997.

- ZEQUINI, Anicleide. *O quintal da fábrica: a industrialização pioneira do interior paulista Salto – SP, séculos XIX e XX*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2004.
- WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. *Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível*. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.), *História da vida privada*, Vol. 3, São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- ZIMMERMANN, Gustavo. *A região administrativa de Sorocaba*. In: *São Paulo no limiar do século XXI – Cenários da urbanização paulista – Regiões administrativas*. Governo do Estado de São Paulo : Fundação Seade, Vol. 8, 1992.
- ZWEIG, Stefan. *Brasil o país do futuro*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, [s.d.].

## ANEXOS

Mapa da cidade de Sorocaba.

Cópia da planta: Cia Telefônica Bragantina – 26/10/1925.

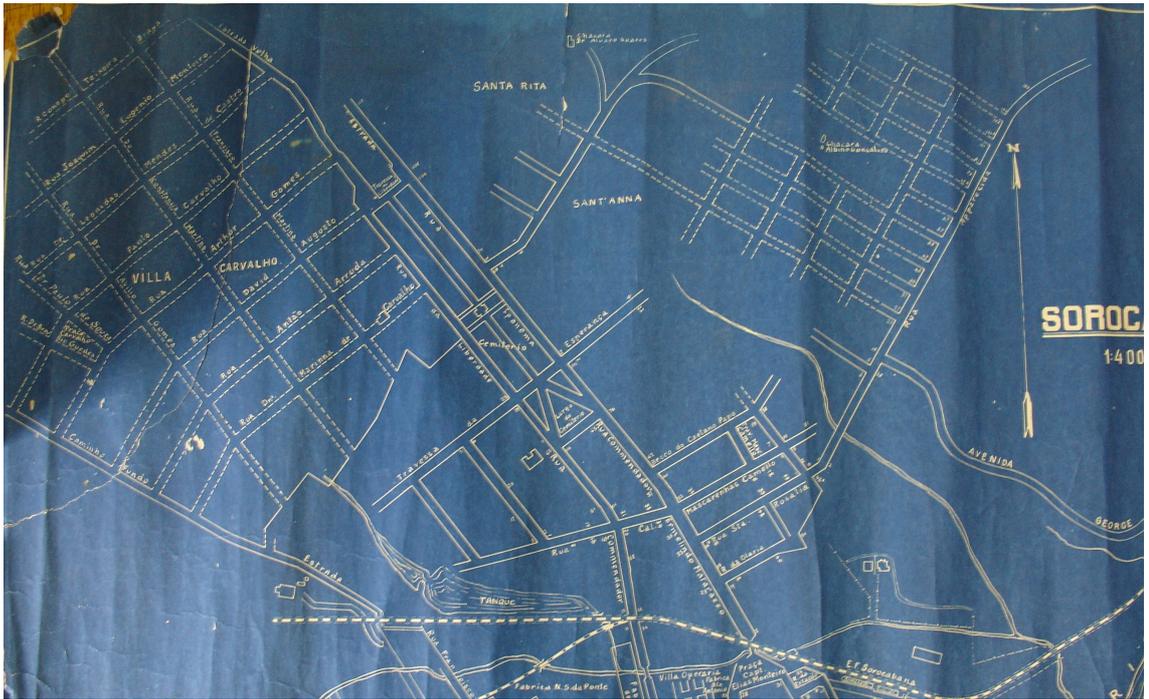


Planta Geral da cidade.

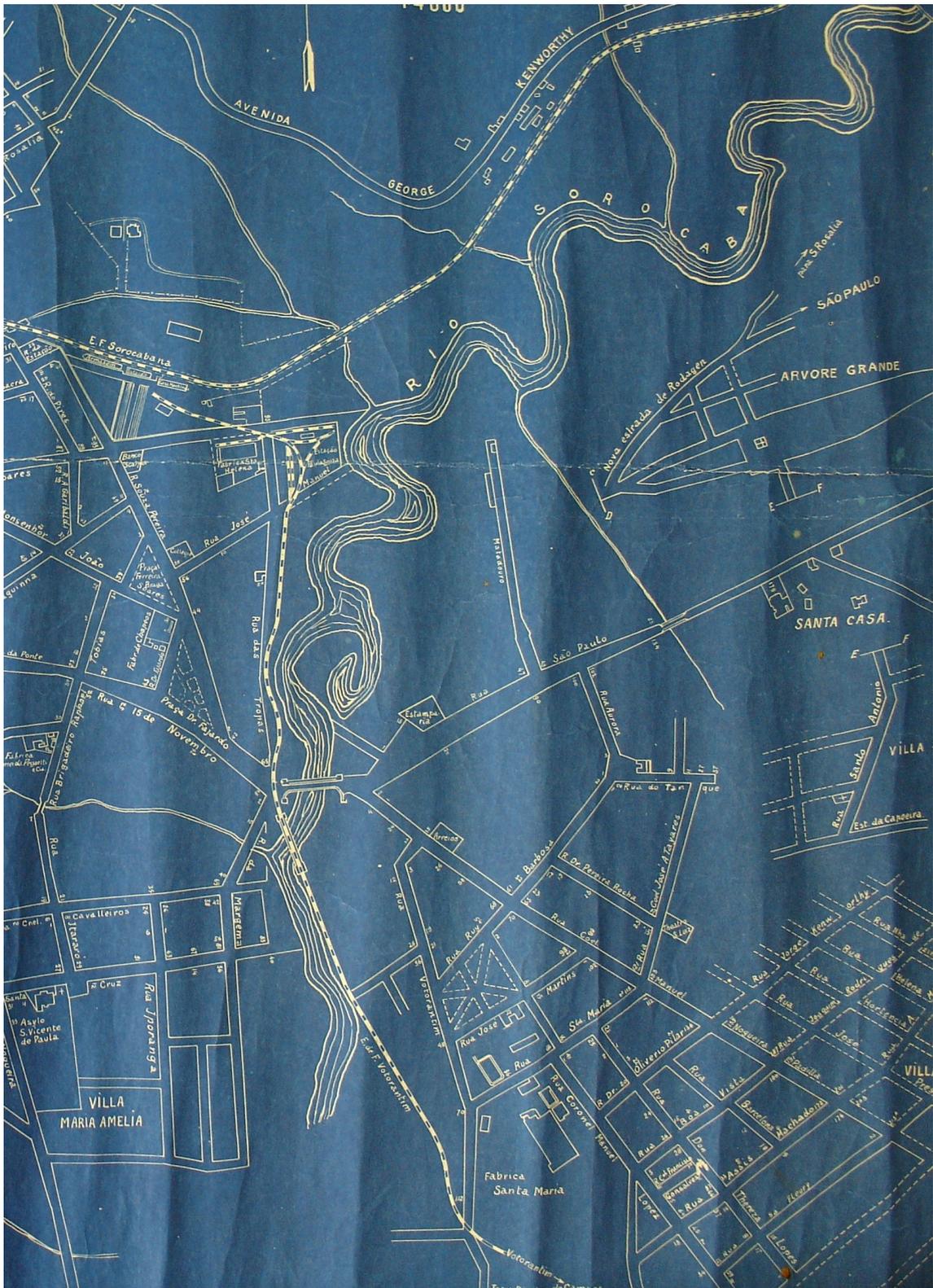




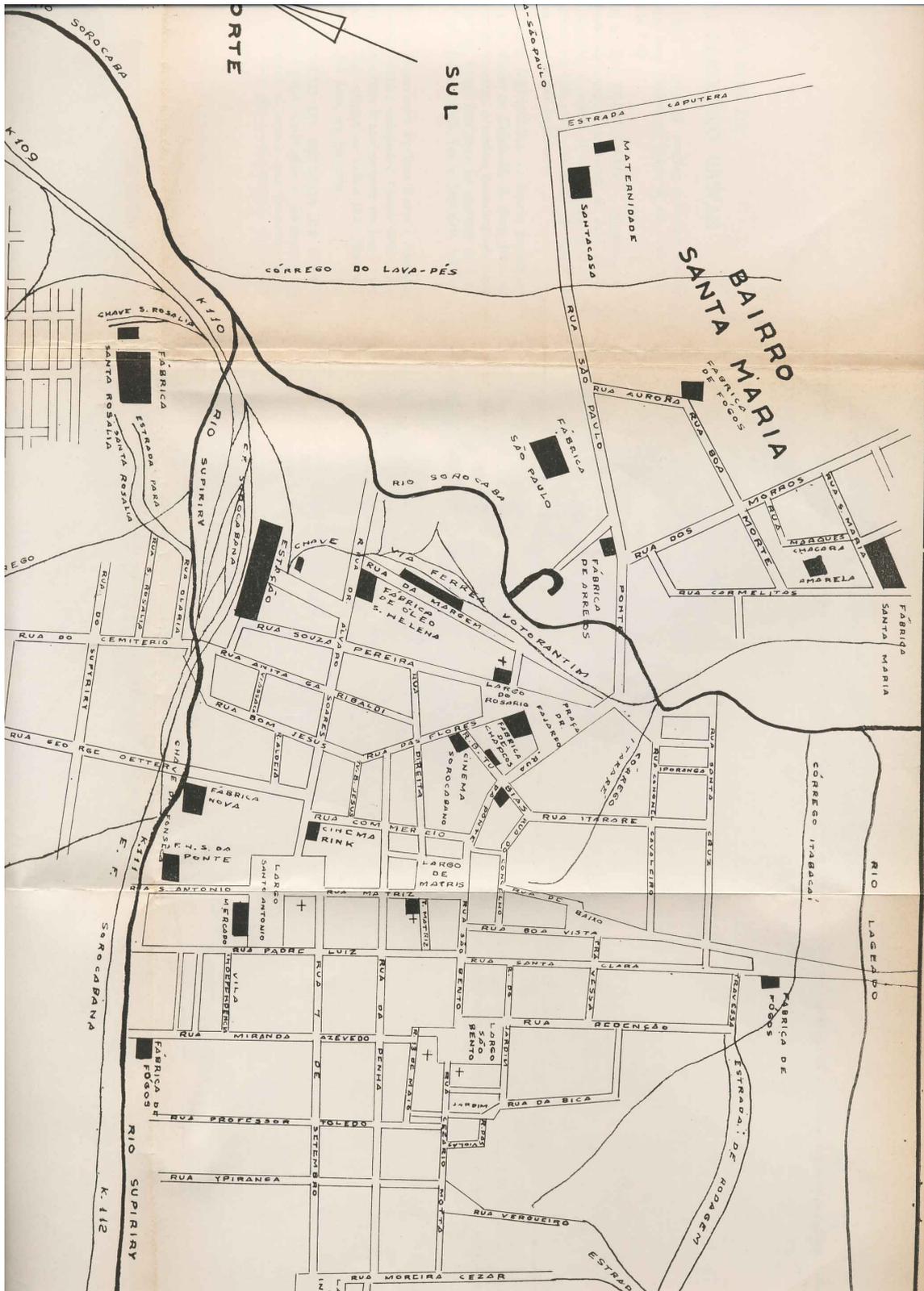
Detalhe 2



Detalhe 3



Detalhe 4



Planta da Cidade de Sorocaba feita em 1909 sem escala por Antônio Francisco Gaspar. Apud: GASPAR, Antônio Francisco. *Minhas memórias*. Sorocaba: 1967.



